

MAYA MOTAYNE

NOCTURNA

UMA LADRA SEM ROSTO. UM PRÍNCIPE DESESPERADO.
O DESPERTAR DA ESCURIDÃO.

SIGUINTE



MAYA MOTAYNE

NOCTURNA

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Mapa

1 - O príncipe sem futuro

2 - A ladra sem dinheiro

3 - A raposa e o dragão

4 - Cambió

5 - A ladra de rostos

6 - O baú

7 - A aposta

8 - O porco

9 - O jantar

10 - O cofre

11 - A Sala Azul

12 - O príncipe, a ladra e o bêbado

13 - Liberdade

14 - O motivo

15 - O homem com o manto cinza

16 - O livro

17 - O dedal azul

18 - Instinto paterno

19 - O manipulador de marionetes

- 20 - O príncipe e a porta
- 21 - A ampulheta
- 22 - O plano
- 23 - O príncipe orgulhoso
- 24 - A despedida
- 25 - O homem que não podia morrer
- 26 - Um príncipe e uma ladra entram em uma prisão
- 27 - A cerimônia
- 28 - O reencontro
- 29 - A biblioteca
- 30 - Os fogos de artifício
- 31 - A grande fuga
- 32 - Palavras entalhadas em madeira
- 33 - O príncipe substituto
- 34 - Os dois príncipes de Castallan
- 35 - As mãos de um deus
- 36 - O dragão
- 37 - O ultimato
- 38 - A ladra, o príncipe e o fim

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

*Aos meus amigos,
que acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava.*



1

O príncipe sem futuro

UM PRÍNCIPE SEMPRE VOLTA PARA CASA.

Foi o que a mãe de Alfie havia lhe dito quando ele embarcara em seu navio, três meses antes, assistindo San Cristóbal sumir no horizonte. Agora, quando o mesmo navio voltava lentamente ao porto de onde havia partido, a sombra de Alfie era uma espiral de ansiedade ao redor de seus pés.

Ele estava em casa.

Os círculos da capital se abriam diante dele, das tavernas desleixadas que resistiam à brisa do mar no Aperto às majestosas haciendas com vitrais e, mais para o interior, no Laço, telhados de argila inclinados. Montanhas se elevavam ao longe. Se ele forçasse a vista, podia enxergar os canaviais, a cana-de-açúcar balançando ao vento, pronta para a colheita. E, claro, no fim do horizonte, como um segundo sol, estava o palácio.

Os dedos de Alfie seguravam firme a borda do navio. A ondulação das velas escarlates à sua volta cessava conforme a tripulação se preparava para atracar. As lojas e tavernas do porto tinham lamparinas encantadas para queimar durante toda a noite, recepcionando os navegantes que chegavam. Mesmo depois de todos os acontecimentos, a cidade, estranhamente, não havia mudado nada. Mas voltar para casa devia ser assim mesmo, ele supôs. Tudo permanecia igual, mesmo que você não permanecesse.

Alfie só queria gritar para o capitão voltar para alto-mar. Seu coração acelerado ansiava para ficar o mais longe possível de Castallan.

— Príncipe Alfehr — disse o capitão, tirando Alfie de seus pensamentos. — Sua carruagem chegou.

Alfie respirou fundo, sem tirar os olhos do límpido mar azul. Do convés, podia avistar cardumes de peixes coloridos, alheios ao barco que deslizava sobre eles. Assim que o navio deslizou do agitado oceano para o gentil abraço do Suave, as águas de sua terra natal, o estômago de Alfie começou a se contorcer de ansiedade. Então ele soube que estava perto demais de casa. Àquela altura, não havia mais volta.

Como todo mundo, Alfie havia nascido com uma afinidade especial por um dos quatro elementos — a água, no caso dele. Só que o príncipe, como a maioria dos nobres, não havia dedicado muito tempo ao estudo dos elementos, então não era um encantador de águas muito habilidoso. Ainda assim, ele desejava movimentar os braços e criar ondas na direção contrária à do barco, indo para bem longe dali. Mas em vez disso, ele disse:

— Obrigado por seus serviços, Bastien. — Quando o capitão se curvou diante dele e se virou para sair, Alfie falou: — Espérate.

— Pois não, vossa graça.

— Como... — Alfie lançou um olhar furtivo para ele. — Como eu estou?

Bastien o observou com atenção.

— Está muito bem, príncipe Alfie. E, mesmo que não estivesse, sua família ficará feliz em vê-lo. Em qualquer condição.

Alfie assentiu e o capitão o deixou com seus pensamentos. Durante a semana anterior, ele havia parado de beber e de virar a noite lendo qualquer texto ilegal sobre magia que pudesse encontrar, na esperança de se livrar de suas olheiras escuras. Durante o tempo que passou a bordo do navio, a bebida o havia deixado destemido demais para esconder o quanto se sentia perdido, tentando compreender sua dor e encontrando apenas raiva. A tripulação estava consciente daquilo, mas ele não queria que sua mãe visse quem havia se tornado durante os meses que passara fora. No entanto, a garrafa de tequila permanecia escondida em sua cintura, uma âncora que o arrastava para baixo com seu abraço entorpecente.

Alfie caminhou sobre a prancha bamba até o cais. Foi estranho voltar a sentir a imobilidade do chão firme quando seus pés o tocaram, como se mãos tivessem brotado da terra para segurá-lo naquele lugar repleto de lembranças que Alfie tentava esquecer. Com os dentes cerrados, ele aterrou os calcanhares para impedir que sua sombra corresse de volta para o navio. Ele estava em casa agora. Tinha uma imagem para manter. De cabeça erguida, andou até a carruagem que o esperava.

As pessoas que trabalhavam nas docas, cidadãos do reino que ele herdaria injustamente, começaram a se reunir ao redor da carruagem, sussurrando:

— É ele mesmo?

— O príncipe herdeiro Alfie voltou!

As palavras caíam sobre seus ombros como blocos de pedra. O título de príncipe herdeiro pertencia a seu irmão, Dezmin, não a ele. Alfie acelerou o passo. Um esquadrão de guardas usando capas vermelhas com a insígnia de Castallan formava uma barreira em volta da carruagem.

Um homem com chapéu de abas largas ergueu o filho nos ombros para que ele pudesse ver melhor.

— Mira, Mijo! É o príncipe!

Alfie não conseguia suportar aquilo. Todos tinham um olhar tão esperançoso. Com o coração na garganta, ele finalmente chegou à carruagem. Mas, antes de entrar, uma voz se sobressaiu às outras, golpeando-o como um chicote.

— Sua perda é nossa perda, príncipe Alfehr! Que o príncipe Dezmin descanse em paz!

O sorriso de Alfie se desmanchou. As condolências do homem tinham um fundo de verdade — a ausência de Dez era realmente uma perda para eles. Tinham sido privados de um verdadeiro líder e ficaram com Alfie no lugar. Mas o homem estava errado a respeito de uma coisa: Dez não estava morto. Alfie havia voltado para reencontrá-lo. Ele havia retornado por aquelas pessoas que mereciam um rei de verdade. Ia consertar tudo.

Com a garganta queimando para conter o sofrimento, ele olhou para a

multidão e disse:

— Obrigado.

Sua voz era dura e vazia, mas ele imaginou que aquilo seria melhor do que soar desolado.

À medida que a carruagem se afastava do porto e os portões prateados do palácio surgiam, uma ponta de medo perfurava seu estômago. O trajeto na carruagem tinha sido curto demais. As pessoas sempre falam como o tempo voa durante os melhores momentos da vida, mas ele tende a fazer o mesmo quando há algo indesejado no horizonte.

Os portões prateados se abriram e a carruagem entrou nas viçosas terras da realeza. À frente, o palácio, no centro de um lago amplo. Suas cúpulas, cada uma como uma colcha de retalhos de vitrais coloridos, captavam o brilho do luar, refletindo raios escarlates, azul-celeste e verde-jade.

Não havia nenhuma faixa de terra conectando o palácio ao terreno que o cercava. Pelo menos nenhuma permanente. Quando a carruagem se aproximou da beira da água, todas as estátuas de pedra posicionadas diante do lago levantaram os braços ao mesmo tempo, e uma passagem surgiu. Quando criança, Alfie colocava a cabeça para fora da janela da carruagem e observava a ponte de pedras recuar de volta para o lago quando passava. Agora, ele apenas olhava para a frente.

O cocheiro parou na frente do palácio e Alfie desceu, sentindo-se pequeno diante de sua imponente morada. Um criado ao pé da escadaria de pedras se curvou quando ele se aproximou.

— Bem-vindo de volta, vossa alteza — ele disse. — O rei e a rainha solicitaram...

— ...que eu espere por eles na biblioteca — Alfie terminou a frase do criado. Era para onde seus pais sempre iam quando havia algo importante a ser discutido. O criado confirmou com um aceno de cabeça. — Vou direto para lá. Gracias.

Alfie subiu as escadas se arrastando, com a capa curta flutuando em seu rastro graças à brisa noturna. Quando se aproximou das portas, elas se abriram e ele foi atingido pelo perfume familiar de sua casa: o incenso de canela que sua mãe

adorava queimar e o cheiro de lençóis recém-lavados. Seus passos ecoavam nos ladrilhos pintados à mão. Faixas de tecidos muito coloridos pendiam do teto, aquecendo os extensos corredores. As paredes eram recobertas de ladrilhos formando mosaicos de cores vivas — laranja-queimado, vermelho-rosado e amarelo vibrante. Conforme ele caminhava, criados interrompiam seu trabalho para se curvar, e Alfie inclinava a cabeça, ficando mais desconfortável a cada olhar de deferência dirigido a ele.

Alfie se apressou para chegar à biblioteca. Já que teria que conversar com seus pais, queria acabar com aquilo de uma vez. Precisava comparecer a um jogo naquela noite, e vencê-lo.

Ele virou em um corredor longo, onde um criado com cerca de doze anos tirava meticulosamente o pó dos retratos com molduras douradas de reis e rainhas anteriores. Com uma palavra mágica, o garoto fez o espanador flutuar para limpar uma pintura gigantesca do bisavô de Alfie, preso no alto de uma parede. Os criados aprendiam formas simples de magia falada, conforme a necessidade de seu trabalho — feitiços para limpar e organizar. Alfie não reconheceu o menino. Devia ser novo ali. Ele notou o brilho de um brinco de prata em sua orelha direita. Com certeza era novo, e provavelmente o chefe dos empregados não o havia visto usando aquilo. Alfie tentou passar despercebido por ele, mas o garoto o avistou, arregalando os olhos. Ele abriu e fechou a boca sem dizer nada, como um peixe no anzol.

— Príncipe Alfehr! — Ele se afastou da parede de quadros e fez uma reverência. Com sua concentração interrompida, o espanador começou a cair rapidamente.

Alfie estendeu a mão.

— *Parar!* — Com uma palavra mágica, o espanador ficou paralisado, suspenso bem acima da cabeça do menino.

O rosto do pequeno criado corou quando, constrangido, pegou o utensílio no ar.

Alfie se apressou, e o garoto ficou encarando suas costas. Ele o observava com o mesmo olhar de esperança das pessoas no porto.

Alfie seguiu pelo corredor e atravessou as portas de madeira escura da biblioteca. Deixou o silêncio da sala envolvê-lo. Era um cômodo cavernoso, com um teto abobadado de vidro colorido. Havia escadas com rodinhas junto às muitas estantes de livros que ocupavam as paredes. A sala ampla era equipada com mesas e poltronas confortáveis para as pessoas se afundarem com um bom livro. A biblioteca sempre lhe passava uma sensação reconfortante, independentemente de quantas conversas sobre seu legado e suas responsabilidades ele tivesse tido ali.

Alfie foi até a estante mais próxima, onde havia uma escada um pouco mais alta do que ele. Olhou para cima. As fileiras de livros cobriam todo o pé-direito. Acima, pintado no teto abobadado com vitrais, havia um mural com uma explosão de cores sobre a história do reino de Castellan.

Alfie subiu no primeiro degrau da escada.

— *Alargar* — ele disse. A escada se esticou para cima e chegou às prateleiras mais altas. Sua sombra se contorceu desconfortavelmente ao aderir às estantes diante dele. Ele devia estar à altura de pelo menos vinte homens. Mas não sentia medo. Qualquer bruxo com o mínimo de talento conhecia a magia para desacelerar uma queda e suavizar seu impacto. E estar àquela altura era infinitamente melhor do que esperar no chão para levar sermão por ter virado as costas para suas responsabilidades durante três meses.

Alfie afastou aqueles pensamentos e passou a mão pelas lombadas de couro dos livros. Estava cercado de exemplares sobre todos os tipos de magia. Livros sobre magia elementar, uma arte fundamentada na habilidade inata de manipular um dos quatro elementos por meio de movimentos físicos e instinto; livros sobre feitiços escritos e verbais, baseados no estudo cuidadoso da linguagem mágica; havia até livros sobre o ramo menos comum da magia, *propio* — habilidades mágicas exclusivas e pessoais de cada bruxo. Os nascidos com *propio* eram considerados agraciados com uma conexão maior com a arte da magia: cada forma

explorava uma energia no interior dos bruxos que a invocava, o princípio do equilíbrio e da troca entre homem e magia — o homem fornecendo o corpo e a energia para abrigar e fortalecer a magia, e a magia oferecendo suas maravilhas ao homem.

Mas não importava o quanto ele lesse sobre o assunto, nenhum livro era capaz de descrever a *sensação* de usar magia, de interagir com uma força viva tão poderosa a ponto de impressionar e subjugar ao mesmo tempo. A magia não podia falar, mas a interação com ela parecia uma conversa, uma dança, uma história contada para um amigo com o final aberto a interpretação. Para Alfie, a magia era como um cachorro de rua. Se abordado com arrogância, ele atacaria. Se abordado com desespero, ele fugiria. Mas, se abordado com respeito e coração aberto, ele permitiria que acariciasse seu pelo e coçasse atrás de suas orelhas.

Alfie inclinou a cabeça para trás e olhou para o mural no teto. Ele se concentrou, deixando a mente silenciar até se sentir em sintonia com a magia que fluía pelo mundo, através dele — tanto foco era resultado de anos de estudo. Quando atingia aquele estado, era como se a magia que percorria o mundo tivesse um pulso, um batimento cardíaco, e ele pudesse senti-la palpitando pelo ar, desacelerando ou acelerando para se adaptar à magia dele.

Conforme as correntes de magia tomavam conta de seu corpo, Alfie proferiu a palavra que queria:

— *Contar*.

Ao seu comando, o mural ganhou vida, espiralando sobre sua cabeça em explosões coloridas. A magia injetou vida nas imagens, mostrando seu povo recoberto por cores vivas, prosperando e usando magia livremente. Então, o mural escureceu lentamente quando conquistadores ingleses apareceram na costa do reino. Eles acorrentaram seu povo, e Alfie observou as correntes encantadas brilhando enquanto a magia de seu povo era drenada do corpo de seus indivíduos e transferida aos dominadores ingleses para que pudessem fazer uso de mais magia. O regime inglês destruiu todos os livros do idioma de seu povo,

forçando-os a esquecer a língua que os conectava à sua herança — à sua magia. Então veio a rebelião, com os escravizados se libertando dos grilhões, insurgindo contra os conquistadores e redescobrimdo o próprio idioma. A história terminava com um grande pássaro rompendo as correntes presas a suas garras e abrindo as asas de maneira vitoriosa. A imagem da bandeira de Castallan. Logo abaixo do pássaro, ficava o lema do reino: “Magia para todos”.

Alfie abaixou a mão e o mural voltou a ficar estático. Ele havia tentado lançar aquele feitiço muito antes de sair de casa, e não havia conseguido. Agora não podia conter o grito de empolgação.

— Uepa! — Sua voz soou pela biblioteca. Ao ouvir o eco solitário, o sorriso de Alfie se desfez.

Quando ele era pequeno, Alfie e Dez costumavam entrar escondidos na biblioteca para encenar grandes duelos com suas espadas sem ponta.

Quando ele perguntou a Dez por que eles sempre tinham que brincar de luta na biblioteca, ele havia dado de ombros e respondido: “É grande e dramática. Nos livros, as lutas de espada sempre acontecem em um lugar grande e imponente. E, quando se grita, o som ecoa por todos os lados. O eco é importante”.

Ao dizer isso, Dez havia soltado um grito alto e sua voz ricocheteou por todo o espaço cavernoso. Alfie fizera o mesmo em seguida, mas seu grito tinha soado como um gorjeio se comparado ao do irmão.

“Está vendo?”, Dez havia dito, sorrindo. “Precisa ter um bom eco.”

Alfie encostou a testa em um dos degraus da escada. Tudo no palácio lembrava Dez. Não havia um único cômodo em que ele pudesse ficar sem medo de, afinal, não conseguir encontrar o irmão. Sem medo de que Dez realmente estivesse morto, como todos diziam.

— Alfehr — uma voz soou lá embaixo, rompendo o silêncio. Era uma voz que soava como o trovão que precedia um raio. Era a voz de um rei.

Alfie deu um sobressalto, agarrando a escada com as duas mãos. O rei Bolívar e a rainha Amada estavam ao lado da escada, olhando para ele no alto. Suas

expressões eram indecifráveis àquela altura. Enquanto Alfie era alto e magro, seu pai tinha um corpo mais largo. Dez era mais parecido com ele. Alfie puxou à mãe, com feições mais delicadas.

— Ven acá. — A voz da rainha Amada estava trêmula de emoção, embora Alfie não soubesse se com raiva ou alívio.

— Sí — Alfie respondeu. Ele respirou fundo e disse: — *Acortar*. — A escada encolheu e desceu lentamente até Alfie ficar a poucos centímetros do chão. Ele desceu do degrau e se virou para os pais. As mãos de sua mãe estavam sob o vestido de babados violeta. Seus olhos escuros estavam arregalados, como se não tivesse certeza de que ele estava realmente diante dela.

Ele abaixou o olhar, evitando encarar os pais por um longo instante.

— Me desculpe por ter demorado tanto para...

Antes que Alfie pudesse terminar, a rainha deu um passo à frente e o puxou para um abraço caloroso. O rei envolveu os dois em seus braços com uma gentileza que Alfie raramente via em seu pai. As costas de Alfie ficaram tensas, em choque.

— Mijo — o rei disse com voz suave.

Os olhos de Alfie ardiam.

— Eu voltei.

A rainha Amada se afastou com um olhar terno enquanto encostava a mão no rosto de Alfie.

— Você voltou *para casa*. Sentimos saudades.

A culpa tomou conta de Alfie. Ele nem estaria ali se não fosse pelo jogo que aconteceria aquela noite. Mas seus pais estavam esperando por ele desde o momento em que partira. E agora olhavam para ele com fé. Uma fé que Alfie estava longe de merecer.

Mas valeria a pena se houvesse a mínima possibilidade de achar no jogo, à noite, alguma coisa que pudesse ajudá-lo a encontrar Dez.

— Eu não devia ter ficado tanto tempo longe — Alfie disse com a voz embargada.

— Tudo bem, meu filho — o rei disse, indo na direção de um quarteto de poltronas. Ele sentou, fazendo sinal para que Alfie e sua mãe fizessem o mesmo. — Cada homem vivencia o luto de um modo diferente. O importante é que você está aqui.

Enquanto estivera fora, Alfie pensou, preocupado, que talvez Dez fosse a cola que o mantivera unido a seu pai. Que, sem Dez, o que quer houvesse entre eles se transformaria em nada além de obrigações familiares. Mas ele estava errado. O amor que havia sentido no abraço do rei era tão verdadeiro quanto se lembrava, e muito mais doloroso sem Dez ali para compartilhar com ele.

Quando sentaram, a rainha olhou sobre os ombros de Alfie, na direção da porta da biblioteca, com um olhar suplicante.

— Luka, por favor. Não quer dizer oi?

Ao ouvir o nome de seu primo e melhor amigo, Alfie pulou da poltrona. Eles haviam sido criados juntos no palácio, e sempre se referiam um ao outro como irmãos. Alfie, Luka e Dez deixaram um rastro de caos pelos corredores do palácio quando eram crianças. Ele não tinha visto Luka parado perto da porta da biblioteca, mas agora sua presença era impossível de ser ignorada, e atipicamente fria. Luka estava encostado na porta, de braços cruzados e com um olhar duro. O estômago de Alfie ficou apertado. Ver Luka sem um sorriso no rosto já era raro, e vê-lo com uma expressão tão furiosa era a certeza de que algo estava errado.

— Alfie — Luka disse em um tom seco. Ele se virou para a rainha. — Já o cumprimentei. Posso me retirar agora?

A rainha estendeu a mão na direção dele.

— Luka...

Luka estreitou os olhos.

— Por que devo dizer oi se ele não se deu ao trabalho de dizer adeus?

Alfie se encolheu e deu um passo à frente, mas Luka ergueu a cabeça como se o desafiasse a chegar mais perto.

O rei levantou e apertou o ombro de Alfie, lançando-lhe um olhar sério que dizia “deixe para lá”.

— Luka, você pode se retirar.

— Gracias — Luka respondeu, encarando Alfie rapidamente ao acenar para o rei e a rainha, antes de dar meia-volta e desaparecer pelas portas da biblioteca.

Alfie deu mais um passo à frente, com a intenção de ir atrás dele, mas seu pai o segurou.

— Dê um tempo para ele esfriar a cabeça — disse o rei. — Sua partida foi muito difícil para ele. — O rei encarou Alfie com seriedade. — É sua responsabilidade remediar essa situação, mas precisamos conversar primeiro.

Quando a mãe de Alfie assentiu, o príncipe voltou a sentar, ainda encarando as portas da biblioteca. Sabendo que Luka impediria sua partida, Alfie havia agido como um covarde e embarcado no navio sem dizer nada. Ele sabia que merecia a raiva de Luka, mas a mágoa em seus olhos doía em Alfie como um tapa na cara.

A voz do rei afastou Alfie de seus devaneios.

— Há tanto a dizer, tanto a fazer para prepará-lo para o trono.

Alfie ficou irritado. Não era a primeira vez que seus pais falavam em prepará-lo para se tornar rei. Era o que o havia compelido a entrar no navio e se afastar de casa. Ainda assim, a cada vez que mencionavam que ele substituiria Dez, sentia uma nova ferida, esfolada e cheia de dor.

— Não esquecemos Dezmin. Nunca vamos esquecer. — A rainha desviou o olhar de Alfie com a voz embargada. O peito de Alfie doeu ao ver aquilo, mas então ela o encarou novamente com um olhar inflamado. — Mas nosso povo deve vir em primeiro lugar, antes do luto. Você teve seu tempo afastado, e agora deve se preparar. É o príncipe herdeiro, o primeiro na linha de sucessão para o trono. Deve aceitar seu destino, pelo bem do reino, e mesmo pelo de seu irmão, entiendes?

Alfie rangeu os dentes e se obrigou a dizer:

— Sim.

— Estamos prestes a fazer história. Em apenas alguns meses vamos nos

encontrar com nosso maior inimigo pela primeira vez em gerações e fazer as pazes — o rei afirmou, apontando para o mural. — Acabar com a rixa entre Inglésia e Castallan e formar uma aliança vai provar que ressurgimos das cinzas, do passado de escravidão, e nos tornamos um reino de poder inquestionável. Mas a morte de Dez... — o rei disse, com brilho nos olhos. — Ela nos fez parecer instáveis, incapazes de nos proteger. Levantou questões sobre nossa posição política e o que oferecemos como aliados. Então devemos preparar e apresentar você como um príncipe que está pronto para se tornar rei. Primeiro para Castallan, e depois para o mundo. Vamos começar em dois dias, oferecendo um jantar em homenagem à sua volta para a mais alta nobreza de Castallan. O Festival do Equinócio é daqui a quatro dias e, como sempre, vamos organizar um baile para comemorar. É a oportunidade perfeita para apresentá-lo a todo o reino como o futuro governante.

O coração de Alfie ficou apertado ao pensar em ser apresentado como o substituto de Dez. Mesmo que Dez estivesse realmente morto, com certeza o mundo daria risada de um príncipe sem futuro tornando-se responsável pelo destino de um reino inteiro. Por que eles não conseguiam enxergar que ele não podia fazer aquilo?

— Mas, pai — Alfie finalmente disse, apertando as mãos sobre o colo. — Eu não mudei de ideia. Ainda acredito que Dez pode estar vivo. Não temos certeza se...

— *Alfehr!* — seu pai exclamou, retumbante. As costas de Alfie se endireitaram na poltrona. A rainha colocou a mão sobre o ombro do marido enquanto o rei respirava fundo. — Não vou permitir que alimente essas fantasias. Não pode continuar ignorando a verdade e as suas responsabilidades em nome de uma ilusão.

— Mas... — Alfie começou a dizer, e logo foi silenciado pelo olhar do pai.

— Quem fez parte do golpe que tirou Dez de nós foi detido e aprisionado em celas na Torre do Relógio, e lá ficará para sempre. As famílias dos três que lideraram a operação, Marco Zelas, Alonso Marquez e Maria Villanueva, juraram

lealdade e renegaram os parentes que se voltaram contra a coroa. Não há mais nada a ser feito. Não sobrou nenhum caminho a ser explorado. *Por favor* — ele disse em um tom tão suplicante que chegava a ser doloroso de ouvir. — Deixe seu irmão descansar em paz.

Alfie olhou para baixo e cerrou os dentes para evitar uma discussão. Seus dedos se retorciam, desejando alcançar a garrafa de tequila escondida em sua cintura e calar a comoção que queimava em seu peito. Ele era o único que estava com Dez quando ele tinha sido levado. Eles estavam na Sala Azul, uma saleta na ala leste do palácio, discutindo qual seria a melhor forma de pedir aos pais para fazerem uma longa viagem ao exterior com Luka, para comemorar o aniversário de vinte e três anos de Dez, antes que tivesse de dedicar todo seu tempo à coroa.

Enquanto faziam planos, as portas duplas da sala se abriram e uma garota que parecia um pouco mais velha que Alfie entrou. Ela se chamava Xiomara Santoro, ele soube depois que perdera seu irmão para sempre, e era um nome que Alfie nunca poderia esquecer. Atrás dela, dois guardas estavam mortos no chão, com sangue escorrendo dos pescoços cortados. Dez empurrou Alfie para trás dele, protegendo-o até o fim.

Em um instante, a garota levantou a mão e esticou os dedos. O chão sob Dez se abriu em uma escuridão tão completa que parecia anormal, irreal. Alfie tinha visto Dez cair no buraco, seus olhos repletos de medo, as mãos esticadas para Alfie, que chegou tarde demais. Antes que pudesse pular atrás de Dez, o buraco se fechou. Àquela altura, um grupo de guardas já havia imobilizado a garota no chão enquanto Alfie caía de joelhos, proferindo todas as palavras mágicas que conhecia para abrir o chão e encontrar aquele vácuo escuro que a garota havia conjurado com seu monstruoso *propio*. Mas nada surtiu efeito. Interrogada, Xiomara havia dito o nome daqueles que a recrutaram para matar a família real. Seu irmão havia desaparecido porque um grupo de nobres desejava tomar o trono para si. Todo o reino ficou de luto. O mercado se encheu de pinturas e quinquilharias em homenagem ao finado príncipe Dezmin. Nobres de todos os cantos do reino

faziam fila para provar sua lealdade à família real, temendo serem mandados para a Torre do Relógio junto com aqueles que foram considerados culpados de traição. Castallan havia se tornado um nervo exposto e dolorido, encolhendo-se ao menor toque, eriçando-se a qualquer sinal de problema.

Ainda assim, ele não podia perder as esperanças. Lá no fundo, algo lhe dizia que Dez ainda esperava ser encontrado.

— Desculpe — Alfie disse. A mentira era ácida em sua língua. — Não vou mais falar sobre isso.

A rainha estendeu o braço e segurou a mão de Alfie antes de lançar um olhar penetrante ao rei.

— Você parece cansado — ela disse. — Quer descansar e discutir isso amanhã?

Com a garganta seca, Alfie levantou da poltrona.

— Sí, quero.

— Mijo, lembre-se disso — o rei disse antes que Alfie saísse correndo da biblioteca. — Meu bisavô foi o primeiro rei livre de Castallan. Quando chegar a hora, você vai ser o quinto. É descendente de homens que viveram acorrentados, homens que eram impedidos de aprender o idioma da magia. Não os decepcione.

A sombra de Alfie se enrolou nervosamente em seus pés.

— Não vou decepcioná-los. Vou fazer as coisas darem certo, prometo.

A rainha Amada assentiu com determinação. Seus olhos ainda estavam úmidos.

— Sabemos disso.

E ele faria, mas não do modo que seus pais estavam esperando.

2

A ladra sem dinheiro

FINN NUNCA FORA FÃ DE MARIONETES. Só de pensar nelas, sua sombra se retorcia aos seus pés.

Ainda assim, no barulhento labirinto do mercado, alguma coisa a havia atraído até ali. Ela ficou de braços cruzados atrás da multidão de crianças. A apresentação tinha tudo o que ela se lembrava de ter visto quando era pequena: um vilão vestido todo de preto com voz grave e estrondosa, uma princesa de vestido brilhante com longos cílios colados em olhos muito grandes, um príncipe valente que prometia salvá-la.

Mesmo quando criança, antes de tudo acontecer, pensar em cordas, em amarras presas às articulações, sorrisos pintados e olhos parados, e em um manipulador de bonecos sorridente logo atrás da cortina detendo todo o poder, causava-lhe um arrepio na espinha. Finn só queria correr até o palco e cortar as amarras, ver as marionetes desmoronarem e ficarem imóveis. Era melhor não se mover mais do que ter de obedecer aos comandos de outra pessoa. Talvez, já naquela época, ela desconfiasse de seu futuro, de que havia um manipulador atrás da cortina, esperando para prendê-la com suas amarras.

Não sente falta, Mija?, uma voz sussurrou em sua cabeça. Não sente falta de seu pai? Não está se dando muito bem sem mim, está? Talvez estivesse melhor amarrada...

Finn sacudiu a cabeça para se livrar da voz, de cada sílaba que penetrava sua pele. Ela não podia se deixar afetar por lembranças. Ignacio não estava ali para mexer com sua cabeça usando palavras até que Finn não pudesse diferenciar as

demandas dele dos próprios pensamentos dela. Ele não estava ali para dizer para ela ser uma boa filha e ouvir, obedecer, agradecer a ele por lhe dar um lar quando ela não tinha mais ninguém. Agora a vida era só dela.

— Sai da frente!

Ao lado de Finn, um garoto empurrou uma menina pequena que estava tentando assistir à apresentação na ponta dos pés na frente dele. A menina caiu com os joelhos no chão em uma pancada. Mas ela não chorou, levantou e bateu no garoto, como Finn esperava. Ela apenas ficou no chão em silêncio por um longo momento até que, finalmente, levantou e se movimentou para o lado, onde não atrapalharia a visão do garoto. A menina cruzou os braços finos diante do corpo, como se tentasse diminuir. Como se já tivesse sido derrubada tantas vezes que aquele havia se tornado o seu lugar. Finn conhecia muito bem aquela sensação.

E também nunca tinha sido fã daquilo.

Finn se infiltrou pela multidão de crianças e agachou na frente do garoto, bloqueando sua visão.

— Quer ver a apresentação mais de perto? — ela sussurrou com um sorriso. Ele abriu a boca para protestar, revelando fileiras de dentes com lacunas e manchas de chocolate, mas Finn era rápida demais para ele. Ela passou as mãos sobre o rosto e se transformou no vilão marionetes — um homem monstruoso com uma boca vermelha e assustadora grande demais para o seu rosto, e olhos escuros como cinzas. — Está perto o suficiente para você? — ela perguntou, inclinando a cabeça.

O garoto soltou um grito abafado e saiu correndo. Quando ele se virou, Finn puxou o saquinho de pesos que estava no bolso de trás de sua calça. Não costumava roubar de crianças — até ela tinha seus limites —, mas, pelas solas imaculadas de seus sapatos e pelo corte elegante de suas roupas, ela sabia que os pais substituiriam aquele montante em um piscar de olhos.

Finn passou as mãos sobre o rosto novamente, retornando ao estado anterior. A menininha com os joelhos ralados olhava fixamente para Finn, boquiaberta.

Diferentemente do garoto, ela não havia gritado ao ver a transformação.

— Bem — Finn disse a ela —, você é mais corajosa do que parece, muchacha.

Finn notou as roupas esfarrapadas da menina, a finura de seus braços, as unhas sujas. Talvez aquela garota já tivesse visto mais do que sua amostra de monstruosidades. Finn compreendia. Ela piscou para a menina e depois levantou e colocou as mãos sobre seus ombros estreitos. Com um empurrão delicado, levou-a onde o garoto estava.

— Aquí, na frente e no meio, onde deve ser o seu lugar.

Finn começou a se afastar, mas logo parou, mudando de ideia. Embora seu estômago vazio protestasse, ela pegou a mão da menina e colocou sobre ela o saquinho de moedas roubadas.

— Compre um doce para você.

Enquanto a menina encarava o saquinho com um olhar de surpresa, Finn se afastou e se misturou à multidão que andava pelo mercado da Borda.

O Aperto e o Tranco — os círculos mais pobres e afastados da cidade — eram porosos, a divisão entre os dois era arbitrária e subentendida. Afinal, os pobres não precisavam ser distinguidos entre um e outro nível de miséria. A Borda era o terceiro dos cinco círculos da cidade, uma ponte entre pobreza e luxo. Pessoas de todas as classes se reuniam ali para gastar seus pesos, das nobres que passeavam com suas saias longas, acinturadas e cheias de babados, e blusas de seda em cores vivas, aos trabalhadores rurais empoeirados que vestiam calças remendadas.

O círculo seguinte, o Laço, no entanto, era onde nobres viviam, pouco acima da Borda. A barreira de tijolos de argila tinha passagens fechadas com portões, onde guardas vigiavam para impedir a entrada da plebe. Depois do Laço, ficava o último círculo da cidade: a Coroa. Para além de suas imponentes muralhas, terras verdejantes se estendiam ao longe, um casulo de vegetação cercando o palácio de vidro colorido onde a família real vivia sua vida luxuosa. Finn imaginou com desdém aqueles governantes mimados com suas sombrinhas de seda. Preferia ficar ali, na Borda, onde as coisas aconteciam.

Finn continuou a andar, passando por uma banca que vendia vestidos e saias de

cores de pedras preciosas. Ela viu uma mulher colocar um vestido sobre as roupas. Quando a mulher girou, ele mudou de vermelho para um azul vivo.

— Por esse preço, você leva três cores. Se quiser mais, o valor dobra! — disse o vendedor.

Finn fez uma careta enquanto compradores felizes cruzavam seu caminho, tornando a movimentação pelo mercado mais difícil do que de costume. Estava um pouco lotado e alegre demais aquela noite, com o clima de um festival. Mais cedo, ela havia visto encantadores de água apresentarem danças pelas ruas, balançando no ar fitas de água colorida como se fossem tiras de seda. Alguma coisa estava acontecendo.

Quando ela viu um vendedor entregando flores de presente para todos que passavam, ela cansou de tentar adivinhar. Que espécie de tolo daria de graça o que poderia vender?

— Que droga está acontecendo hoje? Por que está distribuindo coisas de graça? — ela perguntou, parando diante da banca dele.

O velho apenas sorriu e colocou um botão de dama-da-noite na mão dela, que se abriu para absorver o luar no momento em que Finn saiu de baixo do toldo de tecido que cobria a banca.

— Não ficou sabendo? — ele perguntou com os olhos brilhando.

Finn observou a flor inútil em sua mão, mas a empolgação do homem a impediu de jogá-la no chão.

— É óbvio que não.

— O príncipe! — ele disse. — O príncipe finalmente retornou!

Finn debochou:

— O príncipe morto?

O velho arregalou os olhos. Ele piscou duas vezes antes de responder:

— Não...

— Então não é uma história tão interessante, é? Fique com suas flores e sua sanidade, senhor.

Quando ela tentou devolver a flor, ele não aceitou e sorriu. Irritantemente, o

humor do vendedor permaneceu inalterado. Segurando a flor, Finn deu meia-volta e seguiu a multidão. Esta era uma das coisas que a tiravam do sério na capital: as pessoas eram obcecadas pela família real. A volta do príncipe não encheria a barriga delas nem lhes arrumaria um lugar quente para dormir. Ainda assim, toda a cidade estava em polvorosa. E daí se um garoto bonito e mimado voltou? Até parece que um príncipe seria capaz de sobreviver muito tempo no mundo real. É claro que ele voltaria correndo para casa, para os braços de sua mamã.

— Príncipe idiota e maldito — Finn praguejou.

E não era aquele o príncipe sem futuro? Não houvera o anúncio de costume quando o príncipe tinha feito cinco anos. Nada daquela baboseira de “A vidente previu. Ele vai ser um ótimo líder, blá-blá-blá” como tinha sido com os outros membros da família real. A vidente não havia previsto *nada* a respeito daquele garoto. Aqueles pendejos estavam malucos por achar que aquele príncipe era digno de celebração.

Enquanto ela caminhava pelo mercado, seu estômago começou a roncar. O saquinho de pesos que havia dado àquela menininha certamente daria para uma ou duas refeições.

— Cale a boca — ela disse para a barriga que roncava, como se admitir o erro fosse apaziguá-la. Mas só doía mais. — Eu sei que fiz besteira.

Entretanto, por outro lado, ela preferia executar seus trabalhos de estômago vazio. Ficava mais atenta. Estava gastando muitos pesos ultimamente. Mas assim que realizasse o roubo daquela noite e vendesse a mercadoria, teria dinheiro para um ou dois meses.

Contanto que tivesse sucesso.

Finn jogou o nervosismo no fundo do poço que havia dentro dela, onde mantinha os medos, as angústias... tudo que não podia se dar ao luxo de sentir se quisesse sobreviver.

— Foco — ela murmurou para si mesma. Preocupações eram para pessoas com menos talento que ela. Finn se sairia bem aquela noite, como sempre.

Com a mente agitada pela dúvida, ela acabou se distraindo com dois garotos, lançadores de chamas, soprando fogo pela boca, tentando ver quem conseguia soprar por mais tempo. Depois de um instante demorado, o mais alto se curvou, apoiou as mãos nos joelhos, ofegante, com suor escorrendo pelo rosto. Finn não conseguiu conter um sorriso ao vê-los discutir sobre quem teria sido melhor. O que havia perdido argumentava que não tinha almoçado, portanto não tinha energia para competir de igual para igual.

No alto, o relógio de duas faces soava na torre, um lembrete sonoro para todas as crianças de que já deveriam estar na cama. Finn olhou para cima, para o relógio enorme e seus ponteiros que tiquetaqueavam em uma procissão infinita de tempo perdido e tempo a ser ganho. A torre de pedra tinha dois relógios, um em cima do outro. O relógio vermelho marcava o tempo em horas e minutos, e seus ponteiros eram brilhantes e dourados. O relógio de vidro azul mostrava o movimento do sol e da lua. Seus ponteiros prateados aproximavam-se do iminente equinócio, quando noite e dia compartilhariam o tempo igualmente.

O Festival do Equinócio era o feriado mais comemorado no ano. Finn mal podia esperar. Desde criança, sempre quis vivenciar as maravilhas das comemorações na capital. Tinha ouvido falar de fogos de artifício que atravessavam o ar na forma de enormes pássaros flamejantes, cada uma das faíscas manipuladas pelos melhores lançadores de chamas do reino. Haveria música retumbando pelos círculos, bachatas e merengues ao som das quais era impossível ficar parado. As padarias transbordariam com todos os tipos de doces que ela sempre havia tido vontade de experimentar. Era por isso que havia decidido permanecer na cidade durante o mês inteiro em vez de apenas passar por ali, como sempre fazia. Queria ver o espetáculo, pelo menos uma vez.

Além disso, o festival significava fiestas, e fiestas significavam tequila, e tequila significava pessoas vulneráveis a furtos. Depois que o feriado terminasse, o reino seguiria para o inverno, com dias mais curtos e noites mais longas e frias. Ela com

certeza entraria em um navio rumo a um local mais quente bem antes disso. Talvez para as ilhas próximas à Costa Leste? Ela nunca tinha estado lá. Havia ouvido que lá a paella era deliciosa demais para se descrever, e os frutos do mar eram tão frescos que quando se mordida uma lula frita ela espirrava tinta.

Ao pensar naquilo, seu estômago reclamou alto de novo.

— Cállate — ela murmurou, mas ele não queria ficar quieto. Talvez tivesse errado ao gastar seus pesos com um quarto em uma pensão em vez de guardar para comprar comida.

Finn passou por uma banca onde um jovem assava espetos de carne de porco temperada com adobo. Ele respirou fundo e soprou um fluxo contínuo de fogo para tostar a carne macia. O estômago de Finn rugiu. Seus lábios se curvaram para cima, formando um sorrisinho.

Claro que sempre era mais fácil improvisar para arranjar uma refeição do que para conseguir um lugar seguro para dormir.

Finn se aproximou do jovem e colocou o botão de dama-da-noite no bolso da camisa dele. Ele olhou para ela e suas bochechas morenas coraram.

— A noite de hoje é especial. Você deve se apresentar da melhor forma possível, não acha? — Ela deu uma piscadinha.

— Ah — ele disse, boquiaberto. — Ob-obrigado. — Ele olhou para a flor que pendia de lado, esquivando-se dele em busca dos raios de luar.

Quando olhou para cima, dois espetos estavam faltando e a ladra havia desaparecido.

3

A raposa e o dragão

QUANDO O PALÁCIO E TODOS que estavam nele foram dormir, a sombra de Alfie se movimentou com empolgação perto de seus pés, como um cachorro recém-saído do banho.

Aquela era a única desvantagem de ter magia *propio*: a sombra animada revelava seus sentimentos. Quando Alfie temia alguma coisa, sua sombra se arrastava atrás dele, teimosa e resistente como uma criança que precisa acordar cedo para ir à escola. Quando ele estava feliz, ela se movimentava sem parar. E até ficava cinza-claro quando ele estava doente. Aquela noite, com sua sombra agitada no chão, os pensamentos de Alfie estavam bem longe de uma boa noite de descanso.

Ele levantou da beirada da cama com dossel e foi até a cômoda, abrindo a última gaveta e tateando à procura do trinco do compartimento secreto. Dentro dele, encontrou o que precisava — uma máscara de raposa e uma maçaneta de vidro colorido.

Alfie vestiu a máscara, amarrando a fita de seda atrás da cabeça. Ela não deixava nada à mostra além de sua boca e maxilar. Todos os participantes desses jogos deviam comparecer mascarados. Quando se tratava de jogos de cartas em que os prêmios eram mercadorias ilegais, o anonimato era fundamental.

Sobretudo para um príncipe.

Enquanto estava longe de casa, procurando pela magia para resgatar Dez por todos os cantos, ele tinha ouvido falar de jogos em que as apostas eram altas, mas os ganhos eram mais altos ainda. Sem hesitar nem por um instante, havia pago a

exorbitante taxa de participação e aparecido onde quer que os convites em papel preto com ornamentos dourados indicavam. Os jogos aconteciam em diferentes cidades, e uma vez até em outro continente. Mas Alfie não perdeu nenhum, e tinha a forte sensação de que aquela partida seria a mais importante de todas.

Os prêmios da noite não eram apenas mercadorias ilegais. Eram livros sobre magia proibida que podiam ajudar Alfie a encontrar Dez vivo, bem e pronto para assumir o trono. Dez ainda estava em algum lugar por aí, Alfie sabia disso. Só porque seu irmão tinha sido engolido por aquela escuridão misteriosa, não significava que estava morto. Alfie só precisava da magia certa para encontrá-lo.

A expectativa tomou conta de Alfie quando ele pegou a bolsa de couro sobre a cama e a pendurou no ombro, sobre o manto azul-escuro. Não havia tempo a perder. Rayan raramente permitia jogadores atrasados. Alfie se aproximou da parede ao lado de sua cama e jogou a maçaneta de vidro nela. Ela não ricocheteou e caiu no chão como deveria. Em vez disso, girou como uma moeda caída, depois se acomodou e afundou na pedra.

Alfie chegou perto da maçaneta e a segurou. Deixou sua magia se transformar do azul-escuro de costume para um laranja vivo — a cor que o levaria até onde precisava ir. Ele só tinha que girar a maçaneta e dizer uma palavra.

O *propio* de cada pessoa era único. Alguns tinham apenas um dom, enquanto outros tinham *proprios* que se ramificavam em múltiplas habilidades com o passar do tempo. Alfie havia ouvido falar de um nobre de Inglésia cujo *propio* era manipular o atrito — com um único olhar, era capaz de fazer o chão sob os pés de alguém ficar escorregadio como gelo e, da mesma forma, conseguia deixar o próprio corpo totalmente desprovido de atrito e viajar quilômetros em instantes. Uma garota que ele havia conhecido em Sofistícia conseguia fazer o que quisesse com a luz, deixando um cômodo totalmente escuro com a mesma facilidade que o iluminava completamente. As habilidades que o *propio* de Alfie lhe conferiam eram todas relacionadas à cor da magia. Alfie conseguia ver a magia em todos os seus tons, transformar a cor de sua própria magia em qualquer outra, e utilizar essa

habilidade para criar caminhos de cor e viajar por eles dentro da rede de magia que vivia ao seu redor.

Alfie girou a maçaneta uma vez para a esquerda.

— *Voy* — ele disse.

A parede deu lugar a um túnel multicolorido que Alfie podia enxergar, graças a seu *propio* — a própria rede que costurava o mundo. Haviam lhe ensinado desde muito cedo que a magia era a base do mundo, os fios que uniam os homens uns aos outros e à terra em que viviam. Com seu *propio*, Alfie podia utilizar aqueles fios de magia para se movimentar de um lugar para outro.

Quando descobriu sua habilidade, a vastidão da rede de magia à sua volta era espantosa, e ele se sentiu como um pequeno barquinho perdido em um mar infinito. Precisava de uma forma de fazer sua habilidade parecer menor, mais acessível. Então passou a usar uma maçaneta para concentrar seu *propio* e ver sua habilidade como um jeito de abrir portas na vastidão da magia que zunia cheia de vida ao seu redor. Ele era capaz de fazer aquilo sem a maçaneta, mas parecia menos seguro, como descer uma escadaria íngreme correndo em vez de andar devagar e segurar no corrimão.

Ele entrou na magia e deixou a corrente carregá-lo para longe de seu quarto e seu legado.

Quando Alfie voltou para o mundo, ele o fez atravessando um muro entre duas haciendas imponentes no segundo círculo da cidade, o Laço. Ali, as ruas eram calçadas com pedras e as haciendas eram grandiosas, pintadas em cores ricas e vibrantes, com vitrais nas janelas. Alfie vestiu o capuz do manto e desceu a rua até chegar à hacienda de Rayan. A porta de madeira escura estava à sua frente, grande e majestosa. Ele hesitou. A máscara de repente pareceu desconfortavelmente apertada quando o rosto decepcionado de seus pais surgiu em sua mente. Que tipo de rei ele seria se passava as noites procurando por coisas que não devia?

Ficou dividido entre a preocupação de seus pais e a esperança de reencontrar seu irmão. A pressão dos dois lados era grande o bastante para transformar uma

pedra em diamante. Ele não sabia por quanto tempo suportaria.

Vai ser minha última tentativa, ele pensou consigo mesmo. Se eu não encontrar o que preciso esta noite, vou desistir dessa jornada para encontrar Dez e me concentrar em me tornar rei. De uma vez por todas.

Ele engoliu em seco. A objetividade do ultimato lhe deu um senso de controle e acabou com o cabo de guerra que havia dentro dele. Mesmo assim, a possibilidade de se tornar rei ainda doía. Ele afastou aquele pensamento. Não precisaria se tornar rei porque venceria aquele jogo e conseguiria o necessário para encontrar Dez. Alfie pegou na aldraba e a bateu com força contra a porta.

Um criado robusto a abriu. Seu corpo largo preenchia toda a passagem.

— Está atrasado. O señor Rayan não gosta de atrasos — ele disse antes de começar a fechar a porta.

Alfie colocou o pé entre a porta e o batente. Sua sombra se movimentava de maneira frenética até ele pressionar os calcanhares no chão, paralisando-a. O criado voltou a abrir a porta, lançando um olhar irritado a Alfie.

— Espere, por favor. — Ele tirou da bolsa um punhado de pesos de ouro. — O señor Rayan não gosta de atrasos, mas estou mais interessado no que você gosta, entiendes?

Um sorriso cordial se abriu no rosto do homem.

— Tem um convite?

Alfie entregou os pesos a ele e disse as palavras que garantiram sua entrada em vários daqueles jogos perigosos.

— Uma raposa não precisa de um convite. Precisa de uma abertura.

O homem saiu da frente da porta e Alfie entrou para mais uma noite de trabalho sujo.

A mulher que Finn seguia no Laço estava claramente atrasada.

O atraso era bom. Significava que ela estaria ocupada demais correndo para olhar para cima e ver Finn saltando com agilidade de um telhado a outro para

acompanhá-la. As haciendas eram imponentes e grandiosas, com telhados levemente inclinados, perfeitos para se saltar de um ao outro. Embora cada propriedade tivesse quase a altura de seis homens, os anos que passara substituindo acrobatas nos circos em que trabalhara haviam acabado com qualquer medo de altura que pudesse ter.

A brisa quente que assobiava entre seus cabelos cacheados enquanto ela saltava de telhado em telhado, o ruído de seus passos e o bater da bolsa contra a lateral de seu corpo eram os únicos sons daquela noite. As ruas de pedra estavam vazias, e as haciendas coloridas estavam em silêncio, com todos os moradores adormecidos.

Até mesmo o nome daquele círculo da cidade a fazia revirar os olhos. O Laço. Algo leve e bonito para se colocar no pescoço de um gatinho. O nome combinava com o local, com suas haciendas delicadas com jardins bem-cuidados e fontes borbulhantes. Havia uma calma silenciosa no Laço que fazia Finn se coçar. Um tipo de calma que podia ser comprada por aqueles que nasceram ricos — e morreriam — ricos. Finn preferia o Aperto e o Tranco. Claro que eram regiões mais sujas, lotadas e perigosas, mas ainda estariam movimentadas àquela hora.

Naquele exato momento, haveria artistas de rua tocando bachatas em seus violões desafinados e vendedores de comida anunciando tigelas de pernil, arroz e feijão e banana. Seu estômago roncou só de pensar, mas Finn se obrigou a se concentrar na tarefa à sua frente. Precisava tomar o lugar daquela mulher no jogo, pegar as mercadorias e penhorá-las. Então teria dinheiro para encher a barriga e para uma passagem no próximo navio para longe dali, rumo à sua próxima aventura.

Quando Finn chegara, um mês antes, havia começado a desvendar os segredos de San Cristóbal — os pontos vulneráveis que a levariam a roubos que lhe renderiam um bom dinheiro —, e eram sempre as mulheres nobres que guardavam tamanho conhecimento. Depois de dias bisbilhotando no Laço, Finn quase nem tinha ficado surpresa quando soubera de um jogo em que os prêmios eram mercadorias ilegais.

A mulher que Finn estava seguindo adentrou uma passagem estreita entre duas haciendas — o lugar perfeito para Finn atacá-la. A garota se agachou na beirada do telhado. Sua sombra girava empolgada em volta dos seus pés enquanto a garota observava. Um feixe de luar iluminou o que a mulher tirou da bolsa — uma máscara vermelha de dragão, acessório obrigatório para o jogo. Finn sorriu. Era o que procurava.

Finn levantou a mão e fez um movimento rápido, como se estivesse apertando um nó. Espirais de pedra do muro da hacienda envolveram os tornozelos e punhos da mulher, imobilizando-a. Ela deixou cair a bolsa e a máscara. Antes que conseguisse gritar, Finn fez outro movimento rápido, determinando que uma espiral de pedra envolvesse a boca dela, puxando sua cabeça contra o muro.

Do alto, Finn assobiou. A mulher levantou a cabeça. Finn acenou para ela com uma das mãos e, com a outra, palitou os dentes com o já vazio espeto de carne de porco que havia roubado antes.

— Não saia daí — ela disse, abrindo um sorrisinho. — Já vou descer.

A mulher lutava contra as amarras enquanto Finn jogava o espeto e descia sem pressa pela lateral da hacienda. Com um toque, a pedra do muro se curvou para fora, formando apoios para suas mãos e seus pés. Quando criança, ela desejava ser encantadora de água, uma vez que amava nadar, mas até que ser uma escultora de pedras era útil para escalar haciendas. Pulou no chão entre as haciendas e caiu agachada, apoiando a palma da mão no chão de pedra para se equilibrar.

— Sei o que está pensando. — Ela pegou a bolsa da mulher assustada. — Está pensando no que fez para merecer isso? — Finn vasculhou a bolsa e pegou os pesos que encontrou. — Estou aqui para te garantir que, até onde sei, você não fez nada para merecer isso. Tenho certeza de que é uma santa. Só estava no lugar errado, na hora errada. Só isso. — Finn largou a bolsa e pegou a máscara de dragão em seguida. — E, por acaso, tem algo que eu quero.

A mulher estreitou os olhos.

Finn segurou a máscara diante dela. Era vermelha, os buracos dos olhos eram inclinados e tinham bordas brancas.

— E ainda é da minha cor preferida. — Ela passou os dedos sobre a tela curvada. — Que sorte!

Finn levou a máscara ao rosto e viu que sua boca e maxilar ainda ficariam visíveis.

— Acho que é melhor meu rosto ficar igual ao seu, então. E meu corpo também, só por garantia. Não acha?

A mulher encarou Finn, confusa. Como a maioria dos castallanos, ela tinha pele morena, olhos escuros e sobrancelhas grossas. Seus lábios eram carnudos e o nariz tinha uma curva aquilina.

Finn segurou a máscara entre os joelhos e tirou um espelho de mão de sua bolsa.

— Provavelmente essa vai ser a coisa mais interessante que você vai ver a noite toda, então preste atenção.

Finn encarou seu reflexo, dando uma última olhada para seu rosto atual — pele âmbar, rosto arredondado e queixo pronunciado cercados por cabelos cacheados na altura do ombro. Era um rosto que estava usando havia alguns dias, sem pensar muito, e não estava triste de vê-lo partir.

Ela levou a mão livre ao rosto e o moldou como argila enquanto a mulher observava de olhos arregalados. A magia era uma máscara que Finn havia usado sobre a cabeça tantas vezes que quase havia se esquecido de como era seu rosto verdadeiro. E ela gostava disso.

E, naquela noite, havia uma nova identidade para roubar e um prêmio que lhe renderia um bom dinheiro se desse — literalmente — a cartada certa.

Com a ponta dos dedos, remodelou o nariz, revertendo a ponta empinada em uma curva aquilina. Ela passou o dedo sobre cada uma das sobrancelhas e as viu engrossarem. Passou o polegar sobre o queixo, arredondando-o. Finn esfregou os olhos como se estivesse com sono. Quando afastou as mãos, eles estavam maiores e mais escuros do que antes. Passou a mão sobre os cabelos cacheados e os sentiu se transformando em mechas lisas que passavam dos ombros. Era um trabalho mais

lento do que o que havia feito para assustar o garoto mimado no teatro de marionetes. Precisava ser perfeito.

Com o rosto pronto, era hora de deixar o corpo igual ao da mulher. Para facilitar os saltos pelos telhados, Finn tinha esticado o corpo, tornando os membros mais longos e ágeis, mas o corpo daquela mulher era parecido com seu tipo físico natural. Então Finn se encolheu à sua altura normal, redistribuindo-se para que quadril, coxas e peitos ficassem mais curvilíneos.

Quando Finn se olhou no espelho, não viu diferença entre ela e a mulher que estava à sua frente.

A mulher a encarou chocada. Tinha até parado de se contorcer. Então seus olhos foram parar no chão, onde a sombra de Finn enroscava-se em seus pés.

— Sí — Finn disse, respondendo à pergunta velada. — É o meu *propio*.

Finn era capaz de mudar sua aparência desde os oito anos. Era uma habilidade útil para qualquer um, mas especialmente para uma ladra, e mostrou-se conveniente quando ela se viu nas ruas, órfã.

— Agora, eu poderia te matar — Finn disse à mulher, cuja respiração ficou ofegante e as narinas dilataram. Ela puxou uma adaga da bolsa e limpou as unhas com a ponta. — Mas não vejo motivo para isso — Finn deu de ombros. — Você está presa aqui e, pela manhã, uma das gentis famílias dessa vizinhança vai te ajudar. Mas saiba de uma coisa. — Finn ficou tão perto dela que seus narizes, agora idênticos, quase se tocaram. — Se você se soltar e resolver arrumar confusão, todos os crimes que eu cometer de agora em diante, serão feitos com seu rosto. Não vai ser muito divertido ter que explicar aos guardas que você não fez nada, mas sim uma garota capaz de mudar de rosto. Não vai demorar para os capas vermelhas deixarem de acreditar em você. Pisque duas vezes se compreendeu. — A mulher piscou duas vezes.

— Ótimo. — Finn vestiu a máscara e amarrou a fita de seda atrás da cabeça. Ela costumava desenhar cada rosto que usava em seu diário antes de cometer um roubo, para manter um registro de todas as aparências que tivera e os crimes

relacionados a cada um deles. Mas estava atrasada. Teria que fazer aquilo depois. Finn tirou da bolsa um lenço e uma garrafinha fechada com um líquido azul. Embebeu o lenço com a poção para dormir. A mulher começou a se contorcer, fazendo um apelo abafado. Finn estalou a língua. — Cálmate.

Ela segurou o lenço sobre o nariz da mulher. Seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

Depois, Finn saiu da viela. Correu o restante do caminho até a hacienda onde aconteciam os jogos. Diferente das outras haciendas daquela rua tediosa, ainda havia lamparinas acesas ali, lançando reflexos coloridos pelas janelas de vitral.

Quando se aproximou da hacienda, viu um homem na porta, discutindo com um criado. Em um instante, o criado estava fechando a porta na cara do homem, mas logo depois começou a abrir espaço para ele passar com um sorriso educado no rosto. Quando a porta voltou a se fechar, Finn se apressou e a segurou com o pé. O criado abriu, irritado.

— Você está...

— Atrasada. Eu sei. Assim como aquele outro cara — ela disse, sem tirar os olhos dele.

Depois de um longo momento, ele suspirou.

— Está bem — ele disse, conformado. — Tem convite?

— Um dragão não conhece convites. Ele passa a noite onde bem entender.

Ele saiu da frente e Finn entrou, sorrindo como se aquele rosto sempre tivesse lhe pertencido.

4

Cambió

O ESTRANHO SENTADO NA FRENTE DE ALFIE não era um homem bom.

Alfie sabia por causa do modo como a magia fluía por ele. O homem usava uma máscara de tigre. Seu corpo magro era um quebra-cabeça de ângulos agudos. Com seu *propio* mobilizado, Alfie viu que a magia do homem era cinza. Rastejava por ele de maneira rápida e aguçada. Predatória. Cada um de seus movimentos era deliberado. Alfie sabia que deveria agir com cuidado.

Na verdade, ele deveria agir com cuidado perto de todos naquele lugar. Ao sentar no salão octogonal e olhar para a mesa de jogadores mascarados, o príncipe não conseguia ver nada além da magia colorida que se movimentava entre eles com intenções sombrias.

A voz de Paloma, sua tutora durante a infância, soou em sua cabeça: *Magia é uma força pura que flui pelo mundo, mas precisa de um condutor, de um lar. Somos esses condutores, recipientes onde a magia pode crescer. Um não sobrevive sem o outro. Damos vida e propósito a ela e, a seus olhos, cor. E quando terminamos, devolvemos a magia ao éter para que outro a tome.*

Paloma era uma dueña, uma filósofa que estudava magia em todas as suas formas e trabalhava no desenvolvimento e criação de feitiços. Enquanto a maioria dos dueños preferia trabalhar apenas com a criação e o estudo intenso da magia, alguns escolhiam compartilhar seus conhecimentos ao ensinar a arte mágica para crianças. Paloma havia sido tutora de Alfie desde que ele era um menininho, treinando-o até passar nos exames para se tornar um bruxo — um praticante

certificado de magia. Ela havia semeado nele um amor e um respeito pela magia que haviam apenas aumentado enquanto ele crescia. Graças a seu *propio*, Alfie tinha passado grande parte de sua vida vendo magia livre, sem cor e cintilante, fluindo pelo ar até ser tomada por um corpo humano e ganhar cor. Ele se concentrou e mobilizou seu *propio* na observação dos tons mágicos nos quatro jogadores.

Ao lado do Tigre, havia um homem enorme com máscara de urso. Dentro dele serpava uma magia verde, repugnante e desajeitada, como um muco. Ele tamborilava os dedos grossos sobre a mesa de madeira enquanto todos esperavam Rayan apresentar os prêmios da noite.

Uma criada colocou copos de sangria gelada diante de cada jogador. O Tigre tomou um gole e sorriu para Alfie, com os dentes manchados de vermelho.

O Urso acenou para a mulher. A mão dele era do tamanho da cabeça dela.

— Tequila — ele rosnou. A criada saiu da sala às pressas e voltou com um copo pequeno e uma garrafa, que o Urso tomou em um gesto, ignorando o copo como se fosse um insulto.

Quando ela colocou a sangria na frente de Alfie, ele não tocou na taça, mesmo que as consequências de não encontrar o que procurava naquela noite o deixassem ansioso por uma bebida. O álcool deixava sua sombra agitada. Ele precisava que ela ficasse parada para não atrair atenção indesejada. Controlar os movimentos de sua sombra era como tentar controlar suas expressões faciais durante uma conversa com alguém de quem não gostasse. Quando ele se concentrava, conseguia impedir que a sombra se movesse, assim como conseguia manter uma expressão cortês. Mas, quanto mais forte a emoção, mais difícil era controlá-la. Aquela noite, era crucial que sua sombra permanecesse imóvel.

Geralmente, aqueles com *propio* eram respeitados por sua conexão mais intensa com a magia. Mas ele não queria que ninguém suspeitasse que seu *propio* podia ajudá-lo a trapacear para ganhar os livros.

E era exatamente o que pretendia fazer.

Ele se concentrou nos jogadores e observou a magia fluir por eles mais uma vez.

Ao lado do Urso havia uma mulher com uma máscara de dragão. Quando olhou para sua magia, Alfie ajeitou a postura, confuso. Era vermelha, mas não tinha apenas um tom como toda magia que ele passara a vida observando. Era como uma colcha de retalhos com tons de vermelho que variavam constantemente, escurecendo e se aprofundando, e depois clareando mais uma vez. Uma graduação de escarlates, carmins e bordôs. Ele devia estar vendo coisas. Ela inclinou a cabeça e olhou para ele, abrindo um sorriso.

— Quer falar alguma coisa, Raposa? — Ela recostou na cadeira como se estivessem esperando pelo jantar e não pela oportunidade de obter mercadorias ilegais. — Ou eu devia te pegar pelo colarinho e te chacoalhar até você falar?

Os outros jogadores riram. Alfie se esforçou para encontrar uma resposta inteligente, mas foi salvo pela chegada de Rayan.

— Bem-vindos, senhora e senhores — Rayan disse. Seu nariz pequeno alargou e ele sorriu. Como a maioria dos homens absurdamente ricos que Alfie conhecia, Rayan era excêntrico e entediado, motivo pelo qual organizava aqueles jogos e adquiria os prêmios ilegais que os tornavam tão atraentes.

Nos braços de Rayan havia uma pilha com quatro livros de lombada preta — o prêmio da noite. Rayan sentou na cadeira dourada na cabeceira da mesa. Tinha uma atração pelo dramático.

— Estão todos prontos? — ele perguntou.

Os jogadores confirmaram. Um silêncio tenso recaiu sobre eles.

Rayan empilhou os livros no centro da mesa. O coração de Alfie estava disparado — uma batida para cada palavra em cada página de cada livro. O risco nos encontros de Rayan era que nunca dava para saber que jogo ele escolheria. Quem desejasse muito o prêmio, pagava a exorbitante taxa de participação e descobria na hora. E não eram prêmios quaisquer; alguns daqueles livros eram da Inglésia — e, como todas as mercadorias inglesas, eram completamente ilegais em Castallan.

Embora ele soubesse que o que a Inglésia havia feito ao seu povo, usando feitiços de drenagem para roubar sua magia, era terrível em todos os sentidos, Alfie mal podia se controlar para não pegar os livros de cima da mesa e sair correndo. Um deles poderia ter o tipo de encanto pelo qual Alfie vinha procurando desesperadamente — a magia que poderia ajudá-lo a encontrar Dez. Se houvesse um lugar que estudaria o feitiço necessário para transferir o *propio* de um corpo a outro, seria a Inglésia. A garota que havia feito Dez desaparecer naquele vácuo fizera aquilo com seu maldito *propio*, então se ele conseguisse encontrar uma forma de passá-lo para o seu corpo, conseguiria abrir o vácuo e resgatar Dez. Era sua única chance. Ele sabia disso.

Sem concentração e com os pensamentos tomados pelos livros, o *propio* de Alfie se esvaiu. Os tons de magia que coloriam os jogadores desapareceram.

— O jogo de hoje, senhora e senhores — Rayan disse com um floreio —, é cambió.

Ouviu-se um murmúrio de frustração ao redor da mesa, mas Alfie mal pôde conter o sorriso. Ele e Luka tinham passado muitas noites jogando cambió. Era um jogo cronometrado que envolvia, em partes iguais, sorte, estratégia e, é claro, magia. Enquanto a ampulheta corria, jogadores tiravam cartas do baralho ou podiam até mesmo tirar uma carta do jogador à sua esquerda na esperança de obter a mão mais forte.

E havia também as cartas encantadas.

No início do jogo, cada jogador recebia cinco cartas para encantar com sua magia. Então as cartas encantadas voltavam ao baralho e eram redistribuídas entre os jogadores, sendo que podiam estar encantadas com vantagens ou desvantagens. Uma carta encantada podia arruinar sua mão, transformando um imperador em um bobo da corte diante de seus olhos. Mas o oposto também poderia acontecer. Quando a areia da ampulheta chegasse ao fim, a melhor mão levava o prêmio para casa.

— Limpo ou sujo? — o Tigre perguntou. Sua voz era muito fria, calculista. Ele parecia alguém que ficava à espreita em cantos escuros, esperando sua presa passar um pouco perto demais.

— Sujo — Rayan respondeu com um sorriso.

A mesa se encheu de expectativa. Alfie arqueou as sobrancelhas sob a máscara. Rayan não liberaria o jogo sujo, a menos que os jogadores soubessem o suficiente de magia falada para jogar adequadamente. Aquelas pessoas deviam ser mais versadas do que as que ele costumava convidar. Deviam ser mercadores ricos e nobres que procuravam acrescentar algo raro e ilegal às suas coleções. Ainda assim, Alfie não esperava que Rayan fosse permitir um jogo de cambiό sujo, com o risco de um jogador morrer em sua propriedade. Agora, cada jogador corria mais perigo do que um minuto atrás.

Bem, todos menos Alfie.

— Uepa! — O garoto com máscara de macaco à direita de Alfie soltou um grito de empolgação, sacudindo o corpo diante da expectativa. Ele tamborilava os dedos na mesa, querendo que o jogo começasse logo. Alfie se concentrou nele; não havia tido a chance de observar a magia daquele garoto. Sua magia era amarelo-limão, enérgica e agitada. O príncipe analisou os dedos frenéticos do garoto. Era alguém que mal conseguia ficar parado, muito menos vencer um jogo de cambiό sozinho. Não precisava se preocupar com ele.

Com um floreio, Rayan tirou o baralho de uma pequena caixa decorada.

— *Mezclar* — ele ordenou. Como se estivessem sendo carregadas por um redemoinho, as cartas começaram a girar umas ao redor das outras, até que ele as chamou de volta para sua mão. Com outra palavra mágica de Rayan, cinco cartas flutuaram até cada um dos jogadores mascarados. — Todos conhecem as regras. Encantem as cartas como quiserem. Sejam tão cruéis quanto desejarem. Afinal, é um jogo sujo de cambiό. — Um brilho maldoso iluminou os olhos de Rayan.

Alfie viu os outros jogadores se debruçando sobre suas cartas, sussurrando palavras mágicas. No cambiό sujo não havia regras quanto ao encantamento das

cartas, mas Alfie esperava que ninguém usasse magia letal. Estavam ali em busca de livros raros, e não para sujar as mãos de sangue.

Mas ao observar a mesa, aquelas máscaras ameaçadoras, temeu que os jogadores não se importassem com isso.

Alfie fez alguns encantos simples em suas cinco cartas. Um que transformaria imperadores em bobos da corte, assim como magia desconcertante para desestabilizar seus concorrentes, confundi-los. Ele queria os livros, mas não machucaria ninguém. Não se pudesse evitar.

— Prontos? — Rayan bateu as mãos. — *Regresar.*

As cartas encantadas voaram de volta para suas mãos e se embaralharam.

— Vamos começar! — Com mais uma palavra de Rayan, as cartas voaram até os jogadores e cada um recebeu sete delas. Um monte grosso de cartas permaneceu no centro da mesa.

Os jogadores ficaram um minuto em silêncio, como se esperassem uma carta encantada fazer efeito. Alfie passou os dedos sobre as cartas e se concentrou; não via nenhuma magia nelas. Não precisava se livrar de nenhuma carta encantada ainda. E a maior sorte era que estava com uma boa mão.

Estava em segurança. Todos pareciam estar em segurança. Talvez aquele jogo não terminasse em sangue.

— O menor animal começa. Macaco. — Rayan indicou com a cabeça o garoto de máscara de macaco à direita de Alfie antes de virar a ampulheta. — Vai.

O Macaco mordeu a parte interna da bochecha, batendo os dedos ainda mais rápido na mesa. Então se aproximou das cartas de Alfie e seus dedos passaram sobre a carta do imperador.

Não pegue, não pegue, Alfie desejou.

Alfie se obrigou a curvar os lábios em um sorriso quase imperceptível, como se desejasse que o garoto pegasse aquela carta.

Funcionou. No último instante, ele afastou a mão, parecendo irritado. Alfie não passara nenhuma emoção. O garoto tirou uma carta do monte no centro da

mesa e devolveu uma de sua mão para o baralho.

Por um longo momento, ele não disse nada. Até que seus dedos pararam de tamborilar a mesa. E, depois de um ataque de tosse seca, sangue começou a sair de sua boca e respingar sobre a mesa. Em poucos segundos, seus olhos ficaram vidrados e leitosos. Ele levou as mãos à garganta.

Alfie levantou da cadeira e segurou no ombro do garoto, sem saber o que fazer.

— Alguém ajude! Ele precisa de ajuda! — Uma espuma sanguinolenta escorreu da boca do garoto quando ele caiu para a frente, com a cabeça sobre a mesa. O garoto de máscara de macaco ficou imóvel, com a boca aberta junto à madeira.

Rayan bateu palmas. Os anéis dos dedos se chocavam e tilintavam.

— Eso! Uma carta envenenada logo de cara!

Alfie encarou Rayan com o coração acelerado. Havia subestimado a perversão daqueles jogos. Devia ter imaginado algo como aquilo.

Rayan tocou um pequeno sino de prata. Dois homens entraram na sala e, segurando o corpo pelos braços e pernas, carregaram-no em silêncio para fora do salão. O cheiro do sangue do garoto cortava o ar como uma foice. Alfie ficou enjoado.

O homem sentado à sua frente, com máscara de urso, deu uma risada profunda e grave enquanto olhava para Alfie, achando graça. A mulher com máscara de dragão era a única outra jogadora que também estava paralisada. Alfie olhou para ela, procurando em sua linguagem corporal o choque que ele havia sentido dentro do peito, golpeando seu coração. Mas assim que percebeu que estava sendo observada, seu corpo relaxou, indiferente. Ela cruzou os braços, inabalável. Aquelas pessoas eram monstros.

Alfie se concentrou na carta, agora suja de sangue, que o garoto havia puxado. Dentro dela serpenteava uma magia verde e vil — a do Urso. Alfie lançou um olhar raivoso para ele. O Urso inclinou a cabeça, como se o convidasse a dizer algo, mas Alfie só conseguiu segurar suas cartas com muita força até seus dedos doerem.

Enquanto isso, Rayan embaralhou as cartas do garoto morto no monte e continuou como se nada tivesse acontecido. Uma criada entrou para limpar as

manchas de sangue da mesa de madeira polida.

Rayan indicou Alfie com a cabeça.

— Bem, agora que aquilo acabou, você pode continuar, Raposa.

Mas Alfie não conseguia se mexer. O cheiro de sangue ainda estava no ar. Ele mal conseguia olhar para a taça de sangria sem ficar com ânsia de vômito.

— Vamos, raposinha — disse o Urso com a voz áspera e lenta como sua magia.

Alfie olhou para ele com raiva e respirou fundo. Ele se concentrou, encarando o baralho. A carta de cima estava encantada pela magia cinza do Tigre. Antes de pegá-la, Alfie mobilizou seu *proprio* e deixou a magia que fluía por ele transformar seu azul-escuro no cinza do homem. Uma carta encantada não afetaria aquele que a encantou, então Alfie não tinha nada a temer, desde que igualasse sua magia à da carta antes de tocar nela. Ela o veria como seu mestre, e não o machucaria.

Alfie acrescentou a nova carta à sua mão e descartou uma das mais baixas que tinha. Esfregou o polegar sobre a face da carta e encontrou a magia nela. Quase soltou uma gargalhada: era uma carta inebriante, encantada para deixar o jogador que tocasse nela completamente bêbado.

Valeu a tentativa, Alfie pensou enquanto sorria para o homem com a máscara de tigre. Do outro lado da mesa, os ombros do homem ficaram tensos e Alfie sentiu uma onda de adrenalina em seu corpo. Ele não era tão implacável quanto aqueles jogadores, e nem queria ser, mas conseguia ganhar deles na esperteza facilmente.

Rayan sentou à cabeceira da mesa, eufórico com a tensão que crescia entre Alfie e o homem com a máscara de tigre.

— E a Raposa sai por cima! Por enquanto... Vamos, Tigre. Sua vez.

O Tigre procurou as cartas do Urso. Enquanto seus dedos pairavam sobre uma delas, o Urso rangeu os dentes. Com um sorrisinho, o Tigre puxou a carta de sua mão.

O homem com a máscara de urso bateu com o punho sobre a mesa e se levantou.

— Ele trapaceou! — ele urrou. Voava saliva de sua boca. — Ele viu as cartas que eu tinha na mão! Sei que viu! — Com os dedos curvados, um globo de fogo surgiu sobre a palma da mão do Urso. Todos os jogadores levantaram. Alfie foi o último, sem saber ao certo o que fazer. O suor em seu rosto estava fazendo a máscara escorregar. Será que todos matariam uns aos outros antes que as cartas o fizessem?

O Tigre flexionou os dedos em um movimento rápido e a sangria saiu girando do copo e ficou flutuando diante dele. Ele fechou o punho e a congelou como uma lâmina de gelo vermelho, pegando-a no ar e a segurando em posição de ataque. Era um encantador de águas, como Alfie. A Dragão flexionou os dedos e pareceu tirar uma adaga do nada. Alfie ficou apenas observando, segurando a cadeira atrás de si. Eles ficaram em silêncio, com os corpos enrijecidos de tensão enquanto Rayan permanecia sentado, de braços cruzados.

— Cálmate, Urso — Rayan disse, parecendo entediado. Ele tocou o sino. Um grupo de homens musculosos entrou no quarto, homens que ele havia contratado para protegê-lo nas noites em que organizava aqueles jogos. — Ou as cartas te matam, ou eles te matam. Entiendes?

A chama tremeu sobre a mão do Urso. O Tigre inclinou a cabeça na direção dele, com um sorrisinho de prazer no rosto.

— Certo — o Urso resmungou, sentando-se.

Rayan dispensou os homens, que saíram do salão em silêncio. Os outros jogadores voltaram a seus lugares lentamente. A adaga da Dragão desapareceu na manga de sua roupa. Com um movimento, o Tigre liquefez a sangria congelada e a conduziu de volta à taça. Alfie sentou devagar, segurando com firmeza as cartas em suas mãos trêmulas. Quando notou que a garota com a máscara de dragão o encarava, respirou fundo e forçou suas mãos suadas a ficarem paradas.

— Continuem. — Rayan cruzou uma perna sobre a outra. Alfie conseguiu ver o salto baixo do sapato dourado de Rayan. Aquele sapato, como muitas coisas em Castellan, era resquício da ocupação inglesa. Os ingleses, em geral, eram mais altos do que os castallanos. Durante o reinado dos ingleses, quanto mais parecidos

com eles, mais privilegiado e respeitado um indivíduo era. Então as pessoas de Castallan começaram a usar sapatos com salto para parecerem mais altas — mais inglêsias. O costume durava até aqueles dias.

A escravidão tinha aquele elemento estranho. Embora seus pais sempre falassem sobre o que havia sido tirado deles durante o reinado da Inglêsia — sua autonomia, sua magia, sua cultura, seu orgulho —, para Alfie, a questão não era tanto o que havia sido tirado, mas sim como Castallan havia recuperado pouco daquilo que era após expulsar seus conquistadores. Se realmente tinham se livrado da influência inglêsia e retomado suas raízes, por que ainda usavam sapatos com salto?

— Raposa — Rayan disse, afastando Alfie de seus pensamentos. — Continue.

Alfie tirou os olhos do sapato e jogou. Sua seleção de cartas ficava mais forte conforme a areia da ampulheta escorria. Durante o jogo, Rayan às vezes dizia uma palavra mágica e fazia as cadeiras dos jogadores darem a volta na mesa, mudando de lugar, o que deixava Alfie tonto.

— Afinal — Rayan explicou —, não dá para vocês pegarem sempre as cartas da mesma pessoa, conhecendo seus sinais e os usando a seu favor. Que graça isso teria?

Alfie se perguntou se aquela seria apenas mais uma forma de mantê-los alertas. Ele se esquivou de uma carta encantada após a outra, colocando-as de volta no monte quando as encontrava. Uma deveria fazê-lo vomitar sem parar, outra obscureceria sua visão durante três rodadas, e quando encontrou a terrível carta que havia matado o garoto com a máscara de macaco, pegou-a para si e a descartou no fim do monte, evitando outra morte naquela sala.

Sem o Macaco, a mulher com a máscara de dragão estava à direita de Alfie. Quando a areia da ampulheta estava chegando ao fim, ela pegou a carta inebriante da mão dele com dedos confiantes. Provavelmente presumiu que ele não tivesse nenhuma carta encantada, uma vez que ainda não havia expressado nenhuma reação. A suposição poderia estar correta, mas não naquele caso.

Assim que tocou na carta, deixou escapar um soluço e seu corpo todo relaxou

enquanto soltava uma gargalhada lenta e arrastada.

— Sabe o que acabei de perceber? — Outro soluço. — Estou usando uma máscara por cima de outra máscara. Entenderam? Entenderam o que estou tentando dizer, pendejos? Estou usando duas máscaras ao mesmo tempo! — Ela jogou a cabeça para trás e riu como se tivesse tomado uma banheira de sangria.

Rayan massageou as têmporas.

— Toda vez alguém faz uma carta dessas. Dragão, você pegou uma carta da Raposa. Por favor, devolva uma carta como manda a regra — Rayan disse à garota, impaciente.

— Chama essas coisas idiotas de máscaras? — Ela apontou com indiferença para sua máscara vermelha. — Já usei mais máscaras do que vocês, idiotas, são capazes de contar! Poderia mostrar como se faz uma máscara de verdade!

— Podemos continuar o jogo, senhorita? — O Urso resmungou. Mas a garota não parava de rir.

Rayan soltou um suspiro longo

— Apenas descarte a droga de uma carta, Dragão. Faça isso ou se retire do jogo.

— Está bem, está bem! — ela disse. — Mas a verdade está na cara de vocês! Na *minha* cara, na verdade — ela disse, rindo alegremente como uma criança que guarda um segredo. Alfie não tinha tempo a perder. Estava perto demais de ganhar os livros. Seus dedos estavam ávidos para virar aquelas páginas, mas tudo o que podia fazer era esperar aquela garota parar de rir.

Ela finalmente escolheu uma carta para descartar, mas a jogou na direção de Alfie, em vez de colocar no fim do monte. Começou a rir quando a carta bateu no nariz da máscara dele. Ele devia ter deixado a carta cair no chão. Devia ter saído da frente ou até mesmo impedido que a carta tocasse nele com uma palavra mágica. Mas, em vez disso, levantou a mão, deixando sua magia se igualar ao tom de vermelho que viu girando dentro da carta, e a pegou quando ela caiu de seu rosto.

Talvez fosse destino. Ou apenas reflexos rápidos. De qualquer modo, estava feito.

Assim que tocou na carta, tomou um choque nos dedos como se tivesse encostado em um raio. Estava certo sobre a magia dela ser diferente. Não havia sido ilusão de óptica. Aquela carta era estranha. Ele se concentrou nela. Era uma carta encantada com a magia vermelha da garota. Assim como havia observado antes, a cor mudava de tom, formando uma complexa colcha de retalhos vermelhos que não se estabilizavam. Ele não conseguia imitá-la em um piscar de olhos, como fazia com as cores dos outros.

A magia era ágil e veloz como um chicote. Se aquela magia tivesse rosto, estaria sorrindo, e Alfie queria saber por quê. Pressionou-a um pouco mais e, sob a superfície, sentiu um pulso. O pulso foi acelerando como se algo estivesse chegando a um ponto crítico. Aquilo lembrava alguma coisa. Um pouco tarde demais, Alfie descobriu o que era.

Uma contagem regressiva.

Da face da carta, explodiu uma nuvem de fumaça com cheiro doce. Alfie jogou-a sobre a mesa e levantou da cadeira tão rápido que ela caiu no chão. Cobriu o nariz e a boca com as mãos. Escorria suor de seu rosto. Seria venenosa?

Rayan, um manipulador de ventos, expulsou o ar, impedindo, sem perceber, que Alfie o respirasse. Todos no salão começaram a tossir. Alfie ouviu cadeiras caindo e corpos batendo no chão. Quando o ar clareou, todos os outros jogadores estavam caídos inconscientes, com as máscaras tortas. Os homens de Rayan haviam entrado na sala, mas também acabaram vítimas da fumaça. Apenas Rayan e Alfie continuavam em pé. Alfie olhou para a mesa e seu coração disparou.

Os livros não estavam mais lá.

Tudo o que ele havia feito tinha sido em vão. Havia mentido para a sua família e voltado para aquele palácio silencioso, cheio de lembranças de Dez, por nada.

— Ladra! — Rayan gritou, apontando o dedo gordo para alguém atrás de Alfie.

A mulher com a máscara de dragão tinha saído pelas portas de vidro que davam

para a sacada e, desajeitadamente, subido no parapeito de pedra, quase caindo no processo.

— Gracias pelo jogo, senhores. — Ela soltou outro soluço alto. Os efeitos da carta estavam longe de passar. Ela tirou a máscara, revelando um rosto arredondado, com lábios carnudos e sobrancelhas grossas. — E não se preocupem em procurar por mim. Posso ser um pouco difícil de encontrar — ela alertou, com um sorriso embriagado.

Ela passou as mãos pelos cabelos e os fios longos e lisos se transformaram em cachos. Passou a mão sobre o rosto e o nariz ficou mais reto e curto. Os olhos ficaram maiores... O rosto todo mudou com um rápido toque.

Outro soluço e ela cambaleou, girando os braços antes de cair de costas pela sacada. Alfie pôde ouvi-la praguejando quando chegou ao chão e saiu correndo. Rayan ficou paralisado, boquiaberto.

Com a máscara de raposa firme no rosto, Alfie saiu correndo pelas portas duplas da sacada e, após um momento de hesitação, saltou pela borda. A queda era de uma altura de cinco homens.

— *Amortiguar!* — Quando ele aterrissou, agachado e apoiando as mãos no chão, a rua de pedra estava macia como areia. Ele pegou impulso e saiu correndo, desaparecendo na noite.

5

A ladra de rostos

ALFIE CORREU ATRÁS DA GAROTA PELO LAÇO, ainda de máscara.

Ele a perseguiu enquanto ela se lançava pelas fileiras de propriedades coloridas, batendo o ombro no tronco de uma mangueira muito bem cuidada que florescia entre as casas. Seguiu-a por uma esquina, na direção de uma praça cheia de lojas caras onde os ricos gastavam seus pesos, mas quando saiu de uma rua estreita, cheia de haciendas, que dava para a praça comercial, a garota desaparecera. Seu coração ficou apertado e ele olhou para todos os lados, movimentando-se em círculo. Ela tinha que estar ali, não tinha? Ele estava logo atrás dela. Alfie não podia perdê-la, não podia perder aqueles livros. Aquela noite precisava compensar seu retorno e suas mentiras. Não retornaria de mãos vazias.

Alfie caminhou pela praça, procurando nos espaços estreitos entre as lojas, onde a garota poderia se esconder. Durante o dia, aquela praça comercial estaria cheia de vendedores distribuindo pedaços de pudim e mandioca frita em palitos grossos. Mas eles tinham ido para casa havia algum tempo. Sob a lua cheia, a praça estava escura e silenciosa.

Quando passou pela loja de uma costureira, sentiu vidro sob os pés. A vitrine havia sido quebrada, mas a loja estava vazia. Estranho. Ele continuou a andar. Não queria perder a garota. Adiante viu uma mulher de vestido amarelo e chapéu de abas largas sair cambaleando de uma viela entre duas lojas. Ele parou. Quantas pessoas estariam andando por uma praça comercial vazia no meio da noite? A sombra dela oscilava aos seus pés como um marinheiro bêbado. Quando ele se

concentrou, pôde ver aquela magia vermelha cambiante zunindo em seu interior. Alfie correu para alcançá-la.

— Señorita — Alfie disse, entrando na frente dela. — Os livros.

A voz arrastada por baixo do chapéu era forçadamente aguda, como se ela estivesse tentando disfarçar.

— Meu jovem, não tenho ideia do que você está falando!

Ela podia ter se escondido dele de muitas formas, inclusive mudando de rosto. A carta inebriante devia ter sido muito forte para ela agir de maneira tão ridícula.

Alfie derrubou o chapéu da cabeça dela e lá estava o rosto que ele tinha visto antes de sua queda da sacada.

— Sei quem você é. Os livros, por gentileza.

— Que grosseria! — ela o repreendeu e o empurrou. — E você não me conhece. Ninguém me conhece.

— Quão bêbada está se realmente pensou que esse disfarce absurdo funcionaria? — Alfie perguntou.

— O suficiente para mandar você ir se ferrar — ela ironizou. Sua sombra movimentava-se furiosamente aos seus pés, e Alfie a segurou pelos ombros para impedir que caísse. — Me solta. — Ela o empurrou. Alfie levantou as mãos, rendendo-se. Ele não sabia como continuar. Ela estava bêbada, ele não queria se aproveitar...

Ele balançou a cabeça. Era ela quem havia se aproveitado da situação. Ele não devia nada a ela.

— Por favor, não torne tudo ainda mais difícil. Não vou te denunciar aos guardas. Apenas me entregue os livros e vá embora, quem quer que você seja por trás desse feitiço de ilusão. — Alfie conseguiu igualar sua própria magia à dela por um breve instante. Procurou pela magia que ela havia usado para se ocultar, esperando bloqueá-la do mesmo modo que havia bloqueado as cartas encantadas no jogo de cambió.

Ele franziu a testa. Não sentia a estrutura do feitiço de ilusão nela. Estranho. Era o equivalente a não encontrar nem um ponto de costura em uma peça de

roupa. Ele não sentia nada além da magia vermelha que corria por ela como uma segunda corrente sanguínea. Sem parar. Todo *propio* tinha um limite, uma restrição dura sobre seu poder. Quando se tratava de Alfie, o único tipo de magia que ele era incapaz de bloquear era o *propio* de alguém. Se ele não conseguia quebrar a magia que ela estava usando para mudar de aparência, aquele devia ser seu *propio*. Paloma sempre dizia que o *propio* refletia a essência de uma pessoa, de sua alma. Que tipo de pessoa ela era se, por baixo de tudo, era outra pessoa?

Uma mentirosa, Alfie pensou. Alguém em quem não se pode confiar.

Ainda assim, ele não queria machucá-la, se não fosse necessário.

Ele estendeu a mão. Sua sombra se enrolou bem em seus pés.

— Os livros, por favor.

Ela recuou, cambaleando de embriaguez.

— “Por favor” não é uma forma aceitável de pagamento. Se quiser os livros, pode pagar por eles ou me dar algo de mesmo valor. Caso contrário... — *Solução.*

— Pode sumir da minha frente.

— Tudo bem. — Ele suspirou. — Quanto?

Ela o observou, e ele logo soube que a garota estava tentando decidir até quanto poderia cobrar. Desejou não estar usando um manto feito com um tecido tão sofisticado.

— Um milhão de pesos de ouro — ela gritou, jogando a cabeça para trás.

— Qué?

— Você ouviu.

Alfie a encarou.

— Não seja ridícula.

Ela deu de ombros.

— Não perca em jogos de carta.

Alfie rangeu os dentes.

— Señorita, não quero machucá-la.

— Não se preocupe — ela disse com uma gargalhada efervescente. — Você não vai.

Alfie se irritou com o tom mordaz da risada dela.

— Os livros são meus. Se você não tivesse interrompido o jogo, eu os ganharia de maneira honrosa.

— Acha mesmo? — Ela abriu um sorriso sarcástico, e Alfie pensou que ela sempre devia abrir um daqueles, não importava qual rosto estivesse usando. Ela olhou para baixo, para a sombra dele, que se contorcia de irritação aos seus pés. — Eu arriscaria dizer que estava usando seu *proprio*. Não é tão honroso, se quer minha opinião.

Alfie estreitou os olhos.

— Quem é você para me chamar de desonroso? Você é uma ladra.

Ela jogou as mãos para o ar como se ele tivesse acabado de dizer a coisa mais idiota que já tinha ouvido.

— E você está tentando roubar de uma ladra. Eu diria que isso te coloca abaixo de mim.

Alfie lançou um olhar irritado para ela e suspirou.

— Olha, não quero te machucar — ele disse com a voz áspera de tanta irritação.

Ela cruzou os braços.

— Ótimo, porque duvido que consiga.

Algo em seu tom de voz o deixou possesso.

— Então me deixe tentar — ele disse em tom equilibrado e seguro. Queria se sentir perigoso, como os participantes do jogo de cambió. Usava uma máscara de raposa, mas estava se comportando como a droga de um cordeirinho. A garota tinha roubado dele, e ainda assim ele estava hesitante. Aquela noite, seria uma raposa. — Vamos jogar para ver quem fica com os livros.

— Já não perdeu jogos demais por uma noite, muchacho? — ela perguntou, rindo.

— A cada vez que eu te machucar — Alfie continuou — ganho um livro. A cada vez que você me machucar...

— Machucar você já é um bom prêmio, obrigada. — Ela puxou o vestido para cima e xingou como um marinheiro quando seus braços e cabeça ficaram presos nele por um momento um tanto quanto constrangedor. Alfie revirou os olhos. Era como lidar com uma versão mais violenta de Luka bêbado.

Ela jogou o vestido sobre o ombro. Agora usava a camisa preta e a calça acinturada que estava vestindo no jogo de cambiô. A bolsa preta atravessava seu corpo, de um dos ombros até o quadril do lado oposto.

Ela se colocou em uma posição defensiva desleixada, desestabilizada por um soluço.

— Vamos jogar, então.

Houve um momento de silêncio. Aquele momento tenso de transbordamento da fúria antes de duas pessoas pularem no pescoço uma da outra. Pelas fendas da máscara dele, seus olhares se encontraram. Ela movimentou o punho e uma fileira de pedras do tamanho da mão dele elevaram-se do calçamento.

Parte de seu corpo desejava atacar rápido. Mas ele esperou.

Paciência, príncipe Alfêhr. A paciência é magia por si só. A voz de Paloma soava em sua cabeça. Alfie se colocou em posição defensiva e esperou. A garota olhou para ele e bufou, irritada.

— Não sei se você percebeu, mas estou um pouco alterada. Gostaria de ir para a cama em um horário decente. Então vamos agilizar isso aqui. — Ela inclinou a cabeça e lentamente o mediu de cima a baixo. — A menos que você queira esquecer a luta e ir para lá comigo?

Alfie ficou tenso, desconcentrando-se um pouco.

Ela esticou os dedos e lançou as pedras para a frente. Alfie, sem muito jeito, extraiu filetes de água do ar úmido e os congelou em uma lâmina de gelo para bloqueá-las. Mas não foi suficiente. Conseguiu bloquear duas das pedras, mas foi

atingido no peito pelas outras. Ele recuou e levou a mão ao peito dolorido. Havia sangue sob sua camisa.

— *Sanar* — ele disse, curando os ferimentos.

— Um já foi. — Ela sorriu. — Vamos estabelecer três golpes e o jogo termina. Está um pouco tarde para um filhotinho como você estar sem sua mamá. Não queremos que ela fique preocupada, né?

Alfie olhou feio para ela por trás da máscara.

A magia elementar era visceral, física. Não exigia tanto estudo ou foco quanto a magia falada ou escrita. Mas requeria instinto, o que sempre parecia faltar a Alfie. E, devido à preferência dos nobres por magia falada e escrita, outro resquício do domínio inglêsio, apenas conhecimentos rudimentares dos elementos eram necessários para completar os estudos de um bruxo. Alfie nunca havia se defendido dela em uma luta.

— Por que você recuou? Já está com medo de mim? — O sorriso sarcástico dela ficou mais afiado.

Alfie rangeu os dentes.

— Certo. Três golpes e o jogo termina. — Dessa vez ele estaria pronto. Ela mal conseguia ficar em pé. Ele usaria aquilo a seu favor. Ele a chamou com a mão estendida.

— Se quer terminar essa briga, então venha.

A garota riu.

— Já que insiste.

Ela atacou com passos rápidos, porém desajeitados. Quando levantou as mãos, Alfie viu sua magia vermelha fluir de seu corpo para o chão, puxando três grandes pedras do calçamento. Ela havia utilizado tanta energia apenas para pegar três pedras?

Quando ela pensou em atacar, Alfie olhou para os pés dela e disse:

— *Adherir!*

Os pés da garota pregaram-se ao chão como se estivessem colados. O impulso que havia tomado enquanto corria agiu contra ela, que caiu de cara no chão, com uma pancada sonora. As pedras desabaram e uma delas a atingiu nas costas. Ela soltou uma série de xingamentos enquanto tentava levantar, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Sua testa estava sangrando. Alfie permitiu que seus pés se soltassem.

— Um a um, então. — Ele cruzou os braços, orgulhoso. Ela era uma lutadora, mas não tinha treinamento adequado. Quando escultores de pedras que haviam estudado magia invocavam a terra, Alfie podia ver a magia colorida deles oscilar com precisão para erguer pedras. A dela emergiu de maneira impulsiva apenas para pegar três pedras. Com aquela quantidade de energia, ela seria capaz de muito mais, mas não tinha disciplina. Logo se cansaria. Se ele jogasse com destreza, seria como o jogo de cambió. Ela podia ser mais forte e rápida, mas ele era mais esperto.

— É claro que você é adepto da magia de escrivainha — ela resmungou, ficando em pé com instabilidade. Alfie inclinou a cabeça. Nunca tinha ouvido alguém se referir às magias falada e escrita com aquele termo, ou com tanto desdém. — Faz sentido, você se move como se tivesse passado toda sua vida maldita sentado em uma.

Alfie estendeu a mão.

— Um livro, por favor.

Ela o encarou indignada.

— Você não me machucou.

Alfie a observou.

— Você se machucou graças à minha magia. Isso conta.

Ela se irritou e jogou um livro na direção dele com tanta força que o objeto bateu em seu peito.

— Sua primeira e única vitória da noite, Raposa — ela disse com a voz arrastada. — Aproveite.

Nos lábios de Alfie, formou-se um sorriso que ele esperava ser páreo para o dela.

— É o que vamos ver, Dragão.

Com um movimento rápido, ela avançou sobre ele com o punho erguido e deu um soco atrapalhado. Alfie virou de lado e os ossos da mão dela tocaram seu rosto enquanto ele segurava seu braço.

— *Adormecer!*

O braço dela caiu de lado, mole, balançando como um pêndulo. Ela encarou Alfie.

— Mas o que...

Ele deu um chute ligeiro na barriga da ladra, fazendo-a cair de costas. Não era um golpe de quebrar costelas, mas ficaria dolorido no dia seguinte.

A garota se esforçava para ficar de joelhos, com o braço ainda dormente. Ele sentiu uma onda de satisfação ocupar seu peito quando viu a expressão de surpresa dela. Talvez fosse mais raposeiro do que pensava.

Alfie se aproximou e levantou a mão.

— Eu poderia deixar seu outro braço dormente também, mas como você me entregaria outro livro?

A garota olhou para ele com raiva. No chão, entre os dois, suas sombras se estranhavam. Só pelo olhar, ele devia ter percebido que ela estava prestes a trapacear. Mas Alfie estava distraído pela interação de suas sombras. Era muito parecido com o que acontecia quando ele e Dez discutiam quando eram crianças. Seu coração doeu ao ver aquilo.

Assim como com a carta que ela havia usado no jogo, ele descobriu suas intenções um pouco tarde demais. Ela movimentou a mão para cima. Uma pedra do calçamento voou entre as pernas de Alfie e o acertou na virilha.

A dor lancinante o fez cambalear. Nesse meio-tempo, ela levantou e seu punho estava encoberto por um globo de pedra. Antes que pudesse dizer uma palavra mágica, ela o atingiu com um soco potente. A pedra quebrou seu nariz. Uma parte da máscara se estilhaçou e se desfez. Ela deu um passo à frente, com a palma

da mão virada para o alto. Uma coluna de terra revestida por pedras se elevou do chão e golpeou o estômago dele como um punho.

Alfie voou para trás, batendo na parede de uma loja que estava atrás dele. Sua bolsa escapou do ombro e foi parar à sua frente, bem no meio do caminho entre ele e a ladra.

Finn devolveu a coluna de terra para o chão.

Por um instante, ela pensou que ele ia se recuperar. Ele se afastou da parede, levantando a mão na direção dela, mas depois caiu para trás, escorregando lentamente até o chão. Sua máscara, agora quebrada e frouxa, estava apoiada sobre o nariz ensanguentado.

Ela balançou o braço dormente em vão. Estava começando a formigar. Com sorte, logo voltaria ao normal. Aquele idiota o havia deixado tão dormente que era quase como se o tivesse cortado fora.

— Pendejo — ela murmurou quase tropeçando nos próprios pés enquanto cambaleava na direção dele. A carta inebriante ainda confundia sua cabeça. O encanto a deixara tão bêbada que ela tinha tentado roubar um vestido antes de se dar conta de que poderia simplesmente mudar seu rosto. Por outro lado, estava embriagada demais para fazer o rosto se mexer. Mas ainda assim havia vencido. Mesmo bêbada como um gambá, era imbatível. Nada mal.

Ela vasculhou os bolsos dele e parou, surpresa. Havia uma garrafinha de bebida em sua cintura. Não esperava aquilo de alguém tão frouxo. Finn a abriu e derrubou o líquido no chão. Bem feito para ele, por ter sido tão inconveniente. Ela vasculhou todos os bolsos, pegando o que encontrava antes de levantar e virar a cabeça dele com a ponta da bota. A cabeça caiu novamente no chão, com o maxilar frouxo, os lábios entreabertos. Sangue escorria de seu nariz.

Ele obviamente não sabia como lutar com magia elementar, mas não precisava andar com uma garrafa de água; tinha talento o suficiente para extraí-la do ar. Com certeza era um bruxo. Devia passar seus dias sossegado em alguma hacienda

gigantesca, aprendendo magias complexas em vez de trabalhar fazendo bicos nos círculos mais pobres da cidade. Com certeza tinha estudado, mas a pomposa magia de escrivadinha não era suficiente ali. Eles estavam na rua e não em uma arena de duelos.

— A vantagem de se jogar em casa — ela disse para o corpo imóvel dele. — Nada pessoal.

Ela pensou em tirar o disfarce dele, mas conhecia melhor do que ninguém a importância de uma boa máscara. Que direito ela tinha de tirar aquele conforto de alguém? Virou as costas e cambaleou até a bolsa que tinha caído do ombro dele quando foi jogado para trás. Vasculhou-a e encontrou o livro que ela havia lhe dado e mais pesos de ouro.

Ela desejou que na bolsa do garoto houvesse algum tônico para curar a dor de cabeça que martelava o fundo de seus olhos. Sua sombra oscilava como um navio atracado. A droga daquela carta idiota e a droga desse garoto idiota. Atrás dela, ele gemia de dor. Ela se virou e o viu se apoiando nas mãos e nos joelhos.

— Você não joga limpo — ele resmungou, ajeitando o que restava da máscara antes que ela caísse de vez de seu rosto. Ela o viu colocando a mão sobre o nariz, provavelmente fazendo alguma magia de cura. Seria ótimo se ela pudesse fazer aquilo também, em vez de ter que pagar bruxos clandestinos de araque do Aperto, que juravam ter passado em seus exames de certificação.

— Não se engane. Eu não estava jogando — ela disse, soltando a bolsa dele e levantando.

— Não está esquecendo de nada? — O garoto levantou a mão e entre seus dedos estava a carta que ela havia usado para derrubar os jogadores de cambió.

Ela balançou a cabeça. O movimento a deixou com náuseas.

— Você é uma raposinha esquisita.

Ele estalou os dedos e a carta voou para ela.

Ela a pegou por reflexo.

Então notou algo estranho.

Ela mesma havia encantado a carta, então só ela poderia controlá-la, e mais

ninguém. Ela a havia encantado para soltar aquela fumaça entorpecente no salão de Rayan. Só isso. Ainda assim, podia sentir a carta pulsando com sua própria magia, como se estivesse ordenando que soltasse a fumaça novamente, naquele exato momento, para atacá-la. Mas era impossível, só podia ser um truque.

— Você disse que queria estar na cama em um horário decente — o garoto disse. A carta soltou uma nuvem daquela fumaça doce. A cabeça de Finn ficou pesada. — Durma bem.

Uma raposa teria deixado a garota cair no chão sem fazer nada para protegê-la. Um cordeirinho a teria carregado até algum lugar seguro. Mas Alfie não era nenhum dos dois, então não faria nada daquilo. Quando ela caiu, ele disse uma palavra mágica para amortecer sua queda. Levantou, trêmulo, e se inclinou para a frente com a mão sobre o estômago, onde ela o havia atingido até ele ficar sem ar. Ela realmente não estava jogando.

Ele transferiu os livros da bolsa dela para a sua. Depois a segurou debaixo de seus braços e a arrastou para uma viela escura entre duas lojas. Alfie a deixou apoiada na parede. Agora, se aparecesse um guarda fazendo a ronda, provavelmente não a veria. E se ela acordasse antes do sol nascer, teria tempo de sobra para escapar. O que ia acontecer dependeria dela. Ele olhou para cima e a escuridão da noite estava turva por causa das nuvens. Parecia que ia chover.

Alfie tirou o manto e o jogou sobre os ombros dela, amarrando-o em seu pescoço. Então ficou satisfeito.

Afastou-se da ladra e jogou sua maçaneta na parede em que ela estava apoiada. A maçaneta afundou na pedra, ele a deixou escurecer e assumir seu azul-escuro. Para que sua magia *propio* funcionasse para viajar, ele designou um tom de magia para cada localização, e um toque especial na maçaneta.

Girou-a uma vez para a direita e sussurrou:

— *Voy.*

A magia o obedeceu e a parede se abriu diante dele, convidando-o a entrar na quietude colorida de seus canais. Alfie deu uma última olhada para a garota, ainda adormecida. Pensou em esperar ela acordar.

Depois lembrou do golpe que tinha levado na virilha.

Você não é uma raposa, também não é um cordeirinho. E definitivamente não vai ser um tolo, ele pensou.

Ele se virou e adentrou a magia como se fosse uma estrada bem conhecida.

6

O baú

O TÚNEL DE MAGIA TERMINOU NO QUARTO DE ALFIE. Ele fez uma careta de dor, sentou na beirada da cama e tirou os livros da bolsa.

Havia cinco tomos, e não quatro como ele esperava. Alfie devia ter pego um da própria ladra por engano. Era um caderno pequeno, do tamanho da palma de sua mão. Ele ficou surpreso ao ver que as páginas estavam ocupadas por belos desenhos de rostos. Estavam desenhados com tanto cuidado que Alfie não conseguia imaginar que haviam sido produzidos pela pessoa que o socou com um punho revestido de pedra. Ela devia ter roubado aquilo. Alfie o guardou de volta na bolsa e voltou sua atenção aos quatro livros do jogo.

Todos, exceto um, eram inglêsios. O último era um livro antigo e fino escrito em castellano tradicional.

Alfie folheou as páginas e sorriu ao encontrar histórias conhecidas. Era a primeira edição rara de um livro famoso sobre mitos e lendas castallanos. Nele, havia até sua história preferida de quando era criança: “O nascimento do homem e da magia”.

Deixando a exaustão de lado, Alfie não se conteve e começou a ler, lembrando de como havia ficado fascinado quando Paloma lera aquela história para ele e Dez.

No início, antes de haver homem e mulher, areia e mar, sol e lua, havia apenas deuses. Em um dia sem sol, ou talvez em uma noite sem lua, os deuses adoeceram. Eles espirraram, e por entre os dedos colocados sobre os narizes, estrelas se libertaram, espalhando-se pelo céu. Quando tossiram, sopros de nuvens acolchoaram o cosmos. Eles tiraram sujeira debaixo das unhas e a terra floresceu. Secaram o suor da testa e as poças salgadas tornaram-se oceanos.

Os deuses decretaram que a terra que criaram precisava de cuidados. Então, da luz das estrelas, da lama do fundo do oceano e do sopro das nuvens, fizeram homem e mulher para serem guardiões da terra. Mas criar seres humanos não era como criar oceanos e estrelas. Homens tinham corações, e os deuses não conseguiam entrar em um acordo sobre como preenchê-los.

Então Luz tomou metade da humanidade em suas mãos e a preencheu com claridade.

Sombra tomou o restante e o recobriu apenas com escuridão.

Mas ambos, o deus e a deusa, estavam errados.

A história continuava como a maioria dos contos infantis — com o surgimento de um vilão monstruoso. Sombra, o deus que criou a escuridão, foi se misturando a ela até se tornarem um só. Conforme a escuridão ganhava força, ele ganhava também. Ele desejava extinguir a luz e mergulhar o mundo nas sombras. Diziam que o mundo era um lugar estranho naquela época, oscilando com o desequilíbrio entre claridade e escuridão enquanto Luz e Sombra lutavam pelo controle da humanidade. A correnteza dos rios era violenta e as flores cresciam tanto que ficavam do tamanho de castelos. Criaturas mitológicas vagavam pela terra. Mas antes que o deus corrupto conseguisse obscurecer o globo, um homem de escuridão e uma mulher de luz se uniram e se tornaram um só. O homem caiu e se estirou aos pés da mulher, tornando-se sua sombra. A união dos dois criou a humanidade como devia ser: um equilíbrio de luz e escuridão. Desse equilíbrio, surgiu a magia e o mundo enfim encontrou sua estabilidade. Os rios ficaram azuis. As flores, pequenas o suficiente para serem seguradas entre os dedos delicados de uma criança. Dragões encolheram até se tornarem lagartos e todas as feras lendárias desapareceram. Então chegava a parte preferida de Alfie e Dez.

Sombra exigiu que a luz fosse extinta. Como punição, ele foi expulso do paraíso e proibido de voltar. Quando caiu na terra, a escuridão dentro dele corrompeu todos que cruzaram seu caminho. Os melhores bruxos do mundo tiraram do deus o poder obscuro que ele tanto amava, transformando seu corpo, antes imortal, em uma pilha de ossos. Aprendendo com os erros de Sombra, os outros deuses e deusas voltaram seus olhos para o paraíso. Construíram o reino para onde iriam seus filhos depois da morte e deixaram todas as questões terrenas para os seres humanos.

Ele e Dez tinham muitas perguntas para Paloma depois de ouvir a história. Como eles capturaram Sombra? Era verdade que, se Sombra retornasse, aconteceria o que as lendas chamavam de Nocturna? Algo que Alfie havia lido

como uma grande escuridão que Sombra lançaria sobre o mundo, a destruição de todas as coisas boas. Mas Paloma ignorava as perguntas, dizendo para eles prestarem atenção na moral da história.

Todos carregamos o bem e o mal dentro de nós, luz e escuridão. É o que nos torna humanos. E, lembrem: não importa o quanto nos afundemos na escuridão, nunca é tarde demais para procurar a luz.

Alfie acariciou o livro com o polegar. O bem e o mal eram tão óbvios naquela época. Agora, enquanto observava os livros ilegais que havia roubado de uma ladra, não eram tão claros. Alfie deixou de lado aqueles pensamentos. Afinal, ele estava com os livros. Devia aprender o que pudesse com eles. Assim, Alfie pegou o exemplar que estava por cima. Os primeiros dois livros eram sobre história inglesa, inúteis para ele. O seguinte, era sobre lendas e folclore ingleses — outra perda de tempo. Alfie olhou para o último tomo.

Se ali não estivesse o conhecimento de que ele necessitava para salvar Dez, teria que desistir de uma vez por todas. Engolindo em seco, Alfie pegou o exemplar, desejando que trouxesse o que ele precisava. O livro era tão antigo que as letras douradas na lombada estavam apagadas, mal dava para ler, mas Alfie arregalou os olhos quando decifrou o título: *Confinando os condenados*.

— Coño! Pelo amor dos deuses — Alfie praguejou revirando os olhos. Ainda assim, abriu o livro e começou a ler.

Logo ficou claro que se tratava de um livro excêntrico. O feitiço em seu interior parecia experimental, quase fantástico.

Alfie arqueou as sobrancelhas enquanto lia capítulos sobre monstros com poderes obscuros e como confiná-los com estranhas técnicas mágicas.

O livro falava de magia ancestral. Magia com alma, que coloria homens com seus desejos e os manipulava a seu bel-prazer. Magia nascida do pecado do homem.

Alfie riu. O que viria em seguida? Feitiços para matar dragões? Parar o tempo? Impedir a morte? Os homens coloriam a magia, essa era uma verdade universal.

O temor à magia colorida pelo pecado era apenas algo que se dizia às crianças para que pensassem duas vezes antes de se envolver com feitiços perigosos.

Ainda assim, ele não conseguia tirar os olhos das ilustrações de criaturas grosseiramente contornadas em preto. Monstros feitos de fumaça e escuridão que pareciam ter saído dos pesadelos de uma criança e gravados sobre as páginas velhas daquele livro. Ele avançou para o capítulo seguinte. Seu título podia ser traduzido como “A força dos círculos: sobre confinar e banir as entidades obscuras”. Não fazia o menor sentido, ele sabia, mas não conseguia parar de ler, não conseguia deixar de ter esperanças de que em algum lugar naquelas páginas pudesse encontrar alguma informação útil.

O capítulo falava do círculo como símbolo de eternidade e descrevia um feitiço que prometia confinar espíritos, demônios e entidades de poder obscuro em objetos com um círculo de sangue e uma palavra mágica. A magia escrita era uma arte que ele já havia praticado com tinta e giz, mas o livro falava de magia escrita com sangue. A magia de sangue só era usada em trabalhos que Paloma chamava de “repugnantes”.

“Se o feitiço que você procura requer sangue”, ela havia dito uma vez, “a primeira coisa a se fazer é pensar se você quer mesmo executá-lo.”

Mas talvez a magia que poderia ajudá-lo a encontrar Dez exigisse um pouco de sangue e muita coragem. Alfie passou o polegar pelo círculo escuro desenhado no livro e o imaginou respingado em vermelho.

As portas do quarto de Alfie se abriram de repente e Paloma entrou com a túnica vermelha de dueña esvoaçando atrás dela. Quando os olhos dela o encontraram, foi tomada por uma raiva que o garoto nunca tinha visto antes.

Ela atravessou o quarto e ficou tão perto dele que seus narizes quase se tocaram.

— Onde você estava?

Alfie abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Por reflexo, começou a puxar os livros para mais perto de si, mas Paloma os arrancou à força. Seus lábios ficaram tensos quando ela viu do que se tratava.

— Paloma, eu posso explicar... — Alfie disse com nervosismo.

— Luka veio te procurar e encontrou a cama vazia — Paloma afirmou, semicerrando os olhos. — Você tem sorte de ele ter me chamado antes dos seus pais.

Mesmo sabendo que havia sido pego, Alfie não conseguiu deixar de sentir uma faísca de esperança ao saber que Luka o havia procurado. Ficou aflito ao pensar que tinha perdido aquele momento.

— Sei o que você andou fazendo. Um dos marinheiros do seu navio estava me passando um relatório com todas as suas atividades... E foi uma sorte ter feito isso — ela disse antes que ele pudesse protestar.

Ele sentiu um calor subindo pelo pescoço. Paloma havia colocado uma coleira nele, como se fosse um cachorro idiota demais para encontrar o caminho de volta para casa.

— Como ousa sequer pensar em se meter com magia inglêsia? — ela o censurou. — Achei que fosse processar sua perda e voltar para casa. Mas isso? Luka ficou transtornado...

O rosto de Alfie ficou ainda mais vermelho.

— Você contou para o Luka?

— Ele me implorou para contar qualquer coisa que eu soubesse sobre você. Você não mandava notícias havia meses!

Luka fora leal o bastante para não dizer nada a seus pais sobre o que ele estava fazendo e Alfie nem se dera ao trabalho de lhe enviar uma carta. Ele foi tomado por um sentimento de culpa, mas recusou-se a permitir que aquilo diminuísse sua raiva.

— O que eu faço não é da sua conta. Nem da conta de Luka — ele disse entredentes.

Paloma lançou o mesmo olhar de quando Alfie fazia birra no meio de uma aula. Era irritante.

— O rei e a rainha não sabem, mas se você sair da linha de novo, vou contar. Não vou te deixar brincar com magia proibida em tentativas descabidas de trazer os mortos de volta.

Alfie diminuiu a distância entre eles. A raiva devorava suas entranhas.

— Ter caído naquele vácuo não significa que ele está morto. Você não tem nenhuma prova! *Ninguém* tem provas!

Paloma arregalou os olhos, um pouco assustada. Era a mesma expressão que havia feito pouco depois do desaparecimento de Dez, quando Alfie a agarrou pelos ombros e a empurrou contra a parede em um ataque de fúria. A vergonha cresceu dentro dele e transbordou, o constrangimento aderiu à sua pele como uma camada de óleo. Tinha sido o temor daquela raiva que existia dentro dele que o havia levado a se afogar na bebida que carregava na cintura. Ele não se permitiria voltar a ser aquela pessoa, alguém cuja raiva incitaria medo em quem era importante para ele. Preferia ficar entorpecido a sentir o calor da fúria irromper de seu interior mais uma vez.

Alfie recuou.

— Perdóname, eu não quis... eu não ia...

— Alfie — ela disse calmamente. — Sei que não ia. Mas precisa me ouvir como fez aquele dia. Dez se foi. O *proprio* daquela garota cria vácuos, lugares vazios, escuros e infinitos sem comida, sem água, sem tempo e sem magia. Ela fez Dez desaparecer dentro de um deles. Seu pai a obrigou a reabrir aquele vácuo sob ameaça de morte e enviou bruxos para aquele buraco escuro para encontrá-lo. Como a garota havia alertado, nenhum deles voltou.

Alfie balançou a cabeça, não querendo imaginar Dez morrendo de fome na escuridão. Homens e magia precisavam um do outro para sobreviver. Aquele era um fato irrefutável. A magia fluía pelo ar e os homens a absorviam, assim como as flores absorviam a luz do sol. Sem magia, o corpo humano definharia. E Alfie se lembrava da sensação de estar ao lado do vácuo negro que havia engolido seu irmão. Ele não havia sentido nenhuma magia saindo dele. Desde então, não conseguia nem entrar na Sala Azul. Era ali que costumavam brincar quando pequenos. Agora, seria para sempre o último lugar em que Alfie havia visto Dez.

Aquela ala do palácio, desde o ocorrido, estava fechada a todos, abandonada ao silêncio de sua perda.

Mas Alfie se recusava a esquecer o que havia acontecido lá. Não conseguia.

— Nenhum dos bruxos que meu pai enviou para encontrá-lo era eu. E Dez não é qualquer um — Alfie disse, mas sua confiança foi diminuindo ao ver a expressão no rosto de Paloma.

— O *propio* de Dez era extraordinário, mas não pode trazê-lo de volta.

— Você não sabe — Alfie disse com raiva. — Ninguém pode ter certeza disso.

Se existisse alguém capaz de sobreviver àquilo, seria Dez. Quando criança, ele esculpia bonequinhos de animais em madeira — raposas d'água palmípedes, ursos-espinhos, lobos de barriga vermelha. Quando terminava uma escultura e a segurava na mão, ela ganhava vida. Não havia outra forma de descrever. Os lobos corriam atrás do rabo, os porcos-bola inchavam até dobrar de tamanho quando assustados, os ursos-espinhos ficavam eriçados. Cada figura tinha sua própria personalidade, suas próprias vontades. Ele guardava as estatuetas em um armário de vidro em seu quarto, onde ficavam vagando e dormiam, encostando as patas no vidro sempre que Dez chegava perto.

No dia em que Dez foi tirado delas, todas as estatuetas ficaram paralisadas, imóveis. Alfie não perdia as esperanças de que, uma vez que Dez podia soprar vida em objetos inanimados, talvez pudesse, de alguma forma, sobreviver ao que havia acontecido. Ele tinha que estar vivo, esperando Alfie encontrá-lo.

O príncipe só percebeu que estava chorando quando uma lágrima correu até seu lábio e ele sentiu um gosto salgado.

Paloma encostou em seu ombro meio sem jeito. Ela não costumava fazer contato físico com as pessoas. Dueños não costumavam tocar nas pessoas. Então Alfie soube que sua expressão devia estar mais do que lamentável. Ele dispensou a mão dela, e Paloma a deixou parada no ar por um instante.

— Sua mãe e seu pai não vão suportar outra perda, príncipe Alfehr — ela disse em voz baixa. — É seu último aviso, entiendes? Se continuar trilhando esse

caminho, vou contar tudo a eles.

Com isso, Paloma pegou os livros inglêsios e saiu dos aposentos dele, fechando a porta. Alfie ficou sem nada além de um gosto amargo de raiva e pesar na boca.

Ele sentou na beirada da cama, esfregando os olhos com o dorso das mãos. Tudo tinha acabado. Aqueles livros não serviram para nada, e agora ele precisava seguir em frente. Mas não conseguia suportar a ideia de deixar Dez para trás, de seguir na direção de um trono que havia sido de Dez desde o nascimento. Para isso, ele teria que ser corajoso.

Corajoso. Ele possuía algo que lhe daria coragem.

Foi até o outro lado do quarto, onde, no canto esquerdo, estava o baú que ele havia levado no navio.

— *Abrir* — ele disse. Com a palavra, a tampa do baú levantou. Alfie analisou o conteúdo.

Lá dentro estavam todos os livros, talismãs e quinquilharias que Alfie havia adquirido em seu período longe de casa.

Os últimos três meses de luto encaixotados.

Alfie tirou o toco de uma vela violeta do baú. Uma mulher em um mercado do reino invernal de Sofistícia havia vendido a ele e dito que deveria queimá-la à meia-noite sob a lua crescente para falar com um ente querido que já havia morrido. Ele estava tão desesperado que tinha feito aquilo durante uma semana, antes de jogar a vela no baú e nunca mais usá-la. Então parou de procurar coisas que pudessem chamar seu irmão de volta e começou a procurar algo que lhe desse poder de entrar no vácuo e encontrá-lo, o que o levou aos jogos de Rayan.

Embriagado, Alfie contou uma vez para um dos jogadores que estava em busca de uma magia para passar *propio* de um corpo para outro. Dessa forma, poderia tirar o *propio* daquela criminosa e ir, ele mesmo, procurar seu irmão.

O homem havia dito simplesmente: “Bem, se o que você procura existe, aposto que esse feitiço foi criado na Inglêsia. Tem a cara dos inglêsios, não?”.

Aquele homem sem nome havia acendido uma chama na mente de Alfie. Era verdade. Da última vez que bruxos se envolveram com feitiços tão sujos assim, os ancestrais de Alfie haviam sido conquistados. Pela Inglésia.

A Inglésia acreditava que a magia pertencia aos nobres inglesios e a mais ninguém, e por isso haviam desenvolvido o feitiço de drenagem para tirar a energia mágica dos castallanos e passá-la para os nobres. Se a prática de mover a magia *proprio* de um corpo para o outro estava sendo estudada em algum lugar, só poderia ser na Inglésia.

Na época da escravidão, se um castallano com uma sombra animada fosse encontrado, ele seria morto por medo de que fosse capaz de resistir ao feitiço de drenagem.

Alfie teria sido morto antes de aprender a andar.

Era abominável que ele, um príncipe castallano, sequer cogitasse estudar práticas inglesias. Mas lá estava ele. Alfie massageou as têmporas com os dedos. Por que ainda estava fazendo aquilo? Por que ainda estava em busca de soluções quando, do ponto de vista lógico, não havia como alguém ser salvo do que tinha acontecido com Dez? Ainda assim, mesmo que suas incursões na ilegalidade não tivessem levado a nada, acrescentar um objeto ao baú era sempre uma forma de dizer “Ainda estou te procurando; sempre vou te procurar”.

Ele esperava que, onde quer que seu irmão estivesse, soubesse disso.

Alfie vasculhou o baú até suas mãos encontrarem uma coisa pequena, uma coisa que lhe daria coragem. Equilibrou o objeto na palma da mão. Era uma estatueta de dragão em uma corrente de ouro. O dragão já tinha sido prateado um dia, mas a tinta estava descascando.

Dez sempre acordava com Alfie subindo em sua cama no meio da madrugada com medo de pesadelos, até que um dia dera a estatueta a ele.

“Fiz uma coisa que vai te ajudar a ser corajoso sempre”, Dez havia dito.

Alfie se entusiasmou ao ouvir aquilo.

“Sério?”

“Sério.” Dez colocou a mão no bolso e mostrou a Alfie a estatueta prateada de dragão. Quando Alfie estendeu o braço para acariciá-lo, o dragão encostou o nariz nos dedos dele.

“Mas como isso vai me dar coragem?”

“Bom”, Dez disse. “Se quer ser valiente, precisa de um dragão para proteger sua valentia. Mantê-la segura.” Alfie franziu a testa. “Acredite em mim. Vou abrir a boca do dragão e, quando eu fizer isso, você vai soltar seu urro mais feroz e corajoso, está bem? Como o de um dragão.”

Alfie estava cético, mas se Dez estava sugerindo aquilo, não custava tentar. Dez bateu no nariz do dragão e ele abriu sua pequena boca. Alfie soltou seu urro mais selvagem. Ele riu quando Dez recuou, fingindo que o grito o havia atingido como uma força física. Então Dez deu outro tapinha no focinho do dragão e ele fechou a boca.

“Conseguimos!”, Dez disse. “O dragão guardou sua coragem na boca. Está sã e salva.” O dragão bocejou sobre a mão de Dez. “Sua coragem vai estar sempre aqui com o dragão. Assim você vai ser corajoso a noite toda, certo? Chega de pesadelos.”

Dez inclinou a palma da mão na direção de Alfie. O dragão trotou até a mão de Alfie e se enrolou em uma espiral sonolenta. Naquele momento, Alfie sentiu-se invencível.

No dia em que Dez desapareceu, o dragão também ficou imóvel como a morte.

Alfie havia guardado o dragão porque era doloroso demais olhar para ele. Aquela noite, colocou a corrente no pescoço e deixou o dragão repousar sobre o seu peito. Precisaria de toda a coragem que pudesse reunir, porque teria que se tornar o rei de que Castallan necessitava, e esperava que Dez o perdoasse.

Trancou o baú com uma palavra mágica e foi para a cama. Na mesa de cabeceira havia uma garrafa. Alfie tomou um gole do tônico para dormir e depois um de tequila, esperando que aquilo o acalmasse e o deixasse descansar. A

combinação o deixou zozzo, com o corpo pesado. Ele segurou o dragão até que, por fim, adormeceu.

Só quando o sono assobiou suas primeiras notas que ele se deu conta de que já havia visto um dos rostos desenhados no caderno da ladra em algum lugar — em um cartaz de “procurado”.

7

A aposta

SE FINN GANHASSE UM PESO CADA VEZ QUE ACORDASSE com um saco na cabeça, não teria que fazer as coisas que a levavam àquelas situações.

Havia acordado em uma viela, vestindo um manto que não era seu, com mãos e tornozelos atados como se fosse um peru amarrado. Esperava ver o garoto com máscara de raposa, mas, em vez disso, acordou com a visão de um homem que nunca tinha visto, com um saco de juta na mão gorda. Quando ela se contorceu e lutou em seus braços, ele riu e disse:

— O que foi? Tem planos para hoje à noite? Vai ter que remarcar. Está sendo esperada para um jantar de família.

Finn ficou paralisada. Ela não tinha família. A menos que ele considerasse Ignacio. Sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Será que aquilo tinha a ver com ele? Então o punho do homem desceu sobre sua cabeça e sua visão escureceu.

Ela acordou, pela segunda vez aquela noite, quando seu centro de gravidade mudou. Contorceu-se nos braços corpulentos que a seguravam e foi jogada de uma só vez em uma cadeira. O saco foi tirado de sua cabeça, arrancando alguns fios de cabelo junto.

Enquanto seus olhos se acostumavam ao porão escuro, ela preparou uma expressão de confiança, como se estivesse descansando em um trono e não amarrada a uma banquetta desconfortável em um porão onde ninguém podia ouvir seus gritos. Sua sombra se estendia à sua volta, como as asas de um grande pássaro.

— Ora, ora, se não é a ladra de rostos — disse uma voz na escuridão diante dela. Uma mulher deu um passo e sentou em uma cadeira vazia, de encosto alto, alguns passos à frente de Finn. Seu sorriso revelou uma fileira de dentes amarelados. Finn teve a sensação de que aquele não era o lugar onde as coisas começavam, mas onde terminavam com gritos e sangue.

Ao lado dos pés da mulher havia um balde, onde a sombra dela se enrolava, predatória.

— Ouvi falar de você, a famosa ladra capaz de mudar de rosto que está ficando famosa em minha cidade. Esperava que nossos caminhos se cruzassem em algum momento, mas não sob, digamos, circunstâncias desagradáveis.

— Quem é você e o que quer comigo?

A mulher deu risada.

— É revigorante encontrar alguém que não me conhece. — Ela se inclinou para a frente, diminuindo a voz até transformá-la em um sussurro, como se estivessem contando segredos: — Alguém que não sabe o medo que deveria sentir ao acordar nesse porão.

Finn lançou um olhar raivoso para ela, uma máscara para esconder seu coração acelerado.

— Só conheço gente que vale a pena. Sinto muito se você não está nessa lista.

— Vamos para o motivo de estarmos aqui, certo? Meu nome é Kol. Com certeza já ouviu falar de mim. Talvez até conheça meu trabalho?

Finn parou de respirar. Ela estava na cidade havia apenas um mês e já tinha ouvido falar de Kol e sua gangue mortal, conhecida como La Familia. No entanto, ela não ia deixar o medo transparecer em seu rosto. Kol era um cachorro grande que Finn pretendia adestrar.

— Agora, antes que eu peça para você devolver os livros que roubou em um jogo que meus homens estavam prontos para ganhar, gostaria de mostrar o que aconteceu com o último pendejo que me negou o que pedi.

Kol se inclinou para a frente na cadeira, enfiou a mão dentro do balde e puxou por um tufo de cabelos escuros uma cabeça decapitada. Sangue pingava do

pescoço cortado, e a língua do homem pendia para fora da boca morta. O estômago de Finn revirou.

— Agora que conhece os perigos, chega disso! — Kol largou a cabeça no balde. Finn ouviu o som de carne batendo em algo úmido e se concentrou para não vomitar. Kol levantou as mãos e uma mulher apareceu atrás para limpá-las com um lenço. — Obrigada, Mija.

— É um prazer, Madre — a mulher respondeu, obediente, e depois se recolheu às sombras novamente.

Finn ouvia os subordinados de Kol se movimentando no escuro à sua volta — homens musculosos e mulheres treinadas para primeiro quebrar pescoços e depois fazer perguntas.

— Você é repugnante — Finn disse a ela.

— Não, sou impaciente. — Kol bateu no balde com o pé. — E gananciosa no que diz respeito ao que é meu. Aqueles livros já estavam prometidos a um comprador por um preço alto, muito mais do que vale a sua vida. — Ela observou Finn de cima a baixo. — O dobro. Agora, me diga onde os escondeu.

A ladra engoliu em seco.

— Não estou com eles.

Kol inclinou a cabeça. Seu sorriso assustadoramente cordial hesitou.

— Não minta, muchacha.

— Não estou mentindo — Finn murmurou, com as bochechas ardendo. Ela preferia mentir e dizer que os havia vendido a admitir a verdade. — Eles foram roubados de mim.

Fez-se silêncio no porão. Kol a encarou sem expressão, depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada ruidosa que se esticou como se fosse um acordeom.

Ela fez um sinal com as mãos indicando aos subordinados que também podiam rir. Então o porão inteiro retumbou em risadas. Finn ficou tensa.

— Você é uma ladra e tanto! E pensar que eu até estava me sentindo meio ameaçada por você. — Ela secou lágrimas do canto dos olhos. — Por estar

roubando uma parte do meu negócio e tudo mais.

— Só me deixe ir embora e seus brutamontes de pescoço grosso vão poder rir a noite toda.

Kol levantou a mão e seus subordinados ficaram em silêncio.

— Acho que não. Sabe, você ainda me deve o valor daqueles livros. E vai pagar trabalhando para mim. — Ela abriu bem os braços como se estivesse convidando Finn para abraçá-la. — Bem-vinda a La Familia, Mija.

O estômago de Finn ficou apertado. Da última vez em que fora tomada como filha de alguém, as coisas não deram muito certo.

Depois que seus pais morreram e Ignacio a acolheu como sua protegida, ela passou anos trabalhando para ele em circos por toda Castallan. Ele tinha um charme palpável, hipnótico, que o tornava um mestre de picadeiro talentoso. Ignacio amava atenção, amava ver as pessoas se inclinando para a frente, hipnotizadas por suas palavras, por sua autoridade. Ela havia crescido fazendo todo tipo de trabalho no circo enquanto ele se apresentava, mas os dois nunca ficavam em um único circo por muito tempo. Assim que Finn começava a fazer amigos, a se encaixar no tecido díspar de uma família circense, Ignacio exigia que fossem embora. Ela levou anos para se dar conta de que ele não queria partir por ser um homem inquieto. Ele os obrigava a ir embora porque não gostava de vê-la fazendo amigos, de vê-la desejando estar com outra pessoa além dele.

Sempre odiara que ela saísse do seu lado sem permissão. Na maior parte dos dias, ela tinha medo de testá-lo, de mostrar até mesmo um pouco de independência. Mas em seus momentos de maior rebeldia, o desobedecia e aceitava uma surra, nem que fosse apenas para contrariá-lo, para provar que era forte o bastante para suportar. Em um desses dias, ela desaparecera durante horas para explorar a cidade que o circo estava visitando.

Ao voltar, Ignacio se aproximou rapidamente e meteu a mão na cara dela, fazendo seu pescoço virar com a força do tapa. Quando ela ficou apenas olhando para ele, com o rosto dolorido e a cabeça erguida, o peito ofegante devido à raiva contida, ele sorriu.

“Não estou bravo”, ele disse, colocando as mãos nos ombros dela. “Sabia que você ia voltar. Você sempre volta. Porque sabe, assim como eu, que ninguém mais ficaria com você, que seu lugar é aqui.” Ele deu um beijo na testa dela, bagunçando seu cabelo. “Para sempre.”

Aquela última palavra se infiltrou nela, fria e rapidamente, como uma enguia deslizando em água gelada. Ele já havia dito aquilo, mas naquela noite as palavras a encheram de pânico. Aquela seria mesmo a vida que teria? Foi a noite em que ela resolvera escapar, a noite em que o fizera se sentir tão impotente quanto ele a havia feito se sentir antes de correr para o cais e se esconder no primeiro navio que tinha visto. Ela não seria levada para outra família novamente. Não deixaria Kol colocar uma nova coleira em seu pescoço e lhe dizer o que fazer. Preferia a morte.

— Não vou me juntar a você — Finn resmungou.

— Você pegou o que era meu, ladra de rostos. E uma ladra que tem sua própria mercadoria roubada... — Kol fez um som de reprovação com a língua. — Nem pode ser chamada de ladra. É uma impostora. Você tem sorte de eu estar lhe oferecendo uma chance de aprender a ser uma ladra de verdade. Espero que entre para o bando sem causar confusão. Mas se isso acontecer, estou preparada. Você conhece meu *propio*, garota. Evite problemas para você mesma.

Ela sabia que lutar seria desperdiçar energia. Kol tinha um *propio* monstruoso — com um olhar, podia conter a magia de qualquer pessoa em um segundo. Não havia como ela sair dali viva. Mas Finn não era de ficar quieta. E com certeza não começaria a ser naquele momento.

— Então? O que me diz? — Kol perguntou, inclinando-se para a frente.

Finn ergueu as mãos amarradas. Pequenos fragmentos de pedra levantaram do chão e cortaram a corda que atava seus punhos. Ela soltou as mãos.

Os seguidores de Kol saíram correndo das sombras para segurá-la. Com os tornozelos ainda amarrados, ela acertou um deles com uma saraivada de pedras que extraiu do chão. Envolveu o punho com rochas e socou o seguinte bem no

meio do nariz. Mas então, em um momento aterrorizante, tudo parou. Sua influência sobre a terra foi cortada, esfarelando a pedra, que caiu de seu punho em pedaços tristes. Os seguidores de Kol foram para cima dela em um piscar de olhos. A última coisa que viu antes de um punho grande acertar seu queixo foi o rosto sorridente de Kol. Foi com essa facilidade que tirou de Finn cada gota de magia que corria em suas veias. Bastou um instante, um olhar.

Ela foi jogada de um lado para outro entre os fiéis escudeiros de Kol, que distribuíam chutes e socos em todos os lugares que podiam alcançar. Devia haver dezenas deles aguardando nas sombras. Um chute fortíssimo nas costelas fez seu corpo se dobrar. Ela viu sangue escorrer de seu nariz para o chão.

— Soltem a garota — ela ouviu Kol dizer. — Alguns filhos só precisam de um pouco de disciplina.

Uma mulher de ombros largos a jogou no chão, sobre a poça de sangue de seu nariz. Ela manteve Finn de barriga para baixo e prensou seu rosto contra a terra com o pé.

Finn estava ofegante, inalando terra a cada respiração. Seu corpo todo doía. Kol sorriu para ela da cadeira, como se Finn fosse uma convidada de honra.

— Depois de toda essa agitação, sabe do que estou com vontade? — Kol perguntou, inclinando a cabeça como se estivesse considerando uma ideia. — Sancocho. — Finn ficou paralisada. As batidas de seu coração de repente soaram mais alto.

— Como chamava aquele bar na Borda? Aquele que faz o ensopado de que todos falam? O famoso sancocho?

— Miolo de Maçã — disse uma voz atrás de Finn.

Ela sentiu um nó frio no estômago. Kol sabia onde ela morava. Devia estar observando seus passos fazia tempo. O medo apertou seu pescoço como um tornilho, sufocando-a de dentro para fora.

— Não há lugar para onde você possa ir sem ficarmos sabendo, ladra de rostos. Você tem duas opções: entrar para La Familia ou morrer exatamente onde está.

— Não — Finn disse com a voz em pedaços.

— “Não” não é uma das opções.

— Quero uma terceira.

— Quero o que me deve. Quero sua lealdade ou seu sangue derramado aos meus pés.

— Escolha algo que queira e eu vou roubar. Algo de valor semelhante ao que perdeu. — A voz de Finn era fina e áspera. O desespero escorria por entre fendas e rachaduras. Ela odiava aquele som. — Qualquer coisa. Se eu não conseguir, então trabalho para você.

Kol inclinou a cabeça.

— E o que eu ganho com isso, se já tenho você bem onde desejo?

— Todos sabem que você gosta de uma boa aposta, Kol — Finn disse. — Me dê outra chance de recuperar minha vida e vai ser muito mais prazeroso quando tirá-la de mim.

Silêncio caiu entre elas. Finn sentia o gosto do sangue se acumulando em sua boca.

— Coloquem ela sentada — Kol ordenou.

Eles levantaram Finn e a colocaram de joelhos. Alguém imobilizou seus braços dolorosamente atrás do corpo, quase juntando os cotovelos. Kol levantou da cadeira e foi até Finn. Apertou seu queixo com força, passando o polegar calejado sobre a linha do maxilar. A sombra de Kol avançou na direção de Finn, como uma fera encurralando a presa para seu jantar.

Finn se recusou a dar a Kol a satisfação de olhar para seu rosto presunçoso. Em vez disso, ficou olhando para a tatuagem na parte interna de seu pulso — um touro com as narinas dilatadas e os chifres em um ângulo que dava a impressão de que poderiam perfurar sua pele. Finn desejou pegar sua adaga e enfiá-la na cara do touro até a ponta da lâmina sair do outro lado.

— O que você fez, hein? — Kol perguntou. — O que fez para nunca mais querer ver o próprio rosto? O que a levou a enterrá-lo sob toda essa magia?

Mesmo com os lábios cortados e um dos olhos fechados de tanto inchaço por causa dos machucados, Finn não conseguiu conter um sorriso.

— Nasci com um rosto igual ao seu, mas os deuses foram piedosos o bastante para me dar o poder de escondê-lo.

Os lábios de Kol se curvaram.

— Ah, eu sou feia. É verdade. E meu *propio* é igualmente feio. Debaixo de tudo isso, seu rosto deve ser bonito, mas com um dom desses, seu interior deve ser tão feio quanto eu. Somos parecidas, eu diria.

Finn juntou saliva, lenta e deliberadamente, então cuspiu na cara dela. O cuspe escorreu pela bochecha de Kol. O sorriso da mulher não vacilou. Ela pressionou o polegar sobre os lábios de Finn, como o lacre de uma carta.

— Já lidei com coisa muito pior do que um pequeno cuspe, muchacha. Quando se juntar a mim, vai aprender — Kol disse. Seus subordinados riram. Finn recolheu os lábios até o polegar áspero de Kol ficar sobre seus dentes em vez da maciez da boca. Kol retirou o polegar lentamente, como se Finn não representasse nenhum perigo a ela. Aquela percepção a atingiu. Ela realmente não representava perigo a Kol. A mulher tinha bloqueado seus poderes de escultora de pedras, e os seguidores dela tinham deixado Finn de joelhos.

— Acho que tenho o desafio perfeito para alguém tão habilidosa quanto você — Kol disse. O coração de Finn normalmente ficava acelerado de empolgação pouco antes de uma oferta de trabalho. Mas dessa vez não seria uma tarefa escolhida por ela. Era um afazer que lhe seria empurrado goela abaixo. Seu coração batia com dificuldade, machucado, cansado e com medo, mas dolorosamente vivo. Como um animal ferido que foge mancando de seu predador.

— Vou ser boazinha. Vou manter quase toda a sua magia. Vai ficar com as habilidades de escultora de pedras. Mas vai ter que permanecer com esse rosto por enquanto — Kol afirmou. — Sem *propio* até completar a tarefa. Vou pedir para você me trazer uma coisa que desejo há algum tempo...

Finn cuspiu sangue no chão, entre os pés de Kol.

— Vida social?

Ouviu-se um som rápido e seco, como um galho batendo sobre um joelho dobrado, e seu punho foi tomado pela dor. Não conseguiu impedir que um grito angustiado lhe escapasse.

— Não exatamente — Kol disse. — O que você vai conseguir para mim é um pouco mais útil.

— Não estou me aguentando de curiosidade — Finn disse. Suas palavras estavam recobertas de fúria.

— Em troca de sua liberdade, você deve me trazer o manto da invisibilidade.

Um dos homens de Kol riu após sua fala. Finn a encarou, incrédula. A dor em seu punho foi entorpecida pela raiva.

— O manto da invisibilidade? Passado de pai para filho? De rei para rei?

— Esse mesmo. Traga o manto da invisibilidade do palácio em três dias. Se conseguir, ganha sua liberdade. Mas se, por algum motivo, fracassar... — Os seguidores de Kol riram. — Vai trabalhar para mim com um sorriso na cara. Combinado, ladra de rostos?

Finn lançou um olhar raivoso para Kol, com uma raiva tão ardente que poderia queimar suas sobrancelhas. O sorriso de Kol apenas aumentou.

— De onde eu venho, ambas as partes concordam voluntariamente e trocam um aperto de mão, entientes? — Kol perguntou.

Com quatro brutamontes a segurando e sem sua magia, aquela situação não tinha nada de voluntária, mas pessoas como Kol mudavam a definição daquela palavra quando lhes convinha. O “não” se tornava “sim” quando entrava por um ouvido e saía pelo outro.

Alguém soltou a mão de Finn. Ela a ergueu para apertar a mão de Kol.

Kol balançou a cabeça.

— Não. Não quero essa.

O brutamontes que a segurava fez uma pausa, puxou a mão livre de volta e soltou a outra, que estava com o pulso machucado.

Finn não hesitou. Levantou a mão fraca e segurou a de Kol. Quando a criminosa a apertou com força, agravando o ferimento, Finn deixou o que deveria

ter sido um gemido de dor dar lugar a um urro feroz.

— Combinado? — Kol perguntou com uma alegria educada em sua voz.

— Combinado — Finn resmungou.

Finn tentou destrancar a porta do quarto que havia alugado no Miolo de Maçã. Foi preciso três tentativas, pois suas mãos não paravam de tremer.

Quando finalmente abriu a porta, correu para dentro e a fechou, sentindo o punho sensível, que havia acabado de ser curado por um bruxo clandestino do Aperto. Ela havia trocado o serviço pelo manto do garoto com máscara de raposa. Queria tê-lo enforcado com o manto — se não fosse por ele, a gangue de Kol nunca a teria capturado. Mas, de qualquer modo, Kol ainda a teria encontrado, não teria? Ela sabia que Finn estava hospedada naquele bar, acompanhava todos os seus passos. Ela sentiu o gosto de bile subindo pela garganta.

Tinha que sair da cidade, mudar de rosto, escapar daquela situação. Finn correu até o espelho rachado que ficava sobre uma pequena mesa, ao lado da cama estreita. Seu rosto estava ficando roxo devido aos hematomas, como se ela tivesse se sujado ao comer um punhado de frutinhas vermelhas. Seu lábio inferior estava cortado.

Ela passou as mãos sobre o rosto e pensou em um nariz diferente, mais largo. Mas quando tirou a mão, o nariz não havia mudado. Bateu com os punhos sobre a mesa, sentindo a dor mais uma vez. Depois de soltar uma série de palavrões, respirou fundo e tentou novamente. Dessa vez, passou as mãos pelo cabelo e pensou em fios loiros. Nada aconteceu.

A frustração fincava as unhas sobre sua pele ferida. Quem era Kol para decidir se ela poderia ou não usar seu *propio*? Finn não dava a mínima para seu nome ou para o rosto com que havia nascido — poderia jogar tudo fora e nunca mais olhar para trás —, mas seu *propio* era a única coisa de valor que tinha. A única coisa a que era apegada. Se pudesse mudar seu rosto, poderia mudar seu destino, seu futuro. E agora não tinha mais aquilo. Tinha sido roubada.

Ela se sentia como uma garrafa fechada guardando uma bebida gasosa. Sempre que tentava usar seu *propio*, era como se estivesse chacoalhando a garrafa sem tirar a tampa. A pressão aumentava, sem ter por onde escapar. Uma dor de cabeça forte surgiu entre suas sobrancelhas. Ficaria sem seu *propio* a menos que conseguisse o manto da invisibilidade, missão que certamente terminaria com ela sendo perfurada pela espada de um guarda do palácio.

Fuja, sua mente sussurrava.

Mas não adiantava fugir. Se estava sendo observada por La Familia, não havia como sair da cidade com vida.

Finn ficou imóvel, debruçada sobre a mesa, com a respiração ofegante. Com um grito frustrado, levantou o tampo da mesa, com o punho dolorido e tudo, e o arremessou para o outro lado do quarto. A peça caindo aos pedaços se chocou com a parede e se quebrou, quase acertando a pequena janela.

Ela pensou em admitir que não seria páreo para aquela aposta, recuperaria sua magia e trabalharia para Kol. Pensou no sorriso de satisfação de Kol, no polegar dela pressionando seus lábios. Finn esfregou a boca ferida, afastando aquela lembrança. Não poderia fazer aquilo. Não o faria.

Pensou em encarar o desafio. Em se infiltrar no palácio. Seria uma missão suicida de qualquer maneira, mas entrar sem poder mudar seu rosto? Era um absurdo.

Sua mente ficou em silêncio, fazendo e desfazendo nós, tentando pensar em uma solução.

Sua cama soltou um rangido familiar quando ela sentou. Já estava dormindo ali havia semanas — tempo suficiente para chamá-la de sua. Devia ter sido mais esperta. Assim que os lençóis começaram a ficar confortáveis, devia ter ido embora e nunca mais voltado. Quando se cria raízes, surgem fraquezas, vulnerabilidade, amarras. Sempre amarras.

E havia a voz dele em sua cabeça. De Ignacio.

Amarras de marionete, Finny... Amarras de marionete...

Gotas frias de suor surgiram em sua testa. Kol era exatamente como ele, alguém tentando transformá-la em sua filhinha obediente. Tentando controlá-la. Controlar seu rosto, quem ela era, para quem trabalhava. Ela não conseguiu impedir e foi tragada por uma lembrança.

Durante os primeiros dias que passaram juntos, Ignacio a agradara com um pedaço de pudim comprado no mercado e ela tinha reunido coragem para perguntar por que ele a havia tirado das ruas.

Ele a encarara com aquela intensidade assustadora, algo entre amor e obsessão.

“Para me amar”, ele dissera. “Eu te transformei em minha filha para você me amar.”

O *propio* de Ignacio era a coerção. Como todo *propio*, tinha suas limitações. Para controlar as pessoas, precisava que elas revelassem seu verdadeiro eu a ele, que contassem algo íntimo que desse a ele uma vantagem a que se agarrar em suas identidades. Para obrigar a pessoa a obedecer a seu comando, ele só precisava encará-la nos olhos e falar. Mas seu *propio* tornava difícil saber quem o amava. Ele esquecia onde começava a pessoa de verdade e terminava sua coerção.

“Mas o amor de um filho”, ele dissera, “é real. Você é a única que saberei que me ama de verdade. Não importa o que eu diga ou faça com você, minha pequena camaleoa, sempre vou saber que me ama. Que você é minha.”

Então ele a abraçava como Finn lembrava que seus pais faziam, e ela se sentia segura e amada. Mas quando ficou mais velha, ele a sufocava, exigia todo o seu tempo, todo o seu amor. Não poderia haver outro receptor por perto. E se surgisse alguém, Ignacio dava fim à pessoa.

Ou dizia para ela dar um fim.

Não finja que matar é um problema para você, Finny, a voz dele sussurrava em sua mente. Nós dois sabemos que você nasceu para isso.

Em outro vislumbre de lembranças, Finn se recordou de uma garotinha parada diante dela, uma garota tão jovem, perdida e faminta quanto ela havia sido um dia. Em sua mente, Finn se viu fincando as unhas na pele da garota, derrubando-a

aos poucos até ela cair de costas. Seu estômago revirou quando o som de pregos enferrujados perfurando pele começou a soar em sua cabeça como um tambor.

A respiração ofegante de Finn a arrancou da lembrança. Ela puxou os joelhos até o peito.

— Estou segura aqui — ela murmurou para si mesma. — Ele nunca vai se recuperar, nunca vai ser capaz de me encontrar.

Mas suas próprias palavras não eram capazes de desacelerar seu coração trêmulo. A palma de suas mãos e seu rosto estavam encharcados de suor. Ela fechou bem os olhos e começou a contar. Contar ajudava.

Quando terminou duas contagens regressivas de dez a um, sua pulsação finalmente desacelerou e ela tomou uma decisão.

Ninguém nunca mais a dominaria daquela forma. Nem Kol nem Ignacio nem nenhuma outra alma maldita. Ela faria o impensável. Daria um jeito de tirar o manto da invisibilidade do palácio. Se morresse no processo, paciência. Mas se conseguisse, Kol não perdia por esperar. Certamente não esperava que Finn usasse o manto para atacá-la e cortar sua garganta. Então teria seu *proprio* de volta e iria embora da cidade para sempre.

Finn reprimiu o bocejo que se formava no fundo de sua garganta. Não havia tempo para descansar quando tinha um roubo para planejar. Poderia dormir quando estivesse morta.

E isso, ela pensou, poderia acontecer antes do que imaginava.

8

O porco

FINN NÃO CONSEGUIA PARAR DE PENSAR que aquilo devia ser um castigo por ter roubado aqueles espetos de carne de porco.

Já havia feito muitas coisas estranhas em sua curta carreira como ladra. Por exemplo, tinha assumido o rosto de uma mulher cuja família suspeitava ter sido assassinada pelo marido. Finn assombrara o homem durante duas semanas até ele finalmente confessar. Por fim, a família estava certa.

Mas de tudo que já fizera, essa provavelmente era a mais estranha.

Finn estava dentro de um porco morto.

Ela tinha descoberto que haveria um jantar sofisticado no palácio. A ocasião lhe deu uma abertura: um porco-bola gigantesco seria entregue na cozinha real. O próprio chef de cozinha era escultor de pedras e havia construído uma caixa de argila para o suíno ser transportado, onde depois seria assado.

Então Finn encontrara o fornecedor de suínos do renomado chef e havia se enfiado dentro de uma grande fenda na barriga do porco. No meio de ervas aromáticas e temperos, ela esperou até os guardas transportarem e entregarem o porco, e os criados o carregarem até a cozinha do palácio. Lá, ouviu o chiado das frigideiras e o borbulhar de fervura nas panelas. Agora só precisava que deixassem o porco encaixotado em algum lugar enquanto ela escapava.

— Direto para o forno, então! — disse o rapaz que carregava a caixa. O coração de Finn disparou.

Os criados resmungaram e Finn sentiu a caixa sendo levantada e empurrada para a frente. Uma onda repentina de calor a cercou.

Droga, droga, droga!

Será que ela deveria quebrar tudo e sair de dentro do porco e da caixa? Será que teria que matar todos eles? Onde esconderia os corpos?

— Ainda não! — gritou uma voz. — Deixem na despensa por enquanto. Coloquem para assar daqui uma hora.

— Desculpa, jefe! — Finn ouviu o rapaz dizer. — É para já!

Ela sentiu a caixa sendo retirada do forno. O calor sufocante diminuiu. Suor escorria do rosto de Finn. Ela torceu para que aquelas pessoas gostassem de carne de porco salgada.

Então, a caixa foi colocada no chão. Ela ouviu todos se afastarem, a porta se fechando. Ficou cercada pelo silêncio. Era agora ou nunca.

Ela ficou de quatro, esfolando as costas na caixa torácica do porco. Finn se balançou de lado, encostando o rosto no lombo úmido e carnudo do animal. O porco finalmente rolou. Do seu interior, Finn ergueu a mão e levantou a tampa da caixa, apoiando-a no chão. Com mais uma pancada, derrubou uma lateral da caixa para ter espaço para sair.

Ela se arrastou para fora da fenda na barriga do porco, rasgando-a ainda mais na pressa. Quando finalmente saiu do esconderijo, nunca ficou tão feliz em deitar em um chão duro e sujo. Coberta por uma camada de temperos e gordura, parecia uma cozinha ambulante.

Finn levantou e recolocou o porco na posição anterior. Afastou-se e avaliou os danos. A pele estava amassada no lado sobre o qual ela rolara.

— Lá se vai a apresentação para o jantar — ela disse. Com cuidado, reconstruiu a caixa que havia arreventado. Colocou a tampa de volta e se preparou para o trabalho. A despensa era maior que o quarto que ela alugava, com prateleiras de parede a parede repletas de temperos e ervas em salmoura. Tateou as paredes, em busca do que Kol lhe havia dito para procurar.

Antes de mandá-la embora, a mulher havia lhe dado um mapa e explicado

como acessar as passagens secretas do palácio.

“Por que está me contando essas coisas?”, Finn havia perguntado, estreitando os olhos.

“Quero meu manto, ladra de rostos. Não tenho chances de consegui-lo se você for tapada demais para transitar pelo palácio sem ser vista. Ache os interruptores escondidos nas paredes e vai encontrar as passagens secretas.”

Ela tirou um mapa que levava sob a camisa. Estava manchado por temperos muito caros, mas ainda dava para ler.

Procurou o interruptor atrás de cada vidro de especiarias, mas não encontrou nada além de ásperas paredes de pedra. Finn resolveu inspecionar a parede atrás da porta da despensa. Logo que se aproximou, a porta se abriu. Ela se espremeu contra a parede, escondida pela porta aberta. Ouviu uma voz murmurando alguma coisa e o som de vidros batendo uns nos outros. Então a pessoa saiu.

Foi por pouco. Ela precisava encontrar a passagem ou ficaria presa ali até alguém encontrá-la. Até que viu. Ali, meio obscurecida por um vidro de alho em conserva, havia uma estatueta do tamanho de seu dedo mindinho sobressaindo-se na parede — um pássaro com as asas abertas.

Finn a girou para a esquerda e ouviu um clique. Lentamente, a parede repleta de temperos virou para dentro. Finn correu para a passagem, apoiando-se na pesada parede de pedra para fechá-la.

Tinha conseguido. Encostou na parede, soltando um grande suspiro de alívio. Seus dedos tatearam no escuro à procura da tocha que Kol havia dito que estaria ali. Encontrou-a e a acendeu com uma pederneira que havia trazido. A luz iluminou a passagem escura e estreita.

Agora só faltava encontrar o manto, pegá-lo e sair pela porta da frente.

— Fácil — Finn disse.

Ela não acreditou no que disse.

Da sacada de seu quarto, Alfie observava os vaga-lumes piscando, aparecendo e desaparecendo no ar. Logo o inverno chegaria e o frio os espantaria até a chegada da primavera. Em Castallan, o clima nunca esfriava a ponto de dar para enxergar a respiração, como acontecia no reino invernal de Sofistícia, mas o ar ficava mais gelado e as capas de renda cintilante usadas pelos nobres eram substituídas por mantos mais pesados.

“Tudo tem seu tempo”, seu pai lhe havia dito uma vez. Será que seu luto também tinha? Será que desapareceria aos poucos, como folhas caindo dos galhos conforme o inverno se aproximava? Alfie ficou tenso ao imaginar. Seu luto era como os vaga-lumes — havia momentos em que desaparecia, mas sempre voltava a acender, recorrente, resiliente.

Tudo tinha seu tempo, mas as estações sempre se repetiam. Embora ele tivesse prometido a si mesmo que deixaria de lado os planos para encontrar Dez e se comprometeria a se tornar rei de Castallan, sabia que o luto nunca o abandonaria.

O relógio em seu quarto anunciou a hora, e Alfie correu de volta para dentro para vestir roupas formais para o jantar daquela noite.

Sua sombra ziguezagueava a seus pés, entregando seu nervosismo, enquanto ele passava a mão no sobretudo de lapela dupla. Ajustou a coroa prateada e jogou as mãos para o alto, exasperado. Do que adiantava ele se vestir como um príncipe se todos presentes no jantar cobririam a boca para discutir aos sussurros a legitimidade de seu governo? Para falar sobre como ele não era adequado ao trono como Dez? Alfie massageou as têmporas.

Aquele seria um bom momento para um discurso motivacional de Luka, mas o primo não falava com ele desde seu retorno. Alfie esperava que dar espaço a ele ajudasse.

Ele ouviu uma batida na porta. Alfie correu até ela, esperando encontrar Luka do outro lado. Mas era sua mãe, envolta em um vestido vermelho com babados. Uma capa de renda dourada estendia-se atrás dela. Seu cabelo preto estava preso para trás, trançado com uma fita escarlate.

Alfie desanimou.

— Você está linda, mamá.

Ela inclinou a cabeça.

— Você parece decepcionado.

— É tão óbvio assim?

— Você nunca foi muito bom em disfarçar seus sentimentos. — Ela apertou a mão dele. — Dê um tempo a ele, é o que Luka precisa. As coisas vão voltar a ser como eram, Mijo.

Alfie assentiu, mas sabia que ela estava errada. Ela não sabia que Luka descobrira que ele havia saído escondido do palácio ou o que estava fazendo nos últimos três meses.

— Eu sei — ele se obrigou a dizer. — Você tem razão.

— Eu sempre tenho razão. — Ela ofereceu o braço a ele. — Agora venha comigo. Nós dois precisamos de um tempo de mãe e filho.

Alfie sorriu e pegou no braço dela. Ela retribuiu com outro sorriso, apertando mais uma vez sua mão para lhe confortar. Mas quando entraram no salão, ela o encarou com uma centelha de humor no olhar.

— E se você desaparecer por tanto tempo de novo, vou quebrar minha chancla em seu traseiro, oíste?

Alfie não conseguiu conter o riso.

— Sim, mãe.

Se eu fosse o quarto de um príncipe, onde me esconderia?, Finn pensou enquanto observava o mapa iluminado pela tocha. Ela não sabia se sua voz podia ser ouvida do outro lado da parede e não era idiota o suficiente para testar.

Ela ainda estava ao lado da despensa da cozinha, no terceiro andar do palácio. Sua sombra se movia de um lado para o outro enquanto ela refletia sobre onde ir. De acordo com o mapa, os aposentos do príncipe ficavam no andar mais alto do palácio, como era esperado.

Claro, ela pensou, voltando a enrolar o mapa. Kol havia dito que cada membro da família real tinha uma chave para o cofre do palácio, e Finn preferia saquear o quarto do príncipe ao do rei e da rainha.

Ela caminhou pela passagem sinuosa até encontrar uma escada de aço. Teria que subir dois andares e atravessar mais um longo corredor pelo quinto andar até encontrar a próxima escada. Então finalmente estaria no andar do príncipe. Enquanto caminhava, com a tocha iluminando seu caminho, podia ver pequenas ripas de madeira enfiadas pelas paredes. Vencida pela curiosidade, pegou uma delas e a deslizou para o lado. Pela abertura, viu uma grande sala de jantar onde criados arrumavam a mesa.

— Aberturas para espiar — ela murmurou. Um garoto que carregava um vaso passou tão perto que ela conseguiu sentir o cheiro das flores. Ela recuou, abaixando a tocha. Mas ninguém pareceu notar. Os guardas deviam usar aquelas passagens para espionar. Será que ela daria de cara com um deles? Será que devia apagar a tocha? Finn se conteve e manteve a chama acesa.

Resolveu assumir o risco de usar a tocha para andar mais rapidamente, e talvez assim diminuir a probabilidade de encontrar alguém por ali. Era o que esperava. Ela engoliu em seco e escutou. Não ouviu passos. Movimentou-se e caminhou pela passagem sinuosa, parando em uma ou outra abertura para espiar. Viu uma biblioteca tão grande que poderia abrigar uma vila inteira, e depois viu o que parecia ser uma sala de treino, onde as paredes estavam cobertas por uma variedade de armas que ela nunca havia visto. Teve que se conter para não roubar um dos sofisticados facões. Mas, na maior parte, o palácio era como ela esperava: impecável e tedioso.

Ela caminhou até encontrar uma escada. Degrau por degrau, subiu no escuro, carregando a tocha acesa na boca como um cachorro carregando um osso. Suando, subiu até chegar à passagem do sétimo andar. A que levava aos aposentos do príncipe não podia ser acessada diretamente de onde ela estava. Ela precisaria

atravessar um banheiro para chegar à passagem do outro lado do cômodo. Então seguiria uma rota direta para o quarto do príncipe.

Finn afastou a ripa de madeira e espiou. Viu um banheiro grandioso com uma banheira de pedra preta que parecia mais uma piscina. Na borda havia vários tipos de sabonetes, loções e duas garrafas de vinho. Havia cinco torneiras diferentes, elegantes como pescoços de cisnes, arqueadas sobre a beirada da banheira. Para que alguém precisaria de cinco torneiras? E quem tomava vinho durante o banho? Ela revirou os olhos. *Realeza*.

Um ar quente e perfumado atravessou a fenda, mas não havia ninguém na banheira. A superfície estava coberta pelos restos de água e sabão de um banho de espuma. Ela esperou, contando os segundos para ver se havia alguém submerso. Ninguém seria capaz de prender a respiração por tanto tempo.

Não havia motivo para esperar mais. Alguém provavelmente tinha acabado de sair da banheira e Finn dispunha de apenas alguns minutos preciosos para encontrar a passagem do outro lado do cômodo antes que um criado entrasse para limpar o banheiro. Ela girou o pássaro na parede e a passagem se abriu. Ela saiu correndo e a fechou. Sentiu-se nua — havia muito espaço e poucos elementos atrás dos quais poderia se esconder. Uma voz surgiu da banheira, quebrando o silêncio.

— Rosa, estou pronto.

Finn e sua sombra ficaram paralisadas atrás das torneiras da banheira. Ela olhou para baixo. Não tinha visto o garoto porque seu corpo estava escondido pela espuma. Ele estava de olhos fechados. Que tolo. Ela poderia matá-lo naquele instante.

— Rosa! — ele chamou um pouco mais alto. — A toalha quente, por favor!

Finn quase correu de volta para dentro da parede, mas a pessoa que estava atendendo o rapaz aparentemente havia saído. Se ele gritasse mais uma vez, alguém poderia ouvi-lo, ou ele poderia abrir seus olhos estúpidos e notar a presença da ladra.

Finn foi até uma bela bandeja com toalhas fumegantes que estava na borda da banheira, onde o garoto apoiava a cabeça. Pegou uma e a colocou com cuidado sobre os olhos dele.

— Gracias. — Ele se deleitou na água e soltou um suspiro longo e dramático. — Estou tentando relaxar ao máximo para não torcer o pescoço de Alfie da próxima vez que o vir. Por isso estou tomando vinho. — Ele estendeu a mão ensaboada para fora da banheira, pegou a garrafa e tomou um gole. — Ele me deixou tão preocupado que estou tenso. *Eu!* Sabe como é difícil eu ficar tenso? O massagista do palácio mal conseguiu desfazer os nós do meu pescoço. — Ele fez uma pausa, franzindo o nariz. — Rosa, você passou pela cozinha? Parece que tomou um banho de orégano.

Finn não respondeu. Ela atravessou o banheiro e procurou o pássaro nas paredes azulejadas. Cada ladrilho tinha uma estampa, dificultando enxergar algo tão pequeno quanto o pássaro deveria ser. Ela secou com o dorso da mão o rosto, molhado pelo vapor.

— Rosa? Ainda está aí, não está? — Ele levantou a mão para tirar a toalha dos olhos.

— *Uhuuum!* — Finn respondeu em tom agudo, do outro lado do cômodo. O garoto voltou a mão para dentro da água.

— Está rouca? — ele perguntou.

Tateando a parede em pânico, Finn tossiu alto e soltou:

— *Uuuuuuum.*

— Tem uma gripe circulando por aí. O vapor vai te fazer bem. Limpa as vias respiratórias.

Se ela pelo menos conseguisse encontrar a maldita passagem.

Finn ouviu passos atrás das portas duplas do banheiro. Rosa estava chegando! Finn ficou de quatro, procurando nos ladrilhos mais próximos ao chão do banheiro. Ali! Um pequeno pássaro protuberante, na altura de seus joelhos. Finn se agachou e o girou. Um quadrado formado por oito ladrilhos se abriu. Ela

engatinhou para dentro da passagem escura e rapidamente fechou a porta atrás de si. Com uma respiração trêmula, ficou de pé, os fios de cabelo arrepiados por causa do vapor.

Afastou a ripa de madeira e lá estava Rosa, recolhendo as roupas do rapaz.

Havia sido por pouco. Muito pouco.

Finn movimentou-se pelos corredores, olhando para o mapa enquanto caminhava. Estava passando por um cômodo rotulado no mapa como “Aposentos do Príncipe Caído” quando parou. Finn estava longe da capital quando o príncipe havia sido morto. Mas ainda se lembrava das pessoas nas ruas chorando como se o conhecessem. Estava ocupada demais tentando sobreviver para derramar uma lágrima.

Ainda assim, foi vencida pela curiosidade. Finn deslizou a ripa e espiou o quarto. As cortinas estavam fechadas. O cômodo todo estava escuro. Finn bateu a parede e encontrou o pequeno pássaro saindo da pedra, girando-o até a passagem se abrir.

Dentro do quarto havia uma cama enorme coberta por lençóis vermelhos e uma montanha de travesseiros. Na parede, diante da cama, um armário alto de vidro. Guardava inúmeras estatuetas de animais belamente esculpidos. Quem os havia feito devia ser extremamente habilidoso. Uma figura de um cão perseguindo o próprio rabo parecia que ia começar a se movimentar a qualquer momento.

Na última prateleira do armário havia uma estatueta de raposa. Estava sentada, com o rabo curvado para a frente e um olhar sagaz. Finn sorriu e viu seu reflexo no vidro, tão astuto quanto o do animal. A lembrança do garoto com a máscara de raposa surgiu em sua mente. Ele podia ter levado a melhor uma vez, mas era frouxo demais para ser uma raposa. Finn tinha um perfil mais apropriado.

Ela abriu o armário e roubou a raposinha, guardando-a no bolso. Não tinha roubado um facão, então se permitiria levar aquele pequeno objeto. Ao voltar para a passagem, observou o quarto mais uma vez. Sabia que ele pertencia a um homem morto, mas, mesmo assim, ainda havia algo particularmente triste naquele

cômodo. Era como se o quarto estivesse esperando ele voltar. Mas não havia tempo para pensar naquilo. Finn retornou para a escuridão e prosseguiu.

Finalmente, ela se viu no corredor que dava para os aposentos do príncipe. Deslizou a ripa de madeira. O quarto estava vazio, mas dava para ver que alguém dormia e vivia ali. Havia roupas jogadas na cama, livros abertos sobre uma escrivaninha de madeira de sequoia. Finn abriu a porta da passagem e entrou, fechando-a em seguida.

O quarto cheirava ao que Finn imaginava ser a colônia usada pelo príncipe. Ou talvez seu sabonete. Algo puro e suave que permanecia no nariz, sutil como uma pena.

Ela franziu a testa. Já tinha sentido aquele perfume antes.

O barulho de criados conversando no corredor a arrastou de volta ao presente. Ela abriu as gavetas do príncipe e cuidadosamente passou as mãos por fileiras de roupas finas que deslizavam sob a ponta de seus dedos como água. Procurou a chave nos bolsos, mas não encontrou nada. Abriu seu guarda-roupa alto e chegou a entrar nele à procura de compartimentos ocultos. Nada também.

Foi até as gavetas do criado-mudo, onde havia um frasco fechado com um líquido claro e turvo. Olhou nas gavetas, dando batidinhas leves com o punho. Ouviu um som oco. O coração de Finn saltou. Ela fez pressão sobre a madeira e o painel cedeu, revelando um compartimento secreto. Enfiou a mão lá dentro e seus dedos tocaram algo fino e frio. Tirou de lá uma chave dourada do comprimento de sua mão. Tinha que ser ela! Ouviu um barulho, a maçaneta girando calmamente. Alguém estava entrando.

Finn fechou a gaveta, sem se importar em fechar o compartimento secreto, e rolou em silêncio para debaixo da cama. Alguém entrou no quarto. Seus passos eram ligeiros, quase perturbados. Finn viu uma saia simples cor de creme movimentar-se rapidamente ao redor da cama e parar diante do criado-mudo, bem na cara de Finn. A barra da saia estava rasgada e o tecido era mais rústico do que qualquer nobre se dignaria a usar. Quem quer que fosse aquela pessoa, só podia ser uma criada do palácio.

Finn ouviu o som de um frasco sendo aberto, seguido por fungadas e o som de um frasco sendo agitado. Será que a criada estava chorando?

Os pés saíram apressados pela porta.

9

O jantar

O SALÃO DE BANQUETES DO PALÁCIO estava repleto de nobres.

Criados iam e vinham pelo espaço com bandejas de aperitivos e cálices de sangria gelada. O salão parecia estranhamento vazio, e Alfie sabia que não era o único que achava isso. Era o primeiro jantar que davam desde que Dezmin havia sido levado. Não apenas Dez estava ausente, mas também todos aqueles cuja conexão com o assassinato e com o golpe fracassado havia sido descoberta — estavam na prisão ou haviam tirado a própria vida por vergonha.

Alfie quase enlouquecera de desconfiança nos primeiros meses após o desaparecimento de Dez. Não havia sinal de rebelião ou tensão que sugerisse o atentado à vida dos membros da família real que terminou com a perda de Dez. Alfie havia interrogado todos os que tinham questionado as famílias envolvidas, até mesmo seus pais. Todos chegaram à mesma conclusão: o golpe havia sido arquitetado por um pequeno grupo de nobres que queriam mais poder e estavam dispostos a matar por isso. Aquela garota com *propio* monstruoso que havia feito Dez desaparecer no buraco não pôde fazer nada além de entregar o nome daqueles que a haviam incluído na operação: Marco Zelas, Alonso Marquez e Maria Villanueva. Ela não sabia quase nada sobre o motivo por trás de tudo, mas a partir daqueles nomes o rei havia descoberto os outros traidores.

Se tivesse havido uma revolta dos pobres, dos miseráveis, Alfie seria capaz de entender mais facilmente. Mas nobres colocando a vida em risco por mais poder, quando já tinham tanto? E se aquelas famílias estavam dispostas a derramar sangue

real, quantos mais naquele salão estariam dispostos a fazer o mesmo? Ele sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

Alfie podia notar os nobres sussurrando mesmo com os lábios parados ou quando se curvavam em reverência a ele. Os ecos do que havia acontecido no reino e do que estava para acontecer soavam por todo lado. Alfie daria qualquer coisa para que Luka o distraísse de tudo aquilo, mas aquela não era uma opção viável.

Luka circulava pela festa com habilidade, agradando todos que encontrava com uma conversa amigável. Mas sempre que Alfie se aproximava, ele dava um jeito de se afastar de maneira educada e sutil. Luka havia sido criado no palácio e sabia como disfarçar seus sentimentos durante ocasiões importantes. Mas Alfie podia sentir a raiva emanando dele em ondas a cada contato visual com o primo.

— Príncipe Alfehr — disse uma voz suave que assustou Alfie.

Ele estava tão distraído desejando uma chance de falar com Luka que nem havia notado Aurora se aproximar. Ela teve que tossir de leve para chamar sua atenção.

— Aurora! — Alfie disse, curvando-se diante dela. — Que bom ver você. Faz tanto tempo que não nos falamos.

Dizer que Aurora era bonita era muito pouco. Sua pele era escura e viçosa, e os olhos eram de um cinza translúcido que brilhava contrastando com a tez, como estrelas no céu à noite. Mas não era sua beleza que intimidava Alfie. Seu coração disparava sempre que a via porque Aurora poderia se tornar sua esposa em poucos anos.

Aurora fez uma reverência. O tecido de seu vestido prateado roçou o chão.

— Sim, não nos falamos desde... — A voz dela falhou.

— Desde o funeral — Alfie afirmou, completando a frase dela. Ele sentiu um peso no peito só de pensar naquele dia. Ao ver o dueño realizar a cerimônia, dizendo coisas sobre o espírito de Dez ter ido para um lugar de paz, palavras que apenas aumentavam o sofrimento de Alfie. Aurora estava prometida a Dez antes de sua morte. Agora, seu futuro pairava no ar. O rei e a rainha ainda não haviam

decidido se ela seria prometida a Alfie ou se o príncipe deveria se casar com um membro da família real de um reino aliado para reforçar as relações internacionais depois da morte de Dez. O próprio Alfie não sabia que opção faria mais sentido, mas não achava certo simplesmente passar Aurora de um príncipe a outro como se ela fosse um objeto. Talvez ela realmente amasse Dezmin e nem considerasse outra pessoa para casar. Alfie não sabia dizer.

Depois que um momento de silêncio se estendeu entre eles, Alfie não conseguiu conter um pedido de desculpas que se formou dentro dele.

— Sinto muito por tudo o que aconteceu ter levado a... e agora sua vida não é mais como pensou que seria... — Ele não conseguia escolher as palavras certas. — Só sinto muito por tudo ter acontecido como aconteceu. E sinto muito por tudo estar tão incerto agora. — As desculpas saíram de maneira atrapalhada, mas ele esperava que ela compreendesse.

Ela deu um pequeno sorriso de reconhecimento, como se pudesse ler seus pensamentos.

— Não é sua culpa, príncipe Alfehr. E, no momento, estou longe de ser a pessoa com o futuro mais incerto. Sinto muito por você e sua família.

Alfie assentiu, sentindo a estranheza da situação desaparecer.

— Obrigado, Aurora. — Ele alisou a túnica e engoliu em seco antes de fazer a pergunta seguinte. — Nunca perguntei isso, e sei que posso estar passando dos limites, mas... Você e Dez... — Alfie começou a dizer e o volume de sua voz foi diminuindo. — Só queria dizer que se você e Dez se amavam e você não quisesse ser considerada como minha prometida, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para convencer meus pais a não levarem o noivado adiante. Você e eu não precisamos ter nenhum tipo de relacionamento que te deixe desconfortável.

Aurora olhou para baixo por um instante, e Alfie não soube dizer se a havia desrespeitado seriamente com aquela pergunta. Mas então ela o encarou com olhos gentis.

— Agradeço sua preocupação, príncipe Alfehr. Seu irmão e eu éramos próximos, mas apenas como amigos. Nós dois sabíamos do que se tratava o

casamento. Eu fui escolhida para ser rainha, não para ser o amor da vida dele — ela disse com leveza, mas seus olhos carregavam uma tristeza que Alfie podia reconhecer. — Ainda assim, sinto saudades de Dez.

— Eu sei. — Se não fosse tão óbvio que estavam sendo observados por todos os presentes no salão, ele teria tocado no braço dela. — Eu também. Todos os dias.

— E as lembranças dele estão por todo o palácio, não estão? — ela disse passando os olhos pelo salão. — Estive evitando você porque estava com medo que também fosse... — Ela pressionou os lábios. — Que pudesse ser muito difícil.

Alfie sentiu um nó na garganta.

— E é.

Ela abriu um sorriso sem graça.

— É melhor falarmos sobre outra coisa, não é?

Alfie concordou, sentindo os olhos arderem.

— Como estão suas habilidades com o fogo? Ainda impressionantes como sempre?

Ela deu um sorriso brilhante, levantou a mão e flexionou os dedos. Alfie viu o início de um raio estalando na ponta deles. Era a façanha mais difícil para um lançador de chamas aprender. Nem Dezmin era capaz de evocar raios. Ainda assim, Aurora tinha facilidade para aquilo desde antes dos vinte anos. Nobres raramente se interessavam por magia elementar, mas ela era um prodígio tão grande que sua família procurou estimular seu talento.

— É claro — Aurora respondeu, triunfante, deixando as faíscas de luz se apagarem da ponta de seus dedos. Então se aproximou e sussurrou: — Ambos sabemos que o rei e a rainha me escolheram para poderem ter netos capazes de incendiar o palácio antes mesmo de aprenderem a andar.

Por um instante, Alfie ficou em silêncio, chocado com a franqueza dela, mas depois os dois caíram na gargalhada. Ela tinha razão: os pais dele com certeza haviam se entusiasmado com ela como futura rainha não apenas por sua posição e

sua beleza, mas também por causa de seu talento para a magia elementar e falada. Era bom estar perto de alguém que conhecia as artimanhas de seu mundo.

— Bem, se ficarmos juntos, sou um encantador de águas habilidoso, então não vamos perder o palácio inteiro.

— Sim. — Ela riu e depois disse a ele com delicadeza: — Não importa o que acontecer, noivos ou não, vamos ficar bem.

Alfie concordou.

— Acho que tem razão.

Um silêncio confortável os envolveu e, por um instante, Alfie se sentiu leve.

Então olhou atrás de Aurora e viu Tiago Vera se aproximando de Luka. Embora Alfie não conseguisse ver seu rosto, soube pela tensão nos ombros do primo que ele estava desconfortável.

— Aurora — Alfie disse. — Peço desculpas, mas pode me dar licença?

— Claro — ela respondeu com um sorriso terno. Tocou no ombro dele, que ficou feliz pelo gesto de conforto. — Foi bom conversar com você, príncipe Alfiehr.

— Digo o mesmo. — Ele se curvou diante dela novamente, demorando-se um pouco mais, para demonstrar seu respeito. Ela fez uma reverência e seguiu na direção de um grupo de jovens nobres. O mais rápido possível, sem chamar a atenção dos convidados, Alfie começou a atravessar o salão até chegar ao lado de Luka.

— Luka — Tiago disse. — Que bom ver você.

Tiago e Luka haviam namorado durante meses até que Tiago deixou Luka por um de seus amigos. Luka mergulhou em uma tristeza que Alfie nunca tinha visto. Tinha apenas dezesseis anos e seu coração já havia sido partido pela primeira vez. Aquela dor, arruinando o estado de espírito de seu primo, era algo que Alfie nunca mais queria ver. Desde então, Tiago sempre se empenhara em não deixar Luka se esquecer do quanto o havia magoado.

Mesmo que Luka se recusasse a falar com Alfie, ele não o deixaria passar por aquela situação sozinho. Correu para o lado de Luka e pigarreou. O sorriso

triunfante de Tiago se desfez.

— Vossa alteza — ele disse, curvando-se em uma reverência. Alfie teve que se conter para não revirar os olhos. — Bem-vindo de volta. Já se passou muito tempo desde a última vez em que o vi.

— Tiago — Alfie disse, erguendo o queixo. — Já faz tempo mesmo. Estive longe de casa e, mesmo no mar, fiquei sabendo que desperdiçou metade de sua herança em apostas durante o verão. — Tiago ficou com o rosto corado de constrangimento.

Luka arqueou as sobrancelhas e, em um instante de contato visual, os dois estavam se comunicando tão perfeitamente quanto antes.

“Acabe com ele”, os olhos de Alfie disseram.

“Com certeza”, os de Luka responderam.

Mas Tiago foi mais rápido que Luka.

— Príncipe Alfehr, é maravilhoso vê-lo de volta, são e salvo, mas é impossível não imaginar... — Tiago disse, inclinando a cabeça como se estivesse refletindo. — Se você não tem futuro, o que vai ser de nossa amada Castallan quando for nosso governante?

Alfie ficou paralisado. Uma raiva quente se acumulava em seu estômago enquanto os lábios de Tiago formavam um pequeno sorriso de satisfação.

Ao completarem cinco anos, todos os membros da família real eram levados à vidente da realeza, que vislumbra seu futuro e dizia quais grandezas sua vida traria. A Dezmin, a vidente disse que seu legado seria eterno, sinal de que se tornaria o rei que seus pais esperavam. Quando a mãe de Alfie o levou para sua própria revelação, ele esperava ouvir sobre um futuro de conquistas, como nas histórias que liam para ele. Alfie temia que a vidente dissesse que sua vida seria repleta de covardia ou desprovida de glória, uma vida de que seus pais não pudessem se orgulhar, mas o que ela dissera tinha sido muito pior.

“Não consigo ver nada”, a vidente dissera, destruindo as expectativas de Alfie. “Tem uma parte faltando. Uma parte importante. Sem ela, não consigo ver o futuro do príncipe.”

Como seus pais podiam pensar que ele seria o governante daquele reino quando sequer tinha futuro? Quando não era completo.

Se Tiago havia pensado aquilo, quantos outros não estavam segurando o riso, se perguntando se o governo de Alfie não significaria o fim do reino? Uma onda gigante de constrangimento tomou conta de Alfie enquanto buscava uma resposta diante do desdém de Tiago.

Alfie foi salvo quando Luka tomou a frente, observando Tiago com os olhos semicerrados.

— Seria muito bom se você segurasse a sua maldita língua. Como seu príncipe disse — Luka afirmou, lembrando Tiago de sua posição —, você fracassou nas casas de apostas, então seria bom não abusar da sorte conosco também. Vê se desaparece, Tiago, assim como a sua herança.

Tiago ficou boquiaberto. Sentiu-se tão humilhado que franziu a testa e em seguida deu meia-volta e foi embora. Luka e Alfie se entreolharam por um instante e caíram na gargalhada. Mas quando pararam de rir, Luka desviou os olhos, lembrando que estava zangado.

— Isso não muda nada, príncipe Alfehr. — Era estranho ouvir seu título e seu nome inteiro na voz de Luka.

Apesar do tom de Luka, o coração de Alfie ficou mais leve. Se o primo o havia defendido, talvez estivessem mais perto de voltar ao que eram antes.

— Você me conhece bem o suficiente para me chamar de Alfie.

Luka o encarou com os olhos semicerrados, sem o sorriso habitual.

— Será? — Luka pegou um cálice de sangria da bandeja de um criado que passava.

— Sim — Alfie insistiu. Luka tomou um gole generoso de sangria. — Vá com calma — ele disse em voz baixa. — Você sabe que não se dá muito bem com bebidas doces.

Luka arqueou as sobrancelhas e fez sinal para outro criado se aproximar. Ele tomou toda a sangria de uma vez e entregou a taça vazia ao criado, pegando outra cheia.

— E você não se dá muito bem entrando e saindo escondido do palácio com contrabando — Luka sussurrou sobre a borda da taça. — Mas não estou te passando sermão neste exato momento, estou?

A sombra de Alfie se afastou de Luka com cuidado.

— Luka...

— O quê? — Luka continuou dizendo em voz baixa, ainda com um sorriso educado no rosto. — Tem medo de eu beber demais e contar a todos sobre seu novo passatempo? Não saberia nem como contar. — Luka inclinou a cabeça e colocou a mão no queixo, como se estivesse refletindo. — Acho que poderia começar com: “Vocês sabiam que quando todo mundo está dormindo, o príncipe Alfie pega uma maçaneta e...”.

— Luka — Alfie disse, rebatendo tão rapidamente quanto um chicote. Ele manteve a compostura e um sorriso cuidadoso no rosto, como o de Luka. — Sei que está bravo comigo. Tem todo o direito de estar. — Luka riu. — Temos que conversar sobre isso, mas não pode ser agora.

— Não posso prometer que não vou te matar antes disso — Luka murmurou, bebendo mais um gole de sangria.

— Você poderia — Alfie disse, com esperanças de que a piada de Luka significasse que ele estava um pouco menos zangado. — Mas teria que ficar sozinho nessa festa chata.

— Então posso te matar logo depois — Luka ironizou.

Alfie concordou.

— Combinado, então.

Os lábios de Luka se curvaram, formando um sorriso genuíno, e Alfie reagiu com outro sorriso. Talvez tudo fosse realmente voltar ao normal em breve. A rainha se aproximou deles, arrastando a saia do vestido rodado sobre o chão liso.

— Como está a noite dos meus garotos preferidos? — Ela parou entre eles e os segurou pelos ombros. — É tão bom ver vocês se dando bem novamente.

Luka ficou tenso ao ouvir aquilo. Ele se afastou da rainha e o sorriso dela estremeceu.

— É — Luka disse, abrindo um sorriso tão frágil que Alfie podia ver rachaduras se formando. — Podem me dar licença? — Luka disse, fazendo uma reverência.

As intenções de sua mãe eram boas, Alfie sabia, mas era cedo demais para ter dito aquilo.

— Claro — respondeu a rainha Amada, com o olhar tomado de preocupação.

Ela acenou com a cabeça para Alfie, dizendo-lhe em silêncio para ir atrás de Luka, que seguia na direção da porta.

Alfie o seguiu pelo corredor. Assim que as portas se fecharam, Luka soltou um resmungo de raiva e passou a mão pelo cabelo escuro.

— Sei que está bravo... — Alfie começou a dizer, mas Luka o silenciou com um olhar furioso.

— *Sim!* — ele respondeu quase gritando. Alfie agradeceu pelas paredes à prova de som. — Sei que você sabe! E sei que fica fingindo que tudo vai ficar bem agora que voltou, mesmo saindo escondido do palácio, arriscando a própria vida em vão! E ainda tem a ousadia de achar que as coisas podem simplesmente ficar *bem* de novo? Você foi embora, Alfie. Três meses e nem uma maldita carta!

Alfie engoliu em seco, sem saber ao certo o que dizer.

— Eu sei. E sinto muito. Eu precisava de um tempo. Por favor, apenas me escute...

— Não — Luka gritou, indo para cima dele com os olhos vidrados. — Não escuto você. Você me deixou aqui! Você me deixou aqui olhando para o lugar vazio dele à mesa, *sozinho!*

Alfie sentiu uma pontada no peito enquanto Luka apertava as mãos, frustrado. Ele havia partido porque não conseguia olhar para os lugares onde Dez costumava ficar, onde ainda deveria estar, mas nem tinha pensado no que sua partida representaria para Luka. Não tinha pensado em ninguém além de si mesmo.

A sombra de Alfie se esticou para a frente, na direção de Luka, mas Luka apenas saiu do caminho.

— Luka, eu vou parar, eu prometo. Acabou. Tudo isso acabou — Ele estava dizendo a verdade. Tinha prometido a si mesmo que pararia se nenhum daqueles livros inglêsios não trouxessem nada que pudesse salvar Dez.

Luka observando o príncipe, estreitando os olhos dispersos.

— Não sou idiota. Não acredito em você. Por que quando decide ser impulsivo, faz justamente algo que pode te matar? Por que não pode apenas beber e dormir o dia inteiro como qualquer outro membro rebelde da realeza?

Alfie cerrou as mãos em punho.

— Eu lido com meu luto do jeito que eu quiser, Luka. Nem todo mundo é como você.

— Nem todo mundo é o próximo na linha de sucessão, Alfie — Luka retrucou.

— Por que tudo tem que se resumir a isso? — Alfie perguntou, sentindo as paredes se fechando sobre ele. Sabia que teria que ser rei, mas a realidade daquele fato ainda pesava demais, como uma âncora que o carregava para profundezas incomensuráveis.

— Porque é importante! E isso é besteira. Dez se foi. Você não pode trazê-lo de volta. E o pior de tudo é que você parece achar que é único aqui que perdeu um irmão — ele afirmou, agitado. — Dez também era meu irmão. E você me fez sofrer ao ter um irmão que foi levado e outro que *foi embora!*

— Eu não quis...

— Não me interessa o que você quis — Luka respondeu. — E talvez você tenha esquecido, mas você era importante para Dez. Sua maldita vida era importante para ele! Este reino, o legado dessa família, eram importantes para ele também. Ele não ia querer te ver morto, jogando tudo para o alto. E eu é que não vou ficar assistindo você fazer isso.

O rosto de Alfie queimava de vergonha e Luka se virou sem nem olhar para trás. Luka estava bêbado demais para acreditar nele naquele momento. Se precisava de um tempo, Alfie lhe daria isso. Era o mínimo que podia fazer. Mas o

rosto corado de Luka e o leve cambalear em seus passos diziam a Alfie que a sangria que ele havia tomado estava fazendo efeito.

— Por favor, vá para o seu quarto e durma até ficar sóbrio — Alfie disse. — Podemos conversar amanhã.

Luka fez um gesto de desprezo com a mão, sem se virar, e desapareceu por outro corredor. Alfie quis ir atrás dele, mas sua mãe o mataria se fosse embora da festa. Se teria que se tornar rei, precisava impressionar naqueles eventos. Era o que Luka queria que ele fizesse, não era? Que se comprometesse com suas responsabilidades reais? Ainda assim, ele queria ir atrás do primo.

Alfie deixou aquela vontade de lado. Foi até a porta dupla do salão de baile, colocou um sorriso no rosto, e voltou para dentro.

10

O cofre

FINN CONTOU ATÉ CEM antes de sair de baixo da cama, fechar o compartimento secreto da gaveta e, hesitante, voltar para dentro da passagem.

O que havia acabado de acontecer?

Ela pensou no som do frasco sendo agitado e da garota chorando. Parecia errado. Era necessário ter maldade para envenenar alguém, e Finn ouviu apenas remorso no choro da garota. Sob sua persistente curiosidade havia uma dúvida: será que o príncipe merecia morrer? Ela espiou novamente pela fresta e viu um pedaço do frasco sobre o criado-mudo. Por um instante, considerou esvaziá-lo. Depois riu. Por que deveria se importar com um príncipe? Estava lá para roubá-lo, não para salvá-lo.

Que tipo de pessoa você é senão faz nada quando alguém pode ser morto?, ela pensou.

Finn pressionou a testa contra a parede de pedra. Deixar alguém ser envenenado certamente não era a pior coisa que já havia feito. Qual seria o propósito de voltar agora?

Aquele pensamento pesou em seu estômago como uma pedra.

Você é exatamente o que eu sempre disse, Mija. Um monstro.

A voz de Ignacio soava como um sino em sua cabeça. Seus dedos ansiavam por derrubar o frasco, provar que aquela voz estava errada. Mas o que importava fazer uma única boa ação? Seria tolice até mesmo pensar que uma coisa boa a salvaria de todas as ruins. Ela não era personagem de uma história para crianças.

Ela era quem era.

Por um instante, afundou-se naquela lembrança mais uma vez. Na primeira vez em que havia tirado uma vida. Podia ver a garota sangrando sob ela, podia sentir algo obscuro e deformado enraizar-se em seu interior. Suas mãos estavam suando; sua respiração era ofegante e irregular.

Depois de três contagens regressivas, acalmou a parte de sua mente que ecoava com a culpa por acontecimentos do passado. Estava muito longe de se afundar em culpa. Havia aprendido a nadar naquelas águas muito tempo atrás. Precisava se concentrar.

Finn fechou a abertura com a ripa de madeira. A chave para o cofre estava segura em seu bolso. O que quer que estivesse acontecendo, não tinha nada a ver com ela. Estava ali para pegar o manto.

Agora que havia encontrado a chave, precisava descer novamente para chegar ao cofre real. Devia ter demorado quase uma hora para passar pelo emaranhado de passagens e escadas que levavam às profundezas do palácio. Sentiu o ar mudando, ficando mais úmido. Ela se perguntou se realmente existia um calabouço no palácio, como tinha ouvido falar. Curiosa, olhou no mapa. Sim, existia.

Um lugar onde definitivamente evitaria passar.

Enfim chegou a uma passagem que dava para o corredor em que ficava a porta prateada do cofre, que ia do chão ao teto. Claro que não havia nenhuma passagem direta para dentro do cofre. Ela não era tão sortuda nem o arquiteto do palácio tão burro. Pela fresta, dava para ver dois guardas sentados atrás de uma mesa diante do cofre. A mesa estava coberta por cartas de baralho. Parecia que eles estavam jogando uma rodada de cambió. Ela fez uma careta. Já estava farta daquele jogo.

Um dos guardas estava quase caindo no sono. O outro estava olhando para o teto como se pudesse flutuar com a força do pensamento e chegar até a festa que acontecia no andar de cima.

Finn tirou de sua bolsa um frasco com cinco espinhos de urso-espinho cinza da espessura de uma unha e do comprimento de seu dedo médio. Tirou a tampa do frasco e, movimentando a mão, os espinhos se elevaram até a altura de seus olhos.

Ursos-espinhos eram feras gigantescas cobertas por afiados e venenosos espinhos que lançavam nos inimigos e nas presas. Os espinhos eram fortes, entremeados por uma grande quantidade de metal. E o que era o metal, senão um tipo de pedra?

Movimentando levemente os dedos, Finn passou dois espinhos pela abertura. Precisava acertar de primeira. Se errasse, os guardas poderiam ver os espinhos e perceber que alguém estava tentando derrubá-los. Mas se ela conseguisse acertá-los, poderia entrar naquele cofre sem dificuldades.

Finn prendeu a respiração e observou os alvos. Nenhum deles se mexia muito. Aquela era a hora. Com um movimento, os espinhos saíram pela fresta.

Não se mexam, não se mexam, não se mexam, Finn mentalizou intensamente.

Os espinhos se enterraram no pescoço dos guardas, cujas cabeças penderam para baixo ao adormecerem rapidamente. Finn cobriu a boca com a mão para conter um grito vitorioso. Sua sombra girava triunfante ao seu redor.

Ela saiu da passagem secreta e removeu os espinhos do pescoço dos guardas, então enfiou a chave na abertura da grande porta. A fechadura fez um clique. Finn olhou para os homens, que apoiavam a cabeça sobre a mesa, ainda dormindo. O veneno de urso-espinho derrubava as pessoas por uns bons dez minutos. Quinze, se ela tivesse sorte. Ela precisava encontrar o manto e pegá-lo antes disso. Abriu a porta, fechando-a ao entrar. Ficou boquiaberta.

O cofre era banhado pelo brilho dourado de tesouros valiosos demais para se compreender. Tudo reluzia, como se pedissem para ser roubados. Havia manequins envolvidos pelos mais belos vestidos e adornos de cabeça que ela já havia visto. Deviam ser as vestes das cerimônias de casamento de antigas rainhas. Havia documentos preservados que Finn reconhecia como históricos: declarações castallanas, textos sagrados de antes da ocupação inglêsia e contratos de casamento entre príncipes e princesas. Ela abriu baús e encontrou mais pesos de ouro do que imaginava que existissem e colares tão pesados, tão cheios de pedras preciosas, que poderiam quebrar seu pescoço. Ao lado de uma pilha de tapeçarias estava uma

caixa de vidro com um manequim despido. Alguma roupa bonita devia ter sido mantida ali. Finn ficou imaginando o que seria, mas seus olhos recaíram novamente sobre o ouro. Antes que pudesse se conter, estava enchendo os bolsos com punhados de pesos.

— Pare — ela disse a si mesma. Não conseguiria sair do palácio sem ser vista se estivesse arrastando um baú de ouro. Esvaziou os bolsos.

Bem, a maior parte deles.

Então concentrou todas as energias em encontrar o manto da invisibilidade. Qual seria sua aparência, Finn não sabia. Toda criança castellana já tinha ouvido a história da grande rebelião que começara com aquele manto. Mas cada versão do conto mudava sua cor e detalhes. Alguns diziam que era leve como uma sombra, outros afirmavam que carregava o peso da história. Alguns o descreviam com o vermelho vivo da bandeira de Castellan. Outros alegavam que cintilava com todas as cores conhecidas pelo homem, e todas as desconhecidas também. Finn não sabia o que procurar. Imaginou que o reconheceria quando o visse. Mas experimentou todos os mantos sofisticados que encontrou ali e nenhum a tornou invisível ou a fez parecer particularmente especial.

Com um resmungo de frustração, Finn subiu em um baú de madeira escura e cruzou os braços. Como encontraria algo que nem sabia como era? Virou o pescoço de um lado para o outro, sentindo a tensão se formar. Enquanto vasculhava o cofre em vão, passou por um pedestal sobre o qual estava uma almofada de veludo. Em cima da almofada, havia algo parecido com um pedaço de uma estátua — dois braços musculosos e mãos em pedra escura e lisa. A obra era tão cuidadosa e detalhada que nem parecia esculpida. Parecia que tinha brotado na superfície de uma montanha daquele jeito.

As mãos de pedra estavam entrelaçadas, os longos dedos unidos. Devia ser um pedaço de alguma escultura famosa que ela não conhecia. Finn não entendia nada de arte, mas não conseguia tirar os olhos daquilo. Tinha até pelos finos nos braços. Ela nunca tinha visto uma estátua com tantos detalhes. De onde quer que fossem aqueles braços, Finn sabia que se tratava de uma escultura grande e imponente.

Ela esticou os braços na direção dela e, pouco antes de seus dedos a tocarem, ela sentiu uma fagulha de magia crepitar no ar, disparando da ponta de seu dedo e percorrendo todo o seu corpo. Ela recolheu a mão.

— Coño! O que foi isso? — ela disse, movimentando os ombros tensos. Os braços de pedra estavam ali, impassíveis, aparentemente nem um pouco impressionados com sua tentativa de pegá-los.

Finn fez um gesto grosseiro para eles.

— Faça uma estátua com isso — ela disse, vendo seu reflexo irritado na caixa de vidro.

Naquele momento, algo estalou em sua mente. E se o que realmente estava procurando era um manto que ela não podia ver?

Finn voltou até a caixa de vidro com o manequim despido. Abriu-a e esticou o braço para tocar no ombro da figura. Em vez de seus dedos tocarem uma estrutura lisa e resistente, ela sentiu algo leve e texturizado, um padrão com várias camadas. Com ambas as mãos, puxou a peça invisível do manequim.

Colocou-a sobre seus ombros e tateou em busca das mangas. A princípio, pareceu que seria grande demais para ela, mas pelas as mangas, elas encolheram e se ajustaram confortavelmente ao corpo de Finn. Ela sentiu a barra subir, de modo a não se arrastar no chão. Mas, quando olhou para si mesma, seu corpo ainda estava visível.

— Sério? — ela disse, irritada. O que havia feito para merecer tanto azar? Quando se virou novamente para a caixa de vidro, pretendendo devolver o manto, sentiu um capuz atrás do pescoço. Não custava tentar. Ela puxou o capuz sobre a cabeça.

Seu corpo desapareceu diante de seus olhos.

Ela tinha conseguido. Tinha encontrado o manto da invisibilidade.

— Incrível — ela sussurrou.

Todos conheciam a história de como aquele manto havia salvado Castallan da escravidão. Os inglêsios acreditavam que a magia era um privilégio do qual apenas eles deveriam desfrutar. Todos os outros povos eram vistos como primitivos, não

merecedores daquele dom. E se a língua nativa de um povo fosse extinta, se a conexão com seu passado, com seus ancestrais, com sua história, fosse esquecida, ele não seria mais capaz de evocar magia.

Quando a Inglésia invadiu Castallan, muitas gerações antes, pretendia extinguir a língua castallana como o pavio aceso de uma vela entre dedos úmidos, destruindo assim sua conexão com a magia.

O regime inglês destruiu todos os livros de magia de Castallan e proibiu as pessoas de falarem sua língua nativa ou usar feitiços falados ou escritos. Várias gerações foram forçadas a falar apenas a língua inglesa até que os castallanos esqueceram totalmente seu idioma. A conexão deles com a magia falada e escrita havia sido cortada. Não sabiam nada além do pouco que lhe permitiam fazer com magia elementar para trabalhar nas fazendas de seus dominadores ingleses.

Até que um escravo castallano roubou aquele manto da invisibilidade e o usou para entrar escondido nas bibliotecas, onde encontrou depósitos secretos com livros em língua castallana. A cada palavra que aprendia, redescobria a maravilhosa amplitude da magia e ensinava a seu povo em segredo. Seus ensinamentos se espalharam e Castallan finalmente se rebelou e derrotou seus colonizadores. Aquele manto havia devolvido a magia aos ancestrais de Finn e, assim, resultado em sua liberdade.

Ela andou em pequenos círculos, sentindo o manto roçar em seus calcanhares. Estava vestindo história sobre seus ombros. Sua sombra corria ao seu redor, empolgada, visível no chão. Ela teria que a manter enrolada sob o manto para não ser vista.

Com o manto mantendo-a escondida, voltou para as portas do cofre, adornadas com filigranas. Virou-se e observou melancólica o ouro que poderia lhe servir para comprar um maldito navio, e não apenas uma passagem para um deles. Mas ela precisava sair sem ser notada, sem alertar os guardas para o fato de que algo tinha sido saqueado do cofre. Os pesos que levava nos bolsos teriam que bastar.

Ela saiu do cofre e fechou as grandes portas. Os dois guardas ainda estavam adormecidos. Finn teve que se conter para não rir. Com o manto, afastou-se dos

guardas sem se preocupar em voltar para as passagens secretas. Já tinha o que havia ido buscar, e agora desfrutaria do objeto. Ela andaria entre a realeza de cabeça erguida.

E talvez levasse algumas coisas aqui e ali. Se tivesse vontade.

Mas a quem estava enganando? Ela *sempre* tinha vontade.

Luka tomou outro grande gole direto da garrafa enquanto se apoiava em uma estante na adega de vinhos.

A cada gole, afogava as lembranças das desculpas vazias de Alfie e da visão de Tiago no jantar com sua presunção característica. Depois que terminou uma garrafa, pegou outra para beber no caminho até seus aposentos. Estava com o humor muito melhor do que quando deixara Alfie sozinho no corredor, parecendo totalmente perdido. Tão culpado e pesaroso.

Luka tomou o vinho para obscurecer aquele pensamento. Depois de alguns goles, tudo se tornava cada vez mais turvo, até ele não conseguir mais lembrar por que estava bebendo. Mas ele não era de desistir, então terminou a garrafa assim mesmo. Ao se dirigir à grande escadaria, Luka entregou a garrafa vazia ao guarda mais próximo e deu uma piscadinha.

Sempre que estava bêbado, ele fazia questão de olhar para os ladrilhos estampados dos degraus enquanto cambaleava até o quarto. Os desenhos se movimentavam e escapavam dos limites dos quadrados em que estavam aprisionados, misturando-se uns aos outros até novos padrões surgirem.

Claro que aquele método de caminhar fazia Luka cair múltiplas vezes. Mas era divertido, e Luka vivia para se divertir.

Quando o que pareceu ser o milionésimo guarda que tentou ajudá-lo a chegar ao quarto, Luka o ficou encarando, descrente.

— Deuses! Quantos de vocês existem nesse lugar? Posso andar sozinho até meu quarto, guarda número três mil e um. Era para você estar fazendo coisas mais

importantes, como proteger espectadores inocentes dos passos de dança esquisitos de Alfie.

Então Luka riu tanto que quase vomitou no piso de ladrilhos que tanto admirava.

Quando conseguiu chegar ao grande corredor que levava aos seus aposentos, ele parou. As palavras de Alfie soavam em sua cabeça como o mais irritante dos sinos: “Por favor, vá para o seu quarto e durma até ficar sóbrio”.

— Pendejo. — Luka torceu o nariz e se apoiou na porta, contemplativo. Naquele momento, era muito importante fazer exatamente o oposto do que Alfie havia dito. Muito importante. Ele desencostou da porta e caiu no mesmo instante, amortecendo a queda com a palma da mão apoiada no chão.

— O oposto, o oposto — ele murmurou enquanto levantava com dificuldade. Qual era o oposto de ir para o seu quarto dormir? Luka estalou os dedos, como se decifrasse uma charada. — Ir para o quarto de Alfie e ficar acordado! — Ele cambaleou pelo corredor e invadiu o quarto de Alfie. Jogou-se na cama e viu o dossel girar sobre sua cabeça. Sobre o criado-mudo havia um frasco do tônico que Alfie tomava para se acalmar quando estava nervoso. Alfie sempre parecia nervoso.

Exceto quando desaparecia durante meses sem dizer uma única palavra, metendo-se em confusão sem pedir para Luka ir junto, e até mesmo sem dizer a ele que iria embora. Pareceu bastante calmo quando fez tudo aquilo.

— Cretino, idiota que me abandonou — Luka resmungou antes de pegar o frasco. Parecia frio em sua mão. Luka o colocou sobre a testa. Ele rolou até seu nariz e ficou se equilibrando de forma precária.

Luka tirou o frasco do rosto, girou a tampa e tomou um grande gole do tônico. Depois atirou o frasco para o outro lado do quarto, deixando-o rolar até as portas duplas que davam para a sacada.

Ele levantou da cama, irritado demais para pegar no sono. Com a mente confusa devido ao vinho e ao tônico, Luka saiu cambaleando do quarto de Alfie. Bêbado ou não, diria umas verdades ao primo.

11

A Sala Azul

COM PASSOS TÃO SILENCIOSOS quanto o seu corpo invisível, Finn deu uma volta pelo palácio.

Experimentou o porco dentro do qual havia se infiltrado na cozinha e confirmou que era digno de todos os elogios. Apostava que seu suor havia aprimorado o sabor. Passou pelas portas abertas do salão de banquetes e viu os nobres dançando, o que se provou menos interessante do que o esperado. Ouviu conversas e imitou as expressões escandalizadas dos nobres que fofocavam.

— Ficou sabendo que ele foi pego com a amante?

— *Não.*

— Sério! E ela deu um ultimato a ele.

— De novo?

— *De novo.*

Quando se cansou das expressões forçadas de surpresa e dos olhares de choque, Finn saiu do salão de banquete e voltou a explorar. Sabia que devia ir embora, mas quis se demorar de propósito. Afinal, não tinha nada a temer. Não com o manto da invisibilidade nos ombros.

Ela caminhou por uma ala de belas-artes, passou pela biblioteca que havia espiado antes e por mais saletas do que era capaz de contar, até se encontrar em uma ala silenciosa do castelo em que não havia guardas nem convidados.

Estava estranhamente vazia e negligenciada. Se nas outras partes do palácio o piso de ladrilho brilhava, lá o piso estava opaco, como se ninguém pisasse ali ou

limpasse havia meses. As cortinas estavam fechadas sobre janelas com vitrais que iam até o teto. No fim do corredor havia uma porta dupla. Ela foi vencida pela curiosidade. Por que aquela ala estava tão deserta? O que havia acontecido ali?

Antes de conseguir se convencer a não fazer aquilo, ela abriu a porta, entrou e a fechou. O cômodo era uma saleta grande com piso de ladrilhos azuis e faixas de um tecido azul mais escuro drapeadas no teto octogonal. A maior parte dos móveis estava coberta com lençóis brancos, como fantasmas petrificados incapazes de se mover ou falar.

Assustador, ela pensou, se abraçando.

Havia teias de aranha nas cortinas. Uma camada espessa de poeira tinha se formado sobre a única mesa que não estava coberta, como musgo sobre um lago. Ela passou os dedos sobre ela e ficou maravilhada com o fato de poder senti-los escorregando pela poeira, mas não ser capaz de vê-los. Desenhou linhas cruzadas sobre o pó e fez uma pequena estrela com o dedo mindinho. Parecia um fantasma tentando rabiscar uma mensagem. Finn, a Fantasma. Ela sorriu. Gostava daquilo.

Com um rangido, ouviu as portas se abrirem.

Finn deu um salto, quase se esquecendo de que estava invisível. Parado na porta, havia um garoto alto que parecia um pouco nervoso. Ele era estranhamente familiar.

— Luka? — ele gritou para dentro da sala. — Você desmaiou aí dentro? — Ele ficou na porta, parecendo não se sentir à vontade para entrar, como se algo no interior daquela sala o assombrasse havia muito tempo. Seus olhos brilhavam. Ele rapidamente os esfregou com o dorso da mão.

Respirou fundo e soltou o ar lentamente pela boca até seus ombros relaxarem. Ainda hesitante, ele entrou.

Já passava da meia-noite. O que ele estava fazendo ali? Era magro, e ela conseguia dizer pela maneira que ele se movimentava que cada passo que dava era considerado e medido duas vezes em sua cabeça. Havia muita preocupação nele e em sua testa franzida. Ele parecia delicado, até. Frágil. Era atraente, com os

grandes olhos dourados e a forma com que o corpo esguio afinava na cintura. Era adorável em sua fraqueza óbvia, como um cachorrinho manco. Não exatamente guapo, mas charmoso.

Ele analisou a sala antes de se aproximar da mesa onde estava Finn. Abaixou a cabeça como se estivesse acostumado a encontrar alguém dormindo sob a mesa. Sua sombra ziguezagueava a seu redor, examinadora. Ela quase riu ao ver aquilo. Qual poderia ser o *proprio* de um garoto mimado do palácio? A capacidade de fazer belos arranjos de flores?

Quando o garoto se aproximou, Finn prendeu a respiração. Ele estava a apenas um ou dois passos de distância dela.

Tamborilou os dedos sobre a mesa, depois parou, estreitando os olhos. Finn acompanhou o olhar dele. Estava olhando para as marcas que ela havia feito. Finn recuou. Através do manto fino, seu quadril tocou a beirada da mesa. Os pesos que levava no bolso fizeram barulho.

Ele levantou os olhos, sua sombra ficou imóvel, desconfiada como um cão ao ouvir o som de passos desconhecidos. Finn ficou parada e desejou que seu coração parasse de bater com tanta força em seu peito. Ele não podia vê-la. Chegaria à conclusão de que tinha imaginado o ruído e seguiria em frente. Ficaria tudo bem.

Ele esticou o braço e quase tocou no nariz dela com a ponta dos dedos. Então soltou a mão e respirou fundo pelo nariz, claramente se censurando por achar que havia alguém ali.

Aquela tinha sido por pouco.

Então ele olhou novamente para a mesa e a desconfiança surgiu mais uma vez em seu rosto. Ele ficou olhando fixamente para onde ela estava. Dessa vez, ele apertou os olhos, concentrando-se, como se aquilo pudesse ajudar. Ela quis bufar e dizer para ele tomar cuidado para não ter uma hemorragia nasal. Seus olhos dourados se arregalaram e ele esticou o braço, rápido como uma naja, e agarrou o braço dela.

— O que você está fazendo aqui?

12

O príncipe, a ladra e o bêbado

— ESTÁ ME SEGUINDO? — Alfie perguntou enquanto o braço invisível tentava se livrar dele.

Ele podia ver a magia fluindo por ela. Era da mesma cor de vinho mutante que tinha visto no jogo de cambió.

— Quem é você? — ele perguntou. — Posso vê-la! Responda!

A resposta que ele obteve foi um soco no queixo. A garota se soltou. Alfie avançou para a frente e a agarrou pela cintura, segurando com tanta força que as costas dela ficaram coladas no peito ele. Ela arqueou o corpo.

— Está me ouvindo? Quem é você? Tire o encanto de invisibilidade que tem sobre o corpo.

A garota levantou o cotovelo, atingindo-o no rosto. Ele recuou, levando a mão ao nariz ferido. Seus olhos voltaram a focar, e ele observou a silhueta dela, contornada por aquela magia familiar, sair em disparada para a porta.

Alfie travou os olhos sobre sua silhueta vermelha.

— *Paralizar!*

Ela ficou imóvel. Ele podia ver a magia reverberando através do corpo dela, vibrando com raiva como uma colmeia atacada. Sua sombra ainda aparecia à sua volta, atacando-o como um cão ameaçado. Aquela magia não duraria muito. Ele precisava ser rápido.

Alfie a segurou pelo braço. Quando levantou a outra mão, sentiu um capuz que não podia ver. Ele caiu da cabeça da garota, que apareceu diante dele, não

mais invisível. Ela estava paralisada, com o corpo inclinado para a frente, a mão tentando alcançar a maçaneta. Ele a reconheceu de imediato — os olhos escuros, o cabelo cacheado que caía até os ombros, o início de um sorriso rabugento. O *proprio* dele não estava errado. Era mesmo a garota da máscara de dragão, a que tinha a magia vermelha cambiante.

Alfie passou a mão sobre o braço dela novamente e sentiu o tecido do que quer que ela estava usando que ele não era capaz de ver. Seus dedos sentiram uma textura com várias camadas leves e ele ficou boquiaberto. Seu pai o permitira tocar naquilo poucas vezes, mas Alfie nunca confundiria aquela sensação com nenhuma outra. Mantos da invisibilidade eram raros demais para pertencerem a uma ladra comum. Só podia ser o que ficava guardado no cofre da família. Ela tinha roubado o item mais valioso de todo o palácio. Talvez de todo o reino.

Como havia conseguido? Será que tinha se apropriado do rosto de um guarda e entrado?

Então outra coisa lhe veio à mente. O caderno de rostos que ela havia derrubado. É claro que ele já tinha visto um deles em um cartaz de “procurado”. Os rostos desenhados eram os que ela usava para cometer crimes.

Ele a encarou incisivamente.

— Vou te descongelar e você não vai correr. Se correr, vou te imobilizar de novo e jogá-la no calabouço, entendes?

Ela não podia responder, mas Alfie viu a magia que vibrava em seu corpo diminuir e se acalmar.

Alfie retirou o encanto. O braço da garota caiu. Ela ficou parada por um bom tempo, parecendo pensar no que dizer. Depois deu de ombros, como se tivesse desistido de procurar uma resposta esperta.

— Estou aqui para roubar o manto. — Ele deve ter ficado confuso com sua sinceridade, porque ela voltou para a mesa, sentou e cruzou os braços. — Estou sendo sincera. Estou cansada. Minha semana foi muito difícil e eu cheguei aqui dentro de um maldito porco. Estou sem energia para mentir.

Alfie se perguntou se “chegar dentro de um porco” era alguma gíria que ele ainda não conhecia.

— Você sabe que manto é esse, não sabe? Mantos da invisibilidade são extremamente raros, mas este não é qualquer manto. É o...

— Sí, eu sei. — Ela o silenciou com o olhar, e a raiva em seus olhos era um xingamento visual. — O manto que passou de rei para rei. O manto que deu início a uma revolução. O manto que conquistou nossa liberdade. Nem todo mundo precisa sentar diante de uma mesa lustrosa para aprender coisas.

— E você ainda assim quer levá-lo? Não se importa nem um pouco com o que isso representa para o povo?

— Não — ela disse sem hesitar. Alfie inclinou a cabeça e a encarou. Não queria se sentir revigorado pelo fato de ela se preocupar tão pouco com o legado, o peso da história, como seus pais chamavam. Mas se sentia. Apesar do queixo dolorido, era assim que se sentia.

— Preciso dele para terminar um trabalho — ela disse. Levantou o braço e considerou o manto com cuidado. — E ele seria útil em minha área de atuação.

— E qual é, exatamente, a sua área de atuação?

Ela apontou para si mesma, como se usasse uma placa.

— O que você acha?

— Roubo de identidades, eu imaginaria.

A garota arqueou as sobrancelhas.

— Entre outras coisas... Mas como você sabe?

Alfie a encarou irritado.

— Não está me reconhecendo?

Ela olhou para ele, sem expressão.

— Não.

— Você recobriu seu punho com pedra e me deu um soco na cara.

— O Punho de Pedra é meio que minha marca registrada. — Ela deu de ombros.

— Aconteceu dois dias atrás. — Quando viu que ela estava apenas o

observando com os olhos semicerrados, Alfie rangeu os dentes. Ela devia reconhecer sua voz. Ele não podia ser *tão* esquecível assim. — Nós já nos encontramos.

Ela ficou olhando para ele por um tempo.

— Você está me confundindo com outra pessoa.

— Não estou — ele disse. — É impossível eu não te reconhecer.

Ela riu.

— Confia tanto assim em sua visão?

— Sim — ele insistiu. — Posso ver a magia. Conheço a sua. Você estava se passando por uma mulher na casa de Rayan. Brigamos depois do jogo de cambió.

Ela ficou de queixo caído. Depois franziu a testa com raiva.

— Se você não tivesse feito o que quer que fez para me deixar desacordada, eu nem estaria aqui! Seu mimado filho da...

— É melhor falar baixo se quiser o manto — Alfie mentiu, sabendo muito bem que estavam embrenhados demais na ala fechada do palácio para alguém ouvir. No tempo de um suspiro, ela se aproximou e apontou uma adaga para o seu queixo.

— Como fez aquilo? — ela perguntou. — Como encantou minha carta na viela? — Depois ela o encarou descrente, com a sombra quieta. — Espere. Vai me deixar ficar com o manto?

Alfie evitou a pergunta sobre seu *proprio*, levantando o queixo de maneira provocativa sobre a lâmina.

— Vou te emprestar o manto...

— Essa foi a coisa mais inteligente que disse o dia todo, tenho certeza. — Ela abaixou um pouco a adaga. — E que autoridade tem para me dar o manto?

— Emprestar — Alfie a corrigiu sucintamente e sua sombra avançou, aborrecida. — Ele pertence a mim. — Ele estava mentindo descaradamente. Seus pais arrancariam seu couro se soubessem disso.

Ela riu ao ouvir aquilo.

— Pertence a você. — Então ela inclinou a cabeça e analisou o rosto dele. — Espera aí, você é o maldito príncipe, não é?

Alfie resistiu ao ímpeto de esfregar os olhos com as mãos.

— Sou.

— Eu dei um soco na cara de um príncipe — ela disse, achando graça. — Nunca pensei que diria isso.

Alfie continuou em tom de voz firme.

— Vou te emprestar o manto com uma condição.

A garota massageou as têmporas com a mão livre, parecendo exausta demais para apreciar a tranquilidade da situação.

— Estou ficando muito cansada de condições, príncipe. Você não devia ser generoso e gentil com as donzelas? Não é isso que os príncipes fazem?

— Você me deu um soco na cara com um punho de pedra.

— Repito: generoso e gentil com as mulheres.

— Vai me deixar dizer qual é minha condição?

Ela jogou as mãos para cima.

— Certo, tudo bem, qual é? O que deseja, príncipe? Como posso servi-lo? — ela disse fazendo uma reverência para zombá-lo.

Ele nunca tinha ouvido alguém dizer *príncipe* como se fosse um insulto. Pelo menos não na sua frente.

— Você tem o poder de mudar seu rosto e todo o seu corpo, não tem? Pode mudar tudo.

— Sim.

— Pode fazer isso com outras pessoas? — ele perguntou.

A garota piscou para ele.

— Sí.

— Então, de vez em quando, gostaria que fizesse comigo.

— Mudar você?

— Sim — Alfie disse. Os livros do jogo de cambió não haviam se mostrado úteis, então ele se comprometeria a virar rei como havia prometido. Mas, de vez em quando, dispensaria o peso de seu legado. Ficaria livre, nem que fosse apenas por um instante. Talvez fosse o suficiente.

— Você saiu mesmo de um livro de histórias. Imagino que queira se disfarçar de plebeu e aprender que a verdadeira riqueza está no amor, na amizade e em outras babosei...

— Não pedi comentários, ladra — ele disse, tentando ser sagaz como ela. Mas ela apenas abriu um sorrisinho malicioso e ele quase decidiu que seria melhor prendê-la por aquilo. Mas a verdade é que precisava dela. — Olha, se prometer me ajudar, pode pegar o manto emprestado para fazer o que precisar. Depois vou pegá-lo de volta.

Ela cruzou os braços, parecendo irritada com a ideia de concordar com o pedido dele sem lutar. Ele duvidava que ela fizesse qualquer coisa sem lutar.

— E se eu simplesmente sair daqui com o manto agora?

— Vou te imobilizar.

Quando ele viu que ela não parecia estar convencida, arqueou uma sobrancelha como se dissesse: “Não queira pagar para ver”. Ela pressionou a parte de cima do nariz.

Alfie levantou a mão devagar, sem querer assustá-la e fazê-la empunhar a adaga novamente.

— Combinado?

Ela olhou para a mão dele, depois para o seu rosto.

— Combinado — ela disse, curvando os lábios em um sorriso. Cheia de dentes, sem coração. Um olhar que lhe dizia que ela o achava um idiota e que não tinha intenção nenhuma de devolver o manto. Assim como havia feito com a carta do jogo, Alfie estava ansioso para pegá-la desprevenida. Estava com o diário dela, tudo o que precisava para encontrá-la novamente. Eles trocaram um aperto

de mão para selar o acordo. A pequena mão dela era mais forte do que ele esperava.

Ele viu a sombra dela ziguezaguear de empolgação, quase sorrateira. Quando a sombra dela chegou perto demais, a dele se encolheu reservadamente ao redor de seus pés.

Alfie ficou se perguntando se ela, assim como ele, se preocupava com o que sua sombra revelava, ou se vivia a vida tão livremente que qualquer coisa que sua sombra mostrasse já seria evidente. Ele observou o sorriso zombeteiro que se formava nos lábios dela e a arrogância em sua expressão. Provavelmente era a segunda opção.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou. Aquela era a conversa mais estranha que ele já havia tido, então por que não a terminar do jeito que as conversas normais deveriam começar?

— Finn Voy — ela respondeu. O nome era curto e afiado como a adaga que havia apontado para o seu queixo.

Alfie franziu a testa. Seu sobrenome era Voy, a palavra que ele usava para se movimentar pelos canais de magia que conectavam o mundo. Coincidência estranha.

Ela arqueou a sobrancelha e olhou para ele.

— E o seu?

Alfie inclinou a cabeça. Ela não sabia o nome dele. Havia algo reconfortante naquilo.

— Alfehr Reyes — ele disse.

As portas se abriram atrás dele. Luka entrou, cambaleando. Seus movimentos eram trêmulos e incertos.

— Alfie — ele disse em voz baixa. É claro que Luka o encontraria justo no pior momento.

— Garoto da banheira — Finn murmurou.

Alfie parou na frente dela, esperando bloquear a visão de Luka. Pelo modo com que Luka balançava o corpo, ele parecia bêbado o suficiente para, no dia

seguinte, pensar que havia alucinado.

— Luka, você devia estar na cama. Eu te procurei por todos os cantos.

— Eu estava no seu quarto. Bebi vinho e sangria e o seu tônico. Depois fui te procurar e eu... eu não estou me sentindo bem — Luka disse. Sua voz tinha apenas um fiapo de seu tom alegre costumeiro. Alfie sentiu a ladra que estava atrás dele ficar tensa.

Luka esfregou o rosto pálido com as mãos.

— Tem alguma coisa errada comigo.

Ele parecia uma criança doente procurando sua mamã. Alfie não se conteve, deu um passo à frente e colocou a mão na testa de Luka.

— Você está queimando. — Luka era um lançador de chamas, então costumava ser mais quente do que a maioria das pessoas, mas sua temperatura estava alta demais. Alfie olhou para trás para ficar de olho na garota, mas ela estava fora de seu campo de visão. Usando seu *propio*, pôde ver a silhueta vermelha de seu corpo.

Quando Alfie voltou a olhar para Luka, escorria sangue de seu nariz e do canto de seus olhos. Ele revirou os olhos e caiu para a frente.

— Luka! — Alfie gritou, segurando-o. Alfie apoiou o primo no chão. Ajoelhou-se ao lado dele. — Qué fue? Me conta o que aconteceu!

O maxilar de Luka ficou tenso. Ele tremia com tanta violência que Alfie precisou usar toda a sua força para contê-lo. Depois ficou imóvel, apenas seu peito se movia, subindo e descendo rapidamente.

Os olhos de Luka voltaram a se abrir lentamente e Alfie sentiu seu mundo se endireitar por um instante.

— Alfie — Luka disse com uma cadência embriagada na voz e os olhos vidrados. Quando ele sorriu, Alfie viu sangue em seus dentes. — Desculpa... por ter gritado com você. Eu só queria ajudar.

Alfie não gostava daquele tom, do cuidado com que ele combinava as palavras, como se fossem as últimas.

— Fica quieto, Luka! Você não vai a lugar nenhum. Ainda não terminei com você. Só fica quieto. — Ele colocou as mãos sobre o peito de Luka e repetiu palavras de magia de cura várias vezes. Mas o corpo de Luka não as aceitava. Os canais que carregavam a magia através dele estavam cada vez mais vazios e silenciosos. A magia de Alfie desaparecia ao entrar em contato com eles.

— E desde quando eu sou de ficar quieto? — A voz de Luka era suave e, por um instante, Alfie achou que a magia estava funcionando, que, se era capaz de brincar, devia estar melhorando. Mas então Luka ficou em silêncio. Seu coração definhava em ritmo mortal sob as mãos de Alfie na mesma sala em que ele havia perdido Dez, em que havia perdido tudo.

— Luka — Alfie disse com um fio de voz. — O que posso fazer? Diga o que tenho que fazer.

A respiração de Luka foi ficando cada vez mais fraca. Desesperado, Alfie olhou para trás, sabendo que a garota estava na sala.

— Foi você quem fez isso? — ele gritou quando encontrou sua silhueta vermelha novamente. — Você o feriu para pegar o manto?

Ela tirou o capuz do manto e levantou o pé para dar um passo à frente, mas então pensou melhor.

— Eu não... eu não fiz nada com ninguém. Nada desse tipo.

Alfie viu a magia correndo pelo corpo dela. Magia era como batimentos cardíacos; quando as pessoas mentiam, ela se movimentava de maneira diferente. A dela não estava fazendo isso, então não havia sido dela. Ele não tinha acabado de fazer um acordo com uma garota que havia feito aquilo com Luka.

— Me ajude — ele disse a ela com a voz falha. — *Por favor.*

Por um instante, ela ficou ali, paralisada. Então aproximou-se e se ajoelhou ao lado de Luka.

— Eu não... eu não posso ajudar. Não conheço muito de magia de escrivania. Alguém me ensinou a encantar a carta do jogo de cambiό. Não sei

mais nada além disso. — Seus olhos diziam a Alfie exatamente o que ele não queria ouvir. Luka estava morrendo e nada podia ser feito.

Por um instante, Alfie não sentiu nada. Mas depois daquele torpor frio havia uma raiva ardente. *Não*. Aquela sala não tiraria mais ninguém dele, de sua família. De novo, não.

Ele passou os olhos pela sala, procurando qualquer coisa que pudesse ajudar, mas não havia nada além de lembranças assombrosas. Quase levantou e saiu correndo para buscar ajuda, mas a ideia de deixar Luka ali e encontrar apenas um cadáver na volta o impediu rapidamente.

Sua mente agitada encontrou a voz de Paloma e se apegou a ela.

Para executar a magia mais poderosa, é preciso parar de chamá-la até você. Em vez disso, você deve abordá-la em seu próprio plano.

Se ele não havia conseguido ajudar Luka com um feitiço de cura rudimentar, então teria que acessar uma magia mais complexa. Precisava se concentrar, atingir um estado em que ele e a magia se tornassem um só. Se a magia era um lago, ele estava apenas na parte rasa. A magia mais potente era encontrada na profundidade.

Luka começou a tremer de novo. Seu corpo convulsionava no chão e uma espuma tingida de rosa devido ao sangue se acumulava nos cantos de sua boca.

— Por favor — ele disse à ladra. — Apenas deixe a cabeça dele apoiada em seu colo. Não quero que ele se machuque com os tremores e preciso me concentrar.

Ela hesitou por um instante, mas logo puxou a cabeça e os ombros de Luka sobre suas pernas. Alfie colocou as mãos sobre o peito dele e fez o que Paloma sempre lhe dissera para fazer antes de executar um feitiço avançado: ignorar seus medos, suas ansiedades, e se permitir entrar na magia, atingir um estado em que houvesse apenas ele e a magia, ambos trabalhando como uma coisa só. Alfie acalmou sua respiração trêmula, fechou os olhos e deixou a mente ficar vazia e clara.

Os ruídos ao seu redor — a inquietude da garota, os gemidos de Luka — desapareceram. Ele não conseguia sentir as mãos sobre o peito de Luka, não

conseguia sentir o piso de ladrilhos sob os joelhos.

Quando abriu os olhos, a Sala Azul não estava mais lá. Luka e Finn não estavam mais lá. Tudo à sua volta eram fluxos coloridos de magia cintilante e incolor que girava no ar, esperando para ser puxada para um corpo e colorida à sua imagem. Quando bruxos eram eruditos o bastante para atingir aquela esfera, também podiam ver a cor da magia, mas Alfie era o único que via aquilo no plano comum. Tinha ouvido falar apenas de dueños e filósofos capazes de chegar àquele lugar após anos de estudo e meditação. Alfie estava no nexo constante de onde todos tiravam sua magia. As pessoas a usavam, colorindo-a com seu toque, e depois a soltavam novamente no éter. Ela voltava para lá e se tornava mais uma vez incolor, para que outra pessoa pudesse usá-la.

— *Por favor* — Alfie se ouviu dizendo. — Por favor, ajude-me a salvá-lo.

Mas quanto mais ele implorava à magia, quanto mais tentava agarrá-la com suas mãos trêmulas, mais ela se afastava dele, desviando de seu toque.

Alfie sabia o que aquilo significava.

Se a magia se esquivava de seu toque, suas intenções não são as certas. Não se deve insistir. As palavras de Paloma ecoavam em sua mente.

Mas ele não podia deixar aquele lugar sem encontrar uma magia que ajudasse Luka. Indo contra todas as lições que havia aprendido, Alfie se concentrou mais, embrenhou-se ainda mais na magia. Ele se movimentou através dela, tentando agarrar fluxos de magia livre que lhe escorregavam das mãos como enguias. Estava nadando contra a corrente da magia que haviam lhe ensinado a respeitar. Mas não se importava. Não poderia respeitar algo que não salvaria Luka.

Correndo atrás das correntes de magia, Alfie se deparou com uma parede, uma espécie de barreira. Parecia um muro de tijolos de argila, mas cada tijolo tinha uma cor diferente.

Tijolos de magia.

O que havia atrás daquela parede poderia ajudar, ele sabia.

Alfie bateu com o punho na barreira.

— Me deixe entrar! *Abrir!* — ele gritou sem força. Nada aconteceu. O muro permaneceu imóvel e inabalável.

Alfie pressionou a testa contra ele, com os olhos úmidos.

— Por favor — ele implorou. — Preciso de ajuda. Faço qualquer coisa, *por favor*.

Uma centelha de luz chamou a atenção de Alfie. Ele se virou para ela e viu, no centro do muro, uma fechadura envolta em luz branca. A fechadura tinha o tamanho de sua mão e estava na altura de seu ombro. Algo poderoso estava escondido ali. Tinha que estar. Talvez fosse um teste. Talvez ele tivesse que se provar digno de conseguir a magia poderosa que ficava atrás dos tijolos.

Alfie se aproximou e passou os dedos pelo contorno da fechadura feita de magia.

Uma ideia se acendeu em sua mente.

O muro era feito de magia. Devia precisar de uma chave de magia.

Naquela esfera em que a magia podia tomar a forma de um muro sólido, talvez poderia ser transformada em uma chave também? Era tudo em que Alfie conseguia pensar. Ele não tinha tempo de procurar uma chave naquela vasta rede, se sequer existisse. Teria que passar sua magia pelo buraco e dar forma a ela até que se encaixasse na fechadura, o que era mais fácil falar do que fazer.

A voz de Paloma ecoou em sua cabeça. *Os melhores bruxos são tão entrelaçados com sua magia que é como se ela tivesse terminações nervosas. Como se eles pudessem sentir o mundo à sua volta por meio do fluxo de sua magia, que se torna uma extensão deles mesmos, sua própria carne.*

Depois de muita prática, Alfie havia sentido aquele nível de conexão apenas algumas vezes. Tinha proferido um encanto e sentido por um instante sua magia correr pelo ar como se fosse a extensão de sua pele. Mas aqueles momentos haviam sido escassos e espaçados. Agora ele precisaria sentir totalmente sua magia. Precisaria sentir todos os cantos da fechadura e moldar sua magia a ela antes de girar a chave.

Com as mãos trêmulas de nervoso, Alfie conduziu um feixe de sua magia azul-escuro para dentro da fechadura. Inclinou-se para a frente e tentou olhar lá dentro, esperando ser capaz de visualizar seu formato. Mas estava nervoso demais para sentir qualquer coisa. Deixou a magia desaparecer. Ficou andando de um lado para o outro diante da fechadura, com as mãos suando.

— Foco — ele disse a si mesmo. A magia precisava ser conduzida por mãos confiantes. Mãos que acreditassem nela. Tentou mais duas vezes, quase encostando o olho na parede para tentar enxergar o mecanismo interno da fechadura, mas nada aconteceu. Sua magia movia-se às cegas. Eles não estavam conectados. Alfie não conseguia sentir as ranhuras da fechadura, era incapaz de sentir algo além de seu coração disparado dentro do peito. Ele deixou sua magia desaparecer.

Alfie encostou a testa no muro mais uma vez. Seus dedos se retorciam sobre os tijolos. Suor escorria até sua sobrancelha. Ele secou a testa com o dorso da mão.

— Consigo fazer isso — ele disse. — Vou fazer. Por Luka.

Alfie se inclinou para a frente e tentou olhar pela fechadura novamente, mas depois recuou. Aquele era o problema. Ele ainda estava tentando olhar em vez de entregar seus sentidos à magia.

Alfie se afastou da fechadura, deixando um espaço grande entre ele e o muro. Fechou os olhos e deixou sua magia se reunir em sua mão mais uma vez. Ele se concentrou na sensação da magia brotando em sua mão como uma flor que procura a luz do sol. Respirou devagar até sentir a magia se expandindo e contraindo no ritmo de sua respiração.

Por um instante, Alfie pensou que abriria os olhos e não conseguiria se render a seus sentidos novamente, mas aquilo não aconteceu. Ele podia ver por meio da perspectiva de sua magia fluindo de sua mão rumo à parede. Ele tinha conseguido! Sua magia passou pelo buraco da fechadura e, lá dentro, Alfie conseguiu ver suas fendas e arcos. Estava tão empolgado por finalmente ter se conectado com sua magia àquele nível que perdeu o foco e sua visão da fechadura começou a embaçar. Alfie se concentrou mais uma vez e lentamente moldou sua

magia para se encaixar a todas as ranhuras da fechadura. Com suor escorrendo pelo rosto, ele girou a mão para a direita e sua magia o acompanhou. Ele sentiu um clique.

Abriu os olhos e os tijolos coloridos estavam ruindo, separando-se onde antes estava a fechadura e abrindo uma passagem de magia cintilante e livre.

Sem pensar duas vezes, Alfie saiu correndo. Passou pela porta de magia como um véu de luz e mergulhou em uma câmara escura.

O padrão familiar de magia colorida e a cintilância da magia livre não estavam mais lá. Aquele lugar continha outra coisa, uma escuridão que ele nunca vira antes.

Por onde caminhava, não havia chão, não havia cor, não havia som — apenas escuridão. Embora sempre sentisse uma centelha de calor quando interagia com a magia, ali sentia um frio gélido, como se sua medula tivesse sido substituída por gelo. Arrepios surgiam em seus braços conforme ele adentrava cada vez mais na escuridão. Então ouviu uma voz sussurrando, intensa e grave.

O que te traz aqui, mi hijo?

Parecia um conjunto de vozes misturadas, uma se ramificando a partir da outra, uma boca dentro de outra boca dentro de outra boca. Filetes de fumaça se enroscavam diante do príncipe calculadamente, serpeando um ao redor do outro em um círculo apertado, como se seu espaço fosse limitado, embora Alfie estivesse em uma escuridão infinita. Ele engoliu em seco. Falou a língua da magia, mas ela não respondeu. Ela se comunicava de uma outra forma. Ouvir seus desejos no silêncio era algo que levava anos de estudo. Mas essa magia tinha uma voz. Era estranha, diferente de tudo o que já havia encontrado.

Ainda mais esquisita era a cor da magia — um preto total, absoluto. Durante toda sua vida, Alfie aprendera que a magia não existia nos extremos de pureza ou maldade, branco ou preto. Havia apenas uma infinidade de tons intermediários. Mas à sua frente estava o contrário de tudo o que sabia. Aquela magia era mais escura que as penas de um corvo, mais escura que tinta derramada sobre um

pergaminho limpo. Era impossível, era aterrorizante, mas ele não se importava. Não podia se importar. Não quando Luka estava morrendo.

— Preciso salvar Luka. Preciso de ajuda. *Por favor.* Você é a única magia que não se esquivou de mim. Por favor, me ajude.

Nós poderíamos ajudar você, seria fácil, a magia disse. O coração de Alfie começou a bater mais rápido. A voz era como o sibilar de muitas cobras, hipnotizante e aterrorizante ao mesmo tempo. *Mas primeiro você precisa nos libertar.*

— Não entendi — Alfie disse.

A magia *era* livre. Ela fluía por meio de todas as coisas vivas, não era algo aprisionável. Ainda assim, ele podia sentir algo contendo aquela magia escura. Alfie respirou fundo para acalmar seu coração acelerado e se concentrar, deixando seu *proprio* se mobilizar. Cambaleou para trás quando viu. Diante dele, aprisionando a escuridão, havia diversos círculos de diferentes tons de magia. Do azul-claro ao dourado, do magenta ao prateado, e assim por diante. Quantos bruxos haviam participado daquilo? Quantos haviam desenhado círculos de magia de restrição para mantê-la encurralada? Aquela magia obscura estava isolada no centro.

O que havia de tão terrível naquela magia a ponto de precisar ser contida por tantos bruxos? Um tremor frio percorreu a espinha de Alfie. A própria ideia de aprisionar magia era ilegal, desonrosa. Ia contra tudo o que lhe haviam ensinado sobre respeitar a magia como fundação do mundo. Acorrentar magia era cuspir sobre a ordem natural das coisas. Ele se sentia mal só de pensar.

Ficamos esperando aqui por aquele que poderia nos encontrar e nos libertar. É você, meu filho. Liberte-nos. Então salvaremos seu amigo.

Alfie ouviu e sentiu que estava concordando. As palavras ecoavam à sua volta como sussurros sedosos. A voz parecia conter um perfume, algo inebriante e intenso.

Ele se livrou dos devaneios. Havia algo estranho naquilo. Não estava certo. Magia não barganhava nem fazia acordos. Não tinha desejos como os homens.

Aquilo não fazia nenhum sentido. As palavras que tinha lido naquele livro bobo antes de Paloma o tomar dele ecoavam em sua mente: *Existe magia ancestral. Magia com alma, que colore os homens com seus desejos e os manipula a seu bel-prazer.*

Será que o livro estava falando a verdade e não fantasia? Ele alertava contra aquele tipo de magia com veemência. Mas se aquela magia podia ajudar Luka, importava o quanto era estranha? Que tipo de pessoa ele seria se preferisse obedecer à ordem natural das coisas em vez de salvar seu melhor amigo? Ele estava disposto a quebrar todas as regras para tentar encontrar Dez. Por Luka, deveria agir da mesma forma.

Com isso, as espirais de fumaça interromperam seus giros rítmicos, parecendo ofendidas.

Está hesitando?, a magia o censurou. *Se não está interessado em nossa ajuda, então...* A cada palavra, a voz da magia ficava cada vez mais baixa, e Alfie sentiu que sua chance estava indo embora.

— Espere! Não, espere! Por favor! Vou libertar você, mas...

Cuidado, rapaz. Não cederemos a condições e seu tempo está acabando.

Então Alfie pôde ouvir os batimentos cardíacos de Luka como se estivesse dentro do peito do próprio garoto. A escuridão pulsava em batidas lentas e espaçadas demais.

Não. Luka não ia morrer. Alfie não ia deixar aquilo acontecer.

Com a voz oscilante de medo, Alfie disse:

— Apenas me prometa que Luka vai voltar a ser como antes e ficar bem. Que vai ser ele mesmo. Deixe-o forte o suficiente para sobreviver. Só isso. Se jurar que vai curá-lo e que nunca vai machucá-lo, eu liberto você.

A magia se encaracolou mais uma vez. Amigável e sussurrante.

Se nos libertar, o garoto ficará livre do mal, nós prometemos. Não vamos tocar nele. Vamos lhe dar força para sobreviver. Para ele, não vai passar de um pesadelo há muito esquecido.

Alfie hesitou novamente. A escuridão que via era agourenta e infinita. Aquilo estava errado. Ele não deveria fazer aquilo. Então ouviu o sussurro de mil vozes vindo de todas as direções.

Liberte-nos, liberte-nos, liberte-nos.

Sob as palavras estavam as batidas árduas do coração de Luka. Ele precisava fazer alguma coisa. Não tinha tempo. Mas aquela magia obscura estava contida por círculos de diferentes tons mágicos. Era mais forte do que qualquer outra magia que já havia visto. Algo ancestral. Algo com que sabia que não devia mexer.

Algo que salvaria a vida de Luka.

Alfie mobilizou seu *proprio*. Deixou sua magia corresponder à cor de cada um dos círculos, depois inseriu magia e sentiu uma costura se desfazendo, destruindo tudo. Cada círculo de magia colorida se rompeu como vidro em suas mãos, um após o outro. Os estilhaços furaram sua pele até as palmas de suas mãos ficarem cheias de sangue. Atingir aquele estado, aquela esfera da magia, era um exercício mental, não físico. Por que ele estava sangrando? Aquilo não estava certo.

Então apareceu um círculo de magia verde-escura diante dele. A cor e seus movimentos seguros e vagarosos eram tão familiares a Alfie quanto sua própria magia. Ele ficou paralisado. Era a magia de Paloma. Só podia ser. Desfazer o feitiço de um estranho era uma coisa, mas mexer com a magia de alguém que ele conhecia, de alguém que havia ajudado em sua criação, era totalmente diferente. Só pensar naquilo já parecia uma traição. Ele não sabia se poderia prosseguir. E se Paloma havia aprisionado aquele ser, ele devia ser terrível demais para se explicar. O que aconteceria se ele o libertasse?

LIBERTE-NOS! LIBERTE-NOS! LIBERTE-NOS!

Os gritos afastaram Alfie daqueles pensamentos. Ele precisava salvar Luka. Paloma teria que o perdoar. Como não o perdoaria? Se a vida de Luka estava em jogo, nada mais importava.

Com mãos trêmulas, Alfie tomou a magia de Paloma nas mãos e a rompeu. Ele fechou os olhos, com medo de se ver fazendo uma coisa daquelas. A sensação foi pior do que com as outras magias, como se quebrasse o pescoço de um animal inocente. Alfie engoliu em seco e se forçou a seguir para o próximo círculo, e para o próximo.

Então restou apenas um círculo. Um círculo com brilho de um tom prateado que ele nunca vira fluir pelo ar. Ele deixou sua magia se igualar àquele tom e trançou-a ao redor do círculo. Aquele era forte. O círculo de magia era desenhado tão perfeitamente que ele temia não ser capaz de desfazê-lo. Temia igualmente *ser capaz* de desfazê-lo.

Ele encontrou. A costura mágica, um ponto para ele desfazer. Começou a puxá-lo com toda a força. No início, nada aconteceu. A força da magia era inabalável, e Alfie soube que não havia mais nada a ser feito. Tinha perdido Luka, perdido tudo para aquela sala mais uma vez. Então os fios de magia começaram a se soltar e arrebentar, desfiando nas pontas. Ele puxou com mais força. A magia queimou seus dedos, lutando contra ele. Mas ele não pretendia desistir. Não encararia a dor com um alerta.

Com um grande rompante, a magia se estilhaçou e se partiu em incontáveis pedacinhos em suas mãos. Caiu sobre seus dedos como uma areia fina e prateada.

Quando Alfie ficou inconsciente e caiu na escuridão, finalmente soube a palavra ideal para descrever aquela magia.

Faminta.

13

Liberdade

COM UMA MAGNÍFICA EXPLOÇÃO DE ENERGIA, a teia de magia surgiu na sala enquanto o garoto que a havia libertado desmaiava.

Ela se retorceu pelo ar, espalhando seus escuros tentáculos de fumaça para todos os lados, cheia de uma euforia que mal podia conter. Ela havia se esquecido do quão enorme o mundo realmente era.

A magia espiou o garoto desacordado no chão. Uma simples vida correria perigo, e isso tinha sido o suficiente para convencer o idiota a abrir a jaula que a havia mantido presa por séculos.

Um som abafado de surpresa atraiu a atenção da magia. À sua frente, no chão, uma garota estava sentada, com o rosto transtornado pelo medo.

Ela se arrastou para longe da magia liberta, com a respiração ofegante. A magia observou, entretida, enquanto a garota pegava uma adaga no cinto e a arremessava em sua direção. A faca atravessou sua forma sinuosa sem provocar nenhum som. Os olhos dela se arregalaram aterrorizados quando percebeu que não havia nada que pudesse fazer para se proteger.

Se a magia tivesse boca, ela se abriria em um enorme sorriso. Mas era disso que ela precisava, não era? De uma boca. De um corpo. O mestre dela não poderia retornar sem um. Talvez aquela garota servisse?

A magia circundou a garota trêmula como um abutre ao redor de um cadáver. Como era estranho finalmente estar livre, e ainda assim se sentir enjaulada sem seu mestre. Sem o comando dele.

— Fique longe de mim — a garota rosnou, rangendo os dentes. — Fique longe!

A magia se aproximou da garota em uma espiral, passando sua forma volátil como uma brisa queimada e enegrecida sobre o corpo dela. A sombra da garota tremulou ao redor dela, chamando a atenção da magia. Um hospedeiro com *proprio* seria sublime.

A garota soltou um lamento sufocado ao sentir o frio toque da magia enquanto ela analisava sua alma, o equilíbrio entre luz e escuridão. O garoto que a havia libertado tinha muita luz, era bem fácil notar. Mas aquela garota tinha certa escuridão em si, profunda e inacessível. O corpo que poderia abrigar melhor aquela magia seria um mergulhado em escuridão, e não aquecido pela luz. Talvez pudesse ser útil.

Mas então a magia recuou.

Ela continha uma escuridão que estava dolorosamente perto de eclipsá-la por completo, mas não perto o bastante.

Com a respiração amedrontada rompendo pelos seus lábios, a garota revirou os olhos e desmaiou assim como o garoto. A magia não perdeu tempo. Atravessou as paredes da sala e vagou pelos corredores em busca de um hospedeiro apropriado. Ao notar os corredores opulentos, percebeu uma coisa importante. O que seu mestre tanto precisava estava ali, exatamente entre aquelas paredes.

Ela só precisava de um corpo para chegar até lá.

A magia disparou pelos tortuosos corredores do palácio. Uma criada cruzou seu caminho. Ela avistou o tentáculo negro de magia contorcendo-se como uma cobra no ar e ficou paralisada pelo medo. A mulher abriu a boca para gritar, mas a magia não permitiu. Ela se infiltrou pelos lábios da criada, forçando a entrada em seu corpo, sem se dar ao trabalho de analisar a proporção de luz e escuridão dentro da mulher. Não seria muito exigente para conseguir um corpo agora, não quando o despertar de seu mestre estava tão perto.

Ela adentrou o corpo da mulher como uma lâmina em um coração, como uma fileira de dentes se afundando em uma maçã succulenta. Por um magnífico instante, a magia tinha braços para mover, lábios para abrir um sorriso febril, um par de pernas que a levaria aos confins do palácio para reaver o que tanto precisava.

Então aquele corpo inútil começou a tremer. Fissuras de escuridão apareceram em sua carne como um vidro que se estilhaçava. Depois de pouco tempo, o corpo se desfez em um pó negro, deixando a magia desabrigada mais uma vez.

A magia se lançou raivosamente pelo ar. Ela precisava de um corpo. Precisava despertar seu mestre e voltar a ser completa. Mais uma vez, voou pelos corredores até encontrar outro corpo, o de um garotinho. A magia o invadiu, queimando a garganta da criança como se fosse uísque. Por mais um precioso instante estava envolta por carne e ossos. Então, mais uma vez, o corpo se desintegrou, deixando-a exposta e despida no corredor silencioso. A magia tremeu com violência. A ideia de deixar aquele lugar sem levar aquilo que pertencia a seu mestre era dolorosa, mas ela precisava de um corpo e de força. Não encontraria nada disso ali dentro.

A magia atravessou as paredes do palácio como se fosse sangue escorrendo de uma ferida, e logo estava em campo aberto, com um reino inteiro diante de si. Os primeiros raios de luz do sol começavam a iluminar o céu.

Um suprimento infinito de corpos para vestir como se fossem luvas.

Ela encontraria o que precisava. Então retornaria para buscar o que pertencia a seu mestre.

14

O motivo

QUANDO ALFIE ACORDOU NO CHÃO DA SALA AZUL, a luz do sol entrava pelas janelas, acariciando seu rosto suavemente. Calmaria. Como se o que tivesse acontecido não passasse de um pesadelo.

Mas Alfie sabia que não era bem assim.

Ele sentou tão rápido que sua cabeça começou a girar. Havia uma camada de suor seco em sua testa. Seus ossos estavam extremamente doloridos. Alfie observou ao redor da sala, concentrando-se até sua cabeça começar a doer. Nada.

A magia obscura não estava lá. Ele estava longe do perigo, por enquanto.

Alfie recuperou o fôlego, apoiando a mão sobre o peito. Sua sombra estava caída aos seus pés, arrastando-se atrás dele como a cauda de um vestido. Estava um tom mais claro do que de costume — sinal de que o esforço que fizera para libertar aquela coisa terrível o deixara doente. O que ele havia feito?

Um ronco alto atraiu sua atenção.

Logo atrás dele, Luka estava deitado no chão, com os membros esparramados como uma estrela do mar. Uma película de baba seca cobria sua bochecha e seu cabelo estava amassado de um lado. Seu peito subia e descia. Não havia sangue no chão. Era como se nada daquilo tivesse acontecido. Alfie conseguia sentir o coração batendo na garganta.

Luka estava vivo. O alívio tomou conta dele, derrubando-o como a sensação de um sono forte. Com os olhos ardendo, Alfie não conseguiu se conter e apertou a mão de Luka.

Uma adaga cortou o ar, quase arrancando a orelha de Alfie. Ele desviou e depois se jogou sobre Luka como um escudo.

Diante dele estava a ladra, pálida.

— O que foi que você fez?

Alfie olhou para trás, para a parede onde a adaga estava fincada.

— Qué?

— Quando deu um jeito nele. — Ela apontou para Luka com um dedo trêmulo. — O que você fez?

Alfie ergueu as mãos como se estivesse se rendendo e disse a verdade:

— Não faço a menor ideia.

Ela ficou boquiaberta, sem acreditar que ele era tão burro.

— Aquela *coisa* me encurralou como se eu fosse seu maldito jantar e está me dizendo que nem sabe o que era aquilo?

Alfie só conseguia encará-la sem conseguir dizer uma palavra. Ele realmente não sabia o que era aquilo, mas tinha certeza de que era algo que nunca deveria ver a luz do dia. Para piorar, sabia que, independentemente do que fosse, ele não conseguia se arrepender do que havia feito ao ver Luka na sua frente, vivo e bem.

A ladra lançou um olhar raivoso para ele.

— Explique — ela exigiu.

Alfie engoliu em seco.

— Não sei muito bem o que aconteceu. De verdade. — Ele não sabia nem como começar a explicar o que tinha ocorrido.

— Bem, seja lá o que você fez, foi uma coisa grande. — Ela olhou rapidamente para Luka. — Considerando que ele está novo em folha. Como ele não acordou com todo esse barulho?

Alfie passou a mão sobre os olhos lacrimejantes dele.

— Ele dorme como uma pedra depois de uma noite de bebedeira. — Ele cutucou Luka, que virou de lado com um resmungo, ainda dormindo profundamente.

Luka estava a salvo. Mas ele não podia se acomodar diante daquele fato. Precisava encontrar o que havia libertado antes que machucasse alguém. Não havia nenhuma dúvida de que aquilo era capaz de fazer mal às pessoas. E faria isso, se ficasse à solta.

A ladra foi para cima dele com passos rápidos e resolutos. Por um instante, Alfie pensou que ela provaria suas habilidades com aquela adaga. Em vez disso, ela desviou dele e puxou a adaga da parede.

— Espera aí, você estava acordada quando eu... — Ele ficou quieto, sem saber como verbalizar o que havia feito. — Quando fiz aquilo. O que aconteceu? — Ele a observou caminhar junto a parede e puxar uma segunda adaga. — Você jogou isso naquela coisa? — Precisava saber de tudo, já que iria atrás daquilo.

Ela guardou as adagas nas bainhas que levava no cinto.

— Essa informação tem um preço.

Alfie a encarou com os olhos semicerrados.

— Sêrio?

Ela apontou para o próprio rosto.

— Por acaso parece que estou de brincadeira?

Pouco tempo antes ela havia segurado Luka no colo enquanto Alfie chorava, tentando salvá-lo. Ele pensava que agora ela o veria com um apreço maior. Sentiu-se idiota por ser tão ingênuo. Tirou a bolsa de moedas do bolso e a jogou na direção da garota com mais força do que necessário.

Ela guardou a bolsa de moedas, balançando a mão que havia usado para pegá-la.

— Belo arremesso. Não esperava que alguém como você soubesse fazer alguma coisa além de dar chiliques.

— Finn — ele disse sem rodeios. — Apenas me diga. Por favor.

— Está bem — ela concordou. — Você colocou as mãos sobre o peito daquele garoto. Ficou imóvel, totalmente imóvel. Sua sombra também. Então o ar começou a mudar. Eu podia ver minha respiração. Quis correr, mas não conseguia me mexer de tão frio que estava. Gritei com você, mas você não me

ouviu, só ficou parado. Então ficou tão frio que não conseguia nem mais gritar. E suas mãos. — Ela ficou quieta, olhando para a palma das mãos dele. — Elas começaram a sangrar, como se estivessem sendo cortadas.

Alfie perdeu o ar. Lembrou de como cada círculo de magia que rompera causara uma dor terrível em suas mãos.

— Então todo o sangue que tinha saído do cara voltou para dentro dele, como se ele fosse uma maldita esponja. Não parecia magia de cura. Era como voltar no tempo, como se ele nunca tivesse ficado mal. Não fez sentido. — Agora ela estava segurando os braços, praticamente abraçando o próprio corpo. Sua sombra se enrolava em volta de seus pés de maneira protetora. — E depois... É difícil explicar.

— Você está indo bem — Alfie afirmou, assentindo para que continuasse, embora desejasse o contrário.

— Apareceu uma espécie de... — Ela tentou desenhar no ar. — Uma espécie de teia escura flutuando sobre você.

— Como uma fumaça preta e espessa? — Alfie perguntou.

Ela assentiu com intensidade, como se finalmente tivesse certeza de que não tinha enlouquecido. Só ele era capaz de enxergar magia fora de sua esfera. Como ela podia ter visto aquilo também? Estava tudo errado.

— Sim, como se petróleo pudesse voar. A coisa chegou perto de mim, me encurralou como se estivesse me analisando. — Ela estremeceu. — Depois atravessou a parede. Desapareceu.

Alfie engoliu em seco. Sua garganta estava apertada.

— Eu falei com ela — ele disse em um sussurro. — Falei com aquela magia obscura. Ela estava presa. Disse que salvaria Luka se eu a libertasse.

Finn ficou encarando Alfie com os olhos arregalados.

— Você falou com aquela... coisa?

Alfie esfregou os olhos com as mãos.

— Eu disse que a libertaria se ela promettesse curar Luka e nunca mais machucá-lo. — Ele tirou as mãos do rosto e as apoiou sobre o colo, trêmulas. —

Ela concordou. Então eu a libertei.

Com os pensamentos acelerados, Alfie desviou o olhar para não ter que encarar o rosto chocado de Finn. Precisava contar a alguém que pudesse ajudar. Paloma? Seus pais? Só de pensar, seu estômago revirava. Ele já os havia decepcionado; não os desonraria novamente obrigando-os a limpar sua bagunça. Ele mesmo resolveria aquela situação. De algum jeito.

— Obrigado por me contar tudo. — Seu corpo estava na Sala Azul, mas sua mente estava a quilômetros de distância. Ele precisava encontrar aquilo que havia libertado e detê-lo antes que machucasse alguém. Mas que magia usaria para contê-lo? A magia era livre. Era impossível prendê-la, a menos que fosse feito com sua própria magia. Bruxos confinavam sua magia em talismãs para utilizar depois com o intuito de se fortalecerem. Era uma tática usada com frequência em guerras, caso um bruxo ficasse sem energia durante uma batalha. Mas eram filetes de sua própria magia confinados. O que ele havia libertado estava longe de ser um filete, e certamente não podia ser controlado por Alfie. E ele não conseguiria replicar os círculos de magia que o haviam aprisionado. Ele não sabia como dominar aquela coisa. Nunca tinha visto nada parecido. Nem tinha lido nada a respeito.

Seus pensamentos agitados pararam de repente. Havia um livro que tinha chegado perto de falar sobre aquela coisa — o livro inglês que Paloma tinha tirado dele. Se havia um livro que poderia ajudá-lo, era aquele.

A ladra foi até a cadeira onde tinha pendurado o manto da invisibilidade.

— Não tão rápido — Alfie disse. Os movimentos dela interromperam seu turbilhão de pensamentos.

— Não gosto muito de fazer as coisas devagar. — Ela tentou pegar o manto.

Alfie o tomou. Ela olhou para ele, arqueando uma sobrancelha como se o desafiasse.

Ele colocou o manto sobre os ombros. Precisaria dele para o que ia fazer.

— Por causa de sua ajuda até aqui, vou fazer o favor de te deixar ir embora. Mas nosso acordo está cancelado.

— O que quer dizer com “nosso acordo está cancelado”? Não pode cancelar um acordo depois de feito.

— Mas vou fazer isso mesmo assim.

Ela ficou de queixo caído.

— Você não é um príncipe? Não devia prezar pela honra?

— Hoje estou abrindo uma exceção — ele rebateu. — Ouça, tenho assuntos mais importantes para resolver no momento. Estou te deixando ir embora em vez de chamar os guardas. Saia do palácio agora mesmo antes que eu mude de ideia. — Ele não tinha tempo para aquilo. Precisava colocar Luka na cama e encontrar aquele livro. Quanto mais tempo aquela magia corrupta ficasse livre, mais estragos poderia causar. Cada segundo perdido o acertava como um golpe.

A ladra inclinou a cabeça.

— Você vai atrás daquela coisa que libertou, não vai?

— Já que quer saber, sim, eu vou — ele respondeu enquanto se agachava atrás de Luka. Por que ela se importava?

— Certo — a ladra disse, endireitando os ombros. — Então vamos.

Alfie a encarou.

— Quê?

Ela revirou os olhos como se fosse óbvio.

— Vámonos. Vamos encontrar aquela coisa.

— Você quer me ajudar a encontrar aquilo? — Ele nunca esperaria que ela fosse tão generosa.

— Não tem nada a ver com você, príncipe. — Movimentando o punho, ela fez aparecer mais uma adaga. Ficou limpando as unhas com a ponta afiada. — Nada faz eu me sentir intimidada sem sofrer as consequências depois. Aquela coisa assustadora tem que pagar por isso, e eu sempre cobro minhas dívidas.

Alfie ficou analisando a garota, se perguntando como podia ser tão tola a ponto de ir atrás daquela magia por puro orgulho. Entretanto, era difícil desconsiderar aquela oferta. Ele não queria ir atrás daquela magia, muito menos sozinho, e também não podia pedir a ajuda de mais ninguém. Admitir o que havia feito seria

muito constrangedor, mas Finn já sabia de tudo. Tinha testemunhado tudo. Alfie sacudiu a cabeça. Era absurdo. O medo o estava levando a fazer coisas estúpidas.

— Até parece que vou te levar junto.

Ela riu.

— Seria muita sorte sua me ter por perto.

— Agora há pouco você enfiou uma adaga na minha cara...

Ela fez um gesto de desdém.

— Só quis te assustar um pouco, não aja como um bebê chorão.

— Não posso contar com alguém em quem não confio enquanto tento consertar as coisas.

— Você não precisa confiar em mim. Você precisa de mim. Ponto. Sabe se virar muito bem dentro de uma biblioteca, mas o que você vai enfrentar não tem nada a ver com bibliotecas. Pelo menos não completamente. — Alfie desviou o olhar. — Sabe que eu tenho razão.

— Por que quer ir junto? — Ele não queria fazer aquilo sozinho, mas não era idiota para contar com uma garota que o deixaria na mão. Se ela fosse junto, ele precisava saber o porquê.

— Eu já disse, nada faz eu me sentir intimidada...

— Sim, eu ouvi. — Aquela resposta impetuosa não queria dizer nada. Ele não contaria com a promessa de que ela o ajudaria em nome de seu ego. Era arriscado demais. — Não é suficiente.

Ela jogou as mãos para o ar.

— Por que você precisa saber? Tem sorte de eu estar me oferecendo.

— Você não vai comigo a menos que eu saiba qual é a sua motivação. — Alfie observou a magia dela fluir de maneira inconstante. Ela não estava gostando da pergunta. — E vou saber se mentir. Então não me faça perder tempo.

A cada segundo que ela passava na frente dele, recusando-se a contar, o tempo pesava sobre ele, implorando que fosse atrás da coisa que havia libertado. Precisava tomar aquela decisão rapidamente. A cidade estava repleta de representantes de todas as províncias e das principais cidades por causa do baile.

Durante meses, seus pais trabalharam para incutir neles a confiança no governo de Alfie, e todo o seu esforço resultaria no baile que aconteceria no dia seguinte. Se soubessem que o príncipe havia libertado algo perigoso de maneira tão negligente, com certeza não iam apoiar que ele fosse rei.

Seu erro poderia significar o fim do reinado dos Reyes.

Quando ela lançou um olhar, Alfie a pressionou:

— Me conte ou você não vai comigo.

Finn teria rido de como aquele garoto parecia ridículo exigindo respostas dela como se ela não pudesse transformá-lo em uma poça de sangue com as mãos amarradas nas costas. Mas a pergunta pairava no ar, sufocando suas risadas.

Ela não devia resolver ir atrás de um oponente que não compreendia, mesmo que ele tivesse tido a ousadia de fazê-la se sentir uma criança assustada. Mas, ainda assim, havia algo a ganhar com aquilo e não conseguia reunir as palavras necessárias para explicar. Ou não queria reuni-las e encará-las.

Pensou no momento em que deixara os aposentos do príncipe sem jogar fora o frasco envenenado. No garoto da banheira morrendo com aquele veneno. Ela já tinha feito muitas coisas horríveis, e sabia que elas prejudicariam outras pessoas, mas nunca havia testemunhado o resultado de seus atos. O rosto do príncipe ao ver o garoto morrendo, o terrível som de desespero que o havia arrebatado, eram coisas de que nunca se esqueceria. As cenas tinham entrado em sua mente e ficariam lá para sempre. Ela não conseguia deixar de imaginar quantos haviam sofrido, quantos haviam chorado sobre um cadáver que ela deixara para trás sem pensar nas consequências, por instinto de sobrevivência.

Por Ignacio.

Um monstro, como eu sempre disse que você era, Mija.

Finn afastou a voz de Ignácio antes que ela a derrubasse. Seu estômago se revirou com culpa e um desejo ardente de não ser aquilo que Ignacio havia dito que ela era. De ser melhor.

Ou tentar. Pelo menos uma vez.

— Finn. — A voz do príncipe a tirou do sofrimento daquela lembrança.

Ela se preparou e disse:

— Cresci em um mundo em que ver coisas ruins acontecerem e não fazer nada a respeito era uma questão de sobrevivência. Isso quando não fui a responsável pelas coisas ruins. Foi como vivi minha vida por um bom tempo.

O príncipe inclinou a cabeça.

— Mas hoje não?

Finn desviou o olhar e ficou mexendo nas unhas.

— Não, hoje não.

— Por quê?

— Porque, seja o que for, esse monstro que você libertou parece capaz de acabar com esse maldito mundo se quiser. Preciso consertar isso para que o mundo continue girando e eu tenha mais chances de dizer “hoje não”. — Ela o encarou nos olhos. — Consegue entender, príncipe?

Ela tinha passado tanto tempo imersa em seu passado que não havia sido capaz de nadar até a superfície e enxergar um futuro para si mesma que não estivesse manchado de sangue e medo. Ela não deixaria as lembranças de Ignacio ou uma magia estranha acabar com esse futuro antes que ela tivesse a oportunidade de alcançá-lo. De sentir seu peso nas mãos como uma bolsa de moedas recém-roubadas.

O príncipe a observou por um momento, como se analisasse uma bússola. Ela endireitou a postura, convidando-o a examiná-la em detalhes, embora soubesse que, se fosse uma bússola, seria uma que nunca havia apontado para o norte. Ela ficou imaginando se o príncipe era capaz de ver tudo aquilo através de sua pele.

— Muito bem — ele disse. — Acredito em você. — Ele pareceu um pouco aliviado.

Finn assentiu com uma expressão inabalável. Mas algo reverberou nela. Como se o barbante que mantinha suas peças quebradas no lugar tivesse sido arrancado.

Ela levou um tempo para perceber que era a primeira vez que alguém lhe dizia aquilo. Pelo menos era a primeira vez que conseguia se lembrar.

— Certo — ela disse categoricamente para preencher o silêncio. — E eu ainda vou poder pegar o manto emprestado quando tudo isso acabar. Combinado? — Depois daquilo, ela iria atrás de Kol com o manto e teria seu *propio* de volta, de um jeito ou de outro. Era o verdadeiro motivo pelo qual tinha que ajudar o príncipe, ela havia decidido. Não devido à angústia no rosto dele ao se ajoelhar ao lado daquele garoto. Não. Ela estava fazendo aquilo pelo manto. Por vingança.

— Certo — ele respondeu.

Quando o silêncio se estendeu um pouco demais e começou a ficar desconfortável, Finn olhou para ele com expectativa.

— E aí? Qual é o maldito plano?

Alfie olhou para ela, ajoelhado ao lado do garoto da banheira.

— Primeiro, vamos colocar Luka na cama. Depois, preciso de um livro.

Finn revirou os olhos enquanto o último raio de sol da manhã esticava sua luz sobre o piso de ladrilhos da sala.

— É claro que precisa.

15

O homem com o manto cinza

A MAGIA PAIRAVA NO AR, ávida por uma morada de carne e osso.

Em um emaranhado de fumaça preta, passou pelo terreno verde do palácio e atravessou os círculos da cidade iluminados pelo sol, das haciendas imaculadas do Laço até o agitado mercado da Borda, as vielas sujas do Tranco e, então, o círculo mais distante, no litoral — o Aperto. E ainda não tinha conseguido encontrar o que procurava.

Passou despercebida por homens e mulheres que comemoravam e bebiam em homenagem ao feriado do dia seguinte. A energia daquelas pessoas atraía a magia, como se implorassem para serem seus hospedeiros. Mas quando chegava perto, arrepiando os finos pelos de suas nuca em um alerta silencioso, a magia obscura sentia repulsa.

Era capaz de ouvir os pensamentos em suas mentes simplórias, as esperanças de amor, segurança, saúde para seus filhos. Podia sentir a luz queimando dentro daquelas pessoas, seu fedor sufocante.

A magia não podia simplesmente adentrar qualquer corpo. Apenas um que levasse uma escuridão comparável à de seu antigo mestre serviria. O restante viraria cinzas, como os do palácio. Ela já havia sobrevoado a cidade várias vezes, e não encontrara nada além de corpos inúteis. Era como um homem morrendo de sede cercado por água envenenada que não podia beber.

Irritada, a magia seguiu mais uma vez pela Borda, esperando ter apenas deixado passar despercebida sua presa ideal, esperando que o que ela procurava

desesperadamente estivesse naquele círculo. Ela percorreu uma viela gélida entre bares animados onde o ar cheirava a suor e tequila. Ali, apoiado de maneira patética em um muro do beco, havia um homem que usava um manto cinza esfarrapado e tomava um grande gole de uma garrafa quase vazia de tequila. Ele tinha uma cicatriz nos olhos, como se alguém tivesse passado uma lâmina de um lado ao outro do rosto, fazendo um corte irregular. O homem fedia a pobreza. A íris de seus olhos era de cor verde leitosa, e o modo como ele se movimentava pela viela dizia à escuridão que sua visão era, na melhor das hipóteses, turva. Talvez não fosse totalmente cego, mas com certeza não enxergava quase nada. Aquele homem não devia ter valor nenhum para a magia, não passava de mais um bêbado na Borda. Ainda assim, a magia obscura sentiu-se atraída por ele, como uma corrente forte escondida sob um mar calmo.

Ela se aproximou, seduzida pela escuridão que existia dentro dele. No interior da mente do homem, um único desejo soava com um tambor.

Matar.

Uma pessoa pairava em sua mente repleta de ira. Alguém que um dia ele havia considerado da família. Ele cerrou as mãos em punho, com as unhas sujas e lascadas cortando a própria carne enquanto sonhava repetidas vezes com a morte da garota. Aos seus pés, havia uma sombra acinzentada. A magia pulsou com entusiasmo ao ver aquilo. Aquele homem tinha *propio*, uma conexão mais profunda com a magia que o tornava mais forte, um hospedeiro ideal. Aquelas duas pessoas idiotas no palácio também tinham sombras animadas, mas não eram sombrios o bastante. Aquele homem era a combinação perfeita de tudo o que a magia procurava.

Era magnífico.

A magia obscura se aproximou ainda mais do homem, fazendo os pelos de sua nuca se arrepiarem. Ele estremeceu e se enrolou mais no manto, buscando com seus olhos nublados a fonte daquele frio repentino.

Podemos lhe dar o que você procura... A magia sussurrou ao redor dele em uma combinação de sussurros.

O homem se assustou.

— Quem é você? O que você quer? — ele perguntou.

Queremos lhe dar o que deseja...

Ele ficou tenso diante da proposta.

— Como sabe o que eu quero?

A magia obscura entrou na mente do homem e reproduziu as imagens que ele tanto queria transformar em realidade — aquela garota morrendo em suas mãos, implorando seu perdão.

O homem, sobressaltado, levou as mãos à cabeça.

— O que é você?

Somos um poder que consegue lhe dar o que procura, por um preço. Podemos transformá-lo no que já foi um dia.

Novamente, a magia entrou em sua mente e recuperou as melhores lembranças do homem. Lembranças de antes de seus olhos terem sido arruinados por aquela que ele queria tanto matar, quando seu poder sobre os outros era inevitável como o nascer do sol.

O homem arregalou os olhos com avidez e a magia pôde sentir que ele estava se perguntando se aquilo tudo não passava de um sonho.

— Diga seu preço — o homem disse. Sua voz falhava, desesperada. — Por favor, vou fazer qualquer coisa que pedir.

Entregue-nos seu corpo para crescermos em seu interior, ajude-nos a nos espalharmos por essa cidade.

Para despertar seu mestre, a magia precisava espalhar sua escuridão nos outros. Só então teria o suficiente para recuperar no palácio o que pertencia a seu mestre e liberar o trono para um verdadeiro rei.

Assim que conquistarmos isso, vamos lhe dar a garota...

O homem nem parecia ouvir. Sua mente se apegava com ardor à oferta.

— Sim — ele disse. Proferiu a palavra como se estivesse dizendo uma oração.
— Por favor, tome meu corpo.

A magia obscura recuou como uma naja de fumaça e entrou pela boca do homem com o manto cinza. Ele ficou encostado no muro enquanto a magia descia por sua garganta, entrava em suas veias. Quanto mais fundo a magia se infiltrava, mais a sombra do homem era puxada para dentro, sua própria escuridão adentrando para obscurecer qualquer ponto de luz que ainda restasse.

O homem gritava de agonia enquanto seu corpo queimava de dentro para fora, preenchendo-se com um poder feito para um deus, que, por ora, precisava se contentar com um homem.

Por um instante, a magia obscura temeu que o homem fosse explodir em cinzas, deixando-a desabrigada mais uma vez. Mas então uma calma recaiu sobre ele. Agora que a essência da magia havia ganhado um corpo, ela podia sentir seu poder fortalecendo o homem.

Isso, e a maldade para espalhar.

O homem levantou devagar. Quando passou a mão sobre os olhos, a magia ouviu seu comando velado. Sua visão estava restaurada. A magia agitou-se com o prazer de servir a um mestre, mesmo não sendo o seu. Tinha nascido para ser comandada, e aquele homem serviria até o retorno de seu mestre.

— Inacreditável. — O homem suspirou, virando a cabeça e observando ao redor.

É apenas o começo...

O homem fechou as mãos e endireitou os ombros. Desejos escorregavam de sua mente para as garras da magia. Em um piscar de olhos, suas roupas surradas estavam novas. Os sapatos gastos tinham sido substituídos por botas de couro de qualidade, as pernas tinham sido recobertas por calças de tecido macio e a camisa de pouco acabamento tinha sido substituída por fina seda verde-esmeralda com caimento solto sobre o peito. Os buracos do manto cinza se fecharam e ele retornou à glória impecável de antes. O homem estava vestido como uma nuvem de tempestade cinza, ansiosa para soltar seus raios.

A magia obscura falava em sua mente. *Espalhe-se por essa cidade. Encontre aqueles de coração sombrio e eles se tornarão seus servos, submissos ao seu controle.*

O homem saiu da viela de cabeça erguida. Foi na direção de um bar de porta azul, um bom lugar para começar. Talvez houvesse homens com intenções obscuras lá dentro, homens dignos de sua causa, cujos corpos ajudariam a despertar o mestre que esperava. A magia abriu bem a boca, espalhando a própria fome pelas veias do homem que pareceram fogo. Ele estremeceu.

— Vou fazer o que pedir. — Com a mão na maçaneta da porta do bar, o homem parou. — E depois ganhar o que desejo.

A magia mostrou mais uma vez a imagem daquela que ele estava ansioso para punir. *Vai ganhar exatamente o que deseja, e mais.*

— Então vamos começar.

16

O livro

CURVADOS SOB O MANTO DA INVISIBILIDADE, Alfie e Finn se movimentavam pelos corredores ladrilhados do palácio em busca do livro.

Primeiro, Alfie havia deixado Luka em seu quarto (uma cena com a qual os guardas já estavam familiarizados, graças ao hábito de Luka de beber demais e pensar de menos). Depois, enquanto a ladra permanecia escondida, usaram o manto para ir até os aposentos de Paloma sem serem vistos pelos guardas e pelos criados que corriam de um lado para o outro para preparar o almoço que seria entregue na porta dos quartos dos membros da família real após terem ficado acordados até tarde na festa.

O tempo todo, Alfie temeu que pudessem virar em um corredor e dar de cara com a magia obscura ali, esperando. Mas ainda não a haviam encontrado. Alfie não sabia se por sorte ou porque ela realmente havia deixado o palácio, mas era grato mesmo assim.

Até que pisou em um monte de cinzas que sujou todo seu sapato. Ele recuou, fazendo um leve som de surpresa. Por sorte, o corredor estava vazio.

— O que é isso? — Finn perguntou enquanto tirava o manto de cima deles.

— Não sei — Alfie respondeu, passando os dedos sobre a cinza preta. Mas ela não era preta. Era de um tom mais escuro do que poderia ser possível. Tão escura que ele teve que piscar os olhos, surpreso com a intensidade da cor. Aquilo era parte daquela magia asquerosa, não podia ser outra coisa. Mas por que ela deixaria para trás uma espécie de resíduo? Seu dedo tocou algo pequeno e liso sob a

superfície do pó. Hesitante, Alfie segurou o objeto entre os dedos e a areia negra se dissipou e revelou um brinco prateado.

Seu coração parou.

O criado, o garoto que quase havia derrubado um espanador na própria cabeça, o garoto que tinha olhado para Alfie com tanta esperança e admiração. Ele estava usando aquele brinco naquele dia.

Alfie se levantou de repente, com o estômago revirado.

— Isso — Finn disse com os olhos arregalados. — Essa coisa era uma pessoa?

Alfie conseguiu confirmar apenas com um aceno de cabeça. Parecia que sua garganta ia fechar, deixando-o sufocar.

Fome. Foi o que ele sentira emanar da magia antes de libertá-la de sua prisão de círculos — um desejo de se alimentar que deixara Alfie se sentindo um animal acuado. O que ia acontecer se o livro inglês não tivesse as respostas de que ele precisava? Castellan inteira ia ser reduzida àquele pó negro?

— Príncipe — Finn chamou. Ela apontou para trás, pálida.

Na outra ponta do corredor, havia mais um monte de cinzas, maior que o primeiro.

Alfie se apoiou na parede. Suas mãos tremiam. Ele não servia para ser rei. Mal servia para viver depois daquilo. Tinha feito exatamente o oposto do que seus pais lhe haviam ensinado — havia pensado em si mesmo, em seus próprios desejos, acima de tudo. E agora pessoas estavam sofrendo por isso. Ele segurou o rosto entre as mãos e desejou que as lágrimas que se formavam e faziam seus olhos arderem não se derramassem.

O som de rochas se movimentando devagar chamou sua atenção. Finn fez um movimento separando as mãos, e o piso de pedra sob o primeiro monte de cinzas se abriu. Os restos mortais do garoto caíram na abertura.

Quando Alfie a encarou, Finn deu de ombros.

— Você disse que queria cuidar disso sem ninguém ficar sabendo, não disse?

Ela tinha razão. Eles não podiam deixar as cinzas no corredor, mas seu peito doía ao testemunhar aquela cena.

— Eles merecem um enterro decente.

Finn ficou observando as cinzas afundadas.

— Muita gente merece muita coisa. Mas se aquela coisa está destruindo pessoas com essa rapidez, não temos tempo para isso.

Deixando a culpa de lado, ele concordou. Um pensamento lhe ocorreu.

— Espera. Não feche ainda.

Eles precisariam rastrear a magia de algum modo, e se aquele pó era o que havia sido deixado como rastro, era perfeito para ser usado em um feitiço de rastreio. Se seguissem o pó, era provável que encontrassem sua fonte. Alfie encostou a mão na fenda. Sua garganta queimava ao pensar em quem um dia havia sido aquele garotinho. Ele pegou um punhado de pó do chão.

— Vai usar para rastrear? — Finn perguntou ao ver os dedos tingidos de preto dele. Alfie confirmou, satisfeito por não encontrar nem um pinga de crítica no olhar dela. Ele guardou o pó preto no bolso.

— Descanse em paz — Alfie disse para o monte de cinzas restante. Não haveria corpo para a família daquele garoto enterrar, sobre o qual chorar. Assim como Dez.

Finn fez um gesto e a pedra se aproximou novamente, fechando a abertura no chão. Eles foram até o monte seguinte e ela fez o mesmo. Alfie observou, tentando engolir a bile que subia por sua garganta. Ele não conseguia conter a repulsa e a gratidão que sentia ao mesmo tempo por a garota estar ali. O modo como ela passara com tanta facilidade pelos restos mortais fez Alfie se perguntar o que Finn já havia feito na vida. Ainda assim, sem a determinação dela, ele não achava que poderia suportar.

— Vamos continuar, então — ela disse. Eles voltaram a se cobrir com o manto e caminharam por um labirinto de corredores, passando pelas portas enormes da biblioteca até finalmente pararem na frente dos aposentos de Paloma. Alfie ficou encarando a porta, com a mão paralisada diante da maçaneta e o estômago revirando de ansiedade.

Ele nunca tinha sido convidado a entrar nos aposentos de Paloma, muito

menos bisbilhotar sem supervisão. Invadir seu espaço privado parecia errado, mas seu povo estava sendo reduzido a cinzas. Ele não tinha tempo para se preocupar com as regras do decoro.

Alfie abriu a porta e os dois entraram rapidamente. Ele sentiu vontade de tapar os olhos com as mãos para nem ver o quarto. Uma cama estreita ficava no canto, e as paredes estavam ocupadas por estantes de livros perfeitamente organizados, com lombadas em diferentes tons de couro. Havia uma mesa de madeira escura com rolos de pergaminho e penas sobre ela. Ele conhecia os horários de Paloma — ela estava na biblioteca àquela hora, deixando o quarto vazio.

Finn tirou o manto de cima deles.

— O que estamos procurando? — A expressão dela era tensa, sem sinal do sorriso sarcástico de costume.

— Um livro preto com título dourado em inglêsio.

A ladra se virou para a estante mais próxima, visualizando as lombadas dos livros com olhos clínicos. Alfie foi até a prateleira ao lado da cama e começou a procurar. Passou as mãos sobre os livros de magia básica que Paloma tinha usado para lhe ensinar quando criança. Cada livro parecia representar um momento em que ela o havia encorajado a se tornar um príncipe melhor, uma pessoa melhor. Quanto mais ficava naquele quarto, mais sentia que a estava decepcionando. Alfie ajeitou o colarinho da camisa. O movimento de Finn no outro lado do quarto chamou sua atenção.

Sem tirar os olhos da estante, ele disse:

— Devolva.

Ela suspirou e colocou o pequeno espelho de prata de Paloma de volta na estante. Não havia tempo para brincadeiras, mas ainda havia tempo para roubar, pelo visto. Ele estava prestes a criticá-la quando o avistou. Ali, enfiado entre volumes grossos de magia.

A culpa de Alfie oscilou. Seus dedos estavam ávidos para virar aquelas páginas. O garoto sabia que eles deviam voltar para o seu quarto, caso Paloma resolvesse

voltar, mas não conseguia esperar. Precisava de algo que lhe desse esperança de que conseguiria consertar aquilo.

Ele folheou o livro sem parar, até encontrar o capítulo que falava sobre confinamento de magia. Era justamente aquela parte que estava lendo quando Paloma havia tirado os livros dele. Estava totalmente ciente do olhar entediado de Finn sobre ele. A garota estava mexendo nas unhas como se preferisse estar em qualquer outro lugar.

Ele leu que a entidade precisava ser presa em um objeto de grande valor para aquele que a confinaria, uma informação que não tinha notado durante a primeira leitura. Olhou para o dragão pendurado em seu peito. Era a coisa mais preciosa que possuía. Não queria usá-lo para aprisionar a magia com medo que pudesse quebrar, mas não tinha muita escolha.

O feitiço requeria apenas uma palavra mágica. O livro descrevia a magia falada como a palavra que significava “fechar” em inglês. Se usada na língua dele, a palavra seria *cerrar*.

Logo abaixo das ilustrações havia um alerta que lhe deu calafrios até nos ossos.

Só se deve confinar uma entidade com sangue na mais extrema das circunstâncias. Confiná-la com o sangue de alguém significa ligar essa pessoa à entidade confinada. Quanto mais o ser ficar confinado, mais vai mobilizar a energia de seu confinador, sua força vital. As consequências podem ser letais.

O suor de suas mãos ensopou a lombada do livro.

Alfie engoliu o nó em sua garganta. Seria por isso que a vidente não conseguiu ver um futuro para ele? Porque estava destinado, desde a infância, a ceder seu futuro àquela magia desprezível?

— Príncipe. — A ladra suspirou, apoiando-se na mesa. — Não temos o dia todo.

Alfie secou o suor da testa, sentindo a garganta seca.

— Não, não temos.

O que quer que tivesse que ser feito, ele precisava fazer rapidamente. O baile era na noite seguinte e ele tinha que estar lá para ser apresentado como futuro rei

de Castallan. Sem contar que sua família com certeza perceberia se ele sumisse por muito tempo. Teria que resolver tudo naquele mesmo dia. Naquele instante. Enquanto sua família ainda dormia e descansava após as festividades da noite anterior.

Uma voz soou do outro lado da porta. Paloma. Finn e Alfie ficaram paralisados, de olhos arregalados. Se ela entrasse e o encontrasse com uma estranha em seus aposentos, Alfie estaria perdido.

— Onde está o manto? — ele sussurrou.

Finn observou ao redor.

Ele estreitou os olhos.

— Você perdeu o manto?

— Não perdi — ela sussurrou em resposta. — Deixei no chão, só isso. — Ela ficou de joelhos e começou a tatear o piso como um cego procurando sua bengala.

— Sua *idiota* — Alfie resmungou antes de se juntar a ela na busca. Se fossem pegos porque aquela imbecil não tivera a perspicácia de segurar o maldito manto, talvez ele merecesse o castigo que Paloma lhe daria.

— Onde o viu pela última vez?

Ela olhou para ele.

— É invisível.

— Você entendeu o que eu quis dizer!

— Aqui! — Finn murmurou, puxando Alfie e jogando o manto sobre eles. Como fizera antes, o manto se esticou para cobrir os dois.

Paloma entrou no quarto e fechou a porta. Ela trazia um livro na mão e se encostou na porta por um instante para ler, concentrada. Alfie e Finn ficaram completamente imóveis. Estavam bem no meio do pequeno quarto. Se ela andasse para a frente, poderia trombar com eles. Mas se tentassem se mexer naquele silêncio, ela poderia ouvir. Finn tentou se mover de lado. Alfie a segurou pelos ombros e balançou a cabeça.

“Não”, disse sem emitir nenhum som, esperando que ela o escutasse pelo menos uma vez.

“Você quer nos entregar?”, ela respondeu sem falar.

Ele levou um dedo à boca. Eles precisavam de algum ruído para abafar o som de seus movimentos.

Paloma fechou o livro e foi até sua escrivaninha. Alfie prendeu a respiração e inclinou o corpo quando ela passou por eles. Sua túnica de dueña roçou na perna dele.

Quando ela esticou o braço para puxar a cadeira, Alfie olhou para Finn e acenou com a cabeça. Enquanto a cadeira se arrastava no chão, Alfie puxou Finn para perto e os moveu para o único esconderijo que podia ver no quarto apertado: o pequeno espaço entre duas estantes. Eles ficaram cara a cara entre as prateleiras.

Finn olhou feio para ele. Seus olhos pareciam dizer: “Sério? É o melhor que conseguiu?”.

Mas antes que Alfie pudesse repreendê-la, Paloma abriu uma gaveta da escrivaninha e pegou um espelho redondo do tamanho de um prato de jantar.

Um espelho divinatório. Ele nunca tinha visto Paloma usar um daqueles antes. Ela era uma figura tão reservada que Alfie nunca imaginou que fosse próxima o bastante de alguém para ter um espelho divinatório. Com o espelho de quem aquele se comunicava? Finn o cutucou e arqueou as sobrancelhas como se lhe pedisse para explicar por que estava tão interessado em um espelho comum. Ele supôs que ela nunca tivesse visto um daqueles. Certamente não era o tipo de coisa fácil de se encontrar fora das regiões mais abastadas da cidade.

Ele indicou Paloma com a cabeça e seus lábios formaram um “observe”.

Paloma sentou à mesa e apoiou o espelho em um cavalete. Alfie podia vê-lo pelo ombro dela. Finn ficou na ponta dos pés, pressionando o peito junto ao de Alfie para poder enxergar melhor. A garota era o que alguns chamariam de curvilínea. Ele não tinha pensado naquilo quando escolhera aquele esconderijo. Mas também não havia como simplesmente encontrar outro lugar. Em uma

fração de segundo, os sentidos de Alfie se concentraram na parte macia do tórax dela que se encontrava com o dele, se aproximando ainda mais quando ela inspirava. O rosto dele ficou corado. Ele se movimentou para trás, batendo na estante.

Fechou bem os olhos quando a estante rangeu alto.

As costas de Paloma ficaram tensas. Ela se virou e ficou olhando para a estante. Finn estava tão perto de Alfie que ele podia sentir a respiração dela contida no peito.

Paloma franziu a testa olhando na direção da estante e depois se virou novamente para o espelho.

Alfie olhou feio para Finn e ela levantou as mãos como se estivesse se rendendo e dizendo: “Não foi culpa minha”.

— *Revelar* — Paloma disse para o espelho.

Os olhos de Finn se arregalaram quando o espelho começou a brilhar uma luz azul suave. O vidro ficou ondulado como um lago perturbado pela queda de uma pedra. O espelho clareou e revelou o rosto de uma mulher que Alfie não reconhecia. Ele arqueou as sobrancelhas. Ela tinha cabelo loiro, olhos azuis e os traços delicados de alguém de Sofistícia. Vestia uma túnica de veludo azul com pele marrom — era a versão de Sofistícia de uma dueña. Por que Paloma estava falando com uma dueña estrangeira?

— Svana — Paloma disse. Alfie podia ver a parte de cima do rosto da mulher por sobre o ombro da dueña.

— Paloma — ela falou com o sotaque sofisticiano carregado e devagar em comparação as sílabas rápidas do castallano. — Você disse que queria conversar. O que foi?

Paloma respirou fundo.

— Acordei à noite com uma sensação terrível nos ossos. Sinto que alguma coisa está errada. — Paloma se segurava na beirada da mesa, apertando-a com

força. — Não consigo explicar. Mas simplesmente sei... sei que tem a ver com...
— Ela ficou em silêncio.

A tensão aumentou como um nó se apertando entre as duas dueñas.

— Você não pode estar falando sério. Dá tão pouco valor aos círculos de proteção que foram posicionados? Para libertar aquilo, seriam necessários dueños de cada um dos cinco reinos.

Círculos de proteção. Alfie cerrou as mãos em punho como se tivesse sido transportado de volta para aquela escuridão infinita. Ele se lembrava de cada círculo que havia destruído. Era capaz de sentir o cheiro do sangue escorrendo por seus dedos. A palma de suas mãos estava coberta de suor e sua respiração estava começando a ficar ofegante.

— Não sei, Svana. É o que eu sinto — ela disse. — Algo não está certo.

Alfie sentiu um peso no estômago. Nunca tinha visto Paloma demonstrar nem um pinga de medo. Raiva e decepção, sim, mas nunca medo.

— As partes de Castellan estão em segurança, não estão?

Paloma confirmou.

— Eu mesma verifiquei. Estão intocadas.

Alfie franziu a testa. De que partes elas estavam falando?

— Você não sentiu nada mesmo? — Paloma perguntou em um tom de voz estranhamente desesperado. — Nada que pareça... errado. — Silêncio. — Svana?

Svana respondeu:

— Talvez, mas não significa que aquilo foi libertado. Nós o prendemos há séculos. Aquilo nunca vai voltar para ele. Nunca. — Svana continuou a falar, dessa vez em tom calmo e insistente. Íntimo. — Como a fábula termina, Paloma? Depois que sombra e luz se juntam. Me diga.

Alfie ficou tenso. Elas não podiam estar falando sobre *aquela* fábula — a história de como a magia e o homem nasceram, sobre o deus perverso que havia se enamorado com a escuridão.

Paloma soltou um suspiro trêmulo e disse as palavras que Alfie temia.

— O deus que adorava a escuridão foi expulso do paraíso, proibido de voltar. Os melhores bruxos do mundo trabalharam juntos e tiraram dele o poder obscuro que tanto amava, transformando seu corpo em pedra. Ele e sua magia nunca mais foram vistos — Paloma proferiu as palavras como uma oração, como algo que carregava peso e verdade.

Como algo muito maior que apenas uma história para crianças.

— Nossos ancestrais o separaram de seu poder, e enquanto mantivermos esse poder preso, ele não pode voltar. Ele vai continuar sendo um vilão sem nome em uma história para crianças. Eu prometo.

Alfie rangeu os dentes com força. O peso do que havia feito recaía sobre ele com uma pressão insuportável. Sabia que o que havia libertado só podia ser algo ruim, mas não esperava aquilo.

Havia libertado a única coisa capaz de ressuscitar o deus da escuridão. Segundo a lenda, Sombra transformaria o mundo em Nocturna — uma noite infinita, revelando para a humanidade monstros movidos pelo ódio, pela violência e pela ganância. O coração de Alfie disparou. Aquilo poderia destruir não apenas o reinado de sua família, mas o mundo inteiro.

O que foi que eu fiz?

— Você está certa. Só precisava ouvir de você. — Paloma tocou o espelho gentilmente com a ponta dos dedos. Alfie desviou os olhos, sabendo que não deveria ver aquilo.

As duas se despediram e Paloma enrolou com cuidado o espelho em veludo antes de guardá-lo. Quando finalmente saiu do quarto, Alfie abriu a boca para falar, mas Finn levantou as mãos, fazendo uma contagem regressiva com os dedos.

Depois de um minuto demorado, saíram do espaço entre as estantes e tiraram o manto. Alfie inclinou o corpo para a frente, apoiando as mãos nos joelhos e se esforçando para não vomitar.

— Príncipe — Finn disse. — O fato de sua professora ter uma namorada secreta não pode ser o que está te deixando tão agitado. Todo mundo conhece alguém que tem uma namorada secreta.

As palavras dela flutuaram ao redor dele como água circundando pedras, amortecidas e atenuadas pelo pânico que corria em suas veias. Ela tinha a felicidade de não fazer ideia do que ele havia acabado de descobrir. Do que tinha feito.

Alfie encarou a garota. Sua mente era uma teia de pânico.

— Nunca vamos sair vivos dessa.

Finn cruzou os braços.

— Você fala de um jeito tão enigmático quanto um ogro que vive debaixo de uma ponte! Me conta logo o que está acontecendo.

Alfie não queria explicar o que a conversa de Paloma havia deixado claro sobre o que ele tinha libertado. Disse a si mesmo que o motivo era a falta de tempo, por causa daquela magia perversa à solta pela cidade, mas sabia que era por temer que Finn fosse embora e tivesse de lidar sozinho com a situação.

Alfie explicou rapidamente o que havia visto quando libertou a magia obscura, como parecia com o que Paloma tinha dito e como tudo se relacionava à lenda “O nascimento do homem e da magia”. O que ele havia libertado era o poder que tinha sido tirado daquele deus, transformando seu corpo em pedra. Os olhos de Finn arregalaram enquanto Alfie falava.

— Calma, espera aí — Finn disse, erguendo uma mão para silenciá-lo. — Você libertou um *deus*?

— Não exatamente — ele respondeu rapidamente, desesperado para esclarecer as coisas. — Eu libertei o poder de Sombra, que pode possivelmente trazê-lo de volta se não for detido... — ele disse. Sua voz ficava mais baixa enquanto continuava.

— Ah, então *tudo bem*! — Finn lançou um olhar irritado para ele. — Achei que precisava me preocupar. Mas é só o poder do deus malvado, então não tem problema!

Alfie cruzou os braços. Ela tinha implorado para ir junto com ele. Ele sabia que tinha cometido um erro, mas não precisava daquele tipo de crítica no momento

em que estavam prestes a embarcar na missão mais perigosa de suas vidas.

— Bem, se é demais para você, já sabe onde fica a porta.

Finn fez uma careta.

— Ainda não encontrei nada que fosse demais para mim. Quando eu encontrar, te aviso.

Alfie revirou os olhos, embora ela provavelmente estivesse certa. Ele tentou disfarçar o alívio que tomou conta de seu corpo. Não teria que fazer aquilo sozinho, afinal.

— Depois de passar toda a sua maldita vida na biblioteca, você só consegue pensar em tentar aprisionar aquela fumaça assustadora com uma magia de escrivanhinha qualquer que nunca nem tentou fazer antes?

As palavras dela atingiram diretamente as feridas abertas de sua incerteza.

— Não se trata de magia normal. Até parece que existem vários livros sobre magia que ensinam a transformar pessoas em pó!

Ela abriu a boca para argumentar, mas ficou em silêncio.

— Então? — Alfie pressionou. — Gostaria de contribuir com alguma ideia? — Aquele plano estava tão longe de ser perfeito que chegava a ser ridículo. Mas era tudo o que tinham, e Alfie não a deixaria criticá-lo a menos que tivesse uma ideia melhor.

— Então nós rastreamos aquela coisa e a prendemos — Finn disse, balançando a cabeça diante de tamanha loucura. — Com uma magia de escrivanhinha maluca que você aprendeu naquele livro. Uma magia que você nunca executou.

— É a única coisa que eu conheço que pode funcionar.

O medo de ir atrás daquela magia sinistra com um plano meia-boca o aterrorizava, mas Alfie não podia deixar que aquilo o detivesse. Um nó se apertava em seu estômago ao pensar no baile do dia seguinte. Ele tinha cometido aquela atrocidade no pior momento possível — logo antes de seus pais o apresentarem como o futuro do reino no baile e pouco depois de finalmente ter prometido a si mesmo que desistiria de procurar Dez e se tornaria um rei do qual

sua família se orgulharia. A culpa e a vergonha o abalavam. A fé de seus pais e do seu reino estava sobre seus ombros. Ele não podia decepcioná-los de novo.

Finn endireitou a postura.

— Certo, vamos resolver isso logo — ela disse como se estivesse acostumada a se resignar à loucura de um plano meia-boca. Alfie sentiu um pouco de ânimo, apenas durante um segundo.

Se ela estava concordando em tentar, talvez realmente pudesse dar certo.

Ou talvez ela fosse mesmo tão louca quanto parecia.

Alfie engoliu em seco. Ele havia libertado o poder de um deus, um poder sombrio o bastante para fazer com que dueños do mundo todo se juntassem para aprisioná-lo. Um poder que amedrontava até Paloma e que, se deixado à solta, faria o mundo mergulhar em escuridão. Alfie pegou um pouco do pó preto do bolso. O brinco prateado que tinha encontrado no meio das cinzas surgiu como um vislumbre em sua mente. Ele impediria que aquela coisa machucasse mais alguém, mesmo que aquilo lhe custasse a vida. Colocou o pó na palma da mão.

— *Encontrar* — disse.

O pó em sua mão indicou a direção leste, rumo aos círculos externos da cidade, onde o povo de Castallan celebrava, totalmente alheio ao que seu insensato príncipe havia feito.

17

O dedal azul

Seguir o feitiço de rastreamento do príncipe era muito menos conveniente do que Finn esperava.

Sob o manto da invisibilidade, ela e Alfie haviam saído escondidos do palácio, subindo em uma carroça que estava lá para entregar mercadorias para o Baile do Equinócio, que ia acontecer no dia seguinte. De acordo com o príncipe, era evidente que a magia de Sombra não permanecera no terreno do palácio, pois o pó preto que estavam usando para rastreá-la ficaria mais quente conforme se aproximassem. Isso começou a acontecer quando a carroça entrou no círculo seguinte da cidade, o Laço, então Finn e o príncipe saltaram e iniciaram a busca a pé. Eles se embrenharam pelos bairros calmos do Laço, onde as nobres passeavam por suas haciendas de cores vivas usando longas saias acinturadas e capas de renda cintilantes, ao lado de homens nobres que calçavam botas de couro recém-engraxadas. O pó tinha ficado mais quente, mas não o bastante. Então eles passaram para o círculo seguinte, a Borda, onde o pó esquentou mais. O príncipe, achando que a magia obscura pudesse ter ido para o Aperto, levou-os para mais perto do portão que fazia fronteira entre a Borda e o círculo mais pobre, mas o pó esfriou quando se aproximaram de lá. Então voltaram para a agitação da Borda, movimentando-se por entre os emaranhados de lojas, procurando em vão por aquela magia esfumaçada perversa. Horas se passaram, a manhã virou tarde, até que Alfie sentiu o pó voltar a ficar quente na palma de sua mão.

— Espérate — Alfie disse. — Está ficando muito mais quente agora. Estamos perto. — Ele engoliu em seco e Finn não podia culpá-lo. Lembrar da magia de Sombra se enrolando junto a ela, como se estivesse procurando algo sob sua pele, causava-lhe arrepios. Eles prosseguiram por uma viela mais isolada com bancas de mercado. O feitiço do príncipe os conduzia como uma bússola.

Com o Festival do Equinócio acontecendo no dia seguinte e a família real oferecendo um baile, a cidade já estava em ritmo de celebração. Casais levemente embriagados dançavam em pequenos círculos, atirando pesos aos músicos que emendavam um merengue no outro.

Finn devia estar perambulando por aquele mercado, roubando de todos os bêbados que encontrasse e desfrutando de um pouco de sangria. Mas em vez disso estava acompanhando o príncipe em seu plano para encontrar aquela magia e aprisioná-la usando o que havia aprendido naquele estranho livro inglêsio.

Como todas as crianças de Castellan, Finn conhecia a lenda de Sombra e Nocturna — a escuridão que ele traria se fosse acordado. Uma vez, até chegou a perguntar a sua mãe o significado de Nocturna.

“Significa o fim de todas as coisas boas”, sua mãe havia dito enquanto amassava dentes de alho. Finn não deu importância àquelas palavras na época. Agora, soavam em seus ouvidos como o estalar de um osso quebrado.

— Ali! — Alfie disse, afastando-a de seus pensamentos. Ele apontou para um bar com portas azuis em uma esquina calma da Borda. Caminhou na direção dele, estendendo a mão que carregava o pó preto. Sua palma estava ficando rosada devido ao calor das cinzas. — Deve ser ali.

O fim de todas as coisas boas poderia estar esperando por eles dentro daquele bar. Finn parou de repente ao ver o nome do bar — o Dedal Azul.

— Este lugar? — Finn engoliu em seco. O Dedal Azul era onde ela deveria encontrar Kol para lhe entregar o manto da invisibilidade. Será que ela estaria lá aquela noite? Seria uma coincidência muito estranha. E um estabelecimento de Kol não era um lugar onde qualquer um simplesmente poderia entrar. Ninguém ousava pisar em seus bares sem ser convidado pessoalmente pela dona.

Alfie lançou um olhar para ela sob o capuz de seu manto. Quando chegaram à Borda, tiraram o manto da invisibilidade para se movimentarem com mais facilidade, mas o príncipe ainda vestia seu próprio manto para impedir que as pessoas o reconhecessem.

— Sí. Tem algum problema com esse lugar?

— Não — Finn respondeu, reprimindo o medo que crescia dentro dela. Pretendia matar Kol de qualquer forma. Poderia muito bem matá-la e ajudar o príncipe a aprisionar a magia ao mesmo tempo. Dois coelhos irritantes com uma cajadada só.

O príncipe endireitou a postura.

— Então vamos acabar logo com isso. Rápido.

Era ousado da parte dele achar que seriam capazes de prender aquela coisa, ainda mais “rápido”. Trocando caretas por causa do que estava por vir, os dois abriram as portas azuis e entraram no bar.

A primeira coisa que atingiu Finn foi o cheiro. O aroma metálico de sangue tomou conta dela, recobrando sua língua. Ela cobriu a boca e o nariz com a mão ao ver o horror que a cercava.

Era tanto sangue. Sangue demais.

O Dedal Azul era grande e amplo, com um balcão que ocupava toda a lateral esquerda, e o bar inteiro estava coberto de sangue. O balcão de madeira estava totalmente ensanguentado, como se tivesse sido pintado de vermelho. Vinte e poucos mortos estavam espalhados por toda a parte, como brinquedos abandonados por uma criança mimada. Membros haviam sido arrancados, gargantas degoladas e barrigas dilaceradas, derramando rios de vermelho. As inúmeras mesas e cadeiras estavam caídas sobre o chão escorregadio. Os olhos de Finn não eram capazes de compreender aquilo. O vermelho a devastou, confundindo seus sentidos.

Finn inclinou o corpo para a frente e vomitou.

Agarrou-se no balcão para manter o equilíbrio. Sua mão ficou úmida e vermelha. Sem fôlego, ela se afastou e escorregou em uma coisa dura — uma mão

arrancada estava estendida no chão como uma aranha de carne e osso humanos. Finn caiu de joelhos, manchando as calças de vermelho. Daquele ângulo, conseguia ver o chão coberto de montes daquele mesmo pó preto do palácio, como se alguém tivesse esvaziado as cinzas de uma lareira dentro do bar, espalhando-as em montinhos.

O príncipe a puxou pelos ombros com cuidado. Estava lhe dizendo algo, mas sua voz estava abafada e ecoava como se viesse de dentro de uma garrafa.

Duas gotas de sangue caíram na testa de Alfie. Ele paralisou no meio de uma frase, o rosto tomado pelo medo conforme o sangue escorria por seu nariz, quase chegando nos lábios. Olhou para cima e Finn acompanhou seu olhar, com medo do que poderiam encontrar. Havia um corpo pregado no teto com facas e um corte na garganta. Pingava sangue dele como uma torneira com vazamento.

O cadáver pingou mais três gotas, sujando mais o rosto do príncipe, até que Finn o puxou para o lado. Ele estava em choque, tentando limpar o rosto e espalhando ainda mais o sangue em listras largas.

Por um instante, o medo dela foi substituído por uma centelha de esperança. Aquele bar pertencia a Kol. Talvez ela tivesse sido morta naquele massacre. Se Kol estivesse morta, sua magia teria morrido com ela e Finn estaria livre para usar seu *propio* novamente.

Finn se concentrou, desejando que seu rosto mudasse, mas sentiu aquela mesma dor de cabeça que a impedia. Seu *propio* ainda estava bloqueado. A centelha de esperança se apagou e foi substituída por uma raiva cega que ardia de dentro para fora. Ela queria virar as mesas ensanguentadas, acrescentar mais carnificina à cena. Então Kol estava viva. Mas depois daquele massacre, provavelmente feito por um criminoso inimigo, ela devia ter saído da cidade. Como Finn a encontraria agora?

Então um pensamento lhe ocorreu, rastejando dos cantos mais obscuros de sua mente: *será que vou ficar assim para sempre? Presa nesse rosto?*

Aquilo a deixou mais enjoada do que o cenário ensanguentado ao seu redor.

O príncipe arregalou os olhos. Apontou para trás dela.

— Finn.

Ela seguiu o olhar dele até o balcão coberto de sangue em que havia se segurado minutos antes. A princípio, não conseguiu identificar para o que Alfie estava apontando entre as garrafas quebradas e os corpos caídos sobre o balcão, mas logo seus olhos encontraram. Uma mão com unhas escuras saiu detrás do balcão, curvando-se sobre a madeira, com a palma cheia de sangue. Uma segunda mão surgiu em seguida. Um homem se levantou lentamente. Estava tremendo muito e seus olhos estavam totalmente pretos. Suas veias estavam saltadas e escuras e se retorciam sob a pele. Sua respiração era ofegante. O som causou arrepios nos ossos de Finn. Ela e Alfie recuaram, pisando em corpos e poças de sangue enquanto se afastavam do homem.

— Posso ver aquilo dentro dele — o príncipe disse, pálido. — Está todo tomado.

Finn o encarou com desconfiança.

— Cagado?

Ele piscou e se virou para ela.

— *Não*. A magia obscura, ela está dentro dele!

Ela observou o homem novamente e fez uma careta.

— Isso não deve ser nada bom.

Ela esperava que a magia obscura reduzisse pessoas a pó, como as vítimas no palácio, não que vivesse dentro delas, como uma espécie de parasita. Será que uma parte daquele homem ainda estava viva, e controlada por aquela magia? Finn ficou tensa. Ela conhecia muito bem a agonia de estar preso no próprio corpo enquanto outro mexia os pauzinhos. Ela sacudiu a mão, desejando invocar uma adaga para acabar com o sofrimento daquele homem. Mas quando o homem subiu no balcão soltando um rugido gutural, Finn soube que estava errada. Não. Aquela criatura não era mais humana. Tinha se transformado em outra coisa, e a garota estava com medo de descobrir o quê.

Ele esticou a mão com unhas pretas na direção deles. Sua respiração era áspera, os joelhos se afundavam nos cacos de vidro sobre o balcão. Finn movimentou o punho, puxando uma adaga para a mão, mas, enquanto tentava mirar no pescoço do homem, a pele dele começou a se rasgar. Rachaduras pretas se espalharam sobre seu corpo como se fosse de vidro. Pouco a pouco, ele começou a se desfazer em pó preto, como se sua carne estivesse queimando de dentro para fora. Finn ficou observando, boquiaberta, o homem se transformar em nada sem nem um ruído. Sem soltar um grito de dor nem de surpresa. Tudo o que restou foram suas roupas e o pó preto sobre o balcão do bar, rapidamente ensopados pelo sangue espesso.

— Que droga foi essa que acabou de acontecer? — Finn disse, dando um passo hesitante na direção do balcão.

Alfie a segurou pelo braço, dando um grito agudo:

— Espere!

Uma espiral escura de fumaça, uma versão menor do que ela tinha visto na Sala Azul, emergiu das cinzas do corpo. A magia tinha queimado o homem de dentro para fora e precisava encontrar um novo corpo para tostar. Se fosse o dela, estaria perdida.

Ao lado de Finn, o príncipe ficou imóvel. O cheiro do medo o identificava como um cachorro marca uma árvore.

Ela o agarrou, enfiando as unhas em seu ombro.

— Faça seu maldito truque! Prenda essa coisa!

O toque da mão dela pareceu trazê-lo de volta à vida. O príncipe tirou a corrente que trazia pendurada no pescoço. Nela havia uma estatueta de dragão habilmente esculpida. Ele mordeu o polegar até romper a pele e, meio sem jeito, desenhou um círculo de sangue no peito do dragão.

Trêmulo, ele respirou fundo, ergueu o dragão e gritou:

— *Cerrar!*

Finn esperou acontecer alguma coisa, qualquer coisa.

Nada.

Nada aconteceu. A fumaça não deu atenção ao príncipe. Continuou saindo lentamente das cinzas, juntando-se na forma de uma terrível bola de escuridão sobre o balcão.

Alfie olhou para o dragão, abrindo e fechando a boca em vão.

Finn lançou um olhar irritado para ele.

— *Sério?*

Com um sussurro amedrontado, ele disse:

— Não está funcionando. Não...

— É, dá para ver que não está! Temos que sair daqui!

— Não! Eu preciso continuar tentando! — Alfie gritou. — Ou essa coisa vai machucar mais alguém!

— Sim — Finn gritou. — E esse alguém vai ser *você*! Vamos!

Alfie abriu a boca para protestar quando ouviram um gemido de dor do outro lado do bar, entre as mesas viradas e os corpos imóveis. Um homem levantou em meio à carnificina, mancando, vivo. O homem tinha ficado tão quieto que eles o confundiram com um cadáver em meio àquela tapeçaria escarlate de morte. Os olhos dele não estavam pretos; ele ainda estava normal. Apertando o ferimento ensanguentado na lateral do corpo, ele virou para Finn e gritou:

— Ajuda! Me ajudem, por favor!

A espiral de magia obscura se retorceu ao ouvir a voz do homem. Ela se afastou rapidamente de Alfie e Finn e se infiltrou pela garganta dele, que urrava de dor. Alfie gritou, esticando o braço como se pudesse, de alguma forma, ajudá-lo. O estranho caiu de joelhos, convulsionando. Alfie deu um passo na direção dele, mas Finn o impediu, estendendo o braço diante do peito do príncipe. O homem estava imóvel, com o corpo molenga e a cabeça pendurada para a frente, ocultando o rosto. Silêncio ao redor de onde estava ajoelhado, entre móveis quebrados e pedaços de vidro.

— Isso passa de um corpo para o outro. — A voz de Alfie era de horror. — E mata pelo caminho.

Finn deu um passo à frente e endireitou os ombros.

— Ei, você! — Ela gritou para o homem imóvel de olhos pretos. — Não ligo se você é próximo de algum deus idiota. Vai responder minhas malditas perguntas. O que você quer? — Ela se odiou por deixar transparecer um pouco de medo ao falar, mas o modo como aquele homem estava, com o corpo todo tremendo de empolgação como uma criança prestes a receber um doce, fez seu estômago revirar. — Responda ou vou te esfolar vivo!

Ele flexionou os dedos e sorriu para ela como um gato que vê um rato machucado.

— Vocês cantam sobre nosso mestre há eras, chamando por ele — ele disse. Veias saltadas e pretas se contorciam sob sua pele como vermes. Ele abriu a boca e cantou. Seu clamor era uma mistura torta de várias vozes entrelaçadas com uma só:

*O Rei da Escuridão, transformado em osso,
Em seu coração ficará com gosto.
Seus olhos sangrarão e sua alma ficará obscura,
Aos pés dele, vai se curvar. Não há cura.*

*Então corra, pequenino, já para a cama!
Para que Sombra não acorde e leve todos aqueles que você ama!*

Era uma cantiga para crianças sobre aquela lenda idiota. Uma canção cantada para assustar um amigo e dar um pouco de risada. Agora, para Finn, cada palavra soava como uma ameaça. Como uma promessa.

— Vocês cantam o nome dele. — O homem inclinou a cabeça, abrindo um grande sorriso. — Vamos eliminar os falsos reis desse mundo e acordá-lo. Ele vai responder sua pergunta.

Com uma gargalhada que lançou saliva por seus lábios, ele correu na direção dela. Movimentava-se como se não estivesse acostumado a estar confinado em um

corpo humano, sacudindo-se em ângulos estranhos. Ela ouviu o barulho do sangue escorregando sob seus pés.

Finn nunca esperava para ser atacada primeiro. Não era seu estilo. Gostava do poder de tomar a iniciativa, mesmo quando não era uma boa ideia. Naquele caso, parecia uma péssima ideia. Mas se Finn era conhecida por alguma coisa, era por mergulhar de cabeça em péssimas ideias.

E seria uma maldita se não fosse consistente.

Ela avançou e o encontrou no centro do bar, extraíndo pedras do chão para recobrir seu punho. O homem não procurou se defender, apenas riu. Finn logo deu um soco em seu estômago. Ela sentiu costelas se partindo, mas a criatura apenas cambaleou para trás, soltando uma gargalhada.

— Para nossa causa, precisamos de corpos — ele sussurrou com sua voz cantada. Permaneceu ereto, com costelas quebradas e tudo. Ignacio havia mostrado a Finn como era a agonia de ter uma costela machucada. Aquele homem devia estar encolhido de dor. — Não importa se estão inteiros ou não. E o seu vai servir *muito bem*.

Quando ele foi para cima dela, Finn levantou os punhos novamente, mas o homem os acertou com facilidade, e a garota percebeu que ele só estava brincando quando deixou que o golpeasse. O constrangimento tomou conta dela rapidamente.

Em um piscar de olhos, as mãos cheias de unhas escuras dele envolveram a garganta de Finn e, com uma força aterrorizante, ele a ergueu do chão. Ela agarrou o punho dele, rasgando a pele delicada até seus dedos ficarem recobertos de sangue, mas o homem apenas sorriu para ela. O sorriso se desfez quando ele a analisou, como se sentisse um cheiro ruim em sua pele.

— Você chega perto, mas não serve.

Ele apertou ainda mais o pescoço dela, e Finn foi capaz de sentir seus ossos estalando. Quanto tempo aguentaria até que se rompessem?

Com os olhos lacrimejando, ela conseguiu dizer uma única palavra:

— *Príncipe!*

Ela ouviu passos desajeitados deslizando sobre o sangue e depois ouviu o som de algo afiado penetrando a carne. O homem ficou paralisado e a largou, com os olhos arregalados. O calor retornou ao corpo de Finn quando suas costas atingiram o chão coberto de sangue. Sua sombra, aos seus pés, estava cinzenta e débil. Atrás do homem de olhos pretos, estava o príncipe, com uma adaga de gelo atravessando o peito do homem.

Quando o homem de olhos pretos caiu no chão, imóvel e morto, Alfie ficou sem saber como havia feito aquilo.

Como havia matado alguém com as próprias mãos.

Finn o chamara e o desespero na voz da garota havia proporcionado um choque de adrenalina em seu corpo, transformando seu medo paralisante em uma energia ardente. Ele havia corrido até as costas do homem e o esfaqueado, atravessando o coração com a lâmina. Como um covarde. E agora estava no meio do bar, em um emaranhado de mesas e cadeiras caídas, um corpo aos seus pés e o coração na garganta.

Um som escapou de seus lábios, uma mistura de suspiro com choro.

Ele tinha ficado com medo de si próprio no dia em que atacara Paloma. Ficado com tanto medo do que era capaz de fazer que procurou enterrar aquilo. Mas quem ele era ao ser capaz de matar um homem daquele jeito? E o pior era a irritação dentro dele que dizia que não tinha tempo para aquilo, não tinha tempo para sofrer e se preocupar se estava se perdendo. Tinha que aprisionar aquela magia e salvar seu reino, mesmo que significasse cometer atos que o transformassem em um estranho para si mesmo.

Finn se levantou devagar e foi para o lado dele. A garota estava com os olhos arregalados revelando um medo atípico. Então apoiou a mão com firmeza sobre as costas dele, entre as escápulas.

— Uma coisa ruim não apaga todas as coisas boas, príncipe — ela disse, olhando para o cadáver. — É preciso mais do que isso para você se perder. Pode acreditar. Experiência própria.

Alfie ficou em silêncio. Como ela podia enxergar seu coração com tanta clareza enquanto ele se partia dentro do peito? Ele então pensou que, tempos atrás, ela talvez tivesse reagido da mesma forma ao matar alguém, mas, com o tempo, havia deixado de lado aquela parte assim como uma cobra troca de pele. Para Alfie, era uma forma extremamente triste de se viver. Ele tirou a garrafa de bebida da cintura e tomou um grande gole. O calor da tequila trouxe aconchego, como um curativo colocado sobre uma ferida aberta. Ele a encarou com os olhos marejados.

— Pode me impedir se eu chegar perto demais?

Ela o encarou nos olhos com uma expressão de amargura.

— Se isso acontecer, vou te avisar e você decide se vai recuar ou seguir em frente, mas não posso te impedir.

Alfie apenas assentiu e depois passou o dorso da mão sobre os olhos. Sua sombra se enroscou nele. Era sua ansiedade se acumulando aos seus pés. O sangue que saía do homem se espalhava pelo chão. Ele pensou em desviar, mas deixou o sangue encharcar a sola de seu sapato. Aquilo era culpa dele. Ele havia libertado a magia obscura e sujado as mãos com o sangue daquele homem. Por que não sujar os sapatos também?

— Sinto muito — Alfie disse para o corpo com a voz embargada. Ele se ajoelhou ao lado dele, sem saber o que fazer. O que dizer. Paloma havia dito para ele nunca mexer com uma magia desconhecida, porque com ela sempre trazia consequências desconhecidas.

Ele devia ter dado ouvidos a ela. Devia saber seu lugar.

A mão de Alfie tocou o ombro do cadáver.

— Por favor, me perdoe — ele disse com os olhos marejados. — Nunca quis machucar você nem ninguém. É tudo culpa minha.

Finn levou a mão ao ombro de Alfie.

— Príncipe, precisamos ir antes que aconteça novamente. Vamos, levante.

— Não — Alfie disse. Seus membros pareciam pesados como pedra. Ele era responsável por tudo aquilo, pelo garoto que havia desaparecido deixando apenas um brinco no meio das cinzas. Não podia ir embora, independentemente do quanto estivesse assustado.

O ombro do cadáver teve um espasmo sob sua mão.

Alfie se afastou e levantou rapidamente. A magia saíria do corpo de novo. Dessa vez ele acertaria. Ele a confinaria. O corpo convulsionou mais uma vez, sacudindo sobre seu próprio sangue. Estremeceu junto aos cacos de vidro espalhados no chão, provocando o som de unhas arranhando uma superfície.

Não era o corpo que estava se movendo, mas a magia obscura que havia dentro dele, lutando para sair, um parasita preso em um hospedeiro morto. Um corpo com o coração parado não lhe servia de nada. A morte do homem pelas mãos de Alfie estava forçando a magia a escapar para encontrar um novo lar.

A boca ensanguentada do homem morto se abriu. Uma fumaça densa e preta escorreu para fora como a seiva escura de uma árvore. Os pensamentos de Alfie se reduziram a uma fração de pânico e ele mal conseguia reunir suas ideias quando o corpo começou a se sacudir e expelir cada vez mais magia, arqueando as costas devido ao esforço.

Ele precisava contê-la de alguma forma. Alguma informação daquele livro inglês tinha que ser verdadeira. Era sua única esperança para acabar com aquilo.

— Não funcionou da outra vez e não vai funcionar agora! Temos que ir embora! — Finn gritou atrás de Alfie conforme a escuridão escorria para fora do corpo. Ela tentou puxá-lo novamente, mas ele permaneceu firme no chão. Ela o encarou, sem acreditar. — Você realmente daria sua vida por isso?

Alfie segurou o dragão com mais força. Quando olhou para ela, não tentou disfarçar o pavor que tomava conta de seu corpo. Pelo menos uma pessoa saberia que o medo não o impedia de fazer aquilo.

— Você não daria a sua por nada?

Finn observava Alfie como se ele tivesse duas cabeças.

— Você está louco.

Alfie encarou a magia que saía do corpo como pus de um machucado. Estava aterrorizado, mas tinha mais medo do que aquilo se tornaria se o deixasse à solta. Aquilo era sua responsabilidade. Ele morreria ali antes de fugir como um covarde.

Como um covarde capaz de esfaquear um homem pelas costas.

— Você é um idiota. — Ela se afastou dele, dando a volta em uma banquetta de bar quebrada enquanto sacava adagas do cinto. Alfie podia jurar ter ouvido um tom de respeito camuflado naquele insulto. — É corajoso, mas é um idiota.

A escuridão ficou girando diante dele. Seu corpo ficou entorpecido e gelado ao ver aquilo, um preto mais preto do que qualquer tom que ele já tivesse criado.

Uma ideia iluminou a mente de Alfie como um fósforo aceso.

— Magia da mesma cor sempre flui junta — ele disse, conjurando a calma de Paloma.

— Este não é o melhor momento para uma maldita aula de magia! — Finn gritou atrás dele.

— Silêncio!

Magia da mesma cor sempre fluía junta. Era um fato que ele havia visto com os próprios olhos enquanto observava a magia das pessoas permeando o ar em fitas de cor. Era como seu *proprio* funcionava, como ele conseguia tecer a própria magia dentro da de outras pessoas. Se aquela magia obscura deparasse com uma magia da mesma cor, talvez a seguisse, tentasse ficar junto com ela ou até a obedecesse. Fazia sentido. Talvez precisasse fazer isso para confiná-la.

Alfie deixou sua magia escurecer até o tom mais preto possível. Segurando o dragão com força, Alfie deixou sua magia recém-escurecida envolvê-lo. A magia obscura que escorria do corpo pareceu notar e se movimentou com agitação. Afastou-se do corpo e foi até a boca aberta do dragão como se tivesse encontrado um irmão. Alfie sentiu o pequeno dragão esquentar. A magia permaneceu dentro do dragão, como se aguardasse instruções de Alfie. Seu comando.

Ainda com sua magia escura como a noite, Alfie pressionou com toda a sua força a ponta ensanguentada do polegar na boca do dragão e gritou novamente:

— *Cerrar!*

Alfie fechou os olhos, esperando a magia obscura reconhecer seu truque e engoli-lo por inteiro. Mas não aconteceu. O dragão apenas zuniu na palma de sua mão, aquecido pela energia.

Alfie desmoronou sobre o bar, pendurando a corrente com o dragão no pescoço. Ele tinha conseguido. Talvez, apenas talvez, as coisas pudessem ficar bem, no fim das contas. Talvez ele tivesse resolvido aquilo.

Como se respondesse àquela fantasia, o cadáver caiu no chão, a pele enegreceu e se desfez até não restar nada ali além de uma pilha de cinzas.

Quando as cinzas flutuaram até suas narinas, o estômago de Alfie revirou ao sentir o cheiro de carne queimada, uma vida e todas as suas possibilidades extintas de uma só vez.

Ou talvez nada voltasse a ficar certo.

Então ele viu Finn agachada ao lado dele, encostada em uma das únicas mesas que havia sobrado em pé.

— Funcionou?

Alfie apertou o dragão que permanecia quente junto de seu peito.

— Eu... eu acho que sim.

— Então é isso? Pegamos aquela coisa? — Ele ouviu um tom de esperança na voz dela e não conseguiu deixar de se apegar àquilo. — Acabou?

Com a mão ensanguentada ainda envolvendo o dragão, Alfie respirou fundo. Ele não teria que suportar o olhar de vergonha de Paloma nem de seus pais. Ninguém mais morreria devido a seu erro idiota. Ele poderia se apresentar no baile, na noite seguinte, de cabeça erguida, com a promessa de que protegeria o futuro de seu reino em vez de colocá-lo em perigo. Alfie passou a mão sobre os olhos.

— Nós conseguimos.

Agora, só precisariam pensar em um lugar para manter aquela magia perversa para que ninguém a encontrasse. Mas aquele dilema não era nada em comparação

ao que haviam acabado de aguentar.

Finn assentiu, deixando os ombros relaxarem com o alívio.

— Então vamos sair logo daqui.

Alfie levantou devagar, apoiando-se na mesa que estava atrás de Finn. Quando ergueu a mão ensanguentada, já não sabia se estava suja por causa do sangue na mesa ou por causa do homem que havia matado. Alfie caminhou ao lado de Finn, desviando de cadáveres, lâmpadas estilhaçadas e garrafas quebradas. Seu ombro trombou no dela, e ele apreciou aquele instante de contato. Desfrutando da certeza de que não estava ali sozinho, que embora aquele dia tivesse sido um pesadelo, havia sido compartilhado com alguém.

Quando finalmente saíram do bar, Alfie inspirou o ar frio. Nunca tinha ficado tão feliz em respirar um ar que não tivesse cheiro de sangue coagulado.

— Preciso dizer, príncipe — ela disse —, mas pensei que você não fosse conseguir.

Conforme se aproximavam mais do centro da Borda e deixavam o bar ensanguentado para trás, Alfie olhava para as bancas de bugigangas e quinquilharias mágicas, doces e sangria, com um olhar renovado de apreciação. Seu povo estava em segurança para aproveitar o que o mercado tinha a oferecer, tudo o que o reino tinha a oferecer. Viu as pessoas indo alegremente de uma banca a outra, com sorrisos no rosto enquanto se preparavam para o Festival do Equinócio, no dia seguinte.

O coração de Alfie ainda doía ao pensar no homem que havia matado e em todos os que tinham virado pó ao serem tocados pela magia obscura, mas agora tinha esperança. Ele havia consertado as coisas.

Com a mente confusa pela exaustão e pela adrenalina, Alfie não conseguia deixar de olhar para Finn ou de expressar sua gratidão.

— Finn — ele disse. — Gracias. Eu...

Uma força que Alfie não podia ver o jogou para trás, atirando-o a uma distância de dez homens até ele se chocar novamente contra a porta do Dedal Azul, batendo a cabeça, sem conseguir terminar a frase.

— Príncipe! — Ele ouviu Finn gritar enquanto escorregava pela porta e caía no chão, mas parecia que ela estava chamando seu nome da outra extremidade de um túnel infinito.

Então tudo era escuridão.

18

Instinto paterno

O HOMEM CAMINHAVA PELA BORDA, com um poder agitando seu corpo como um raio agitado preso em uma garrafa.

Ele havia devastado um bar, deixando a magia em seu interior destruir todos pela frente, e massacrar aqueles que ousavam enfrentá-lo. A cada corpo que a magia reivindicava, mais poder brotava dentro dele. Seus sentidos ficavam cada vez mais aguçados. Cada pelo de seu corpo parecia ter vida própria. Ele podia sentir as correntes de ar, filamentos de vento que se movimentavam a seu bel-prazer. Podia sentir o cheiro da tinta fresca nas paredes de uma hacienda a quilômetros de distância, no centro da cidade.

Ao ver as pessoas no mercado, queria gritar, rir na cara delas, desmembrá-las para que soubessem como eram insignificantes ao lado dele.

Queria fazer todas elas se ajoelharem.

Ainda não, a magia sussurrou. As pessoas no bar viraram cinzas porque não eram dignas. Esse poder que sente vai diminuir quando o corpo deles perder a força. Precisamos encontrar aqueles fortes o bastante para...

— Silêncio — ele disse. Algo chamava sua atenção no ar. Algo dolorosamente familiar, que agarrava suas entranhas em busca de atenção, de punição. Ali, naquela mistura de aromas, sons e toques, estava a garota que tinha tirado tudo dele. Ele sentia o cheiro dela, de seu medo.

Agora não, a magia insistiu. Você vai ter a garota e muito mais depois que...

Ele balançou a cabeça. Não se importava com as palavras da magia. Finn estava ali. O destino a havia levado para aquela cidade exatamente como ele tinha imaginado. O homem deu meia-volta e voltou a caminhar na direção do bar que havia deixado encharcado de sangue, sabendo que sua filha estaria lá esperando por seu amor, suas críticas. Era estranho como aquelas duas coisas frequentemente eram uma só.

A magia se contorcia, irritada com ele, mas Ignacio ignorava suas palavras. Afinal, que tipo de pai seria se não fizesse uma visita à filha?

O manipulador de marionetes

COM UMA ADAGA NA MÃO, Finn correu pela multidão da Borda e voltou ao Dedal Azul, onde o príncipe estava caído junto à porta. Ela ajoelhou ao lado dele, observando o mercado lotado em busca de um inimigo, de quem quer que tivesse usado magia para puxar o príncipe para trás como se fosse uma vareta para um cachorro buscar.

Mas não havia ninguém digno de nota por perto, apenas compradores indo de uma banca colorida a outra, conversando sem parar sobre o festival. Alguns olhavam para ela e para o príncipe, cochichavam, aproximavam-se para ajudar, mas recuavam ao ver a adaga e a expressão de raiva de Finn.

O peito de Alfie subia e descia em um ritmo estável, mas a parte de trás de sua cabeça sangrava por causa da batida contra a porta.

— Seu amigo está bem, señorita? — Um senhor caminhava na direção dela e de Alfie com uma bengala na mão. Ele tocou o ombro dela. — Qué pasó...?

O homem ficou em silêncio, paralisado diante da garota.

Com o coração pulsando na garganta, ela olhou para ele e estalou os dedos na frente de seu rosto.

— Oi?

Era como se o homem tivesse se transformado em estátua. Ele não piscava, mas seus olhos não lacrimejavam com o esforço. Os dedos não tremiam nem se mexiam, pairando sobre o ombro de Finn. Ela podia sentir o calor emanando da

pele dele, mas estava imóvel como um cadáver. Será que ela estava imaginando tudo aquilo? Será que havia batido a cabeça durante a briga no bar?

Foi só então que notou como o mercado havia ficado estranhamente silencioso.

Olhou atrás do homem e viu que todas as pessoas da Borda, dos compradores e vendedores até os casais que dançavam e os músicos de rua, estavam imóveis. Havia bocas abertas, conversas interrompidas. Mãos paralisadas, esticadas para entregar pesos a um vendedor. Tudo e todos, à exceção dela, estavam parados.

— Que droga é essa? — ela disse. Suas palavras eram como estrondos no silêncio. Ela se virou e observou toda a extensão do mercado. Até um pouco de saliva que voava da boca de um homem, que antes estava gritando, pairava no ar. Ela estava envolvida por silêncio. Enquanto todo mundo estava perfeitamente parado, o peito do príncipe subia e descia, como se tivesse sido poupado por estar machucado. Finn nunca tinha ficado tão feliz por vê-lo respirando.

— Príncipe! — Ela sacudiu o ombro dele. — Acorde! Tem alguma coisa errada, acorde! — Mas ele não acordava, não emitia nenhum som.

Um ruído rompeu o silêncio, uma voz ao vento, atrás dela.

— *Pequena camaleoa...*

Ela ouviu a voz dele flutuar, ritmada e suave como uma canção de ninar.

Ignacio.

— Ele não está aqui — ela disse a si mesma. — Ele não está aqui. Acorde.

Era apenas um pesadelo. Tudo aquilo. O que ela tinha visto no palácio, Kol roubando seu *propio*, a Borda toda imóvel. Era tudo um sonho. Logo ela acordaria. Precisava acordar.

— *Você sabe que não gosto quando você faz amizade com pessoas desagradáveis...*

Ela ainda estava agachada ao lado do príncipe ensanguentado. Seus ouvidos zuniram com o alerta de Ignacio. Com as mãos trêmulas, Finn se virou, sendo atraída pelo som. Ali, do outro lado do mercado, o centro de toda a quietude, de frente para o Dedal Azul, estava Ignacio. Uma energia gelada correu o corpo de Finn, contorcendo-se por baixo de sua pele como uma cobra que desliza pela

grama. O choque apertou com força seu coração. Ela não conseguia respirar. O silêncio não era mais uma ausência de som, mas um alerta do que estava por vir.

Ele deu um passo à frente.

Aquele único movimento fez um nó apertado surgir dentro dela até ela ser reduzida a um corpo tomado por um medo paralisante. Ele estava ali para amarrá-la mais uma vez, para arrastá-la de volta para seus braços, sob seu comando. Finn virou as costas para ele e, deixando o príncipe onde estava, saiu correndo para a esquina do Dedal Azul, descendo uma parte da Borda dedicada a bancas de joias, sedas, vestidos e capas. Percorreu o mercado silencioso, onde compradores e vendedores permaneciam assustadoramente imóveis e pedaços de tecido estavam petrificados no ar. Finn movimentava os braços para correr mais rápido e seus pés a levavam cada vez para mais longe do príncipe. Ficar perto de Alfie naquele momento serviria apenas para convencer Ignacio de que ela se importava com ele, o que serviria de motivação para o homem matá-lo.

Ou obrigá-la a matá-lo.

— Não — ela disse, rejeitando aquele pensamento com toda a força que tinha enquanto corria e se embrenhava cada vez mais na Borda, se afastando bastante do príncipe. Ela não ia mais deixar que Ignacio a obrigasse a fazer aquelas coisas.

De jeito nenhum.

Não conseguiu se afastar muito antes que as amarras se enrolassem com força em seu calcanhar, apertando-os como um tornilho. O próprio impulso de seu corpo piorou a situação, e Finn voou para a frente, caindo de barriga para baixo ao lado de uma banca de vestidos coloridos, com a boca aberta sobre a terra. O puxão foi tão forte que parecia que uma mão surgia do chão para agarrar seu tornozelo. Ela olhou para trás.

Ignacio deu mais um passo à frente, sem pressa.

— *Amarras de marionete, minha pequena camaleoa. Amarras de marionete.*

A boca dele não se movia, mas sua voz assobiava pelo ar. Em todo lugar e em lugar nenhum, como se sempre tivesse estado em sua cabeça. Como ele estava

fazendo aquilo? Como a havia encontrado? E seus olhos... estavam diferentes. Estavam totalmente pretos. Sua mente se resumia a um ponto nebuloso de puro pânico.

Ele estava exatamente igual ao homem do Dedal Azul.

Ignácio estava envolvido pela magia obscura. Um nó de pavor se formou na garganta de Finn. Ele já era um monstro quando era apenas um homem. Agora tinha virado outra coisa, uma criatura que usaria toda a magia obscura que havia dentro dele para caçá-la como um cão que se afastara demais de seu dono. Ele não estava falando sobre um deus perverso que voltaria à vida como o homem do Dedal Azul. Ignacio ainda era ele mesmo, só que mais poderoso. Finn não sabia o que pensar.

A garota mal conseguia respirar quando Ignacio deu outro passo à frente. Seus olhos pretos brilhavam.

Com adrenalina queimando em seu corpo, ela conseguiu acertar as amarras com a adaga, mas elas não se romperam. O fio se dobrava sob o toque da lâmina, mas não se partia. Ignacio ainda caminhava em direção a ela. Finn tinha que escapar. Puxou uma amarra com a mão que estava livre. Ela cortou sua palma e, após um momento demorado e doloroso, soltou-se de seu tornozelo. Ela estava livre novamente.

— Para onde vai com tanta pressa? — ele perguntou. — Não tivemos a oportunidade de conversar, e eu tenho um presente para você, pequena camaleoa. E acho que você vai gostar.

Não olhe para trás, não olhe para trás. Se ela não o encarasse nos olhos, ele não poderia fazer o que sempre fizera.

Ela conseguiu passar por quatro bancas do mercado antes de ouvir um zumbido, como se um pescador lançasse uma linha de sua vara de pescar. Pontadas de dor agulharam sua pele quando amarras atravessaram suas roupas e se enterraram em suas costas e em seus tornozelos. Ele a puxou com tanta força que Finn caiu de costas e foi sendo arrastada até ele. Com os pulmões queimando, ela

ficou de joelhos. Estava ao lado da banca de vestidos mais uma vez. Tentou cortar as amarras, mas dessa vez elas não cederam nem com a força das mãos nem com a lâmina da adaga. Ela podia senti-las enterrando-se profundamente em sua pele, como se estivessem tentando ocupar o lugar de suas veias. Ela tentou avançar, lutando contra o puxão. Uma amarra a arrastou violentamente pelo calcanhar e, ao levá-la para trás, Finn sentiu sua pele se rasgar como se estivesse descosturando. Sua perna cedeu sob o peso do corpo. O sangue não escorria, e sim jorrava de uma ferida aberta em seu calcanhar. Ela havia sido derrotada. Voltaria a ser dele.

Então sobrou apenas o som das passadas pesadas do homem. Os olhos dela não saíram do chão quando os pés de Ignacio pararam bem ao lado de sua cabeça.

— Olha só o que você fez. — Ignacio a censurou de maneira paternal, como se ela fosse uma criança com um joelho ralado. — Não devia ter corrido. Agora está machucada. Parece que você sempre faz isso, não é? Bobagens que acabam te machucando no final.

Não havia mais motivo para desviar o rosto. Ela levantou os olhos e o encarou. Finn não conseguiu conter a surpresa. De perto, podia ver que ele estava exatamente igual a quando se conheceram, uma década antes — jovem e vibrante, com sobrelhas grossas e cabelo castanho-escuro, espesso e lustroso. Sua pele era macia e não havia marcas que demonstrassem o que ela havia feito com ele. A pele ao redor de seus olhos estava intacta. As pupilas não estavam leitosas. Veias negras e saltadas pulsavam sob sua pele, como a dos homens infectados no bar — uma treliça de escuridão. O medo se acumulou na barriga dela ao ver aquilo. Ela envolveu o corpo em um autoabraço apertado, temendo vomitar na frente dele.

— Você queria que eu fugisse. — Ela cuspiu nele antes de colocar as mãos sobre o ferimento no calcanhar. Pressionar o machucado não estava funcionando. Suas mãos estavam cheias de sangue. Ela não sabia a magia de escrivadinha para curar aquilo. — Você nunca quer nada que não me obrigue a sair correndo para longe de você.

— No seu caso, sair mancando. Mas você tem razão — ele disse com um

sorriso malicioso. Era dolorido lembrar que ela havia aprendido a sorrir daquele jeito com ele. Que treinava na frente do espelho, tentando transmitir maldade ao curvar os lábios, exatamente como ele fazia. Mesmo depois de tanto tempo, ela o enxergava em seu rosto quando sorria. — Você me conhece tão bem.

Ignacio tinha um *propio*, mas podia controlar alguém apenas se a pessoa revelasse a ele as mais profundas verdades. Ele não conseguiu controlá-la até que ela lhe contou aquilo que mais a envergonhava. Mas agora ele conseguia paralisar todos na Borda? Aquela magia obscura havia intensificado seus poderes além dos piores pesadelos dela. O gosto ácido do medo subia por sua garganta como bile.

Embora estivesse apavorada, ela abriu um sorrisinho.

— Mal posso esperar até você virar pó. — Talvez aquele momento de terror fosse uma bênção. Afinal, Ignacio seria destruído por aquela magia como o homem no Dedal Azul, não seria?

Mas Ignacio apenas sorriu para ela e deu um tapinha em seu nariz.

— Ah, minha querida. Não sou como aqueles tolos. Essa magia me fortalece, me dá tudo o que peço. — Ele se aproximou e encostou a testa contra a dela. Quando Finn tentou se afastar, ele a segurou pela nuca e a imobilizou. — Eu falei que não ia morrer nunca, não falei? Você devia ter acreditado em mim.

Finn colocou as mãos sobre o peito dele e o empurrou. Quando ele a tocou, ela sentiu um arrepio, como se sua pele preferisse se soltar dos ossos a sentir as carícias dele. O corpo da garota não parecia mais pertencer a ela mesma; tinha virado uma ferramenta para ele empunhar, guardar, afiar, exibir com orgulho e alegria como um troféu. E se Ignacio estivesse certo, se aquela magia desse forças para ele em vez de o destruir, então ela nunca mais se livraria dele. Ficaria presa em seu próprio corpo novamente, uma marionete dançando conforme ele manipulava as amarras.

Ignacio se aprumou e a encarou, o rosto perverso emoldurado por um halo de luz do sol.

— Os deuses acharam por bem me conceder o que eu precisava para me reencontrar — ele disse balançando o manto. Aquilo já tinha sido sinônimo de conforto para ela. Ele a envolvia em seu manto quando era pequena. Agora, a garota ficou imaginando se ele envolveria seu cadáver. — E encontrar você.

Ela não disse nada. Enterrou a adaga no pé dele. Ignacio olhou para ela, decepcionado. Nem se mexeu. Tirou a lâmina ensanguentada do sapato e, em instantes, o couro de sua bota rasgada por Finn se fechou. Ela imaginou sua pele fazendo o mesmo dentro do sapato.

— Não pense que porque te amo, não vou te machucar. Posso fazer as duas coisas — ele disse. — Prefiro acabar com você agora e me lembrar de como era antes, quando era minha boa garotinha.

— Nunca fui boa — Finn gritou. — Você garantiu que eu nunca fosse.

— Eu garanti que você estivesse vestida, alimentada e fosse amada! — ele esbravejou. — E você cortou meus olhos e me deixou sem *nada*! E pensar que eu ia te dar um presente.

— Não quero nada de você, e você nunca me amou, seu canalha mentiroso! — ela gritou. A dor das mentiras dele queimava mais agora que ela tinha passado tanto tempo afastada. Não o deixaria dizer suas verdades por ela. Não dessa vez. — Você colocou sua voz dentro da minha cabeça e me transformou no que queria que eu fosse.

Ignacio balançou a cabeça como se ela fosse uma criança mentindo sobre ter comido escondido um doce antes do jantar, mesmo estando com o rosto coberto de migalhas.

— Lembra quando eu perguntei se você me amava e você respondeu que estar comigo era como sufocar no meio de uma multidão, sem ninguém perceber? Sufocar sem conseguir gritar. Foi o que você disse, não foi?

Ele girou os dedos em um círculo lento. De repente, quando Finn tentou respirar, o ar escapou de seu nariz e de seus lábios. Não havia nada para inspirar. Ela levou as mãos ao pescoço.

Ele a encarou e lamentou.

— Apenas deite logo, Finny. Vai ser mais rápido assim.

— Por favor — ela implorou com o último suspiro que lhe restava. — Me solta.

Ele se ajoelhou, tocando o rosto dela. O rosto dele se contorcia de pesar.

— Não percebe como isso é difícil para mim? Nenhum pai deveria ter que enterrar seu filho, e eu nunca vou reencontrar você na próxima vida.

Ela desviou do toque dele. Ignacio ainda era louco o bastante para achar que não podia morrer, como lhe havia dito quando se conheceram, e agora que ele tinha aquele poder, talvez estivesse certo.

Ela tentou levantar, mas ele empurrou seu ombro para baixo. Ela podia ver a própria sombra se contraindo no chão. Quanto mais sufocava, mais cinza ela ficava.

— Esse tempo todo, pensei que queria te machucar. Mas ainda quero te salvar. Apenas deite — ele disse calmamente. — Vai ser como pegar no sono, Mija.

Finn sentiu seu corpo cedendo. Sua visão começou a falhar e ficar embaçada. A boca de Ignacio se movia, mas ela não podia ouvi-lo sobre o som das batidas aceleradas de seu coração em pânico.

Desde o dia em que havia fugido, parte dela sabia que morreria daquele jeito. Com Ignacio ao lado dela, aquele sorriso paternal doentio. Suave e pontiagudo ao mesmo tempo. Ela sabia. Mas sua mente não conseguia parar de protestar. Mesmo com a morte batendo na porta, ela não baixou a guarda.

Não quero morrer. Hoje não. Não com ele.

— *Fuerza!* — gritou uma voz atrás dela.

Com os olhos cheio de sangue, Finn viu Ignacio voar para trás e cair sobre o estande de madeira de um vendedor. A intensidade da queda fez o estande desabar sobre ele. Finn recuperou o fôlego e ela respirou fundo, com olhos lacrimejantes. Parado ao lado ela estava um príncipe muito abatido.

— Era para você me ajudar — Alfie disse, rapidamente se ajoelhando ao lado dela, ouvindo a própria pulsação acelerada —, e não me abandonar para sangrar até a morte.

Ele não sabia se tinha matado o homem ou apenas o incapacitado, mas tinha a sensação de que, se tivesse chegado um segundo depois, Finn estaria morta.

Ainda ofegante, ela disse:

— Eu quase... morri... agora há pouco... me dá... um tempo.

— Precisamos sair daqui — ele disse, arregalando os olhos de pânico. A Borda estava começando a voltar à vida. Vestidos e capas nas bancas do mercado balançavam com a brisa. Comerciantes e compradores perambulavam, como se um homem não tivesse congelado seus movimentos com um simples aceno.

Finn conseguiu levantar, dando um tapa na mão de Alfie quando ele ofereceu ajuda. Ela deu cinco passos cambaleantes até a perna ceder. Caiu de barriga para baixo, soltando um grito de dor. Alfie olhou para o sangue se acumulando no calcanhar dela.

— Fica parada!

— Tenho que correr — ela disse com a voz rouca. — *Agora.*

Ele apontou para a sombra acinzentada dela.

— Você vai morrer se não parar de sangrar.

— Já estou morta — ela disse com um sopro fino de voz. Mas parou de tentar rastejar. Ficou imóvel e em silêncio. Alfie não a conhecia muito bem, mas não fazia sentido ela estar daquele jeito. Era como tomar um gole de chocolate quente e só sentir o sabor de leite azedo descendo pela garganta.

A Borda ficou em silêncio mais uma vez. Todos paralisaram.

Finn arregalou os olhos de medo enquanto tentava se arrastar para longe. Os escombros de madeira do estande destruído voaram com um som de explosão. Alfie protegeu os olhos dos destroços.

— E quem é esse, Finny? — o homem perguntou em tom cordial enquanto saía dos escombros sem nenhum arranhão. Ele sorria para Finn, mas parecia mais

uma fera mostrando os dentes. — Ele é resistente, não é? Achei que aquele golpe na cabeça o manteria longe até eu voltar e dar um jeito em você. Mas não faz mal, quanto mais gente, melhor. Sou Ignacio, o pa...

— Você não é nada meu — ela gritou. Com pânico no olhar, ela se virou para Alfie e sussurrou: — Corra.

Alfie queria fugir. Seu corpo implorava para ele dar as costas para a magia obscura sufocante que saía daquele homem. Mas aquilo não teria sido libertado se não fosse por ele. Se tivesse que morrer tentando detê-la, assim ia ser.

— Deixe-a em paz. — Alfie sabia que suas palavras não significariam nada para aquele homem, mas era o que queria dizer. Aqueles poderiam ser seus últimos instantes de vida, então ia falar o que desejava.

— Você sabe o que penso de fazer amizades sem minha aprovação — Ignacio disse sem tirar os olhos do rosto de Finn. Como se Alfie não fosse digno de seu olhar.

— Corra, idiota — ela disse novamente. — Apenas corra.

— Pressione o ferimento — Alfie disse a ela, encarando o homem de manto cinza. — Você ainda me deve um favor em troca do manto da invisibilidade. Viva o suficiente para cumprir sua parte do acordo.

O dragão estava esquentando junto ao peito dele. Será que era uma reação por estar tão perto de mais magia obscura? Alfie ignorou aquele pensamento e se concentrou. Precisava deter aquele homem.

Uma banca à sua esquerda vendia vasos de vidro, bugigangas e estatuetas.

— *Romper* — ele disse. Os itens de vidro se estilhaçaram. — *Volar*. — Ele fez um movimento com a mão e os estilhaços voaram para cima do homem. Alfie quis desviar o olhar. Não queria ver o vidro entrando na pele dele. Mas aquilo não aconteceu.

— Não — o homem disse. Simples assim. Os estilhaços desaceleraram, parando a um milímetro dele, suspensos no ar. Alfie ficou boquiaberto. Aquele homem tinha parado o vidro sem proferir uma única palavra mágica. Tinha simplesmente

dito “não”. Não deveria ter dado certo, da mesma forma que respirar embaixo d’água não dava. Nada daquilo deveria ser possível.

O homem sorriu para ele.

— Já teve a sensação de ter vivido toda a sua vida por causa de um único momento, muchacho? — O vidro se agitou e depois se lançou na direção de Alfie. Chocado demais para se defender, Alfie levantou em vão os braços sobre o rosto. Uma parede de pedra se ergueu do chão e o protegeu. Ele olhou para trás e viu Finn com a mão estendida. Eles trocaram olhares. Alfie não conseguia dizer nada, mas esperava que seus olhos falassem por ele: “Obrigado”.

— Finny, já chega. Espere a sua vez, estou conversando com seu amigo.

Alfie viu o rosto de Finn se franzir de agonia enquanto ela se esforçava para manter a parede em pé. Mas um único olhar do homem a transformou em areia. Aquele não era um tipo de magia que Alfie conhecia.

O homem voltou sua atenção para Alfie, com um sorriso perverso no rosto.

— Como eu disse, já teve a sensação de ter vivido toda a sua vida por causa de um único momento? Suponho que não. Você parece muito jovem. Muito inexperiente. Venha até aqui — ele disse, chamando-o. Alfie deu um passo para a frente. Não houve luta, nenhum conflito além daquele que existia dentro de sua mente. Aquela magia era contínua, puxava-o como se ele fosse um objeto a ser controlado. — Pare e mantenha os braços encostados na lateral do corpo — ele acrescentou no calor do momento, como se testasse seu poder.

Ignacio observou com prazer os braços de Alfie se abaixando, parando com as palmas das mãos viradas para o próprio corpo. Ele podia sentir o dragão queimando em seu peito, como se tentasse chamar sua atenção para alguma coisa, mas o príncipe não podia se distrair. Pensou em alguma magia falada que lhe desse alguns instantes para pegar Finn e fugir. *Paralizar*. Talvez servisse.

— *Par...*

— Não fale.

Alfie parou de falar. Não era capaz de emitir nenhum som. Se aquele homem lhe dissesse para não respirar, ele o faria. Pararia até morrer. Devia ter dado ouvidos à ladra.

Devia ter corrido.

O homem olhou para a mão de Alfie.

— Me deixe ver — ele disse. Alfie sentiu seu braço levantar por vontade própria. O homem nem havia dado à magia um comando específico. Ela interpretava suas palavras, seus desejos, e os colocava em ação. Não havia equilíbrio ali, não havia regras, nada. Aquilo não estava certo.

O homem pegou na mão de Alfie e passou os dedos pela palma.

— Macia como uma pomba. Não grite — ele disse. Olhou para a mão de Alfie e disse: — Quebre. — O dedo indicador de Alfie quebrou com um estalo. Alfie queria gritar, mas não conseguiu. Não conseguia soltar um rugido por causa de sua dor, mas conseguia choramingar como uma criança. O homem devia querer escutar aquilo, porque a magia permitia.

Ele sorriu para Alfie como se estivessem prestes a iniciar um jogo muito divertido.

Ignacio ergueu o braço e flexionou os dedos. Então, zumbindo pelo ar, apareceram finas cordas brancas. Elas se enterraram profundamente na pele de Alfie, em seus joelhos e cotovelos. O homem levantou a mão, fechou-a e a puxou para trás. Alfie teve a sensação de que seus ossos iam se soltar da pele. As amarras o puxaram para baixo e ele caiu de joelhos.

— Quando você era minha garotinha, só comia frango se eu tirasse todos os ossos para você. Você apontava para eles e eu os arrancava, lembra? — Quando ela ficou em silêncio o olhar dele ficou raivoso, o tom leve desapareceu em um segundo. — Responda.

— Lembro — Finn disse com a voz trêmula.

— Então vamos brincar! Qual osso devo arrancar primeiro? — ele perguntou.

— Não. — Alfie ouviu ela dizendo em voz baixa atrás dele.

— O que foi que você disse?

— Não! — ela gritou. — Não vou dizer!

Escorria suor da testa de Alfie. O dragão agora ardia em seu peito, queimando sua pele.

— Vai, sim — Ignacio afirmou. — Se eu mandar. Mas não vou fazer isso agora. Vou começar. É melhor começar devagar... com o dedo mindinho.

Ele agitou a mão. Uma amarra avançou e se enterrou na ponta do dedo de Alfie, retorcendo-se sob a unha. Cortou a carne da ponta de seu dedo várias vezes, e então se alojou no corte e fez pressão para fora, separando bem a pele até sangrar muito. Gritos de dor se formavam e cresciam dentro dele, ondas sem uma praia onde quebrar. Ele não podia falar, apenas suportar. Com um gesto de Ignacio, o barbante começou a puxar cada vez mais até Alfie sentir o osso saindo. Dava para ver a ponta branca e ensanguentada para fora da pele, como dentes na gengiva. Ele não podia gritar. Não podia se mexer.

Ignacio inclinou a cabeça para Alfie.

— Grite, se quiser.

Alfie abriu a boca e uma série de gritos rasgou sua garganta. Ele já não sabia se estava gritando porque o homem havia mandado ou por causa da dor. Só queria que aquilo parasse. Que tudo parasse. A dor, o homem, a ladra choramingando atrás dele como se já tivesse visto aquela cena muitas vezes. Ele precisava que tudo aquilo parasse. O dragão pulsava acelerado em seu peito, em sincronia com seus batimentos cardíacos. Uma onda repentina de dor tomou conta do corpo de Alfie, como se estivessem lhe tirando toda a energia que restava. Aquela dor ia além do que o homem estava fazendo. Era outra coisa. Parecia que a dor tinha vindo de dentro e saído de sua pele, como larvas irrompendo de um cadáver abandonado.

Então seu desejo se realizou. Tudo parou.

O homem de manto cinza parou. Alfie conseguiu voltar a se mexer. Estava tremendo enquanto as amarras ensanguentadas caíam de seu corpo. Um gemido de dor escapou de seus lábios quando fechou as mãos sobre o dedo ensanguentado, desejando que a pele se fechasse sobre o osso visível. Olhou para trás. Finn estava

com a cabeça enfiada no meio dos joelhos, tampando os ouvidos com as mãos, com um olhar de angústia.

Como ele tinha feito aquilo? Como aquilo tinha acontecido? Todos os ossos de seu corpo doíam, como se uma agulha tivesse perfurado simultaneamente todos os centímetros de seu corpo. O que ele tinha feito?

O dragão brilhava em preto junto à sua pele. Ele podia sentir a magia vibrando dentro da estatueta com um vigor renovado, como se tivesse acabado de ser alimentada.

O estômago de Alfie se contraiu.

Ele tinha usado a magia. Ela tinha ouvido seu desejo de ficar livre e o atendido. A dor devia ter vindo daquilo, de ter usado aquela magia. A magia costumava surgir na ponta de seus dedos, mas aquela o havia queimado de dentro para fora. O que ele tinha feito? Será que tinha se infectado com a magia? Ele parou e olhou para si mesmo. Suas veias não estavam pretas e saltadas como as do homem à sua frente. Ele não se sentia diferente. Estava com dor. Fora isso, era o mesmo.

O dragão esquentava em seu peito como se precisasse do comando de alguém para viver. Como se implorasse para ser controlado. Ele havia mantido sua magia preta como piche desde que a tinha mudado para aprisionar a magia obscura, então talvez o dragão o tivesse protegido porque via Alfie como um dos seus — como um ser de magia obscura.

Ainda assim, não fazia sentido. Magias do mesmo tom nunca se prejudicavam. No entanto, aquela magia havia paralisado aquele homem enlouquecido. A única regra que aquela magia parecia seguir era que quem a dominasse podia utilizá-la como quisesse, sem questionamentos.

Alfie se virou para o homem que estava na sua frente. Ele estava imóvel, mas alguns membros dele estavam começando a recuperar os movimentos. Os olhos não estavam mais parados na mesma posição. Ele observava Alfie atentamente, com os olhos semicerrados. O príncipe não tinha mais tempo para refletir. Precisava matar aquele homem e confinar a magia que vivia dentro dele, colocar um fim de uma vez por todas a todos os problemas que havia causado.

Alfie avançou e configurou uma lâmina de gelo do ar. Precisaria acertar o coração do homem para libertar a magia. Morrendo de medo, Alfie fez o movimento de enterrar a adaga de gelo no peito dele. Conforme arqueou o braço para a frente, na direção do coração do homem, Ignacio recuperou os movimentos e agarrou Alfie pelo punho.

— Bela tentativa — ele o censurou com o tom de um professor entretido. — Mas não deu certo.

Sem dizer mais nada, balançou Alfie pelo braço, arremessando-o no ar como se jogasse uma vareta para um cachorro. Alfie rolou e foi parar caído de costas ao lado de Finn. O golpe havia abalado o controle que ele tinha sobre a magia obscura confinada no dragão. Finn voltou à vida. O horror em seu corpo era completamente perceptível enquanto ela tapava com ainda mais força os ouvidos, como se tentasse mandar o presente para o passado.

Alfie ficou de joelhos e se dirigiu até Finn, ajoelhando diante dela.

— Deixe a garota em paz! — ele gritou. Ignacio apenas inclinou a cabeça para Alfie com curiosidade, imaginando que pedido idiota ele faria em seguida.

— Apenas corra — Finn sussurrou atrás dele. — Vai.

Alfie lançou um olhar para ela por cima do ombro. Finn apertava o calcanhar ensanguentado. A desesperança no rosto dela o fez permanecer ali. Ela tinha ficado com ele no bar, quando ele mal conseguia respirar de tanto medo. Não a deixaria passar por aquela situação sozinha.

Ignacio bufou irritado.

— Você já abusou da minha boa vontade, muchacho.

Ignacio levantou a mão e estendeu os dedos antes de a cerrar em punho e Alfie lamentou o fato de aquela ser a última coisa que veria na vida.

Ignacio viu o garoto se ajoelhar diante de Finn. Seus olhos estavam bem fechados, o rosto contorcido pelo medo enquanto esperava o inevitável. Podia ver

sua filha atrás do garoto, olhando com determinação para as costas dele como se desejasse que permanecesse vivo.

Ele sorriu.

Ela ainda era a mesma garota. Ainda desejava que seu pai demonstrasse compaixão, quando o que realmente necessitava era disciplina. Ele mataria aquele garoto e a colocaria na linha mais uma vez.

Ignacio fechou a mão em punho, desejando que suas cordas rasgassem o corpo do garoto, esfolando-o de dentro para fora.

Nada aconteceu. Ele tentou de novo. Nada. Para onde tinha ido seu poder?

Ignacio..., a magia obscura falou dentro de sua cabeça. Sua voz era uma mistura de sussurros e sibilos. *Prometemos a garota a você. Permitimos que tivesse uma amostra de sua dor, mas não terá mais nada até fazer o que pedimos, conforme prometeu.*

— Não, por favor, me deixe...

Não!, os sibilos foram incisivos, zangados, fazendo um choque percorrer seu corpo. Ignacio ficou imóvel e esperou a dor lancinante passar. *Primeiro trabalhamos para nos espalharmos e pegarmos o que é nosso. Depois a garota.*

Ignácio rangeu os dentes.

— Certo.

Com um gesto, a Borda encheu-se de vida mais uma vez. Finn e o garoto olharam em volta, chocados ao ouvir a música festiva tocar ao redor deles. Finn correu como um animal ferido e Ignacio guardou bem aquela imagem para saboreá-la.

— Vou voltar para te pegar, Finn. Você sabe como amo te encontrar.

Ignacio se afastou no meio da multidão da Borda, desaparecendo da vista deles.

20

O príncipe e a porta

O HOMEM DE OLHOS PRETOS HAVIA DESAPARECIDO.

A Borda voltou à vida, e compradores e comerciantes negociavam mais uma vez. Ninguém notava Alfie ajoelhado na terra quando havia tequila para beber e músicas para escutar.

— Ele se foi — Alfie disse com a voz rouca. Diante da morte, algo havia obstruído sua garganta. Quando levantou, o corpo todo estava dolorido devido à magia obscura.

Atrás dele, Finn não disse nada. Estava tão imóvel que parecia que Ignacio a havia paralisado mais uma vez.

Alfie se aproximou dela devagar e perguntou em um sussurro:

— Finn. Está me ouvindo?

Ela se assustou. Seus olhos procuraram os dele e logo se desviaram. Sua garganta estava funcionando.

— Eu disse que ia te ajudar, mas não posso. Não se ele está aqui. — O rosto dela se contorceu com uma emoção que não parecia certa. — Não posso. — Ela se virou e saiu correndo pelo meio da multidão da Borda.

— Finn! — Alfie gritou atrás dela, seguindo-a enquanto ela disparava por uma abertura entre as bancas e saía do outro lado, em outro pedaço da Borda. Eles tinham saído da seção de vestidos para uma fileira de bancas especializadas em esculturas em madeira.

— Finn, por favor — ele disse enquanto ela se escondia em uma viela de pedra entre duas lojas. — Espera!

Então ela parou, mas não se virou para encará-lo. Suas costas tremiam e Alfie só conseguia pensar na última vez em que estiveram em uma viela, do sorriso pretensioso dela enquanto lutava com ele após o jogo de cambió. Agora ela parecia outra pessoa.

— Não posso. — Parecia que as palavras estavam sendo tiradas de um poço profundo, uma a uma.

Alfie mordeu o interior da bochecha, sem saber ao certo o que dizer. Ela estava com medo e ele também, mas precisava da ajuda dela para salvar seu reino. Ignacio abrigava o principal núcleo da magia que havia sido libertada, e Finn o conhecia. Ela podia conhecer suas fraquezas. Talvez ela conseguisse atraí-lo para que Alfie pudesse tentar aprisionar a magia novamente. O homem prometeu que a encontraria, então manter Finn por perto garantiria outra chance de capturar a magia que habitava o corpo dele. Alfie não conseguiria fazer aquilo sem ela.

Ele se aproximou um pouco de suas costas tensas.

— Finn, por favor, me escuta...

Ela se virou e o empurrou com força contra o muro da viela. Com um movimento das mãos, espirais de rocha se enrolaram nos punhos de Alfie, em sua cintura e tornozelos, prendendo-o bem contra a parede.

Tudo aconteceu tão rápido que ele nem conseguiu processar. Ficou imóvel, em choque. Por que ela o estava prendendo daquele jeito se, um momento antes, ele estava ajoelhado diante dela, preparado para morrer?

— Finn — ele disse, ainda tentando entender tamanha falta de lealdade. — Por quê?

Ela o encarou. Seus olhos escuros estavam arregalados de medo. Ela abriu a boca para falar e ele soube o que ela pretendia dizer: “Sinto muito”. Mas ela fechou bem a boca e não disse nada. De certo modo, aquilo tornou as palavras mais altas, como se ela estivesse gritando. Ela estendeu a mão atrás da cabeça e puxou o capuz do manto da invisibilidade, desaparecendo.

— Finn! Espere! — Alfie gritou, mas ela não reapareceu. Alfie olhou para as espirais de pedra que o prendiam. — *Romper!* — Cada vez que repetia a magia, pedaços de pedra iam se quebrando. Ele se afastou do muro, com o corpo gritando de dor por causa do encontro com Ignacio e por usar a magia obscura. Saiu correndo pela Borda. Usando seu *propio*, procurou a magia vermelha dela entre as pessoas, mas ela não estava em nenhum lugar. Ele não sabia o que fazer. Precisava dela. Não apenas porque ela conhecia Ignacio e poderia ajudar Alfie a detê-lo, mas também porque era a única outra pessoa que havia visto o mesmo que ele, que podia lhe dizer que o medo que tomava conta dele era válido e real. E agora ela tinha ido embora. Como ele a encontraria?

Alfie voltou para a viela vazia. Ele havia curado seus dedos quebrados e o ferimento atrás da cabeça. Precisava de um momento de silêncio longe das multidões da Borda, um momento para se acalmar. Sentia um peso no estômago devido à culpa por pensar em usar Finn como isca para atrair Ignacio, mas não tinha tempo para se sentir culpado. Precisava se concentrar. Não sabia nem qual era o objetivo daquela magia. Será que queria apenas reduzir Castallan a pó preto?

O som de corda batendo no chão de pedra o obrigou a se afastar de seus pensamentos. Um quarteto de meninas e meninos brincava de pular corda, dois giravam a corda enquanto os outros pulavam.

*O Rei da Escuridão, transformado em osso,
Em seu coração ficará com gosto.
Seus olhos sangrarão e sua alma ficará obscura,
Aos pés dele, vai se curvar. Não há cura.*

*Então corra, pequenino, já para a cama!
Para que Sombra não acorde e leve todos aqueles que você ama!*

Eles cantavam aquilo sem parar, girando a corda cada vez mais rápido, até ela bater no tornozelo de um menino, terminando a brincadeira em um acesso de risadas. A pulsação de Alfie rugia em seus ouvidos.

O objetivo daquela magia estava ali, na cantiga que o homem de olhos pretos havia cantado no bar. Ela queria trazer Sombra de volta, encontrar os ossos a que tinha sido reduzido e reuni-los novamente. Alfie mal conseguia respirar. Seu desespero para salvar Luka podia ter ressuscitado o vilão que lhe causava pesadelos na infância — o próprio Sombra. Seu estômago revirou. Ele tapou os olhos com as mãos, torcendo para não vomitar naquela viela.

A lenda falava de bruxos separando o deus de sua magia obscura, transformando seu corpo em uma pilha de ossos. Ossos espalhados pelo mundo todo, de modo que nunca mais pudessem ser reunidos à magia, para que Sombra nunca mais pudesse acordar.

Aquela magia obscura estava trabalhando para encontrar os ossos de Sombra e restaurar seu corpo. Para promover Nocturna, a destruição de todas as coisas boas.

Svana tinha perguntado se Paloma havia conferido “as partes” de Castellan. Devia estar falando de partes do corpo de Sombra, do corpo do deus sombrio da lenda.

A mente de Alfie girava com as possibilidades, novos medos para considerar, novos caminhos para explorar. Será que devia tentar encontrar as partes do corpo de Sombra e destruí-las? Seria possível? Por onde começar? Os ossos podiam estar em qualquer lugar do mundo. Eram muitas as opções. Não, sua melhor chance era deter a magia antes que ela encontrasse os ossos de Sombra e o acordasse.

Um arrepio percorreu sua espinha só de pensar naquela possibilidade.

— Foco! — ele disse a si mesmo. Não podia se desesperar naquele momento. Tinha muitas dúvidas, mas sabia que precisava encontrar Finn. Ela seria a chave para atrair Ignacio quando ele tivesse um plano para aprisionar a magia mais uma vez — se conseguisse encontrar a garota. Então um pensamento surgiu em sua mente.

Alfie tirou o diário de Finn do bolso. Desde que o encontrara depois da briga dos dois pelos livros, ele sempre o carregava no bolso, folheando as páginas com as imagens dos rostos, pensando na garota que os havia desenhado e o havia

impressionado. Por sorte, aquele caderno era exatamente o que ele precisava para encontrá-la.

Ele deixou sua magia avermelhar até chegar no tom de cor de vinho da magia dela. Com o caderno, ele devia ser capaz de chegar até ela, mesmo que Finn estivesse em um lugar que ele não conhecia, mas precisava se concentrar. Movimentar-se pelos canais de magia era complicado. E mais complicado ainda se estivesse usando transporte por objeto. Se ele não mantivesse a mente focada, as coisas podiam dar errado. Quando criança, ele havia tentado se transportar sem muito cuidado e acabou indo parar no duto da lavanderia em vez de chegar à biblioteca. Se não prestasse atenção, podia ficar preso entre dois lugares, ou coisa pior. Nem conhecia direito todas as consequências. Ele era a única pessoa capaz de fazer aquilo, graças a seu *propio*, então não sabia a extensão das bobagens que poderia fazer. Supôs que logo descobriria.

Tirou a maçaneta do bolso e a jogou no chão, entre seus pés. Ela girou e depois afundou na pedra. Alfie se ajoelhou e segurou nela.

— *Voy*.

O chão se abriu em um portal de cores, os tons de magia que conectavam tudo e todos. Entrou ali, esperando que a magia o conduzisse para o lugar certo.

Alfie começou a sentir uma pressão o apertando no meio do corpo.

Ele se perguntou se aquela era a sensação de usar um espartilho. Seu pescoço doía como se tivesse dormido com a cabeça caída para fora da cama. Ergueu a cabeça e se viu em um pequeno quarto vazio. Uma cama no canto. Um espelho rachado na parede e uma mesa desmantelada do outro lado do cômodo. O quarto estava uma bagunça. Roupas jogadas no chão em meio a restos de comida. Ali, ao lado da mesa destruída, estava Finn. Estava encostada na única e pequena janela do quarto, lançando um olhar irritado para ele. O calcanhar estava envolvido por um curativo improvisado com tecido sujo.

— Onde estou? — Alfie murmurou.

— É uma pergunta interessante — ela disse, seca. — Metade de você está no meu quarto, a outra metade está no corredor.

— Qué? — Alfie perguntou. Sua voz era arrastada, seus pensamentos um pouco embaralhados.

Ele estava tão cansado que devia ter perdido o controle da magia pelo caminho, e agora estava preso no meio da porta do quarto dela. Sua cabeça, braços e torso estavam dentro do cômodo. A cintura estava presa na porta, e o quadril e as pernas estavam para fora, no corredor. Tinha sorte de ter se concentrado o suficiente para ficar preso na porta, e não ser partido por ela.

— Coño! — ele praguejou, exausto.

— Como você me encontrou? — Ela foi mancando até ele. A perna ferida estava dolorida e sangrava. Ela se inclinou na frente de Alfie, chegando tão perto que sua respiração encostava no nariz dele. Havia um medo verdadeiro em seu olhar e Alfie soube, sem sombra de dúvidas, quem ela temia que a encontrasse. — Diga como me rastreou ou vai ficar preso aí para sempre e se tornar minha aldrava real.

Segurando o pequeno caderno, Alfie pressionou as mãos na madeira e disse:

— *Ondular.*

A madeira se mexeu como se fosse água. Finn ficou surpresa quando Alfie levantou e a atravessou. Depois disso, a madeira voltou ao normal. O buraco em que sua cintura tinha ficado presa continuava ali, como o olho mágico de uma porta gigante. Uma onda de exaustão tomou conta dele.

Finn pegou um machado que estava sobre a cama.

— E pensar que eu ainda me dei ao trabalho...

— Encontrei você usando o meu *propio* e isto. — Alfie mostrou o diário. Ela o arrancou da mão dele, vermelha de raiva. Quando abriu a boca, certamente para insultá-lo, ele ergueu os braços como se estivesse se rendendo. — Levei comigo acidentalmente quando peguei meus livros de volta. — Sob a fúria dela, Alfie

podia ver um medo palpável que o atingia no meio do peito. Ele precisou acrescentar: — Prometo que mais ninguém vai aparecer aqui. Não que eu saiba.

— Ótimo. Então trate de sair do meu quarto.

— Não — Alfie disse. Ela cruzou os braços, surpresa e irritada ao mesmo tempo, como se não conseguisse acreditar que ele tinha a audácia de desobedecê-la. — Estou aqui porque preciso de sua ajuda.

— Sabe, todo mundo sempre parece precisar de minha maldita ajuda. — Ela foi mancando até uma cômoda velha no outro lado do pequeno quarto. Revirou as gavetas, jogando camisas e calças na cama, onde havia uma mala esperando para ser feita. — Kol precisava da minha ajuda para conseguir o manto, aquele monstro de manto cinza precisa da minha ajuda para me jogar em uma cova e, algumas horas atrás, você precisou da minha ajuda para salvar o garoto da banheira, um favor que só me trouxe problemas. Agora precisa de mais o quê? — Ela soltou uma gargalhada. — Não vai ter. Estou indo embora da cidade. Então por que não faz um maldito favor, para variar, e conserta o buraco que fez na porta antes que a dona da pensão veja e jogue a chancla dela em mim.

— Indo embora da cidade? — Alfie deu um passo à frente e foi atingido no rosto por uma camisa que precisava desesperadamente ser lavada. Ele a deixou sobre a cama. Será que a garota era tão ingênua a ponto de achar que aquele homem e a magia obscura que o habitava ficariam naquela cidade? — Acha mesmo que pode fugir do que vimos?

— Eu não acho — Finn disse, esvaziando as gavetas. — Eu *sei*. E estamos a apenas algumas quadras do Dedal Azul, príncipe. Não vou ficar aqui esperando Ignacio bater em minha porta, na qual você já abriu um maldito buraco. Vou embora agora.

Ela morava na Borda, então. Ele tinha percorrido apenas uma pequena distância para chegar até ela, e mesmo assim desmaiara no meio do caminho. Aquela magia obscura tinha acabado com ele. Alfie se obrigou a parar de pensar naquilo. Sua mente girava tentando encontrar uma forma de manter a garota ali.

Ele sabia que não devia mencionar aquilo, que se tratava de um assunto delicado, mas o que tinha a perder?

— Foi ele quem aprisionou você?

A garota paralisou. Com perna ferida e tudo, foi para cima dele em um segundo. Segurou-o pela camisa e o bateu contra a parede.

— Acha que sabe o que é ser aprisionado, príncipe? Pois você não sabe de nada. Estava choramingando por estar aprisionado atrás de paredes de dinheiro — ela resmungou. — Estar aprisionado é sentir seu corpo se mover sem você mandar. Estar aprisionado é viver com um homem cujo *proprio* te controla com poucas palavras. Se realmente soubesse o que significa ser aprisionado... — Ela soltou a camisa dele e esfregou as mãos nas calças como se estivessem imundas. — Entenderia por que estou indo embora.

Coerção. Agora as palavras de Ignacio faziam sentido. As provocações a Finn sobre ela ter que lhe obedecer. Alfie tinha pensado que ele estava falando como um pai, e não de maneira literal. Ele se lembrou de como o homem havia gostado de ver o corpo de Alfie obedecer a seus comandos, como se fosse uma extensão de Ignacio e não do próprio Alfie. A culpa tomou conta dele. Finn tinha razão. Ele não sabia nada sobre o que ela havia passado. Não era justo pedir que ela o ajudasse, mas não havia outra saída.

Finn recuou e se virou de lado, segurando na parede. O tecido que envolvia seu tornozelo estava encharcado de sangue. Quanto mais se mexia, mais sangrava.

— Pelo menos me deixe curar seu machucado.

— Não quero a maldita ajuda de ninguém! — ela gritou. Suas palavras estalavam como um chicote.

A raiva de Alfie chegou ao nível da dela e logo eles ficaram peito contra peito.

— Você pode não querer, mas com certeza precisa dela!

Finn ficou olhando feio para ele por um tempo. Alfie correspondeu o olhar na mesma moeda, implacável. Finalmente, ela cambaleou para trás e se agarrou na beirada da cama.

Alfie se ajoelhou diante dela e, com cuidado, desenrolou o tecido ensanguentado. Ela praguejou quando ele tirou o curativo de sua pele. Ele posicionou a mão sobre o ferimento, com a palavra de cura na ponta da língua.

— *Sanar* — ele disse. Nada. Sua mão estava tremendo. O que tinham visto na Borda o havia abalado completamente e sua magia estava lhe escapando, respondendo a seus sentimentos de incerteza. A magia não se sentia segura em suas mãos. Se houvesse arrogância, a magia escapava; se houvesse pouca confiança, o mesmo acontecia. Equilíbrio. Ele precisava de equilíbrio.

Esvaziou a mente e pensou em sua mãe arqueando a mão sobre seu joelho ralado quando era pequeno. Pensou no que ela dizia sempre que ele se machucava.

— *Sana, sana, colita de rana. Si no sana hoy, sanarás mañana.*

A magia fluiu pelo corpo dele. O ferimento no calcanhar de Finn lentamente se fechou sob seu toque.

— O que foi aquilo? — ela perguntou.

— Uma coisa que minha mãe cantava para mim quando eu era pequeno e me machucava.

Era uma cantiga maluca sobre um filhote de rã que havia perdido a cauda. A magia tinha sua linguagem própria, e os bruxos aprendiam que determinadas palavras levavam a determinados resultados, mas se alguém realmente fosse fluente em magia, o uso da linguagem não precisava ser tão rígido. Aquelas palavras que sua mãe cantava o faziam pensar em cura, então se tornaram palavras que ele podia usar para curar. Era isso que Alfie achava mais fascinante na magia, como ela era colorida pelas experiências, lembranças e emoções de um indivíduo.

Ela olhou para a mão esquerda dele, na qual os dois dedos que o homem tinha quebrado haviam sido curados pouco antes da viagem de Alfie para encontrá-la.

— O que ela diz quando você se machuca hoje em dia?

Alfie recolheu aquela mão.

— Eu faço de tudo para ela não saber se estou machucado.

Um silêncio se formou entre eles. Ela tocou o calcanhar com cuidado.

— Finn. — Ele levantou e parou na frente dela. — Posso pelo menos explicar por que preciso da sua ajuda? Por favor? — Curá-la parecia ter dado a ele certa credibilidade, porque a garota concordou com um aceno quase imperceptível.

— Preciso consertar isso, parar a magia que libertei antes que ela machuque mais pessoas. Para fazer isso, preciso de ajuda com o seu *propio*. Se eu ficar longe do palácio por muito mais tempo, minha família e os guardas vão perceber. Então primeiro eu preciso que volte comigo e mude a aparência de Luka, para ele ficar parecido comigo. Assim posso ficar fora do palácio para resolver isso sem ninguém saber. — Se ele fosse deter aquela magia, precisava de alguém que lhe daria cobertura nesse meio-tempo. Pensar em contar a Luka o que ele havia feito fazia seu estômago revirar, mas se queria ter uma chance de consertar tudo, precisaria da ajuda dele. — Depois disso...

Finn desviou o rosto, seu olhar duro como pedra.

— Não adianta me dizer o que vai acontecer depois se não posso fazer o que está me pedindo. Não posso mudar a aparência de ninguém.

Alfie a encarou.

— Você mentiu quando perguntei se podia?

— Não menti — ela respondeu, parecendo irritada. — Só não posso fazer isso no momento.

Alfie a encarou. Se aquele era seu *propio*, ela devia ser capaz de fazer aquilo sempre que quisesse. Será que ela estava tentando tirar mais alguma coisa dele? Ele já tinha prometido o maldito manto a ela.

— Não pode ou não quer?

Ela pressionou a parte de cima do nariz.

— Meu *propio* está bloqueado.

— Como isso é possível? — Alfie perguntou, franzindo a testa.

— Tentei roubar o manto porque fui obrigada por Kol. Ela é uma criminosa do Aperto. Seu *propio* bloqueia a magia de outras pessoas. Ela bloqueou a minha e

se recusa a liberá-la até eu conseguir este manto idiota.

— Ah — Alfie disse, pesaroso. — Isso é péssimo.

— “Péssimo” é muito pouco para descrever. — Ela encostou na parede.

— Onde ela está agora? Você consegue encontrá-la e obrigá-la a devolver sua magia?

Ela cruzou os braços.

— Ela foi embora. Saiu da cidade e deixou minha magia bloqueada dentro de mim. Aquele bar onde estávamos, o Dedal Azul, é dela. Kol com certeza não morreu, porque minha magia ainda não voltou. Mas com certeza não ficou por aqui depois daquele massacre. Então meu *propio* já era.

— Sinto muito — Alfie disse. Magia *propio* era tão intrínseca, tão essencial para ele, que não conseguia imaginar perdê-la. Se Finn não encontrasse Kol, talvez nunca mais recuperasse seu *propio*.

— Espera — ela disse com os olhos arregalados. — Seu *propio* é fazer coisas estranhas com a magia das outras pessoas, não é? Como fez com a minha carta depois do jogo de cambió.

Alfie conteve o ímpeto de revirar os olhos.

— Em termos gerais, sim. Posso manipular a magia de outras pessoas.

— Então tente. — Quando ele a encarou sem entender, ela acrescentou: — Me conserte.

Ele piscou.

— Não é tão fácil assim. Não consigo simplesmente fazer isso do nada.

— Pareceu conseguir das outras vezes. — Ela levantou, cheia de energia de repente, e diminuiu a distância entre eles. Sua sombra agitou-se ao seu redor. A dele se encolheu aos seus pés.

— Você não entendeu. Quando uso meu *propio*, é como se... É difícil explicar, mas posso enxergar a magia. Imagine isto: a magia de cada um tem uma cor. Posso mudar minha magia para que fique da cor que eu quiser. Quando faço a cor da minha magia corresponder à de outra pessoa, posso tateá-la e procurar uma

costura. Daí ou entrelaço meus próprios fios de magia nela, ou faço um corte e a desfazo por completo. Mas...

— Então você falsifica. Você falsifica a magia de outras pessoas como eu... como algumas pessoas falsificam assinaturas.

Alfie franziu a testa. Não tinha gostado da explicação daquele jeito.

— De certo modo, eu acho.

— Se a magia de cada um tem uma cor, de que cor é a sua?

Alfie foi pego de surpresa e ficou em silêncio. Sempre que ele dizia a alguém que podia ver magia, as pessoas sempre perguntavam sobre a cor da magia delas, e não sobre a dele. Sentia que aquilo era um segredo.

— É particular — ele disse.

Ela revirou os olhos.

— De que cor é a minha, então?

— É um vermelho-escuro, intenso. Mais ou menos da cor de sangria.

Ela abriu um sorriso triunfante ao ouvir aquilo, como se tivesse acabado de ganhar uma aposta consigo mesma. Depois disse:

— Certo, então faça sua mágica colorida em mim. Você disse que entrelaça sua magia e desfaz costuras, não é? Então pare de falar e desfaza minhas malditas costuras. — Alfie sentiu seu rosto corar. Finn revirou os olhos. — Você é uma coisinha tão sensível. Eu quis dizer para romper a magia de Kol.

— Você não me deixou terminar. — Ele passou as mãos no rosto como se pudesse eliminar a vermelhidão dessa forma. — É diferente com magia *propio*. Não há costuras para desfazer, mesmo tendo uma cor correspondente. Ela é contínua, sem emendas. É como tentar encontrar um canto em um círculo. É impossível. Posso manipular a magia comum de qualquer um, mas não posso tocar em magia *propio*, entientes?

Finn desanimou.

— Podia ter dito isso antes.

— Você podia ter me deixado falar. — Um segundo de silêncio caiu sobre eles. — Sei que já tentou mudar de rosto desde que essa criminosa bloqueou sua magia, mas por acaso já tentou transformar outra pessoa?

Finn fez que não com a cabeça.

— E por que tentaria? Ela bloqueou meu *propio*. Não consigo acessar nada dele.

— Kol sabia que você era capaz de transformar outras pessoas? — ele perguntou. A magia *propio* sempre tinha uma ou outra peculiaridade. Um limite. Talvez a criminosa tivesse que ter ciência daquela habilidade para bloqueá-la. Talvez Finn ainda pudesse ajudá-lo.

Finn refletiu sobre o assunto.

— Não.

— Então tente — Alfie disse. Ela olhou para ele. — Tente em mim.

— Você vai ficar quieto e me deixar ir embora se eu tentar?

Ele mordeu a parte interna da bochecha.

— Vou.

Ela se aproximou, franzindo os lábios antes de posicionar a mão no rosto dele. Era um toque mais suave do que Alfie esperava, ele acabou se esquivando diante da surpresa.

— Fique parado.

— Desculpa — ele disse entredentes. — Não esperava que fosse tocar meu rosto.

— O que esperava que eu transformasse? Sua perna?

As sombras dos dois se movimentavam de maneira errática uma ao redor da outra. Alfie mordeu a língua e ficou em silêncio. A garota fechou os olhos e movimentou a mão sobre o nariz dele.

Ele sentiu um formigamento. Os olhos de Finn se iluminaram.

— Uepa! — ela disse. — Eu ainda consigo!

Alfie olhou para trás, para o espelho rachado, e ficou horrorizado. Seu nariz estava quase parecendo um bico.

— Então vai me ajudar?

Ela voltou a arrumar a mala.

— Nunca disse isso, mas fico feliz em saber que ainda tenho parte do meu *próprio*.

Ele deixou escapar um suspiro frustrado.

— Acha mesmo que pode fugir disso? Dele?

— Quando você ainda nem tinha largado as fraldas de seda, eu já estava fugindo, sobrevivendo. Posso fazer isso de novo. — Parecia que ela estava tentando convencer a si mesma. — Vou fazer de novo.

— Finn...

— Príncipe — ela rebateu. — Ninguém me obriga a fazer o que eu não quero, então pare de tentar.

Ele balançou a cabeça.

— Não estou te obrigando. Estou pedindo sua ajuda. Se me ajudar, vamos acabar com isso juntos. Eu me livro daquela magia obscura e você se livra daquele homem. *Por favor*.

Aquelas palavras pareciam machucá-la. Ela andou ao redor dele, com os olhos marejados.

— Por favor? Acha que “por favor” significa alguma coisa para mim? — Com a proximidade, Alfie podia ver que ela estava tremendo. — Você quer que eu enfrente *ele*? Então vai ter que fazer o que ele fez. Colocar as mãos em mim, encostar uma adaga no meu pescoço! Me dizer que não valho nada e que se não fizer o que você mandar, é assim que vou ser até o fim da vida! Vai ter que me obrigar a fazer o que você quer! — Ela o empurrou com as duas mãos como se tentasse provocá-lo, provar que ele era capaz de fazer o que ela havia dito. — Já faz tempo que passei da fase do “por favor”, príncipe. Vou embora antes que ele me encontre. Se você for esperto, vai fazer o mesmo.

As palavras dela o atingiram como um tapa, e Alfie pensou em como o homem da Borda a controlara. Cada palavra que tinha saído de sua boca havia sido um

golpe incapacitante. Uma nova culpa afundou em seu estômago como uma pedra. Se ele não tivesse libertado aquela magia, Ignacio não seria mais capaz de machucá-la daquela forma. Ele havia causado aquela situação e agora estava pedindo que ela o ajudasse a consertar tudo aquilo. A vergonha borbulhava em seu interior e ele não sabia o que fazer para reparar aquela circunstância.

Alfie engoliu em seco. Ele não a conhecia bem o suficiente para se aprofundar naquelas questões, tinha certeza daquilo, mas mesmo que ela se recusasse a ajudá-lo e seus caminhos nunca mais se cruzassem, queria que ela soubesse de uma coisa:

— Acho que “por favor” significa mais para você do que você imagina.

Ela soltou um som agudo e afiado, como uma gargalhada virada do avesso, enquanto enfiava as coisas na mala, de costas para ele.

— Então você é ainda mais idiota do que parece.

— Quando eu pedi por favor no palácio, você segurou Luka no colo para eu poder curá-lo. Você me ajudou. — Finn paralisou, e algo em sua postura rígida fez Alfie sentir vontade de consolá-la, mas não cabia a ele encostar nela. Ele não sabia o que Finn queria, e ela já tinha sido obrigada a suportar muitas coisas que não desejava. Ele não acrescentaria mais uma àquela lista. — Você me disse que queria mais tempo para dizer “hoje não”, para parar de deixar que coisas horríveis acontecessem sem tentar impedir. Acreditei em você quando disse isso e acredito agora, mesmo que você mesma não acredite. Então vou te pedir mais uma vez para vir comigo, mas a decisão é sua. Diga que não uma última vez e eu nunca mais vou voltar.

Eles ficaram em silêncio. O coração de Alfie batia em seu peito como um pássaro na gaiola.

— Não. — Ela não olhou para ele. Apenas disse a palavra.

A palavra o atravessou como uma pedra atingindo uma vidraça.

Ele queria implorar que ela reconsiderasse, mas havia prometido que não insistiria, e naquele mundo em que tudo o que ele conhecia havia se transformado em fumaça, a força de sua palavra o ancorava ao mundo como era antes. Ele não

quebraria sua palavra, mesmo que significasse prosseguir sozinho naquela jornada. Morrer sozinho.

Mas ele merecia aquilo, não merecia? Quando conheceu aquela garota, se sentiu superior a ela. Pensou que o *propio* dela significava que era uma pessoa egoísta e imprudente. Mas ele estava errado. Ela era uma garota que se disfarçava com outras vidas para salvar a dela própria. Ele é que havia sido imprudente, que havia colocado o mundo em risco. Vergonha escorria dele, densa e lentamente. Alfie foi até a porta e a abriu.

— Espérate — ela disse em tom desgastado.

Alfie se virou e se deparou com ela o encarando com olhos arregalados que transpareciam medo e algum outro sentimento, como se ela tivesse reconhecido nele algo em que pudesse confiar. De repente, ele se lembrou de quando era um garotinho assustado e Dez o convencera a pular na piscina, prometendo segurá-lo. Ele havia olhado para Dez exatamente daquele jeito quando ele o segurara nos braços.

— Está bem. — Ela esfregou os olhos. — Eu vou te ajudar. Com uma condição. Eu fico com o manto da invisibilidade para sempre e com um baú com pelo menos o meu peso em ouro. — Ela olhou para ele de cabeça erguida, como se o desafiasse a argumentar. Mas nem sonharia com isso. Seus pais o matariam, mas pelo menos o reino seria salvo.

— Combinado — ele disse. Então se virou para a parede dela e arremessou a maçaneta. — Já perdemos muito tempo. Temos que voltar para o palácio.

Ela ficou olhando para a maçaneta.

— Então é assim que você anda por aí? Foi como chegou aqui?

Alfie assentiu. Durante toda a vida, sempre tinha viajado sozinho pelos portais da magia, mas com o dragão nas mãos, certamente conseguiria levar os dois. Aquela magia horrenda já tinha feito o impossível. Por que duvidar agora?

— Oye! — Uma voz irritada surgiu no corredor. — O que você fez com a minha porta?

— Deve ser a dona da pensão! — Finn pegou um punhado de adagas de baixo da cama e as enfiou na mala. — Rápido! Abra logo esse seu túnel!

Alfie se virou para a porta.

— Eu poderia consertar...

Finn o puxou pelo ombro.

— Não precisa. Vamos!

— Está me devendo o aluguel e ainda quebra a maldita porta! — a mulher gritou.

Alfie olhou para Finn.

Ela deu de ombros.

— Se eu te ajudar a deter essa magia, a cidade inteira vai ficar me devendo uma. Vamos!

Com a mão tremendo de medo pelo que estava por vir ao usar aquela magia novamente, Alfie girou a maçaneta. O túnel de magia se abriu no instante em que a mulher de cabelo grisalho abriu a porta do quarto. Gritando uma série de obscenidades, a mulher entrou com um chinelo na mão. Era prova da rigidez da mãe de Alfie o fato de que, mesmo depois de ter enfrentado magia obscura naquele mesmo dia, a mera visão de um chinelo prestes a ser atirado o deixava com medo.

— Merda! Anda logo! — Finn praguejou.

Alfie segurou o dragão com força e pediu que levasse Finn em segurança junto com ele. Uma dor reverberou violentamente por seu corpo, como se a corda tensa de um violão tivesse arrebentado. Alfie entrou na magia, com Finn se segurando nele como uma âncora de carne e osso.

Olhando para trás, viu a dona da pensão atirar o chinelo quando a parede começou a se fechar.

21

A ampulheta

QUANDO LUKA ACORDOU NO FINAL DA TARDE, depois de ter passado a noite anterior bebendo, ele se sentiu estranhamente alerta. Forte, até.

Alongou os braços, dobrou os cobertores e deslizou para fora da cama. Luka bufou quando percebeu que ainda estava com a mesma roupa que tinha vestido no jantar.

— Típico — ele disse. O Luka bêbado nunca tinha sido muito fã de colocar pijama antes de dormir. Pelo menos ele tinha hábitos consistentes. Luka não se lembrava de nada da noite anterior além do jantar, mas talvez fosse melhor assim.

Ele ficou maravilhado por se sentir tão cheio de energia, como uma criança depois de se encher de doces.

— Essa é a melhor ressaca de vinho que já tive na vida — declarou, com a voz ainda rouca por ter acabado de acordar.

Então Luka se lembrou do que o havia levado a beber.

Alfie. O idiota do Alfie e suas mentiras. Seus jogos perigosos em busca de mercadorias ilegais. Sua mania de se meter com magia inglézia.

A repentina explosão de energia que estava sentindo se acalmou, passando de uma formidável chama a uma faísca.

Luka rangeu os dentes. Não, ele estava cansado de permitir que as maluquices de Alfie o deixassem com raiva e frustrado. Ele e Alfie precisavam conversar. Naquele instante.

Luka irrompeu pela porta do quarto e disparou pelo longo e sinuoso corredor, com os pés descalços no piso frio de ladrilhos. Acenou para os guardas e criados, que mal lhe dispensaram uma segunda olhadela, apesar de suas vestes amarrotadas. Luka andando por aí com as roupas da noite anterior estava longe de ser um acontecimento inesperado.

Quando chegou às portas do quarto de Alfie, levantou o punho para bater. Então, repreendeu a si mesmo, bufando. Até parece que Alfie merecia tamanha cortesia! Luka irrompeu no quarto de Alfie e fechou as portas.

— Alfie — Luka começou, com a voz irritantemente hesitante. Ele limpou a garganta e estufou o peito. — Precisamos...

O quarto estava vazio. A cama estava arrumada e coberta por roupas excessivamente formais, com certeza deixadas por Alfie na noite anterior, antes de se vestir para o jantar.

O que significava que ele não havia passado a noite naquela cama. Luka sentiu um aperto no estômago.

Alfie tinha que estar presente para o baile do dia seguinte. Ele sempre passava os dias que antecedia os bailes andando pelo quarto, tentando acalmar sua ansiedade. Ele nem mesmo ia à biblioteca. Se não estava ali, então provavelmente estava em algum lugar onde não devia estar.

Luka massageou as têmporas. Será que era um sinal? Será que aquilo significava que deveria contar de uma vez por todas ao rei e à rainha o que Alfie andava fazendo?

Ele suspirou com aquela ideia. Nunca havia sido um maldito dedo-duro e não queria passar a ser. Mas se Alfie ainda estivesse metido em jogos perigosos em busca de mercadorias ilegais, contar a verdade a seus pais poderia salvar a vida do príncipe. Valeria a pena, não?

— Coño — Luka praguejou para o quarto vazio. Ele não queria ir até o rei e a rainha sem dar uma última chance a Alfie. Esse era o problema de se amar um irmão. Você acabava permitindo as coisas mais idiotas possíveis.

Uma ideia surgiu na mente de Luka. Ele correu até o armário de Alfie. Atrás

das roupas finamente confeccionadas havia uma caixa dedicada aos jogos de cambió. Luka pegou a ampulheta e a equilibrou na palma da mão. A base dela preenchia sua palma e era um pouco maior que sua mão.

Ele se jogou na cama de Alfie e deixou a ampulheta sobre o criado-mudo.

— Se a ampulheta esvaziar antes de você chegar — Luka disse, observando a areia escorrer —, vou avisar aos guardas que você desapareceu e contar ao rei e à rainha tudo o que você tem feito. A escolha é sua, pendejo.

Agora era um jogo de azar. Se Alfie não estivesse em casa quando a ampulheta esvaziasse, Luka contaria tudo ao rei e à rainha. Era justo, ele decidira. Ainda havia uma chance de que Alfie voltasse e ouvisse Luka de uma vez por todas. Mas, enquanto esperava, não conseguia parar de se enredar na teia de questões sombrias que rastejavam como cobras dentro de sua mente, sibilando as piores possibilidades. *E se ele estiver em um daqueles jogos ilegais agora mesmo? Será que ele está vivo? O que você vai dizer ao rei e à rainha se ele não estiver?*

Ele tapou os ouvidos com as mãos. O ato era, de alguma forma, reconfortante, embora não adiantasse nada para silenciar seus pensamentos. Ele levantou e observou a ampulheta, alternando o olhar entre ela e a parede. A parede pela qual Alfie sempre chegava em casa.

— Se você estiver morto, eu te mato — Luka disse para a parede. Ele era otimista, então costumava encarar o silêncio como algo positivo. Alfie sempre encarava o silêncio como uma oportunidade para preenchê-lo com inseguranças. Naquele dia, Luka percebeu que estava desempenhando o papel do primo, com a cabeça transbordando de imagens de onde Alfie poderia estar — em algum lugar sombrio lutando pela vida ou deitado imóvel, já morto.

Com o suor se acumulando nas têmporas, Luka observava a ampulheta. A areia escorria devagar como mel. Ainda havia muitos minutos intermináveis a esperar.

Ele começou a andar de um lado para o outro, com o olhar ainda na ampulheta. Atravessou o quarto a passos largos na direção do armário de Alfie e foi xeretar as roupas dele para se distrair. Sem nada para fazer, Luka experimentou

uma das camisas do príncipe. Ao tirá-la, puxando pela cabeça, fez um rasgo no ombro, onde Alfie era mais magro. Luka logo a tirou, fez uma bola com ela e a enfiou no fundo do armário. Enquanto empurrava a camisa rasgada para o fundo, seus dedos raspavam em algo aconchegante e familiar. Atrás das roupas, estava o manto de inverno com gola de pele de Alfie. Ele o havia emprestado a Luka quando viajaram para Sofistícia no ano anterior. Luka sorriu ao se lembrar de praticar rafting no gelo nas correntezas do rio do reino invernal e de jantar o mais fresco e delicioso peixe de sua vida. Eles até tinham visto a famosa aurora boreal enquanto bebericavam canecas de vinho quente e flertavam com os membros da nobreza sofisticiana que encontravam. As coisas eram muito diferentes naquela época.

Antes da morte de Dez, Alfie ainda era Alfie — um pouco rabugento demais, mas de riso fácil. Ele podia se permitir ser despreocupado, livre. No momento, para Luka, parecia que Alfie estava cauteloso demais para rir, que dirá para viver sua vida. Antes de tudo que acontecera, Alfie adorava viajar com Luka e experimentar coisas novas. Luka pensava naquelas viagens como grandes aventuras e, embora Alfie não fosse nem de perto tão arrojado quanto ele, havia acompanhado Luka em mais jornadas do que podia contar.

É claro que Luka sabia por que Alfie quisera tanto sair do palácio depois de ter concluído seus estudos para se tornar bruxo. O príncipe sempre havia tido dificuldade em ver seu pai bajulando Dez. Alfie tinha passado a adolescência treinando intensivamente sob a tutela de Paloma, na esperança de chamar a atenção do pai, mas Dez sempre havia sido o favorito do rei. Sempre que Alfie quisera se divertir para deixar de lado a sensação de não ser tão bom quanto o irmão, Luka não via problema em estender-lhe a mão. Os dedos de Luka soltaram o manto de inverno, e a culpa virou um nó apertado em seu estômago.

Se ele tivesse ao menos conversado com Alfie sobre tudo aquilo em vez de levá-lo para aventuras a cada oportunidade, talvez seu primo não estivesse saindo à noite em busca de encrenca em vez de encarar o que estava por vir. Luka havia

ensinado a ele as alegrias do escapismo e da fuga, e aquilo voltava para chutá-lo no culo.

Luka fechou o armário e se virou para a ampulheta. Ela ainda não estava nem na metade. Luka prendia a respiração a cada grão de areia que caía, e brotavam em sua cabeça ideias cada vez mais horríveis de onde Alfie estaria.

Luka jogou as mãos para alto.

— Isso é ridículo! — ele gritou. Com passos largos e apressados, foi até a porta e a abriu com força. Os dois guardas a postos do lado de fora se viraram para ele.

— Você e o príncipe precisam de alguma coisa, mestre Luka? — um deles perguntou.

Luka fitou o guarda e depois olhou para trás. A areia caía. Ele voltou a olhar para o guarda.

— Não, ainda não.

O guarda lhe lançou um olhar estranho.

— Pois não, mestre Luka.

Um momento de silêncio se estendeu.

— Mas em alguns minutos, sim.

O guarda parecia ainda mais aturdido.

— Em alguns minutos o quê, mestre Luka?

— Eu não sei! — Luka se viu gritando. — Mas vou saber em alguns malditos minutos! — Ele bateu a porta diante das caras confusas dos guardas, voltou para a cama de Alfie e se jogou nela de bruços. — Deuses! — ele exclamou, com a voz abafada pelos lençóis. — Vamos logo.

Ele resolveu não olhar mais para a ampulheta enquanto não terminasse de contar até cem, mas quando chegou no dezoito já tinha espiado e enfiado o rosto de volta na escuridão dos lençóis. Quando alcançou o trinta, começou a contar de dois em dois. Nos quarenta, já contava de cinco em cinco. Lá pelo setenta desistiu de esperar e olhou. A ampulheta não estava nem perto de esvaziar.

Ele a segurou e a balançou para acelerar o fluxo da areia.

— Desça logo, sua filha da... — A ampulheta se estilhaçou em suas mãos como

se fosse feita de gelo quebradiço. Luka reclamou enquanto o vidro e a areia escorriam entre seus dedos e caíam no chão. O vidro devia ter perfurado sua pele. Mas, em vez disso, ricocheteou e o deixou ileso. Ele sacudiu as mãos para tirar a areia.

— Que porcaria de ampulheta... — ele disse. Olhou para a bagunça no chão.
— Bom, tecnicamente a areia terminou de cair agora, não?

Ele olhou para a parede por onde Alfie devia entrar. Nada aconteceu.

— Que se dane.

Luka pulou da cama, correu para as portas e voltou a abri-las.

— Sim, mestre Luka? — um guarda disse, incomodado.

Assim que Luka abriu a boca para dizer aos guardas que Alfie havia desaparecido e que o rei e a rainha precisavam ser informados, Alfie e uma garota saíram da parede aos tropeços e caíram no chão. Um único pé de chinelo veio logo atrás, voando através da parede até atingir o criado-mudo de Alfie com uma batida sonora. Luka encarou os dois com os olhos arregalados. Alfie nunca havia viajado com outra pessoa antes. Ele sempre tinha achado que era impossível.

— Está tudo bem aí dentro? — o segundo guarda perguntou, esticando o pescoço para espiar dentro do quarto. Mas Luka já estava fechando a porta.

— Tudo ótimo! Continuem fazendo um bom trabalho, rapazes! Enchendo nosso reino de orgulho! — Ele fechou a porta e correu até onde Alfie estava sentado com a garota, com as costas apoiadas na parede e o corpo curvado para a frente como se sentisse muita dor. Mas a preocupação com Alfie não era capaz de aplacar a raiva de Luka.

— Onde você estava? — ele rosnou. — E quem é essa? Você acabou de se transportar com mais alguém? — Durante toda a vida, Alfie lhe dissera que não conseguia se transportar junto com outra pessoa. Que simplesmente não era possível. A cabeça de Luka estava confusa demais para parar de enchê-lo de perguntas. Ele apontou para o chinelo fedido que havia voado através da parede.

— E de quem é essa chancla?

Alfie tinha usado a maçaneta para transporte tantas vezes que já tinha perdido a conta, e em todas elas a magia abria a porta e o convidava a entrar, abrindo um caminho para ele em sua vastidão, carregando-o em sua corrente. Havia um senso de bondade naquilo, uma cordialidade entre ele e a magia.

Usar magia obscura era diferente.

Logo que ele e Finn entraram na magia, ela os engoliu com seus dentes. Foi como se tivessem sido tomados por inteiro, empurrados à força pela tortuosa garganta da magia até chegar às profundezas de sua barriga.

Então, por um momento que pareceu infinito, ele teve a sensação de estar sendo comprimido, movendo-se por um corredor de escuridão tão apertado que apenas um rato conseguiria transpassar. Ele não conseguia respirar, pensar ou gritar. Enquanto atravessavam a magia, uma dor terrível queimava seu corpo, como se sua própria carne fosse arrancada dos ossos. Como se logo não fosse restar nada além de seu âmago. A dor que havia sentido quando usara a magia para deter Ignacio não era nada comparada àquela. Aquilo tinha sido um pingo de agonia. Essa era um lago inteiro, imenso e arrebatador.

A magia os cuspiu no chão do quarto dele. O corpo de Alfie era um feixe de nervos expostos. Um grito subiu pela garganta dele como se fosse bile, mas ele mal havia tido tempo de respirar quando Luka parou à sua frente, com uma expressão contorcida pela raiva, disparando perguntas.

— Tenho muita coisa para explicar — Alfie disse, sem fôlego. A ideia de que Ignacio estava à solta na cidade com magia obscura na ponta dos dedos deixou sua cabeça uma bagunça sem sentido. Ele nem sabia se conseguiria explicar tudo a Luka.

— Então comece — Luka replicou. E Alfie nem conseguia imaginar por onde começar.

Ele queria poupar seu melhor amigo da realidade assustadora, mas percebeu que estava cansado e com medo demais para mentir. Com a garganta queimando, Alfie contou a verdade.

Ele contou tudo — o envenenamento, a libertação da magia obscura, o brinco

do pequeno criado, como havia enfrentado Ignacio e o que havia entendido sobre o objetivo da magia de encontrar os ossos de Sombra com aquela cantiga horrorosa (Finn se espantou com aquela informação; ele ainda não havia contado a ela). Alfie não era sincero com Luka daquele jeito havia meses, e as informações saíram de seus lábios como se um mágico puxasse lenços de dentro de sua boca, um após o outro.

Quando Alfie finalmente parou de falar, Luka apenas o encarou, com os olhos arregalados. Estava atordoado demais para dizer qualquer coisa, o que era uma grande novidade para ele.

Quando Alfie não conseguiu mais suportar o silêncio, estendeu as mãos com as palmas abertas.

— O que aconteceu é minha culpa, mas eu não podia perder você. Não podia perder você naquele quarto. — Alfie esfregou os olhos. — Sei que a responsabilidade é minha e, pela primeira vez, não quero fugir dos meus deveres e do meu reino. Quero salvá-lo. Por favor, você vai me ajudar?

O silêncio caiu mais uma vez e Alfie esperou a surpresa na expressão de Luka se transformar em outra coisa.

Luka deu um passo à frente e puxou Alfie para um forte abraço.

Alfie retribuiu o abraço. Uma onda de alívio por Luka estar vivo, por estar ali para ser abraçado e para discutir com ele, levou embora o medo que sentia pelo que havia feito, mesmo que apenas por um instante.

— Você é maluco — Luka disse, com a voz grave. Ele se afastou e apoiou as mãos nos ombros de Alfie. — Mas ainda estou aqui por causa da sua maluquice. Então me diga o que fazer.

22

O plano

— ENTÃO — LUKA COMEÇOU A FALAR, alternando o olhar entre Alfie e Finn. — Está me dizendo que vocês dois não têm nenhum plano para deter o que está acontecendo?

Finn revirou os olhos.

— Você é esperto, não é mesmo?

— Não temos — Alfie respondeu antes que Finn começasse a discutir com Luka. — Não exatamente. Ainda não.

Luka encarou o primo como se a resposta fosse óbvia.

— Então temos que contar para Paloma. Não tem outro jeito. Ela vai saber o que fazer. Tem que saber, não é?

Alfie entrou em pânico. Ele não podia decepcionar Paloma mais uma vez. Não podia dizer que havia desfeito o trabalho dos dueños que a precederam por razões pessoais. Só de pensar naquilo, suas mãos já estavam suando.

— Não. Posso pensar em um plano para resolver isso. E também não é como se os dueños tivessem tudo sob controle. Aquele método que usaram para esconder a magia não me impediu de encontrá-la e libertá-la. Se eu consegui, outros também podem. Precisamos encontrar nosso próprio jeito de prender a magia em um lugar completamente inacessível, impossível de ser encontrado. Onde nenhuma vida possa servir como alimento, nenhum corpo possa ser infectado — Alfie disse, retorcendo as mãos. — Só me dê um tempo.

A mente de Alfie estava agitada com as possibilidades, mas todas logo se mostravam fracas, explodindo como bolhas de sabão. Cada uma dava margem a dúvidas, a falhas em sua lógica, ao fracasso. Luka o observava com olhos atentos. Se Alfie não pensasse em algum plano logo, Luka com certeza falaria com Paloma.

Finn interrompeu o silêncio, jogando as mãos para cima com um resmungo de frustração.

— Não acredito que fui idiota o bastante para dar ouvidos a você. Não vou ficar aqui, esperando sentada por Ignacio enquanto você pensa em outro plano meia-boca. Eu devia saber que um bruxo mimado como você só me meteria em mais confusão, sem a mínima ideia de como arrumar a própria bagunça.

O tom de reprovação na voz dela o atingiu. Ele rangeu os dentes.

— Você não sabe nada sobre mim.

Ela o observou da cabeça aos pés.

— Sei o suficiente.

Ele foi tomado pela raiva, movimentando-se até parar diante dela.

— Por que você gosta tanto de diminuir as pessoas?

Ela ergueu a cabeça. Alfie não conseguia entender como Finn podia ser tão mais baixa do que ele e ainda assim dar a impressão de que o olhava de cima.

— Não se engane — ela disse, provocando-o com todas as linhas do rosto. — Eu não te diminuo, você já é pequeno.

As palavras dela o queimaram por dentro, enchendo suas entranhas de fúria.

— Pela minha experiência, quem age assim só faz isso porque se sente pequeno, insignificante.

— Sua mamá te disse isso depois de um longo dia cheio de criados puxando seu saco e limpando sua bunda...?

— *Ei!* — Luka gritou. — *Cállate!* Vocês dois!

Alfie tirou os olhos do sorriso pretensioso de Finn e a raiva que havia se formado dentro dele começou a se aquietar. Se eles mal conseguiam conversar sem gritar um com o outro, como poderiam resolver aquela confusão? Ele se

repreendeu internamente. Ignacio estava aterrorizando seu reino com a magia de Sombra enquanto ele insultava uma garota que mal conhecia. Estremeceu ao pensar no que o homem de olhos pretos estava fazendo com seu povo enquanto ele estava são e salvo em seu palácio. Ele se encheu de vergonha.

— Ouçam — Luka disse. — Eu tenho uma ideia. — Ele se virou para Alfie com um olhar tenso. — Mas você não vai gostar.

Luka raramente parecia tão desconfortável. Alfie sentiu um peso no estômago.

— E eu? Vou gostar? — Finn perguntou.

Alfie lançou um olhar irritado para ela, que deu de ombros.

— Me deixem explicar antes de falarem qualquer coisa. Você disse que precisa de um lugar para deixar a magia — Luka começou a dizer com certa hesitação. — Um lugar para onde ninguém possa ir. Onde ela não possa ser encontrada nem infectar ninguém. — Ele fez uma pausa, franzindo os lábios.

Não importava qual fosse a sugestão, Alfie a aceitaria se o ajudasse a livrar seu reino daquela magia. Alfie sabia que o poder de Ignacio era monstruoso e ele tinha que detê-lo de qualquer maneira. Ainda assim, Luka o encarava como se ele fosse explodir ao ouvir a proposta.

— Sim, sim, sim — Finn bufou, encostando na parede com os braços cruzados. — Já sabemos tudo isso. Anda logo.

Luka a ignorou em vez de tentar rebater com alguma resposta inteligente. Aquilo não era de seu feitio. Uma sensação de pavor começou a recair sobre Alfie como um véu, embaçando tudo o que estava à sua frente. O que quer que ele fosse sugerir, seria ruim.

— Luka. — Alfie engoliu em seco. — Por favor, apenas diga de uma vez.

— Você sabe que existe um lugar assim — Luka disse, suplicando com os olhos para que Alfie deduzisse sozinho, assim não teria que dizer em voz alta. — Você mesmo já viu. — Ele entrelaçou os dedos. — Viu na Sala Azul.

A ideia então brotou na mente de Alfie, espetando-o com seus espinhos, tirando sangue, sofrimento e raiva tão enormes que o entorpeciam com seu calor, cauterizando todas as feridas que tinha.

— Não — Alfie se ouviu dizer, com a voz áspera e furiosa.

— Você precisa pelo menos considerar. É a única coisa que faz sentido...

— *Não me importa se faz sentido!* — ele gritou. As palavras irromperam de sua boca antes que ele pudesse moderar sua intensidade. Só de pensar naquilo, tinha a sensação de que seus pulmões estavam sendo esvaziados, como se não conseguisse mais respirar. — Não vou fazer isso.

Um suspiro tempestuoso veio do outro lado do quarto. Finn os observava como se estivesse vendo uma criança tendo chulique.

— Alguém pode, por favor, me explicar o que está acontecendo?

Luka olhou para ela e abriu a boca para falar, mas logo desistiu. Então se virou para Alfie, não pedindo permissão, mas alertando-o.

— Se ela vai te ajudar com isso, precisa saber a história toda.

— Não, não precisa — Alfie exclamou, cerrando as mãos em punho. — Porque não vamos levar esse plano adiante.

Luka pressionou a parte de cima do nariz, fechando os olhos por um instante demorado antes de voltar a falar.

— Se quiser resolver tudo sozinho, fique à vontade. Mas se não conseguir pensar em um plano, eu vou falar com a Paloma. Essa é a única ideia que faz sentido, e você sabe muito bem disso. Se recusá-la, vou sair por aquela porta e contar tudo para Paloma.

Alfie encarou Luka. Ele queria parecer decidido, mas pôde sentir a mudança em seu interior e soube que olhava para Luka com uma expressão de súplica, implorando que ele não o obrigasse a fazer aquilo.

O momento passou. Luka balançou a cabeça como se estivesse se desculpando e se virou para a porta. Alfie abriu a boca para argumentar, mas suas palavras morreram na garganta.

Luka girou a maçaneta.

— Espere — Alfie disse com um fio de voz.

— Não — Finn disse, afastando-se da parede. — Não espere. Abra essa maldita porta e me deixe sair daqui. Se vocês, idiotas, vão ficar gritando um com o outro em vez de pensar em um plano, vou entrar no primeiro navio e ir embora dessa droga de cidade.

Finn atravessou o quarto correndo, afastando Luka do caminho e alcançando o capuz do manto da invisibilidade que ainda estava sobre seus ombros.

— Ouça — com a garganta queimando, Alfie falou. — Meu irmão foi tirado de mim, mas não aconteceu como contaram a você e ao restante do mundo. — A versão oficial era que Dez tinha sido morto por um assassino anônimo. Os detalhes de sua morte, como o golpe e o terrível *propio* de Xiomara, haviam permanecido em segredo. O conhecimento sobre uma tentativa interna de assassinar a família real e sobre uma mulher com capacidade de criar vácuos não era o tipo de coisa que manteria a calma entre a população ou preservaria a reputação internacional do reino.

Finn parou diante da porta e o encarou. Seus olhos estavam cheios de curiosidade.

— Houve uma tentativa de golpe planejada por nobres castellanos. Uma garota invadiu o palácio, uma garota com um *propio* capaz de criar... — Ele respirou fundo enquanto seus lábios tentavam formar a palavra. — Vácuos.

Finn arqueou uma sobrancelha.

— Vácuos?

— Espaços vazios. Lugares sem tempo, sem magia, sem luz. — A voz de Alfie falhou ao dizer as duas últimas palavras e logo Luka estava ao seu lado, um consolo silencioso enquanto os olhos de Alfie queimavam. Ele os manteve abertos, sem querer piscar, sem querer sentir o calor das lágrimas escorrendo pelo rosto.

Finn não pareceu prestar atenção na dificuldade que Alfie estava tendo para falar sobre aquilo e o príncipe estava grato por isso.

Ela cruzou os braços, refletindo.

— Então você quer aprisionar a magia e depois fazer essa garota usar o *propio* dela para abrir um vácuo e jogar a magia lá dentro?

Alfie assentiu e cobriu os olhos com a mão.

— Faz sentido. Ninguém seria capaz de entrar lá. A magia nunca mais machucaria alguém. — Ele abaixou a mão e ficou olhando para Finn. — Ela nunca mais cairia em mãos erradas.

Um silêncio surgiu entre eles, uma compreensão sem palavras.

Finn assentiu.

— Certo. Eu topo. Cadê a garota?

— Essa é a parte complicada — Luka disse com uma careta. Alfie ficou feliz por poder parar de falar um pouco. — Ela está na Torre do Relógio.

Finn ficou tensa.

— *Qué?*

A Torre do Relógio era uma prisão que abrigava os criminosos mais perversos de Castallan. Quem fosse levado para lá nunca mais era visto, e com esse plano eles teriam que se infiltrar e tirar aquela garota de lá. Alfie teria que pedir ajuda à pessoa que havia lhe tirado Dez. Só de pensar na ideia, suas entranhas pareciam se romper. Só a mão de Luka em seu ombro o impedia de deixar o peso daquilo arrastá-lo para as profundezas.

— É, bem... — Luka esfregou a nuca. — Isso vai exigir um pouco de planejamento.

Finn mordida o lábio, encarando Alfie nos olhos.

— Você disse que queria que eu transformasse vocês um no outro. — Finn apontou para Luka e Alfie. — Para podermos sair, e depois tirarmos a garota da prisão, e eu atrair Ignacio até nós. Vamos matar Ignacio, você vai aprisionar a maldita magia no seu dragãozinho e jogá-lo no vácuo.

Alfie concordou, ainda com a garganta ardendo devido ao esforço para não extravasar tudo o que estava sentindo.

— Sim, esse é o plano. — Eles teriam que usar Finn para atrair Ignacio para longe da cidade, para algum lugar onde ninguém pudesse se machucar no fogo cruzado. Depois teriam que tentar matá-lo novamente e tomar a magia.

— Espera aí, eu não vou junto? — Luka perguntou, parecendo ofendido. — Eu que bolei o maldito plano!

— Luka — Alfie disse. — Você quase morreu poucas horas atrás.

— E você também — Luka rebateu e Alfie fez uma careta ao lembrar de Ignacio tentando desossá-lo como um frango. — E já estou me sentindo bem. Mais forte do que nunca, aliás! Não vou deixar você encarar isso sozinho.

Alfie balançou a cabeça negativamente. Ter Luka ao lado dele naquela jornada era algo que desejava e temia ao mesmo tempo. Por um lado, teria o consolo de estar com seu melhor amigo. Por outro, a probabilidade de colocar Luka em perigo de novo — e de não conseguir salvá-lo dessa vez.

— Não. Alguém precisa ficar aqui e se passar por mim, para que ninguém sinta a minha falta. O *propio* dela vai fazer isso para que você possa me dar cobertura.

— E ela não pode ficar aqui fingindo ser você para eu ir junto? — Luka perguntou.

— Não tem como — Alfie disse e depois explicou rapidamente como Kol havia bloqueado o *propio* de Finn. — E mesmo que fosse possível, ela apenas roubaria o palácio e iria embora.

Finn limpava as unhas com a ponta da adaga.

— É verdade.

— Tudo bem — Luka bufou.

Alfie apreciou aquele som. As coisas entre eles estavam mais ou menos normais se Luka estava bufando, soprando um cacho da testa com um suspiro irritado. A vida que ele conhecia ainda não tinha sido completamente destruída.

— Certo — Finn disse. — Sabemos que vamos para a maldita Torre do Relógio, mas como vamos entrar e sair de lá? — Quando Alfie ficou em silêncio, ela olhou para ele. — Estava pensando em bater na porta e pedir com educação?

Alfie não mordeu a isca. Foi até sua escrivaninha e abriu um rolo de pergaminho. Com mãos ligeiras, pegou uma pena branca na gaveta e a mergulhou na tinta. A tinta fluíu para a haste da pena e a pluma branca foi escurecendo até adquirir um tom ébano. Sobre o pergaminho, Alfie desenhou cinco círculos, um dentro do outro. Luka e Finn se juntaram atrás dele, observando enquanto ele traçava a planta da Torre do Relógio.

— A Torre do Relógio é dividida em círculos, como San Cristóbal. Existem cinco círculos lá dentro. O mais interno — Alfie bateu no círculo menor com a ponta da pena, deixando uma gota de tinta pingar ali — é onde os prisioneiros são mantidos. Mas a prisioneira de que precisamos não está lá. Ela está em uma cela solitária no segundo círculo mais interno, confinada longe dos prisioneiros comuns. — Alfie desenhou um X num ponto do mapa. Sua memória o levou ao dia em que estivera lá, parado na frente da cela da garota, com o coração na boca. Ele engoliu a adrenalina que crescia em seu interior, apertando com força a borda da mesa. — E sua cela é muito bem protegida.

— Alfie, como você sabe disso? — Luka perguntou devagar, como se não quisesse saber a resposta. Ou como se já soubesse qual ela seria.

Alfie desviou o rosto, mas Finn o encarou. Ela arregalou os olhos.

— Você já esteve na Torre do Relógio? — ela perguntou, parecendo atipicamente impressionada. Era claro que o momento mais vergonhoso de Alfie era o que a mais impressionava.

Alfie observou com atenção o esboço de mapa que tinha desenhado.

— Sim.

— O quê? — Luka quase gritou.

— Ouçam — Alfie disse, interrompendo Luka antes que ele dissesse mais alguma coisa. — Não tenho tempo para explicar agora. Temos um plano para arquitetar. Isso não vem ao caso. — Alfie convenceu a si mesmo de que aquele era o motivo de não querer falar sobre o assunto e não a vergonha do que quase

havia feito, do olhar de Paloma quando o encontrara na Torre do Relógio. Alfie afastou aqueles pensamentos.

Luka encarou Alfie sem piscar.

— Você conseguiu entrar na prisão mais perigosa do reino e está dizendo que os detalhes não são importantes?

Finn concordou.

— Se fosse comigo, falaria sobre isso o tempo todo.

— Não — Alfie insistiu. — Não é mais importante do que pensar em um plano para impedir que a magia de Sombra destrua nosso reino.

Luka o encarou por um demorado instante, até que cedeu, fazendo uma careta.

— Certo. Mas essa conversa não acabou.

— Por que não entramos na prisão do jeito que você fez da última vez, então?
— Finn perguntou e Alfie ficou grato pela interrupção. — Se deu certo antes, deve dar certo agora.

Alfie balançou a cabeça e olhou para todos os lados, menos para o rosto de Luka.

— Da última vez que fui à prisão, entrei por encadeamento.

O encadeamento era uma forma de magia de transporte que a maioria dos bruxos utilizava, mas à qual Alfie recorria muito raramente, graças ao poder de seu *proprio*. Um feitiço de encadeamento ligava dois objetos, de modo que, ao tocar em um deles e falar a palavra mágica certa, seria transportado até o outro. Alfie havia encadeado dois objetos e pagado a um guarda da prisão para levar um deles até lá. Mas, desde então, aquele objeto encadeado havia sido confiscado. Por Paloma.

Mais uma vez o rosto dela surgiu rapidamente em sua mente. Decepcionada e, pior ainda, preocupada com ele. A vergonha revirava seu estômago, mas não havia tempo para remoer aquilo.

Como havia usado um objeto encadeado da outra vez, Alfie não havia conectado sua maçaneta à prisão, não tinha designado uma cor de magia ao lugar

para poder viajar até lá com seu *propio*, então não havia como utilizar o objeto para chegar até a prisão. Utilizar o pouco da magia de Sombra que ele havia aprisionado no dragão também estava fora de questão. Quando se transportara com Finn da Borda até o palácio, Alfie quase não conseguira ficar em pé quando chegara. Utilizá-la para uma distância tão grande poderia matá-lo.

Alfie olhou para o dragão pendurado em seu pescoço.

— Também não podemos usar isso. A distância... Acho que eu não aguentaria.

— Ótimo — Finn disse, fazendo uma careta. — Eu não faria aquilo de novo nem que me pagassem. — Ela inclinou a cabeça. — Bem, na verdade, dependendo do valor...

— É bom saber que suas prioridades continuam as mesmas — Luka disse a ela, mas ainda sem tirar os olhos de Alfie, com o rosto franzido e tenso. — Então vocês vão ter que ir até lá à moda antiga. A cavalo.

Alfie concordou. A prisão ficava a pouco menos de cinquenta quilômetros depois da cidade. Uma cavalgada de uma hora e meia em velocidade rápida.

— Ainda temos o problema de como entrar e sair da maldita prisão sem ninguém perceber — Finn disse em tom desinteressado, como se planejar uma invasão fizesse parte de sua rotina. — Além de sair com uma terceira pessoa.

— Eu e você vamos usar o manto da invisibilidade para entrar. Mas depois de pegarmos a prisioneira, nós três não vamos caber debaixo dele. — Alfie olhou para Finn. — Vou precisar que você use seu *propio* para me disfarçar, então vou conseguir sair da prisão sem problemas enquanto você e a prisioneira me acompanham sob o manto.

Finn mordeu o interior da bochecha.

— Disfarçar de quê? De guarda?

Alfie negou com a cabeça. Pelo que se lembrava, os guardas da prisão tinham obrigações e rotinas muito específicas. Ele seria notado.

— Do que mais poderia se disfarçar? — Luka perguntou. — Com certeza não dá para ser de prisioneiro.

Conforme Alfie pensava, a voz de Paloma ecoava em sua mente. *Magia é um dom e, como dueños, devemos pagar nossa penitência para agradecer aos deuses por esse presente.*

— Você vai me disfarçar de dueño — Alfie disse a Finn. Era a única opção. — Dueños pagam penitência na Torre do Relógio o tempo todo. A própria Paloma faz isso. — A voz de Alfie ficou mais baixa ao dizer o nome dela, e Luka se virou ao notar. Pela primeira vez, Alfie desejou que Luka não o conhecesse tão bem. — Se você me disfarçar de dueño, vai ser fácil eu andar pela prisão e sair quando quiser. Ninguém vai prestar atenção em mim.

Finn concordou.

— Bien, então agora temos como entrar e sair, mas como vamos distrair os guardas para tirar a prisioneira da cela sem chamar atenção?

Alfie olhou para o mapa de círculos concêntricos e sua mente ficou em silêncio enquanto pensava em opções.

— Precisamos criar uma distração. Bem grande. Alguma coisa que tire os guardas da frente da cela da garota, assim vamos conseguir entrar, colocá-la sob o manto da invisibilidade e sair.

Luka inclinou a cabeça ao ouvir aquilo e seus olhos escuros brilharam. Era a mesma cara que fazia quando estava prestes a vencer Alfie no cambió.

— Tenho uma ideia. Deixem comigo. — Ele suspirou. — Eu penso nas melhores partes desse maldito plano e nem posso participar dele. — Ele deu meia-volta e seguiu na direção da porta. — Esperem aqui.

23

O príncipe orgulhoso

DE REPENTE, O PLANO TINHA SIDO DEFINIDO.

O garoto da banheira tinha encontrado a distração perfeita para quando fossem tirar Xiomara da prisão. Então ele se retirou para seus aposentos, ainda se queixando por não poder ir junto com eles. Agora estavam apenas Finn e o príncipe no quarto.

— Vamos sair amanhã de manhã. Está muito tarde para tentarmos nos infiltrar na prisão agora — ele disse, arregaçando as mangas da camisa.

Ela sabia que o príncipe tinha razão. Tinham perdido o dia todo na caçada à magia de Sombra e na luta com Ignacio. Agora a lua já subia ao céu. Se fossem tirar alguém de uma prisão, teria que ser durante a luz do dia, quando havia movimento, quando coisas que normalmente pareceriam suspeitas passariam despercebidas. Não à noite, quando os guardas estavam mais alertas.

O príncipe parecia frustrado, mordendo o interior da bochecha, e a mesma impaciência crescia dentro de Finn. Ele tinha visto o poder de Ignacio, assim como ela, e a ideia de esperar um segundo que fosse antes de pôr aquele plano em prática era enlouquecedora. Quão mais poderoso Ignacio estaria pela manhã? Que coisas terríveis ele faria naquelas horas que iam passar esperando o amanhecer? Mas se iam fazer aquilo, precisavam esperar. Dueños não costumavam entrar na prisão no meio da noite.

— Tudo bem. — Finn se afastou da parede em que estava encostada e foi até a porta, levantando o braço para cobrir a cabeça com o capuz do manto. — Então

já vou e volto de man...

— Não, espere. Fique — Alfie disse. A voz dele sempre soava como uma mão estendida, aberta para ajudar, para conduzir. Ela se perguntou se ele sabia como aquilo o fazia parecer frágil e terrivelmente vulnerável.

Finn se virou para ele com os olhos arregalados. Quando olhou para a cama, o rosto do príncipe ficou vermelho.

— Eu não quis dizer... eu quis... eu... — Ele cobriu os olhos com as mãos e suspirou.

Finn não conseguiu conter uma gargalhada.

— Você é muito educado, sabia? Por isso foi tão fácil te distrair quando lutamos pela primeira vez. — Ela balançou a cabeça, lembrando de quando havia perguntado de brincadeira se ele gostaria de se juntar a ela na cama, para desestabilizá-lo durante a briga. Ele ficara boquiaberto, como se suas palavras tivessem enredado o ar com mel e ele esperasse poder experimentá-lo.

Ele também parecia lembrar daquilo no momento. Alfie afastou as mãos dos olhos e encarou os cachos do cabelo da garota.

— E você é muito firme em suas opiniões.

— Apenas quando estou absolutamente certa.

Alfie balançou a cabeça ao ouvir aquilo.

— Eu quis dizer que você pode ficar aqui, nos meus aposentos. Vou passar a noite no quarto de Luka.

Finn olhou novamente para a cama. Aqueles travesseiros deviam ter milhares de penas de ganso. Os pesados lençóis vermelhos e dourados convidavam seu corpo dolorido — uma noite de conforto, em vez de ter que se preocupar em conseguir dinheiro para pagar as diárias de uma pensão, parecia compensar os horrores daquele dia. Mas com os olhos do príncipe sobre ela, não permitiu que o alívio tomasse conta de seu corpo, refrescante e curativo como um unguento.

Finn deu uma volta em torno de si mesma, analisando o quarto, com sua cama luxuosa sobre um estrado elevado. O piso e as paredes enfeitados com ladrilhos

coloridos. Já havia estado ali antes e não pensara que ia retornar, e muito menos que ia dormir na cama do príncipe.

— Será que é uma boa ideia? — ela perguntou enquanto se aproximava e se encostava no mastro da cama, sentindo a pressão entre as escápulas. O príncipe olhou para ela, começando a ficar preocupado. — Seus criados não vão morrer de susto se encontrarem uma garota em sua cama?

Alfie soltou um suspiro longo.

— Vou pedir para ninguém entrar nos meus aposentos até segunda ordem.

Um silêncio caiu entre eles e ela notou que o príncipe estava lutando para engolir uma resposta. Perdeu a batalha.

— Não que seja da sua conta, mas até parece que nunca tive ninguém na minha cama.

Finn abriu um sorrisinho. Será que ele não sabia que toda vez que se apressava para se defender, dava mais corda para ela puxar e derrubá-lo do cavalo?

— Bem, e pelo menos lavou os lençóis depois?

O rosto dele ficou corado e Alfie esbravejou antes de dizer:

— Você é sempre assim tão grosseira?

— Depende da companhia. — Ela se jogou na cama e tirou os sapatos. Uma bota caiu de lado, revelando a sola ainda recoberta de sangue do bar. O clima mudou e o que restava da brincadeira azedou sua língua.

O silêncio se estendeu. O príncipe não conseguia tirar os olhos do calçado. Sua garganta estava apertada. Se aquele silêncio durasse mais um segundo, ela o preencheria com pensamentos sobre Ignacio, suas amarras e o bar cheio de sangue.

— Sabe, eu te deixar parecido com um dueño não vai ser suficiente — ela disse. — Você vai ter que incorporar um dueño, se movimentar como um.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E você acha que não levei isso em consideração?

— Tenho certeza de que levou. — Ela revirou os olhos. — Mas levar em consideração é diferente de fazer uma coisa direito. Você anda como um pavão, e

duvido que seja um hábito que consiga perder da noite para o dia.

— Eu ando como um pavão? — ele repetiu, como se não soubesse se devia se sentir insultado ou confuso.

Ela olhou para o quadril estreito dele.

— Você parece orgulhoso.

— Qué? — Ele deu um salto no lugar e estendeu as mãos, segurando-as na frente do corpo como se pudesse bloquear a visão dela. — Não. Eu não pareço.

— Só estou dizendo que você se movimenta como um príncipe, e se quiser andar na prisão sem chamar atenção para si mesmo, é melhor acertar esse jeito de andar.

O príncipe cruzou os braços. Mais uma vez, ela pôde vê-lo travando uma batalha interna. Seu orgulho e o desejo de fazer as coisas do jeito certo confrontavam-se em sua mente. O último venceu.

— Então me mostre como tenho que fazer — ele disse de peito aberto, procurando respostas. — Por favor.

Finn levantou da cama e treinou com ele, mostrando como caminhar, como arrastar as pernas e arquear as costas em vez de andar aprumado com a vaidade de uma coroa. Ensinou a ele como abaixar e suavizar o tom de voz com a rouquidão que bruxos sábios e mais velhos pareciam ter.

Quando o príncipe pareceu convincente, olhou para ela, impressionado.

— Você realmente sabe muito sobre isso.

— É a minha vida — ela respondeu. Ou era, pensou, franzindo a testa, antes de Kol tirá-la dela.

Ao ouvir aquilo, Alfie a encarou. Os olhos dourados dele estavam repletos de uma preocupação tão genuína que Finn ficou arrepiada.

Ela não gostava quando o príncipe olhava para ela.

Tinha passado a vida toda personificando outras pessoas. Era mestre em enxergar, por trás da fachada, a verdade que batia dentro delas com força e rapidez. Ainda assim, quando ele olhava para ela, com a cabeça inclinada,

pensativo, preocupado, era ela que se sentia exposta. Páginas de segredos abertos, ao alcance da ponta dos dedos dele.

— O que foi? — Ela cruzou os braços. — Por que está me olhando desse jeito? Desembucha.

Inclinando a cabeça, ele finalmente perguntou:

— Como você mantém a sua essência?

Ela se virou para ele com os olhos semicerrados.

— Qué?

— Se troca de identidade da mesma forma que eu troco de manto, como mantém sua essência?

Finn soltou um suspiro. Que vida fácil ele devia levar para não enxergar a liberdade que havia no que ela podia fazer. No poder de ser tantas pessoas a ponto de não ser ninguém. Pessoas com um só rosto, uma só história, têm fraquezas, vulnerabilidades, coisas que podem ser exploradas e usadas contra elas. Mas não ser ninguém era não ter nada a perder e nada a ganhar. Era a verdadeira liberdade, simples assim.

— Essa é a melhor parte — ela disse, dando de ombros. — Se você pode trocar de identidade em um piscar de olhos, você se torna invencível. Graças ao meu dom, nenhum homem na face da Terra pode me tocar.

Alfie ficou em silêncio, encarando-a como se ela tivesse dito algo triste, e não inteligente.

— Mas então ninguém pode te ajudar.

Finn se irritou. Algo dentro dela se agitou de uma maneira inesperada. Ela não gostava da facilidade com que ele fazia aquilo — com algumas palavras, era capaz de transformar a força dela em uma fraqueza. Todas as suas respostas prontas, a princípio opacas e sagazes, pareciam constrangedoramente transparentes. Se ela desejava ser intocável, era porque alguém a havia tido nas mãos e a arruinado. Se queria voar de identidade em identidade, era porque havia manchado aquela com que havia nascido a ponto de não ter mais volta.

E se o príncipe era capaz de sentir aquilo, com certeza outras pessoas também

seriam.

O que você fez para nunca mais querer ver o próprio rosto? O que a levou a enterrá-lo sob toda essa magia?

Finn afastou a voz áspera de Kol de seus pensamentos e encontrou os olhos dourados do príncipe ainda a encarando. Então ele desviou o olhar. Pelo desconforto entre eles, ela podia dizer que ele tinha percebido que havia passado dos limites. Que havia falado com ela com a preocupação de um amigo, quando mal se conheciam.

O quarto enorme de repente pareceu pequeno. Pareceu se dobrar sobre si mesmo como as delicadas flores de papel vendidas na Borda — faixas largas de tecido colorido, dobrado e virado até formar algo novo.

— É melhor eu ir — ele disse, rompendo o silêncio.

— Sí — ela respondeu com a voz fraca, enquanto sentava na cama luxuosa. — É melhor. — Finn se acomodou na cama, puxando as cobertas grossas sobre o corpo.

Ele não esboçou nenhuma reação dessa vez.

— Venho te buscar de manhã — disse.

Ela o observou abrindo a porta e a visão das costas dele, de sua mão girando a maçaneta, a fez lembrar de quando, um pouco mais cedo naquele dia, ela tinha dito que não o ajudaria. E, em vez de tentar convencê-la até ela ceder, Alfie simplesmente se dirigira para a porta. Ele não a via como alguém a ser manipulado para servi-lo.

Ele a via como uma pessoa. Uma pessoa que havia dito “não”.

Ela ficou com o coração na boca e, em seu interior, surgiu um ímpeto de definir em que pé estavam. O ímpeto de avaliar a distância que existia entre eles e enxergá-la como Finn sabia que era — insuperável.

— Príncipe. — A palavra escapou de seus lábios, suave e recoberta por uma onda repentina de exaustão que tomava conta dela enquanto se acomodava nos lençóis. Finn se apoiou nos cotovelos e ficou olhando para ele, parado na porta, ainda de costas para ela.

Ele não se virou.

— Sim?

— Você encantou a porta e as janelas para me impedir de fugir?

Com a mão na maçaneta, ele virou levemente o rosto, e ela pôde ver seu perfil delicado, o pomo de adão saltado no pescoço fino quando engoliu em seco. A tensão em sua boca revelou a resposta antes que ele a dissesse:

— Sim.

O nó que havia no estômago da garota se desfez. Os limites estavam de volta, redefinidos com traços de tinta escura. O mundo dela, o dele e o enorme espaço que havia no meio.

— Ótimo. — Ela afundou a cabeça novamente nos travesseiros, esboçando um bocejo. — Então você é mais esperto do que parece.

24

A despedida

QUANDO O SOL NASCEU, Alfie, Luka e Finn já estavam nos estábulos do palácio. A tensão reverberava entre eles, como se fossem cordas de instrumentos bem afinados. Alfie secou as mãos suadas na calça e selou o cavalo.

Finn tinha transformado Luka em Alfie e vice-versa. Luka havia escrito um bilhete ao rei e à rainha dizendo que, depois da discussão com Tiago, preferia não ir ao Baile do Equinócio aquela noite. Em vez disso, viajaria com um amigo. Como Luka tinha muitos amigos e adorava viajar, o rei e a rainha provavelmente não ficariam surpresos.

O bufar dos cavalos e o aroma de feno acalmavam Alfie, mas seu corpo pedia descanso. Ele estava exausto por ter usado aquela magia. As poucas horas de sono não haviam ajudado muito. Com as mãos trêmulas, preparou dois cavalos para a viagem até a prisão, onde Xiomara estava.

Finn tirou o capuz do manto e apareceu no canto do estábulo, longe das portas, por onde a luz do sol começava a entrar, saudando com seu calor os cavalos que relinchavam.

Ela olhou para o cavalo que Alfie tinha selado para ela, fazendo uma careta.

— Você sabe andar a cavalo? — Alfie perguntou, querendo romper o silêncio em vez de preenchê-lo com seus pensamentos temerosos sobre o que os aguardava.

Ela lançou um olhar irritado para ele.

— Passei anos trabalhando em circos itinerantes. É claro que sei andar a cavalo.
— Ela parecia desconfortável ao lado do animal, tencionando os ombros quando o cavalo relinchava. — Só não gosto.

— Por quê? — Luka perguntou, acariciando o nariz do cavalo.

Finn observava o animal com cautela.

— Não gosto de coisas que não posso...

— Roubar? — Alfie completou enquanto passava a mão sobre a crina escura de seu cavalo.

Finn revirou os olhos.

— Não gosto de coisas que não posso controlar nem conversar. Até o cavalo mais calmo e bem-adestrado do mundo pode derrubar uma pessoa se estiver com vontade. — Então ela olhou para Alfie de maneira incisiva. — E é claro que eu poderia roubar um maldito cavalo. Acha que sou uma ladra de quinta categoria?

Luka inclinou a cabeça.

— Está falando de roubar um cavalo de verdade ou de roubar alguma coisa de um cavalo?

— Ambas as coisas, óbvio.

Luka gargalhou e Alfie ficou feliz ao ouvir aquele som. Ele se perguntou se aquela seria a última vez que ia ouvir aquilo, se não ia morrer nas mãos de Ignacio antes de poder ver Luka novamente. O que Ignacio estava fazendo naquele momento? Quantos mais havia matado com aquela magia venenosa? Ele engoliu em seco, afastando os pensamentos antes que o tomassem por inteiro. Quando Alfie terminou de preparar o cavalo, ficou imóvel, sem querer admitir que não havia mais nada a fazer além de partir.

Luka, com o rosto de Alfie (algo com que Alfie nunca se acostumaria), abriu a boca para falar, mas ficou em silêncio. O que poderia ser dito naquele momento em que a morte pairava como um véu sobre eles?

Mentiras, Alfie pensou. Mentiras reconfortantes.

— Vou voltar. — Alfie engoliu em seco antes que sua voz começasse a falhar.
— Prometo.

— Eu sei — Luka disse, sentindo um nó na garganta. — Leve isso. — Ele entregou a Alfie um saquinho de veludo fechado com um nó de barbante. Dentro dele, havia dois frascos fechados. — Umas poções de cura, caso vocês precisem.

Poções de cura não eram tão úteis quanto uma magia para sarar ferimentos. Não eram capazes de reparar um osso quebrado ou estancar uma hemorragia. O que faziam era fornecer energia ao corpo, uma ajuda para que a pessoa tivesse a força necessária para se curar naturalmente. Podiam ser úteis, mas Alfie esperava não precisar delas.

— Eu vou voltar para casa — Alfie disse, ainda apertando o ombro de Luka como se pudesse gravar a promessa em sua pele. — Mas, se eu não conseguir, se eu não voltar, preciso que diga a verdade a Paloma e tente acabar com isso.

— Cállate. Pare de falar besteira — Luka disse com os olhos marejados. — Se você morrer, eu te mato.

Alfie riu e puxou Luka para um abraço, batendo em suas costas. Não conseguia terminar o abraço, soltar o primo. Apertou mais uma vez o ombro de Luka e se afastou com os olhos ardendo. Atrás deles, Finn montou no cavalo. Quando saíssem dos estábulos, ela colocaria o capuz do manto sobre a cabeça e Alfie puxaria o cavalo dela com a desculpa de estar levando o animal para um amigo.

Alfie tirou um rolo de pergaminho da bolsa.

— Pegue isso — ele disse a Luka. — Eu o encantei para corresponder ao meu — Alfie explicou, apontando para outro rolo de pergaminho em sua bolsa. — Tudo o que acontecer com um, acontece com o outro. Vou poder ler o que você escrever e vice-versa. Assim, se precisar de mim temos um jeito de nos comunicar.

Luka revirou os olhos e pegou o pergaminho.

— E se eu relatar o que descobrir em minha importantíssima pesquisa?

— Sim — Alfie disse curvando os lábios diante do sarcasmo que escorria da voz de Luka. — Isso também.

Antes de dormir, Alfie tinha pedido para Luka dar uma olhada em todos os livros sobre Sombra enquanto ele e Finn estivessem fora, a fim de tentar descobrir qualquer fraqueza que os pudesse ajudar quando tivessem que enfrentar Ignacio novamente.

Alfie riu da expressão desolada de Luka.

— Você realmente ia preferir se infiltrar em uma prisão a ler livros na biblioteca?

Luka o encarou.

— Sim. Óbvio. O que espera que eu descubra? Que a magia de Sombra é alérgica a orégano?

Alfie riu.

— Para ser sincero, nada me surpreenderia a essa altura.

— Deuses! — Finn murmurou, invisível sobre o cavalo. — Chega de falar de orégano.

O som de cascos batendo no chão voltou a atenção de Alfie para a porta. Um guarda de capa vermelha corria com seu cavalo para os estábulos.

— Rápido — Alfie sussurrou para ela. — Vista o capuz!

Finn desapareceu diante dos olhos de Alfie no instante em que o homem parou o cavalo na frente das portas do estábulo e desmontou às pressas. Ao ver Luka e Alfie, endireitou a postura.

— Buenos días, príncipe Alfehr — ele disse, curvando-se em reverência diante de Luka. — Para o senhor também, mestre Luka. — Então se curvou para Alfie.

Alfie ficou confuso por um instante, mas logo se lembrou que estava com o rosto de Luka.

— Bom dia.

O homem passou os olhos pelo estábulo.

— O tratador de cavalos não está aqui, vossa graça?

Alfie tinha pedido para o garoto dar uma volta, para que tivesse um pouco de privacidade para se despedir e para que ele, Luka e Finn pudessem conversar à vontade.

Luka acenou para o homem com a cabeça.

— Ele saiu, mas logo deve voltar.

O homem assentiu e levou rapidamente seu cavalo para uma baia vazia repleta de feno. Nem se deu ao trabalho de tirar a sela do cavalo ou dar água para ele antes de sair. Havia uma camada de suor sobre o pescoço do cavalo e o guarda parecia abalado enquanto se dirigia à porta.

— Você está bem? — Alfie perguntou.

O homem alternou o olhar entre ele e Luka em silêncio, como se ponderasse se responder à pergunta de Alfie era uma decisão adequada. Então suspirou e pareceu reconsiderar sua hesitação.

— Não importa. Se eu não falar, vocês logo saberão por outra pessoa. Tenho uma mensagem urgente para o rei e para a rainha. Um bar da Borda foi encontrado cheio de corpos pela manhã. Nunca vi uma coisa daquelas. — Ele engoliu em seco e balançou a cabeça ao lembrar. — Preciso entregar a mensagem. Com licença. — Ele se curvou para os dois mais uma vez e saiu correndo na direção do palácio. A capa vermelha ondulava em seu rastro. Alfie ficou apenas olhando. A lembrança do bar queimava em sua mente e lhe deixava com um nó na garganta.

Embora Finn ainda estivesse oculta pelo manto da invisibilidade, Alfie podia sentir ondas de tensão emanando dela.

Luka olhou para ele preocupado com a menção do bar. Parecia querer dizer alguma coisa. Alfie sabia que Luka estava tentando conter o ímpeto de lhe pedir para ficar, para não arriscar sua vida. Mas, em vez disso, Luka balançou a cabeça e mordeu o lábio. Alfie não podia expressar a gratidão que sentiu naquele momento, porque não sabia se seria capaz de partir se Luka lhe pedisse para ficar.

Luka pigarreou e olhou para onde Finn estava montada no cavalo.

— Certifique-se de que ele volte inteiro para casa. — Ainda invisível, ela riu sobre a sela.

— Ele é magro demais para se quebrar em mais de um pedaço.

Luka sorriu.

— Gosto dela.

Alfie subiu no cavalo, sentindo tontura. Mas fez o possível para não transparecer seus sentimentos enquanto se ajeitava sobre a sela. Não podia deixar Luka perceber o que aquela magia havia feito com ele. Até onde sabia, podiam estar se vendo pela última vez. Ele quis dizer adeus a Luka, mas a palavra não queria sair. Talvez porque, se sáísse, outras a seguiriam e ele se afogaria nelas. Ficou aliviado quando Luka passou na frente dele e falou:

— Até mais, seu rabugento — ele disse com um pequeno sorriso.

Alfie revirou os olhos ao ouvir seu apelido de infância, sorrindo ao mesmo tempo.

— Hasta luego. — Com um nó na garganta, Alfie pegou as rédeas do cavalo de Finn e o puxou a trote enquanto atravessavam o terreno do palácio.

Cavalgaram em silêncio pelas trilhas abertas entre os círculos para quem desejava viajar com rapidez. Alfie finalmente os conduziu até o portão que saía do Aperto, círculo mais externo de San Cristóbal, o cenário deixando de ser uma cidade para dar lugar à paisagem rural que os cercava. Ali, plantações de cana-de-açúcar estendiam-se até onde a vista alcançava, com apenas uma sinuosa estrada de terra interrompendo os campos verdes. Por sorte, o caminho era suave, sem colinas ou terreno árduo. Seria uma viagem fácil. Até chegarem lá.

Ao longe, a pouco mais de uma hora de distância, ficava a construção horrorosa que iriam invadir: a Torre do Relógio.

Lá, os canaviais davam lugar a um terreno árido e seco. A terra tinha sido salgada, tornada inóspita a qualquer ramo de vida. Naquele trecho de terra, a prisão tinha sido construída em uma sombria torre de tijolos, exposta ao sol escaldante e cercada por um fosso largo e encantado de água fervente. Ali ficavam apenas os criminosos mais perversos. A magia deles era bloqueada por magia escrita entalhada em seus punhos e supressores orais, tornando-os magicamente impotentes. O pior de tudo era o significado por trás do nome da prisão. O teto da grande torre era um relógio. O ponteiro dos minutos tinha o tamanho de cinco homens. O tique-taque era ensurdecador justamente para lembrar aos

prisioneiros do tempo infinito que lhes restava dentro de suas celas. Era comum que prisioneiros enlouquecessem devido ao relógio cruel que os vigiava de cima, como uma lua tiquetaqueante. Alfie não desejaria aquela vida nem para o seu pior inimigo. Então pensou na garota que tirariam da prisão. Pensando bem, ele desejava aquilo a ela, sim.

Conforme o sol caía cada vez mais no horizonte, o sangue de Alfie gelava mais suas veias. Eles tinham apenas seis horas para entrar na prisão, escapar com a prisioneira e encarcerar a magia. Já seria um plano impossível se tivessem dias; com apenas horas, parecia totalmente absurdo. Ainda assim, tinham que tentar. O objetivo da magia era terrível demais para ser abordado com cautela. A magia precisava ser capturada e banida para o vácuo o quanto antes.

Com os portões da cidade desaparecendo atrás deles, Finn tirou o capuz e assumiu as rédeas do cavalo. Eles cavalgaram a toda velocidade pela estrada de terra cheia de curvas, deslizando pelos canaviais farfalhantes como serpentes. A torre de tijolos se agigantava ao longe, parecendo um dedo que saía do chão e apontava para o céu, exigindo-o para ela.

Durante uma hora demorada eles cavalgaram rápido demais para sequer conversar. Os cavalos dispararam pela estrada plana, lado a lado. Alfie afundava os calcanhares no cavalo, insistindo para que seguisse em frente, mas quando uma espuma de suor se acumulou no pescoço e na boca do animal, ele fez sinal para Finn desacelerar até parar.

Eles pararam e Alfie desceu do cavalo, acariciando o nariz quente do animal. O coitado estava exausto.

— Sinto muito, Peluche. — Alfie abriu um cantil de água que havia amarrado na lateral do cavalo e, mexendo os dedos, fez uma faixa longa de água sair dele. Com cuidado, canalizou o jorro de água para a boca ofegante do cavalo enquanto Finn observava.

De cima de sua sela, Finn deu uma gargalhada.

— É claro que você ia dar ao seu cavalo o nome de “ursinho de pelúcia”.

Alfie foi até o cavalo dela, dando água para ele beber.

— Não fui eu que dei o nome. Foi a minha mãe. — Sua voz ficou mais suave quando disse a palavra “mãe”.

Ele pensou no rosto dela ao vê-lo quando retornara ao palácio.

“Você voltou para casa”, ela havia dito. Será que ele conseguiria voltar novamente depois daquilo?

Um barulho de mastigação interrompeu seus pensamentos. Finn comia uma maçã que ele tinha trazido para o caso de sentirem fome.

— E qual é o nome do meu cavalo?

Alfie coçou atrás da orelha do animal, que se inclinou para a frente, encostando a cabeça em seu ombro. Ele e Luka haviam treinado com aqueles cavalos quando eram crianças, e aquele sempre agia como um gato gigante quando estava perto deles.

— Escolhi o nome dele quando eu era pequeno. É o Gasoso. — Alfie deu um tapinha na lateral do corpo do cavalo, divertindo-se ao ver a boca de Finn paralisar no meio da mastigação. — Você vai entender por que antes dessa viagem acabar.

Alfie fechou o cantil e mais uma vez montou em Peluche.

— Vamos um pouco mais devagar agora, para os cavalos se recuperarem. Depois aceleramos. Devemos chegar à torre em meia hora, talvez menos.

Ainda fazendo uma careta para o cavalo em que estava montada, Finn concordou e eles começaram a cavalgar a velocidade menor.

Finn ficou em silêncio enquanto trotavam pela estrada, e Alfie ficou grato por isso. Só queria repassar o plano na cabeça várias e várias vezes até chegarem — eles entrariam na prisão, Finn prepararia a distração enquanto ele esperaria por perto, depois se aproximariam o máximo possível da cela de Xiomara e detonariam a distração. Quando os guardas responsáveis saíssem para averiguar o barulho, eles iam invadir a cela, colocar Xiomara sob o manto junto com Finn e sair da prisão. Depois que escapassem com Xiomara, vinha a parte mais difícil. Precisariam atrair Ignacio até eles, até algum lugar afastado da cidade, matá-lo, confinar a magia na estatueta e jogá-la no vácuo criado por Xiomara.

Ele repetiu aquilo na cabeça várias vezes, como um cântico. O único som que havia à sua volta era o da cana-de-açúcar que contornava a estrada ao ser balançada pela brisa.

Alfie tocou o rosto, surpreso com os traços diferentes que sentia sob os dedos. Ele nunca se acostumaria a usar o rosto de Luka. Não podia imaginar como teria sido a vida de Finn, mudando de identidade a toda hora.

“Essa é a melhor parte”, ela havia dito na noite anterior. No entanto, para Alfie aquilo parecia não exatamente um pesadelo, mas um sonho estranho do qual não conseguia acordar.

— Posso tirar isso de você, se quiser — Finn disse, apontando para o rosto dele. Alfie não tinha percebido que ela o estava observando. — Quando eu for te transformar em dueño, vou querer começar em uma tela em branco mesmo.

Alfie parou para pensar. Já estavam longe da cidade. Ninguém o veria. E já que ela tiraria aquela máscara para transformá-lo em dueño depois, por que não ter uma folga e usar o próprio rosto por um tempo?

— Sim, por favor.

Com os cavalos marchando lado a lado, Finn olhou para ele atentamente e movimentou a mão. O corpo de Alfie formigou e ele sentiu que estava mudando, o torso ficando mais comprido e magro, o nariz se arrebitando de leve. Então acabou. Ele levou a mão ao rosto e suspirou.

— Gracias.

Ela deu de ombros. O silêncio reinou por um momento demorado até que ela falou:

— O modo como seu irmão morreu. — Finn soltou um assobio baixo. Ajeitou-se sobre a sela, fazendo cara feia quando seu traseiro batia contra ela. — Deve ter sido horrível.

O maxilar de Alfie ficou tenso. Ele estava chocado com a capacidade de Finn de tocar exatamente nos assuntos que ele não queria discutir. Ele desviou o olhar e se concentrou nos campos verdes que o cercavam, na batida do casco dos cavalos sobre o chão de terra.

— Sim — ele respondeu entredentes. — Foi.

— Lembro quando fiquei sabendo do assassinato — ela disse. — Estava em uma cidade longe daqui e, ainda assim, as pessoas estavam chorando pelas ruas, como se o conhecessem.

Ele ficou irritado com a forma como ela dissera aquilo. Sempre que alguém falava de Dez, era com profunda reverência e pesar, mas ela se referia a ele com desdém.

— Isso te incomodou?

Ela deu de ombros e inclinou o corpo sobre a sela para poder passar os dedos nas hastes de cana-de-açúcar.

— Achei que não fazia sentido. Eram pessoas que não o conheciam. Eu não o conhecia. Por que chorar, se a morte dele não afeta a minha vida?

Alfie se virou para ela com os olhos semicerrados.

— É claro que a pessoa que vai se tornar rei de Castallan afeta a sua vida. Você é castallana, vive aqui.

Finn gargalhou.

— Pessoas como eu são formiguinhas. E os governantes não passam de um enorme pé que paira sobre nós, pronto para nos esmagar. Não importa de quem é o pé, a intenção é a mesma. Agora é o seu pé que paira sobre a minha cabeça, não o dele.

— É assim mesmo que você nos vê? — Alfie perguntou. — Como algo que existe para te machucar?

Ela deu uma risada seca.

— Como espera que eu os veja? Como protetores do povo? Pare de se enganar, príncipe. Acha que as crianças que vivem sem nada, que roubam e pedem esmolas nas ruas, enxergam você como um protetor? Você, com sua escrivanhinha impecável e sua magia pomposa. — Ela soltou outra gargalhada alta. — Os ricos nascem ricos e morrem ainda mais ricos, e o restante de nós morre cedo. Você não é um protetor. É só mais um pé esperando para nos transformar em pó.

Alfie esfregou a nuca. Ele sabia que havia pobreza e descontentamento em seu reino. Em todo lugar. Não era tão ingênuo a ponto de pensar diferente. Mas ainda assim era algo difícil de engolir. Quando ouvia Finn falar, todas as ideias admiráveis que tinha sobre seu reino se desmanchavam e não passavam de uma casca para esconder suas falhas. O lema de seu reino, “Magia para todos”, de repente lhe pareceu vazio.

Mas se ele e Finn conseguissem deter aquela magia obscura e ele tivesse a chance de se tornar o rei que seus pais desejavam, talvez pudesse mudar aquilo. Talvez pudesse ser um rei diferente. Não um pé pairando sobre as cabeças, mas uma mão estendida para ajudar seu povo. Ele podia tornar o lema do reino verdadeiro. Se vivesse o bastante para virar rei.

Eles ficaram em silêncio novamente e ele se perguntou se o percurso todo seria assim — explosões de raiva seguidas de momentos sem palavras.

— Como funciona exatamente esse lance do vácuo?

— Finn — Alfie disse em voz baixa, tentando conter a raiva. Ele sabia que precisariam da ajuda daquela criminosa, mas não queria pensar sobre aquilo, não queria ter de encarar aquilo até que fosse realmente necessário. — Por favor. Deixa isso para lá.

Ela não compreendeu o alerta.

— Por quê?

— Porque eu não quero pensar sobre isso — ele estourou. Seus dedos se contorciam sobre as rédeas, implorando que alcançasse a garrafa que levava na cintura para silenciar a ira que crescia dentro de si. A raiva que podia transformá-lo em alguém que não era. — Só vai me deixar com raiva.

Finn inclinou a cabeça.

— E por que não sentir raiva? É um sentimento tão natural quanto qualquer outro.

Alfie soltou um suspiro e esticou o braço para o lado, passando os dedos pelas hastes de cana-de-açúcar, acalmando-se um pouco com a sensação. É claro que

ela era a favor de sentir raiva; ela era alguém que não pensava duas vezes antes de agir.

— Não gosto de quem me torno quando cedo à raiva. — Um vislumbre daquele dia surgiu em sua mente. Suas mãos segurando Paloma pela túnica e a jogando contra a parede. Tentou conter a repulsa que sentia de si mesmo. — Me torno alguém que não conheço.

— É claro que conhece, estúpido — ela disse. — Quem você é quando está com raiva ainda é você. Não precisa ser tudo o que você é, mas é uma parte de você do mesmo jeito. Negar isso dá no mesmo que negar todo seu maldito ser e acabar com tudo de uma vez.

Alfie ficou irritado com o tom da garota. Ela falava como se estivesse lhe pedindo para trocar de camisa, e não para ceder à parte que mais temia de si mesmo.

— Não dá para fugir de algumas coisas. — A voz dela estava diferente. Não chegava a ser suave, mas não tinha a sagacidade de costume, como uma adaga sem corte. — Tem coisas que é melhor aceitar. E superar de vez.

Alfie lembrou de como ela havia fugido de Ignacio só para ser arrastada de volta para ele, puxada como um peixe no anzol. Mas o horror daquela lembrança não era capaz de diminuir o constrangimento que ele sentia. Se ela estava usando aquele tom, Alfie devia estar passando uma imagem patética. Ele não queria que ela sentisse pena dele, e nem desejava ouvir seus malditos conselhos.

— Quando eu tiver vontade de negar toda a minha identidade e sair por aí usando uma máscara, pode deixar que eu te chamo.

— Tudo bem. — Ela revirou os olhos. — Tem certeza de que pode confiar no garoto da banheira para te dar cobertura?

Alfie ainda não sabia de onde tinha saído aquele apelido.

— Ele vai me dar cobertura, e o nome dele é Luka. — Ele engoliu em seco, desejando poder dar meia-volta com o cavalo e voltar para casa. Luka quase tinha morrido, e Alfie não desejava nada além de protegê-lo, de encontrar a pessoa que lhe havia feito mal e puni-la como merecido. Retorcendo os dedos, Alfie

alcançou o próprio alforje e tirou dele uma manga e uma pequena faca. Deslizou a lâmina pela fruta, livrando-a da casca. Colocou um pedaço na boca, concentrando-se na explosão de sabor e não no desejo de mudar de direção e galopar para casa.

Finn o observava atentamente.

— Você quer saber quem tentou matá-lo?

— Sim, claro — Alfie respondeu, massageando as têmporas. — Mas tenho que cuidar dessa magia sinistra primeiro. — Mesmo que ele desse um jeito de se livrar da magia sombria, não poderia contar a ninguém que Luka quase havia morrido sem explicar a libertação da magia. Não tinha ideia de qual seria o passo seguinte no que se referia àquela questão.

— Bem, posso te dar uma pista. Com certeza foi uma tentativa de assassinato por envenenamento — Finn disse de maneira trivial. — E o veneno foi deixado para *você*.

A manga caiu da mão dele e foi parar no chão de terra.

— Para *mim*?

— Sim, para você — ela insistiu. — Eu estava no seu quarto, procurando a chave do cofre. — Ela tirou a chave de um bolso fundo e a jogou para Alfie. Era a chave dele. O príncipe teve a sensação de que sua cabeça ia explodir. — Enquanto eu procurava, uma criada entrou. Ouvi um frasco com alguma coisa dentro sendo chacoalhado. Não tinha certeza se o conteúdo tinha sido envenenado ou não, mas depois do que aconteceu com o garoto da banheira, ficou bem claro.

Os dedos dele estavam melados de manga, mas ele não se conteve e levou a mão aos olhos.

— Meu tônico para dormir.

Luka tinha mencionado que havia tomado o tônico de Alfie. Ele nem tinha pensado naquilo. Parte dele queria gritar com Finn e fazê-la dizer por que não tinha jogado o frasco fora e impedido que tudo aquilo acontecesse. Mas parecia

inútil. Ela não tinha como saber o que ia acontecer. Era uma ladra que não lhe devia nada. Parecia absurdo esperar qualquer outra coisa dela.

Sua mente estava agitada com um fluxo infinito de perguntas que disputavam para passar na frente das outras. Quem será que havia tentado envenená-lo? Será que era a mesma pessoa que havia lhe tirado Dez? Outra tentativa de assassinato aconteceria enquanto ele estava fora? Luka corria perigo de ser envenenado enquanto se passava por ele?

— Você quer ir para casa — Finn afirmou em voz baixa, porém firme. — Quer proteger sua família.

Por baixo da fachada dela, Alfie podia enxergar um vestígio de compreensão. Como se ela já tivesse tido pessoas para proteger um dia.

— Quero — Alfie confessou. — Mas não posso.

A voz de sua mãe soou em sua mente nítida como o toque de um sino. *Você é impulsivo demais, Alfie. Se vai ser rei um dia, precisa pensar no povo antes de pensar em si mesmo. Sempre.*

Aquela magia ameaçava todo o seu reino, não só sua família. Então ele precisava assumir a responsabilidade por suas ações. Precisava cuidar primeiro da magia obscura. Sem demora.

Finn assentiu, aceitando as emoções tempestuosas dele com calma. Ele não entendia como ela podia estar tão tranquila. Havia testemunhado o mesmo que ele na Sala Azul. Como estava tão relaxada enquanto ele mal conseguia se controlar para não tremer?

— Você não está preocupada com aquele homem? — ele perguntou. — Ignacio?

Ela se encolheu ao ouvir o nome dele, como uma criança que se assusta com um trovão, mas se recuperou rapidamente, reassumindo uma expressão de indiferença.

— Não tenho muito medo dentro de mim, príncipe. Não vou desperdiçar o que sobrou com ele — ela disse, sorrindo com raiva.

Alfie abriu um sorriso forçado que quase disfarçou a agitação que sentia. Quase.

— Esses animais já descansaram demais — ela disse, afundando os calcanhares nas laterais do cavalo para que ele saísse correndo, deixando Alfie para trás.

25

O homem que não podia morrer

QUANDO MAIS UM CORPO EXPLODIU em cinzas diante dele, Ignacio ficou irritado.

Estava sentado no Dedal Azul, o bar recoberto de sangue que ele havia tomado para si quando recebera seu poder — quando todo aquele estímulo e empolgação havia gerado nele um desejo de matar que recaíra sobre todos os homens que estavam ali bebendo. Os cadáveres tinham sido retirados por guardas, mas o sangue permanecia, manchando todas as superfícies com a prova vermelha de seu poder. O bar havia sido fechado após o massacre e Ignacio havia se apossado do local, transformando-o em seu santuário particular, um lugar para atrair e infectar vítimas da Borda.

Ele tinha passado a noite vagando pelos círculos da cidade, caçando corpos para reivindicar como seus, mas eles sempre se transformavam em cinzas. Após horas de fracasso, ele voltara ao Dedal Azul. Sua frustração crescendo enquanto o sol da manhã entrava pelas janelas. Embora a magia lhe implorasse para continuar, Ignacio não se incomodava. Não quando o nome dela pulsava em sua mente como as batidas de um tambor.

Finn. Finn. Finn.

Ele tomou um gole de rum, passando a ponta da bota sobre as cinzas de mais um imbecil. Ele tinha percorrido toda aquela distância por causa dela. Com uma visão que não passava de um borrão de cores e linhas, com os bolsos vazios, ele havia dado um jeito de embarcar em um navio contando a história de uma irmã perdida que queria encontrar na cidade para não morrer cego e sozinho. Um

marinheiro teve pena dele e lhe ofereceu uma vaga que havia surgido de última hora no barco. Um dos passageiros tinha desaparecido na noite anterior. Era tudo muito curioso, mas não para Ignacio. Ele havia matado aquele homem. Ele o havia encurralado em uma viela e cortado sua garganta. Mas, para o resto do mundo, era tudo muito curioso. E Ignacio não se importava com o que o resto do mundo pensava.

Ele tinha ido para a capital porque, quando era mais nova, ainda com o rosto arredondado de uma criança, Finn sempre dissera que gostaria de estar ali na época do Festival do Equinócio. Então ele havia dado um jeito de chegar a San Cristóbal e depois recebera aquele poder como um presente dos próprios deuses. Ele mostrou para Finn quão poderoso havia se tornado, e ainda assim ela não tinha entrado na linha. Havia escapado por seus dedos, como água. Ele cerrou as mãos em punho e suas unhas enegrecidas feriram a carne das palmas. A magia obscura que havia dentro dele curou os cortes imediatamente, tão rápido que ele mal teve um instante para saborear a dor.

Ele se lembrava do dia em que a havia tomado como sua. A lembrança permanecia em sua mente em tons vibrantes, cores que representavam um momento crucial que redefiniria o curso de sua vida. Havia alguns dias que ele a observava, a sombra que se movimentava aos seus pés, chamando por ele, um espelho de sua própria sombra. Ela estava procurando restos de comida em uma pilha de lixo entre bares. Dava para ver seus ossos sob a pele com a mesma facilidade que raios de luz podiam ser vistos através do vidro de uma janela.

Ele se aproximara dela por trás. Ela percebera de imediato, mesmo sem ele ter emitido nenhum ruído. Era necessário ter bons instintos para sobreviver nas ruas.

Ela lançara um olhar incomodado para ele, o corpo alerta. Para uma coisinha magricela, até que inspirava medo.

“Onde estão sua mamá e seu papá?”, Ignacio perguntara, olhando para ela com a cabeça inclinada.

“Eles se foram.” Ela puxara uma pequena adaga de uma bainha suja em sua cintura. “Morreram e foram enterrados já faz alguns dias. Viraram comida de

verme. O mesmo que vai acontecer com você se tocar em mim.”

Ignacio apenas sorria para ela, inabalado. Tivera certeza de que ela havia deparado com muita gente com intenções desagradáveis nas ruas. Não podia culpá-la por sacar a adaga e mostrar os dentes.

“Acho que não”, Ignacio dissera, ignorando a ameaça com um sorriso. “Eu não vou morrer hoje. E em nenhum outro dia, aliás.”

Ela o encarara, sem parecer convencida.

“Todo mundo morre”, ela tinha afirmado com uma certeza que criança nenhuma deveria ter.

Ignacio balançara a cabeça.

“Eu não vou morrer. Minha palavra é lei, mais poderosa que a morte.” Ele apontava para sua própria sombra animada, que se enrolava no chão aos seus pés. “Se meu corpo tentar perecer, basta eu dizer que não. E posso fazer o mesmo por você.” Ele a encarara com uma promessa nos olhos. “Se quiser.”

Finn apenas olhara para ele, como se tentasse descobrir se era confiante ou idiota demais, ou um pouco dos dois.

Ignacio tirara uma maçã do bolso do manto. Pretendia dar a ela, mas ela a pegara da mão dele sem dizer nada, mordendo-a com selvageria, deixando o suco escorrer pelo queixo.

Ignacio tinha levantado, dado meia-volta e se afastado. Depois de cinco passos longos, olhara para trás, para onde ela estava.

“Você vem?”

Finn tinha ficado imóvel, ainda com os olhos sobre o miolo da maçã. Jogara-o para trás e o seguira como um cachorro segue o dono, como devia ser.

Quando será que aquilo havia mudado?

Ignacio. A magia obscura sussurrava insistente dentro de sua cabeça.

— O que foi? — Ignacio perguntou.

Precisamos ganhar força, precisamos espalhar nosso toque, só então vamos...

— Ter força para tirar do palácio o que é nosso. Sim, eu já entendi — Ignacio interrompeu, irritado. A magia insistia em encher sua mente com imagens do que os esperava no palácio e com a promessa de um poder inesgotável, nunca antes visto. Antes ele só precisava infectar o maior número de pessoas possível, pois cada corpo infectado lhe daria mais força em troca. Força para invadir o palácio e tomar posse dele.

Mas sempre que espalhava a magia para outro corpo, o estouro eufórico de poder era temporário. Todos os corpos que tomara rapidamente definharam sob o peso da magia, como um palito de fósforo coberto de óleo atirado em uma lareira acesa. A cada perda, sua força definhava um pouco. Antes do encontro com Finn, ele havia infectado muitos naquele bar. O poder florescera dentro dele com uma intensidade amedrontadora quando tinha conjurado aquelas amarras e parado o tempo. Mas rapidamente desaparecera quando os corpos se reduziram a pó e lhe restaram apenas exaustão e desejo de conseguir mais. Ele não tinha como invadir um palácio cheio de guardas com aquele cansaço. A sensação de força o encontrava, mas se esvaía em um instante.

Você não está ouvindo. Precisamos encontrar corações sombrios, a voz da magia disse mais uma vez em um sussurro insistente dentro de sua mente. São eles que carregarão nosso poder sem perecer em um instante.

Encontre-os e poderemos tirar o que nos pertence do palácio e liberar o trono para um verdadeiro rei. E você será recompensado.

A magia encheu a mente dele com visões do poder que receberia quando recuperasse do palácio o que era necessário. Poder que lhe daria forças para tomar qualquer trono que o mundo tivesse a oferecer.

Quando dominarmos o mundo, a magia sussurrou, ela não terá para onde fugir. Não terá como se esconder. Eu vou entregá-la a você.

Ignacio observava enquanto uma visão mostrava Finn fugindo de uma cidade para outra, de um continente para outro. A cada lugar a que chegava, via o rosto de Ignacio, seu reinado. Cada vez que via seu poder, seu medo aumentava,

debilitando-a até ela cair de joelhos, até não conseguir mais correr. Finn se arrastava até o trono de Ignacio, curvando-se diante dele, desprovida de qualquer honra, encostando a testa no chão ao lado de seus pés. Ela tremia devido ao medo que tinha dele. Implorava para que ele a aceitasse de volta, para que permitisse que ela voltasse a ser sua filha.

Por favor, ela dizia, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Suas súplicas pareciam orações. Orações para ele, o único deus dela. Finn segurava suas mãos e as beijava desesperadamente. *Por favor, me deixe ir para casa.*

Uma onda de euforia tomou conta dele, espalhando-se por seu corpo como fogo queimando um galho seco. Suas mãos tremiam de expectativa.

— Corações sombrios? — ele disse. Ignacio saiu do bar e foi para o mercado agitado enquanto o sol se aproximava cada vez mais do horizonte. Olhou para o Norte, onde sabia que a Torre do Relógio se agigantava ao longe, um antro de corações sombrios, acorrentados e prontos para serem tomados. — Conheço o lugar certo.

26

Um príncipe e uma ladra entram em uma prisão

VER A TORRE DO RELÓGIO a menos de dois quilômetros atingiu Finn como um soco no estômago. Segurando as rédeas com firmeza, ela resistiu ao ímpeto de dar meia-volta e ir embora.

Aquele lugar era o pesadelo de um ladrão. A Torre do Relógio era uma prisão de onde só se saía em forma de cadáver. Para piorar, eles estavam indo àquela prisão para encontrar Xiomara, uma mulher com o poder de criar vácuos. Finn nunca tinha visto um vácuo nem ouvido falar disso antes de o príncipe contar a verdade sobre a morte de seu irmão, mas ela não queria ver aquela coisa de jeito nenhum. Engoliu em seco. Seu cavalo relinchou, parecendo sentir o medo que se espalhava pelo corpo dela.

— Não posso te culpar, Gasoso — ela murmurou para o animal.

— Finn.

A voz de Alfie a afastou de seus pensamentos. Ele já havia descido de Peluche enquanto ela observava a prisão com olhos arregalados. Ele desviou os olhos da torre e virou para o canavial que havia ao seu redor.

— Vamos levar os cavalos para o campo e escondê-los lá antes de continuar.

Ela concordou, sentindo a garganta seca, e desceu do cavalo, seguindo Alfie para levar o animal para o campo. Os cavalos relincharam, tranquilizando-se

apenas quando Alfie cantarolou para acalmá-los. Quando se embrenharam o suficiente no campo, o príncipe disse:

— *Doblar.*

Com isso, um círculo grande da plantação de cana se curvou para o chão, dando a eles uma clareira para deixar os cavalos escondidos confortavelmente e para Finn trabalhar na transformação de Alfie em dueño. Era um pedido estranho, para dizer o mínimo. Ela já havia recebido, várias vezes, pedidos para fazer alguém parecer mais jovem. Era a primeira vez que alguém lhe pedia para envelhecer.

Depois de dar água para Peluche e Gasoso, Alfie parou na frente de Finn e pediu para ela começar. Ele estava imóvel e desconfortável enquanto esperava.

— Vou ter que deixar seu cabelo branco — Finn disse, elevando o queixo para observar a cabeça dele. Ele era tão alto que chegava a ser inconveniente.

Ela arqueou uma sobrancelha quando viu que ele não estava se mexendo.

— É para eu levitar até sua cabeça, então?

— Ah, desculpa — ele disse, encabulado. Inclinou o corpo como se fizesse uma estranha meia reverência, aproximando sua testa de Finn. A cana-de-açúcar balançava e fazia o ar parecer inquieto, cheio de energia.

Finn esticou o braço e passou as mãos no cabelo dele, caminhando com a ponta dos dedos por seus cachos pretos. Era uma pena enfraquecê-los com idade quando eram tão cheios de vida, saltando sobre a palma de sua mão ao menor toque. Ela começou pela frente e foi indo para trás, finalizando com o polegar na linha da nuca, onde cachos grossos encontravam a pele macia. Ele estava tenso no início, mas conforme ela foi movimentando as mãos, seu corpo relaxou, quase cedendo ao seu toque. Será que ele estava gostando daquilo? Finn parou de mover as mãos. E ela?

Dispensando aquele pensamento, ela flexionou os dedos antes de posicioná-los sobre o rosto dele. Alfie abaixou os olhos e observou-os rapidamente, mostrando seus espessos cílios escuros. Ele desviou o rosto, sem saber para onde podia olhar naquele momento. Mas logo desistiu e seus olhos procuraram os dela.

— Feche esses malditos olhos — Finn disse com firmeza.

— Eu não sabia se era para fechar — ele reclamou. — Você não me disse o que seria melhor...

— E como ter os seus olhos gigantescos sobre mim poderia ser melhor?

Alfie lançou um olhar irritado, e ela sentiu que ele estava mordendo o interior da bochecha. O movimento repentino junto à palma de sua mão a distraía.

— E aí? — Finn perguntou.

Depois de soltar um longo suspiro irritado, Alfie fechou os olhos. Foi só quando ela sentiu o calor deixando seu rosto que se deu conta de que tinha ficado corada.

Não, corada não, sua mente argumentou. *Ruborizada. De irritação. De raiva.*

Satisfeita com aquela correção, Finn continuou a trabalhar, soltando rapidamente a pele do rosto dele e moldando rugas. Ela se deixou levar pela prática da transformação, pensando no quanto sentia falta de fazer aquilo com o próprio rosto. Feliz com seu trabalho, ela abaixou as mãos.

— Seu rosto está pronto.

Alfie endireitou o corpo e passou a mão na lombar. O gesto o fez parecer ainda mais velho. Finn rapidamente envelheceu as mãos dele antes de tirar um pequeno espelho da bolsa e segurá-lo na frente de seu novo rosto.

— Uau. Incrível. — Ele beliscou e puxou a pele solta. Finn sentiu um pouco de orgulho crescer dentro de seu peito. O príncipe era bem versado em magia de escrivania, então devia ter pelo menos ouvido falar de feitiços capazes de mudar a aparência de alguém, mas nada daquilo seria capaz de funcionar como o *propio* dela.

— Qual é o limite de seu *propio*?

Finn arqueou uma sobrancelha.

— Por que você quer saber?

Ele ainda estava com os olhos grudados no espelho, tão distraído que as palavras saíram por seus lábios antes de ele ter tempo de refletir sobre elas.

— Porque você transforma as pessoas com tanta perfeição que me pergunto o que você não é capaz de fazer.

Desconcertada pelo elogio, Finn ficou em silêncio.

O príncipe então olhou para ela, o rosto recém-envelhecido de repente parecia desconfortável.

— A pergunta é um pouco pessoal, eu entendo. Não precisa responder — ele disse. — Se não quiser.

Ela deu de ombros, assumindo uma expressão de indiferença. Aquela não era uma informação que o príncipe poderia usar contra ela.

— Quando eu me transformo ou transformo alguém, é como se a pessoa fosse feita de argila e eu tivesse uma quantidade limitada dela para utilizar. Então, se você me pedisse para te deixar com um metro e meio de altura, eu não ia conseguir. Tem argila demais, você ficaria muito largo. O mesmo aconteceria se uma criança me pedisse para deixá-la da sua altura. Também não seria possível. Eu teria que esticar demais, ela ficaria parecendo um canudo e a escultura quebraria. Então tenho que trabalhar dentro das limitações de cada corpo que eu modifico.

— Fascinante — ele disse, e Finn revirou os olhos. Ele falava como se quisesse anotar o que ela havia dito para estudar no futuro. Se bem que ele sempre falava daquele jeito.

— Lembre — ela alertou, guardando o espelho. — Como eu disse ao garoto da banheira, minha magia permanece com você, sem esforço, por algumas horas. Mas, depois de um tempo, depende de você manter o disfarce. Funciona assim quando modifico outras pessoas. Faço a estrutura e...

— E eu alimento a estrutura com a minha magia — Alfie disse. — Entendi.

— Se ficar muito cansado, o disfarce vai se desfazer. Essa é a outra restrição. Então tenha cuidado.

Alfie assentiu, passando as mãos pelo rosto recém-enrugado com uma sensação de deslumbramento misturada com medo.

Ele nitidamente sentia falta do próprio rosto, e Finn ficou se perguntando como seria aquilo. A sensação de querer ser o mesmo. De olhar para o seu

próprio rosto e não recuar. Quando emergiu daquele pensamento, viu que o príncipe estava olhando para ela repleto de preocupação. Embora seus olhos dourados estivessem em um rosto inédito e mais velho, eles ainda eram capazes de enxergar exatamente o que ela estava pensando, mesmo que escondesse.

— O quê? — ela perguntou. — O que foi?

Ele se assustou com o tom brusco dela e depois apontou para o seu nariz.

— Você está com terra no rosto.

Finn piscou. Sentindo o rosto quente, ela limpou o nariz com o dorso da mão.

— A carruagem vai chegar logo. Precisamos ir para a estrada para esperar. Está pronta?

— Acabei de passar os últimos dez minutos garantindo que você estivesse pronto — ela disse. — Eu *já estava* pronta.

O príncipe franziu a testa. Abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas se obrigou a engolir as palavras. Ela ficava mais confortável quando ele a encarava daquele jeito — com um descaso que diminuía seus olhos, em vez de uma preocupação que os deixava arregalados. Aquele olhar ela entendia.

— Tem certeza de que vai funcionar? — Alfie perguntou enquanto se ajeitavam sob o manto da invisibilidade, vendo a carruagem puxada por dois cavalos aparecer na estrada, vindo na direção deles.

Alfie sabia os horários em que as carruagens passavam para entregar suprimentos na prisão. Havia feito sua pesquisa sobre a Torre do Relógio meses antes, em preparação para a última vez em que estivera lá. Finn tinha pensado no plano de se esconder dentro da carruagem. Ele havia concordado, mesmo sem ter certeza de que funcionaria. Porém, não teve ideia melhor e não havia tempo a perder. A cavalgada até a prisão e essa carruagem pela qual estavam aguardando tinham levado mais tempo do que Alfie esperava. Logo estaria de tarde. O tempo parecia correr, e eles precisavam se esforçar para acompanhá-lo. O baile começaria aquela

noite e Alfie esperava que tudo estivesse sob controle até lá, e que ele conseguisse voltar a tempo de substituir Luka e se apresentar como próximo rei de Castallan.

— Relaxa, garoto — Finn disse, sorrindo quando ele olhou feio para ela. — Se tem uma coisa que eu sei é que cavalos não gostam de cobras. — Ela pegou a meia que havia pedido emprestada a ele e a encheu de pedras. Colocou-a no chão, na beira da estrada.

Alfie esperava que ela estivesse certa. Eles não tinham tempo para erros. O baile aconteceria em cinco horas e aquela magia aprisionada no corpo de Ignacio ainda causava caos onde quer que estivesse.

A carruagem fez a curva na estrada, no meio dos campos de cana-de-açúcar, aproximando-se cada vez mais da terra árida que se estendia diante deles, uma ilha de poeira em um mar de cana. Os cavalos da carruagem trotavam em uníssono enquanto os dois cocheiros conversavam. Finn levantou a mão e a curvou para a frente e para trás, imitando os movimentos de uma serpente. As pedras que estavam dentro da meia preta responderam e a meia deslizou para a frente pela estrada, na direção das patas dos cavalos.

Ela levantou três dedos e contou de trás para a frente.

— Tres, dos, uno...

Um cavalo soltou um relincho estridente, empinando nas patas traseiras ao ver a cobra falsa. O outro fez o mesmo antes de pisar na cobra enquanto os condutores gritavam alarmados. Eles pararam a carruagem e um deles desceu para acalmar os animais.

— Agora! — Finn sussurrou.

Juntos sob o manto, eles correram para a parte de trás da carruagem e entraram nela. Estava cheia de alimentos para a prisão — sacos de farinha, batatas e cebolas roxas. Alfie puxou Finn para um canto. Eles se agacharam e encostaram nas paredes da carruagem. Alfie podia ouvir os cocheiros discutindo enquanto puxavam os cavalos.

— Dá uma olhada lá atrás — um dos homens disse. — Veja se está tudo em ordem.

Alfie encostou-se bem em um canto e esperou que o homem não entrasse na carruagem para investigar.

Um homem apareceu nos fundos e inspecionou a carga com uma expressão de tédio. Então seu olhar se aguçou. Ele fitou o chão, bem perto de Alfie.

Alfie olhou para baixo e viu que seu sapato estava para fora do manto. Puxou o pé para dentro, acidentalmente batendo o joelho em um saco de batatas. O saco tombou e fez barulho. O homem ficou encarando os legumes, esfregando os olhos, confuso.

Finn pegou a adaga na cintura, mas Alfie segurou sua mão e fez que não com a cabeça. Não deixaria aquilo dar errado. Não tinham tempo para erros, e muita gente já tinha sido machucada. Com o coração na garganta, Alfie agarrou o dragão que levava no peito. Finn o observava com desconforto enquanto ele pensava com vontade: *esqueça que me viu, esqueça que me viu*.

Uma onda de dor cortou seu corpo, como se agulhas furassem cada pedacinho de sua pele. Ele ficou desorientado. Os olhos do homem ficaram vidrados e depois voltaram a clarear. Ele piscou, como se tentasse se apegar a uma memória que escapava por seus dedos, e balançou a cabeça.

— Todo bien aqui atrás!

O homem voltou para a frente da carruagem, que seguiu seu caminho. Com a mente confusa devido à dor, Alfie se assustou ao sentir algo quente escorrer sobre seus lábios. Seu nariz estava sangrando. Com dedos trêmulos, apertou o nariz e inclinou a cabeça para trás.

Aquela magia estava acabando com ele de dentro para fora.

— É tão ruim assim? — Finn perguntou.

— Pior — ele respondeu com o coração acelerado.

Deixando de lado a dor que brotava em seus ossos, Alfie estava surpreso com o alcance daquela magia. Como ela pôde apagar com tanta facilidade uma lembrança da cabeça do homem? Havia um feitiço capaz de esvaziar a mente das pessoas, mas não existia uma magia que funcionasse de maneira tão seletiva,

arrancando uma pequena lembrança como uma pétala de flor. O preço daquela magia desgastou Alfie, que piscava para se livrar dos pontos na visão, com as mãos trêmulas. Se aquilo fosse um mero eco da magia, quão forte seria se fosse reunida ao corpo de Sombra?

Então um pensamento surgiu em sua mente, espinhoso e pontiagudo. As palavras do livro inglês ecoaram em sua cabeça:

Quanto mais o ser ficar confinado, mais vai mobilizar a energia de seu confinador, sua força vital.

Mesmo se Alfie banisse aquela magia, ela ainda estaria conectada a ele, mobilizando sua vida até não restar mais nada para sugar. Um arrepio percorreu seu corpo. A realidade de sua morte ganhou forma, de maneira dura e impossível de se ignorar. Ainda assim, também havia algo libertador naquilo. Ele se preocupava com qual legado deixaria a seu reino. Agora a resposta era simples: sua vida. A magia a tiraria dele aos poucos e, quando morresse, o confinamento chegaria ao fim. Mas, escondida no vácuo, ela não seria capaz de retornar e ferir mais ninguém. Aquilo valia sua vida, ele sabia, mas pensar em perdê-la tirava ainda mais sua esperança do que a própria magia obscura.

Eles seguiram em silêncio na carruagem até o barulho das rodas indicar que estavam passando por outro tipo de terreno, irregular. Haviam saído da estrada de terra cercada por canaviais e entrado na área da prisão, onde o solo era seco e rachado. Então uma onda de calor terrível os atingiu.

— O que é isso? — Finn perguntou, secando a testa.

— Estamos passando pela ponte levadiça que fica sobre o fosso fervente. — Ele parou de apertar o nariz e se inclinou para a frente com cuidado. Havia parado de sangrar. Agora era o suor que se acumulava sobre seu lábio superior.

Finn arqueou as sobrancelhas.

— Achei que era apenas uma história inventada.

— Não é — Alfie disse. Havia rumores de que se um homem adulto caísse no fosso, ele cozinaria antes mesmo de conseguir gritar, escaldado de dentro para fora.

A carruagem sacudiu quando eles saíram da ponte e voltaram para a terra firme. A onda de calor diminuiu um pouco quando ela parou. Alfie e Finn apressaram-se para sair antes que os guardas da prisão chegassem para retirar a mercadoria. Diante deles estava a Torre do Relógio.

Alfie já havia estado ali, mas ainda assim a prisão parecia gigante e impossivelmente alta, como um telescópio de pedra saindo da terra com cantos arredondados. Não havia uma única janela. Seus tijolos cozinham no sol. O caminho entre o fosso e a torre era minúsculo, apenas uma faixa de terra seca os separava de uma morte torturante e fumegante.

Mas não havia tempo para pensar naquilo. Com a cabeça ainda um pouco confusa por ter utilizado aquela magia, Alfie apontou na direção dos guardas que carregavam sacas de alimento para uma entrada lateral da torre, uma pequena porta à esquerda da entrada principal da prisão — um par de portas assustadoras que se agigantavam sobre todos que entravam. Eles rapidamente seguiram os guardas, caminhando por um corredor estreito com paredes de pedra arenosa, mal iluminadas por chamas encantadas que pairavam em castiçais. Estavam caminhando na direção do que Alfie sabia ser uma despensa de alimentos. No caminho, Alfie avistou uma porta fechada. Indicou o lugar com a cabeça. Eles entraram, e os homens seguiram em frente.

Com a porta fechada, o armário em que haviam entrado era escuro como a noite. Alfie ficou grato pelo esconderijo quando tirou o manto, o corpo gritando de dor e exaustão. Escorregou o corpo encostado na parede e sentou, apoiando a cabeça entre os joelhos.

Ele ouviu um fósforo sendo riscado. Um pequeno ponto de luz surgiu e o rosto de Finn apareceu na escuridão. Ela estava agachada na frente dele, observando-o. Ele estava feliz por terem decidido não usar a magia obscura para transportá-los até lá. Não conseguia nem imaginar a dor que sentiria se tentassem percorrer aquela distância nas costas daquela magia.

Ele fechou os olhos e se concentrou em respirar fundo em vez de conter a respiração. Finn não disse nada, apenas manteve a chama acesa entre eles. Ela não

disse que ele era um idiota. Não disse que aquela magia o destruiria e que a culpa era toda dele, desde o início. Apenas o deixou recuperar o fôlego. Era um conforto que ele não conseguia verbalizar.

— Consegue levantar? — ela sussurrou.

Alfie apoiou as mãos no chão frio.

— Vamos descobrir.

Ela se afastou para dar espaço a ele. Alfie levantou devagar, apoiando as costas na parede. Movimentou-se para a frente, endireitando o corpo, mas assim que fez isso sua visão embaçou. Parecia que o mundo girava sob seus pés. Uma voz distante lhe disse que ele estava caindo. Finn apagou o fósforo. Quando o armário ficou escuro, ela o segurou em seus braços. Ele apoiou a testa no espaço macio em que o pescoço dela se encontrava com o ombro. Ela o encostou novamente na parede, segurando-o ali.

Quando Alfie ergueu a cabeça, seus rostos encostaram um no outro brevemente, provocando um choque de calor. A escuridão do armário aprimorava seus sentidos e ele podia sentir de maneira aguçada o calor do corpo dela através de sua túnica de dueño, sentir o cheiro do suor que escorria por sua pele. Com os dedos dela espalmados perto de sua clavícula, Alfie esperava que ela não fosse capaz de notar seu pulso acelerando.

— *Luz* — ele murmurou, em um sussurro. Um globo de luz branca do tamanho de uma maçã pairou sobre a palma de sua mão, lançando um brilho sobre o rosto dela. Ele esperava que o retorno da visão acalmasse seus outros sentidos, mas aquilo não aconteceu. Ele percebeu que desejar aquilo era como tentar convencer uma flor que está se abrindo a se fechar novamente em um pequeno botão. Não tinha volta.

— Desmaiando tantas vezes assim, ainda sente sono para dormir à noite? — ela perguntou.

Ao ouvir aquele insulto, seu pulso desacelerou rapidamente.

— É culpa daquela magia — ele afirmou. Normalmente, a magia fluía por ele, brotando na ponta de seus dedos. Mas aquela magia não fluía, ela ardia, deixando seu corpo todo queimando. Ela o exauria. Quando ele achava que a magia já havia lhe tirado tudo, ela o torcia ainda mais.

Mas Alfie se recusava a deixar o medo que tinha daquela magia arruinar aquela façanha. Não ia deixar de comemorar aquele momento. Eles tinham conseguido. Tinham entrado na Torre do Relógio.

— Conseguimos — Alfie disse.

— Conseguimos — ela disse, curvando o canto dos lábios. Por um instante, aquilo bastou. O sorriso dos dois e a luz suave que os delineava no escuro.

— Você sabe que sair é sempre mais difícil que entrar, não sabe? — ela perguntou.

— Me deixe aproveitar essa vitória, ladra.

— Está bem, príncipe.

Por um instante demorado, ela o deixou desfrutar da sensação.

— Certo — ela disse. — Precisamos ir.

Alfie concordou, sentindo a garganta seca.

— Você tem razão. — Ele alcançou a maçaneta, mas não teve coragem de girá-la. Estava ali mais uma vez, quase por causa do mesmo motivo, com a diferença de que tiraria a prisioneira da cela em vez de matá-la. Ele não sabia o que teria acontecido se Paloma não o tivesse impedido da outra vez. Não sabia se seria capaz de se conter agora.

— Estou com você.

Alfie não sabia se ela estava falando aquilo no sentido literal ou figurado, mas seus ombros relaxaram ao ouvir aquilo. Ele se virou para olhar para Finn, mas ela já tinha desaparecido sob o manto.

Alfie escondeu o dragão de volta embaixo da túnica e se virou para a porta.

— Gracias, Finn.

— Você diz muito isso.

Alfie balançou a cabeça antes de girar a maçaneta e espiar pela porta. O

corredor estreito estava vazio. Os guardas já haviam terminado de descarregar os alimentos da carruagem.

Com seu verdadeiro rosto escondido pela magia de Finn, Alfie passou pela porta e a fechou depois que sentiu Finn passar por ele sob o manto. O corredor estava vazio. Não havia nenhum dueño que pudesse olhar para ele e se perguntar quem ele poderia ser, nenhum guarda para evitar. Um golpe de sorte.

Alfie levantou o pé para dar um passo quando uma voz gritou:

— Você aí!

Alfie ficou paralisado. Finn praguejou em voz baixa ao lado dele.

O príncipe se virou e olhou para o guarda com a expressão mais parecida com a de um dueño que conseguiu fazer.

— Pois não?

— Está perdido? Foi você que mandaram para realizar a cerimônia, não foi? — ele perguntou.

Alfie ficou olhando para ele, paralisado de medo. Finn o cutucou com o cotovelo.

— Sí. É claro. A cerimônia — Alfie disse. — Com a idade, esquecemos das coisas.

O guarda olhou para Alfie com estranhamento e em seguida disse:

— Venha comigo.

Alfie engoliu em seco e acompanhou o guarda pelo corredor de pedra. Ele podia fazer rapidamente o que o homem havia dito. Depois ele e Finn retomariam o plano.

Alfie se assustou quando a respiração dela fez cócegas em sua orelha.

— Devo derrubá-lo e enfiá-lo no armário?

— Não faça isso — Alfie murmurou. — E fique por perto.

No silêncio, Alfie podia jurar ter ouvido Finn revirar os olhos.

27

A cerimônia

ALFIE XINGAVA MENTALMENTE enquanto o guarda o levava por um caminho de voltas e curvas no andar térreo da prisão. Era difícil não perder o senso de direção.

Se tivesse esperado mais um instante no armário com Finn, talvez aquele guarda não o tivesse visto. Agora perdiam tempo a caminho da tal “cerimônia” que o guarda achava que Alfie viera realizar. A ideia era terem seguido para o centro da torre para criar a distração, e depois para a cela de Xiomara no oitavo andar, mas agora o guarda o levava pelo círculo mais externo do piso térreo. Não tinham tempo para isso.

Alfie andava com dificuldade, sentindo cada vez mais a dor da magia com o passar do tempo. Sentia Finn ao seu lado, pelo contato com o manto da invisibilidade quando ela se movia. Sabia que ela estava fazendo aquilo de propósito, para que ele soubesse que não estava sozinho. A cada toque do manto, ele era tomado por uma onda de conforto. Não estava sozinho.

O guarda os levou por uma escada larga, por onde subiram até uma porta dupla que dava para uma câmara muito ampla e bem iluminada com chamas embutidas, encantadas. No centro da câmara havia uma plataforma. E um homem deitado nela. Um grupo de pessoas vestidas de preto permanecia ao lado da plataforma elevada. Alfie engoliu em seco.

Um velório. Tinha concordado em participar de um velório.

Quando Alfie parou junto da plataforma, sua sombra ficou imóvel a seus pés, todo seu ser estava imobilizado diante do que via.

Conhecia aquele homem.

Uma raiva intensa e incontrolável o queimou de dentro para fora. Ele fincou os calcanhares no chão para não avançar sobre o corpo.

— Marco Zelas. — Alfie olhava para o rosto do filho jovem e vibrante de uma família nobre. Ele costumava rir alto e havia ensinado a Alfie seu primeiro palavrão. Depois ajudara a planejar o golpe que levava Dez. Alfie cerrou os punhos, e as unhas feriram a pele. O toque em seu ombro o trouxe de volta ao presente, e ele se perguntou se tinha feito aquilo por acidente ou porque sabia que ele precisava de alguém para lembrá-lo de manter o controle.

— Sí, Marco Zelas — o guarda confirmou, impaciente, e apontou para as pessoas do outro lado da plataforma. Alfie reconheceu cada uma delas. A mãe, o pai e os dois irmãos de Marco. Todos sérios, compenetrados. — Você tem que realizar a cerimônia para a família, como ordenou a rainha Amada.

Alfie se encolheu por dentro ao ouvir o nome da mãe. Prisioneiros não recebiam bênçãos formais, mas a mãe de Marco e a dele eram próximas. Alfie podia imaginar sua mãe oferecendo aquele consolo à amiga, mas não queria abençoar aquele corpo e prepará-lo para a vida eterna. Queria que ele apodrecesse ao sol. Como Marco Zelas se atrevia a ficar ali tranquilo, enquanto Alfie continuava vivo, se contorcendo e definhando com a dor de sua perda? Alfie tinha medo até de abrir a boca. Podia amaldiçoar o maldito corpo e arruinar seu disfarce.

Não conseguia desviar o olhar do rosto inexpressivo e abatido de Marco. Ainda não entendia por que ele tinha participado do golpe. O que teria a ganhar? Marco era mais rico do que a maioria das pessoas podia desejar ser em seus sonhos mais loucos. Por que precisava tanto de mais poder, a ponto de deixar Dez morrer? Devia haver mais alguma coisa. Algo maior.

Enquanto repetia a pergunta mentalmente, e o desespero crescia dentro dele, Alfie sentiu o dragão quente sob as roupas. A dor era dilacerante.

Uma imagem brilhou em sua cabeça, uma tatuagem na parte interna do punho de um homem, a expressão ameaçadora de um touro com os chifres afiados

apontados para a frente.

Alfie respirou fundo e retornou à superfície inundado pela dor. Havia perguntado, e a magia tinha começado a responder. O que a magia obscura lhe havia mostrado? Alguém com uma tatuagem de chifres na parte interna do punho? Quem era ele? Por que queria a morte de seu irmão?

Um par de mãos delicadas em seu braço o assustou. Era a mãe de Marco Zelas, cujo luto a envolvia como um véu. O vestido preto parecia engolir o corpo magro. Alfie não se lembrava dela ser tão frágil.

— Muito obrigada pelo que está fazendo por nossa família — ela disse com os olhos marejados. A mulher se curvou e levou as mãos de Alfie à testa, uma demonstração de respeito aos dueños. — Meu menino fez coisas erradas. Ele mereceu morrer aqui, mas ainda é mi hijo. Por favor, prepare-o como faria com qualquer outro. — As mãos dela tremiam, e Alfie sentiu a chama da raiva tremular e diminuir dentro dele. Odiava o que havia acontecido. Queria muito se agarrar à fúria, acalentá-la. Por que sentia que estava traindo Dez sempre que tentava superar tudo aquilo?

— É claro, señora — disse Alfie, usando uma voz baixa e mansa como a dos dueños que ouvira. Ela começou a soluçar. Alfie sabia que um dueño não devia abraçar alguém, por isso ficou ali parado, com as costas eretas, a garganta queimando enquanto ouvia uma mãe chorando a morte de um filho. Era muito parecido com o que ouvira da própria mãe. Um dos filhos dela se aproximou da plataforma e a segurou pelos ombros.

— Obrigado — ele disse, levando a mãe de volta à área onde a família estava sentada.

A cabeça de Alfie girava, sem saber a que se dedicar. Estava perdendo tempo ao realizar aquela cerimônia, ele e Finn deveriam estar pondo em prática o plano para libertar Xiomara, em vez de ficarem ali. Uma fúria terrível crescia dentro dele, dizendo para amaldiçoar o corpo morto de Marco Zelas diante de sua família. Ele rangeu os dentes, desejando poder extravasar o turbilhão que queimava em seu interior.

Quando o guarda o encarou, Alfie pigarreou e mergulhou um dedo na tigela de cinzas sobre a plataforma e outro na tigela de calcário. Se quisesse salvar seu reino, teria que realizar a cerimônia. Com um dedo tenso, traçou uma linha horizontal com cada um dos pés na testa de Marco. Esperava se lembrar de tudo.

— Você nasceu na encruzilhada de luz e escuridão. Os deuses acenderam luz em seu coração, estenderam uma sombra a seus pés e puseram o destino em suas mãos. Você chegou ao seu destino final, e à encruzilhada de luz e escuridão deve retornar.

Alfie ficou paralisado ao perceber o que devia vir a seguir. Cremação. Ele não era lançador de chamas, mas o devido que o guarda acreditava que ele era, certamente sim.

O guarda tossiu baixinho atrás dele, incentivando-o a continuar. O coração de Alfie disparou. Ele levantou um braço, a mão aberta voltada para o corpo.

Poderia dizer ao guarda que suas forças tinham se esgotado e por isso não conseguia acender o fogo? Devia fingir que estava passando mal e sair dali? Todas as opções mentirosas pareciam ridículas. Precisava atear fogo ao corpo naquele instante, antes que despertasse suspeitas. Não tinha ido até ali para ser descoberto antes de encontrar Xiomara. Precisava pensar em alguma coisa, qualquer coisa.

Uma onda de dor o inundou, o dragão esquentou sob sua túnica. Então, bem embaixo de sua mão aberta, uma chama brotou do peito de Marco e começou a se expandir. Alfie se agarrou à plataforma para não cair e não gritar de dor, uma dor que crescia dentro dele e se mantinha suspensa como uma nota sem fim.

Enquanto o corpo começava a fumer e arder, com as chamas lambendo o óleo que untava a plataforma, a família assistia a tudo com dor estampada no rosto. O guarda, um manipulador de ventos, guiava a fumaça para o alto e para as aberturas no teto da câmara com movimentos ensaiados.

O corpo de Alfie reclamou quando mais uma onda de exaustão o percorreu. Se ele se soltasse da plataforma, cairia e perderia o disfarce que Finn havia lhe dado. O suor cobria suas têmporas. Seriam pegos, e a culpa seria dele. Assim como

aquela magia era sua culpa. As mãos escorregaram pela plataforma. Ele caiu de lado.

— Agente firme — Finn murmurou a seu lado, e sua voz o ancorou ao presente mais uma vez. Com o coração batendo acelerado, Alfie se endireitou e se agarrou na plataforma.

O guarda pigarreou e disse:

— Agora vou levá-lo de volta aos seus deveres habituais.

Ele conduziu Alfie pelo interior da prisão. Alfie o seguia cambaleando. Mas Finn estava ao seu lado mais uma vez, e emprestou o ombro como apoio.

— Agente firme — ela sussurrou.

Juntos, continuaram andando, Alfie usando o ombro dela como muleta, enquanto o guarda virava para trás a todo instante e olhava para ele de um jeito intrigado. Devia parecer estranho andando inclinado daquele jeito. Pelo que podia perceber, o guarda os conduzia para o centro do piso térreo, pelos círculos mais estreitos da prisão, onde já deviam estar causando a distração, não fosse pela maldita cerimônia. Com a cabeça pesando de exaustão, ele não conseguia nem pensar em subir os oito andares até a cela de Xiomara, mas não tinha escolha. Não com Ignacio à solta com aquela magia corrompida.

Alfie esfregou os olhos. Seu rosto formigava como quando Finn o transformara. O coração batia na garganta. Estava ficando cansado demais, e o rosto começava a reverter a transformação. Sentia a pele enrugada repuxando a cada passo que davam. Precisava se afastar do guarda e recuperar o fôlego antes que fosse tarde demais.

— Rapaz — Alfie falou, e a voz soou jovem demais por um momento. — Por favor, leve-me ao banheiro mais próximo. Minha bexiga não é mais como antes.

O guarda fez uma careta e o levou para outro corredor, onde apontou para uma porta. Alfie abriu mão do apoio do ombro de Finn e andou devagar para ela ter tempo de entrar atrás dele.

— Só um minuto — Alfie disse ao guarda. Quando fechou a porta, ele se aproximou da pia e lavou o rosto. A magia de Finn escapou de seu controle, e o

rosto velho no espelho mudou lentamente, voltando a ser o dele.

Um ataque de tosse explodiu de seu peito. Ele cobriu a boca com uma das mãos e se segurou na pia com a outra para não cair. Quando afastou a mão, ela estava suja de sangue. A respiração estava ofegante e dominada por um chiado, como se seus pulmões fossem espremidos, esvaziados e impedidos de se encher de ar. Ele cuspiu sangue na pia, sentindo o gosto metálico na boca.

Aquela magia o mataria.

Finn apareceu a seu lado no espelho, puxando para trás o capuz do manto da invisibilidade. A expressão da garota indicava que o pensamento dele não era exagerado. Seria seu fim. Alfie se afastou do espelho e apoiou as costas na parede de pedra fria. Seu corpo todo tremia enquanto escorregava para o chão.

Tinha algum controle sobre a magia, e ela o estava destruindo. O que aconteceria com seu povo se ela se libertasse?

Mãos macias tocaram seu rosto, interrompendo a vertiginosa espiral de pensamentos. Finn estava abaixada a seu lado, olhando para ele.

— Ei, ei — ela repetia. Suas mãos estavam frias. Ele se apoiou nelas, amedrontado demais para se conter. — Olha para mim. — Quando não obteve resposta, ela agarrou seu queixo. — Mírame. Conte. — O tom calmo sugeria rotina. A certeza de seu olhar o equilibrava. — Diez, nueve — ela começou, acenando com a cabeça para indicar que ele deveria continuar. Alfie contava com a voz fraca.

Ela segurou a mão dele e apressionou contra o peito. Ele sentiu seu coração batendo firme, muito controlado em comparação ao dele.

— Respire fundo, se acalme.

Sentindo o coração dela batendo sob a palma da mão, Alfie fechou os olhos e contou. A cada contagem, a pulsação ficava mais devagar e se acalmava.

— Você está bem agora — ela disse, e as palavras, de algum jeito, o fizeram se sentir assim. Alfie se perguntava quando as palavras dela começaram a ter um peso capaz de prendê-lo à vida quando a sentia escorregando rapidamente por entre os dedos. Qualquer que fosse o motivo, estava grato.

— Estou bem. — Ele abriu os olhos e assentiu, trêmulo. — Onde aprendeu isso? — Quando ela o encarou, confusa, Alfie explicou. — A contar.

Ela ficou tensa, os lábios se comprimiram em uma linha fina, e ele soube sem ter que perguntar que a habilidade tinha a ver com Ignacio.

— Com o tempo — ela respondeu, olhando fixamente para a parede atrás dele, em vez de encará-lo —, você aprende a sobreviver a quase tudo. Aprende a respirar quando os pulmões estão paralisados pelo medo e aprende a acalmar as batidas do coração. Você aprende. — Ela deu de ombros. — Ou morre.

O coração dela batia mais depressa sob sua mão, e o peito de Alfie doeu ao ouvir aquelas palavras. Era impossível não pensar no que mais ela havia sido obrigada a aprender para sobreviver. Quanto de si mesma havia esvaziado e afastado naquele esforço?

Desde que havia ficado preso na porta do quarto dela, a percepção que tinha de Finn vinha mudando pouco a pouco, como se estivesse diante de um quadro coberto de poeira e só precisasse deslizar os dedos pela sujeira para enxergar mais o que o quadro era de fato e menos o que ele pensava. E não podia voltar, não podia recolocar a poeira e enxergar o que queria — uma ladra feroz e sem coração. Agora só via alguém que arriscava a vida pelos erros estúpidos que ele havia cometido. Alguém que tinha mais cicatrizes do que ele podia contar, mas ainda se erguia para mais uma batalha. Alguém que, se tivesse conhecido em circunstâncias diferentes, poderia ser sua amiga.

Antes que ele pudesse se conter, as palavras saíram de seus lábios.

— Tem algumas coisas que as pessoas não deveriam ter que aprender. Não tão bem, pelo menos.

Finn o encarou e, mais uma vez, ele teve a impressão de que alguma coisa invisível se movia por trás da calma daquele rosto. Com a mão espalmada sobre o coração dela, notou que o polegar havia deslizado para a pequena depressão logo abaixo da garganta. Quando ela desviou os olhos dos dele e engoliu em seco, o movimento provocou um arrepio nos dedos de Alfie.

Finn não disse nada. Com cuidado, tirou a mão dele do peito e a deixou sobre

o joelho dobrado dele. Depois analisou seu rosto pálido e suado, antes de olhar para o dragão.

— Quando estava ao lado do corpo daquele cara, seus olhos ficaram perturbados, como se vissem algo que eu não conseguia ver. O que aconteceu?

Alfie engoliu com dificuldade, e a raiva dentro dele ameaçou ganhar vida de novo.

— Aquele homem estava envolvido na morte do meu irmão. Era amigo da minha família, alguém em quem confiávamos. — Seu maxilar ficou tenso e contraído. — Nunca entendi por que ele fez o que fez. Pedi clareza, e o dragão respondeu.

Finn piscou, confusa.

— Ele apenas respondeu? Simples assim?

Alfie assentiu, e a cabeça doeu por um instante.

— Essa magia não é como a magia normal... Ela... ela ouve. Ou pelo menos me ouviu. Ela responde à minha vontade sem precisar de palavras, sem questionar.

Ela olhou para o dragão com uma expressão desconfiada.

— O que ela te mostrou?

A imagem da estranha tatuagem passou como um flash pela mente de Alfie, e ele queria conseguir se lembrar dela e ver alguma coisa no desenho, algo que servisse de pista para o motivo da morte de Dez, mas não via nada de novo. Só o touro ameaçador com seus chifres afiados.

— Uma tatuagem de touro.

Finn inclinou a cabeça.

— Um touro. Um touro com cara de bravo e os chifres apontados para a frente?

Alfie a encarou e sentiu o coração bater na garganta. Ela tinha visto outra tatuagem de touro ou a mesma que tinha aparecido em sua visão? Precisava saber. Ele pôs a mão na bolsa e, apressado, puxou o rolo de pergaminho que tinha levado para se comunicar com Luka.

— Poderia desenhar?

Ele desenrolou o pergaminho e o esticou sobre o chão de pedra. No topo da página, Luka havia escrito três linhas de mensagens.

Tudo bem?

Alfie?

É melhor responder ou vou procurar Paloma agora mesmo.

Alfie conseguia ouvir as palavras na voz de Luka e sentiu vontade de rir, mas o que brotou de sua garganta pareceu mais uma tosse molhada. O pergaminho ficou respingado de sangue.

— Merda — ele xingou. Luka veria isso e pensaria o pior, o que não estaria muito distante da verdade. Alfie rabiscou um bilhete rápido.

Estamos bem, machucados, mas bem. Não se preocupe.

As três últimas palavras pareceram absurdas quando as escreveu. Com o pergaminho sujo de sangue, a única reação de Luka seria se preocupar. Mas Alfie tentou não pensar naquilo; precisava saber se Finn estava pensando na mesma tatuagem que ele tinha visto. Talvez ela soubesse mais coisas a respeito?

— Aqui. — Ele ofereceu a pena com pluma preta que tirou da bolsa. — Desenhe. Por favor.

Finn desenhou no canto inferior do pergaminho uma tatuagem exatamente igual à que a magia obscura havia mostrado a ele, desde os olhos pretos até a espuma na boca do touro. Enquanto ela usava a pena, a pluma preta começou a ficar branca na medida em que liberava a tinta.

— Sim — ele disse em voz baixa. — É ela. Sabe alguma coisa sobre isso?

— Nada. Mas a mulher que bloqueou meu *propio* tinha essa imagem tatuada no braço.

Alfie estava confuso. O que aquilo podia significar? Seria algum tipo de organização insatisfeita com a família real? Os envolvidos tinham confessado que se tratava apenas de um grupo de nobres, mas se havia uma criminosa envolvida,

devia ser mais que gente da nobreza. Ele queria muito saber mais. Invocar a magia e exigir que ela lhe mostrasse tudo.

O dragão parecia tê-lo ouvido e esquentou em seu peito, pulsando como se tivesse um coração.

— Príncipe. — Finn o encarava, alternando o olhar entre ele e o dragão. — Não.

— Eu só... só quero a verdade.

— Todos nós queremos a verdade, mas vai trocar a sua maldita vida por isso? — ela perguntou, e Alfie desviou o olhar, sentindo na língua o sabor amargo da resposta. — Não gosto disso — Finn insistiu balançando a cabeça.

— Finalmente concordamos sobre alguma coisa.

Finn olhou para o dragão por um momento demorado, depois assentiu como se tivesse tomado uma decisão. Ela estendeu a mão.

— Me dá aqui.

— O quê?

— Você sabe.

— Qué? Não.

— Essa coisa claramente é capaz de matar e você cede muito fácil à tentação de usá-la. Se usar isso aí o tempo todo, vai morrer. Está tremendo. — Ele se manteve irredutível, e ela apontou para o chão. — Se não acredita em mim, olhe para a sua maldita sombra!

Nem quando tinha contraído uma gripe fortíssima na infância e a febre o deixara com o sangue fervendo sua sombra ficara tão clara. No momento, ela era só um contorno, a sombra de uma sombra. Finn estava certa, o dragão o exauria, e ele não parava de invocá-lo por acidente. Mesmo assim, o objeto era muito importante para ficar longe do alcance de seus olhos.

— Finn, essa coisa é perigosa...

— *Eu* sou uma coisa perigosa — ela respondeu, insistente. — Príncipe, você me trouxe para ajudar, então me deixa ajudar! Temos que soltar logo aquela

prisioneira se quisermos impedir Ignacio de transformar essa maldita cidade inteira em cinzas! Se continuar permitindo que a magia drene suas forças, não vai durar até o anoitecer.

Tudo que ela dizia fazia sentido. Na noite anterior, quando fora para a cama, ele tinha tirado o colar e o mativera ao seu lado. Separar-se dele o fizera sentir-se imediatamente melhor, como se não houvesse uma conexão tão forte. Tinha certeza de que não poderia invocá-lo a menos que estivesse em contato com seu corpo, e como era o único que podia transformar a própria magia em magia preta, também tinha certeza de que era o único capaz de comandá-la. Devia entregar o dragão a Finn. Se ela o carregasse, ele não poderia mais invocar a magia por acidente. Estava confiando sua vida a ela, mesmo que não gostasse da ideia. Devia ser capaz de permitir que ela a guardasse por mais um tempo, não?

— Muito bem — ele se rendeu. Devagar, tirou o colar do pescoço e o entregou a Finn. Quando o dragão caiu na mão dela, ele sentiu uma estranha queda de energia, como se um pedaço dele tivesse sido arrancado de seu corpo. Engoliu em seco. O livro inglês estava certo; havia realmente se conectado àquela magia, de corpo e alma.

Com uma expressão desconfiada, Finn pendurou o colar no pescoço, deixando o dragão cair no peito.

Embora ela não pudesse tingir sua magia para invocar o dragão como ele fazia, Alfie esperava que estar com a posse dele pudesse protegê-la do mal. Esperava que a magia a ouvisse, se ela precisasse de ajuda. Que ambos pudessem sair vivos da prisão.

— Finn — ele disse. — Tome cuidado.

Finn olhou para o dragão em seu peito como se o desafiasse a tentar alguma coisa.

— Eu vou ficar bem, príncipe. — E estendeu a mão para ele. — Agora, vamos. Levante.

Alfie aceitou a mão estendida e a ajuda para ficar em pé. Ela refez o disfarce de dueño rapidamente.

— Vamos deixar o guarda te levar para onde ele quiser. Você fica esperando lá enquanto eu crio a distração. Depois eu volto para te encontrar e nós vamos procurar a prisioneira. Pegamos a garota e saímos daqui — ela disse.

Alfie assentiu e disse a si mesmo que só queria desesperadamente ficar ao lado de Finn porque ela estava de posse do dragão.

— O plano era que eu ficaria por perto enquanto você criaria a distração no círculo central, e depois iríamos juntos para o corredor de Xiomara.

Finn olhou para ele.

— Príncipe, você mal consegue ficar em pé. Se queremos sair daqui vivos, temos que continuar inteiros. Vá para onde o guarda quiser te levar e me espere lá. Tente recuperar o fôlego antes de continuar — ela disse, e olhou para a sombra dele mais uma vez. — Nesse ritmo, vai estar exausto demais para fazer qualquer coisa quando chegar a hora de encurralar Ignacio. — E depois o encarou. — Se é que vamos conseguir chegar tão longe.

Alfie soltou um suspiro. Ela estava certa de novo, o que era irritante.

— Está bem. Eu te espero.

Finn estendeu as mãos.

— Os fogos de artifício.

Alfie entregou a ela os pacotes encolhidos que estavam guardados em sua bolsa. Essa era a distração que Luka havia providenciado. Quando os fogos fossem disparados no círculo central da torre, os guardas sairiam de seus postos, e a cela de Xiomara ficaria desprotegida. Eles couberam na mão de Finn como bolinhas de gude. Em seu estado de miniatura, ninguém podia vê-los, onde quer que fossem colocados. Na noite do Festival do Equinócio, um grande espetáculo de fogos acontecia no palácio, por isso o depósito estava cheio deles, e ninguém ia sentir falta dos que Luka havia roubado.

— Esses fogos não são daqueles comuns que se pode comprar na Borda. São os soltados da cobertura do palácio. Tome cuidado. — Ele olhou para ela, cansado. — Espalhe-os pelo círculo central da torre. Não dispare até você e eu estarmos juntos de novo, perto da cela de Xiomara, entendes?

Se ela disparasse os fogos e ele estivesse no piso térreo da prisão, esperando por ela, não teria tempo para subir até a cela de Xiomara no alto da torre e tirá-la de lá enquanto os guardas estivessem distraídos com o show de luzes. Se os fogos fossem disparados antes da hora, o plano estaria perdido. Ele mordeu o lábio, preocupado.

Finn revirou os olhos.

— De agora em diante, quero ganhar cinco pesos de ouro cada vez que você me disser para tomar cuidado. Não sou nenhuma idiota, príncipe. Não vou disparar os fogos até estarmos no lugar combinado. Pronto para ir?

Alfie assentiu, trêmulo. Levantou do chão e se apoiou na parede.

Finn puxou o capuz do manto sobre a cabeça, desaparecendo diante dos olhos dele.

Alfie respirou fundo, afastou-se da parede e abriu a porta. O guarda endireitou os ombros, resmungando sobre o tempo que o dueño havia passado dentro do banheiro, e o conduziu pelo corredor. Depois de percorrerem mais corredores sinuosos, chegaram ao centro da torre, onde havia uma ampla câmara circular, tão grande quanto o salão de bailes do castelo. Era ali que os prisioneiros ficavam mantidos. Guardas faziam suas rondas, andando em círculos em cada andar de celas, e corrimãos de pedra cercavam os andares mais altos e impediam uma possível queda. E, é claro, a prisioneira também estava lá.

Naquela câmara havia um incessante tique-taque. Sobre o infinito pilar de celas ficava o enorme relógio. Ele ocupava todo o teto, olhando para os prisioneiros como uma lua barulhenta.

Os gemidos e gritos dos prisioneiros deixavam Alfie agoniado. Ao vê-lo em seu disfarce de dueño, os prisioneiros agarravam as grades, imploravam perdão, salvação, até que um guarda berrava para ficarem quietos. Alfie desviou o olhar dos rostos sujos, desesperados. Sentiu Finn encostar em seu ombro. O guarda os conduziu pelo andar térreo de celas, passando por mais um emaranhado de corredores sinuosos e descendo por uma escadaria. Estavam no andar mais baixo da prisão, logo abaixo do primeiro andar de celas sob o relógio.

De repente o ar ficou úmido. O calor ardia ao rosto de Alfie como uma máscara. Ele ouviu o barulho de panelas e assadeiras.

O guarda os levou à cozinha da prisão, onde dueños mexiam o conteúdo de enormes tachos de comida para os prisioneiros. Alfie arqueou as sobrancelhas. Paloma tinha dito a ele que, para progredir na hierarquia, era preciso enfrentar anos de trabalho penoso, mas havia imaginado algo mais solene.

— Vou te deixar trabalhar — o guarda avisou, e virou para ir embora.

Alfie viu os dueños cozinhando em silêncio e distribuindo caldos densos, de aparência pouco apetitosa, em tigelas que os guardas levariam às celas.

— Já volto — Finn cochichou ao lado dele, e Alfie sentiu a respiração em seu rosto.

— Tome cuidado — ele murmurou. — E seja rápida. — Ela não devia demorar muito para distribuir os fogos, mas a preocupação ainda o incomodava. Já haviam perdido muito tempo com o velório e o descanso no banheiro. Quanto mais demorassem ali, mais tempo a magia teria para prejudicar seu povo. Ele e Finn tinham que ser mais rápidos que nunca para recuperar o tempo perdido.

Alfie esperou que ela exigisse os cinco pesos por ele ter pedido para ela tomar cuidado, mas não ouviu nada. Finn já havia se afastado.

Só então ele percebeu o quanto ansiava pelo som da voz dela contando uma piada — um som que fazia o rosto de Finn se iluminar em sua mente, mesmo quando estava escondida sob o manto.

O reencontro

COM A ESCURIDÃO SUSSURRANDO DENTRO DELE, ávida pela farta refeição que viria, Ignacio parou diante da ponte que passava sobre o fosso em ebulição da Torre do Relógio. Seu manto cinza tremulava com a brisa escaldante.

Os dois guardas posicionados na entrada da ponte se surpreenderam ao vê-lo, puxando suas lâminas da bainha.

— Diga a que veio! — disse um deles, agitando a lâmina. — Você não tem permissão...

Ignacio fez um movimento com a mão e o homem voou para trás, rolando pelo fosso como uma pedra antes de afundar na água fervente.

O outro guarda viu o companheiro agonizar e depois submergir em silêncio, com a boca cheia de água quente. O guarda largou a espada e ergueu os braços em sinal de rendição. Era jovem, não devia ter nem vinte anos. Ainda um garoto.

— Por favor, señor — ele suplicou. — Não quero problemas.

Ignacio se aproximou do guarda que tremia. Pegou-o pelo pescoço e o ergueu do chão. O garoto sufocava e chutava, com os olhos saltados enquanto se esforçava para respirar.

— Não importa se você quer problemas. O que importa é se os problemas querem você.

Ignacio contorceu os dedos e uma espiral de magia brotou na palma de sua mão. Ele a enfiou na garganta do rapaz e o viu convulsionar em suas mãos. Sua sombra se encolheu, os olhos ficaram pretos, depois ele ficou imóvel.

Ignacio o soltou e sentiu um pouco de poder retorcer em seu corpo. Soltou um longo suspiro ansioso. Havia tanta gente naquela prisão para alimentá-lo. Ele mal podia esperar.

Um batalhão de dez guardas atravessou a ponte correndo para prendê-lo, mas Ignacio agiu rapidamente, forçando sua magia garganta abaixo enquanto eles se debatiam e gemiam, para depois levantarem como uma extensão dele mesmo. Muitos eram fracos demais para o poder e se desmancharam, se tornando cinzas diante dos olhos de Ignacio. Mas boa parte dos guardas carregava a escuridão como se tivessem nascido para aquilo. Eles o encaravam, esperando seu comando. Ao vê-los, a magia no interior de Ignacio se agitava, desejando mais corpos para chamar de seus.

Juntos, ele e seus homens recém-transformados cruzaram a ponte. Quando chegaram às portas da prisão, Ignacio ergueu a mão e a ponte explodiu em um estouro de madeira e fumaça atrás deles. Ninguém sairia daquele lugar sem antes alimentá-lo.

O poder dos homens que ele havia acabado de infectar causava um formigamento em seu corpo, tornando seus sentidos mais aguçados. Quando tocou nos puxadores das enormes portas da prisão, sentiu o verniz que cobria a madeira. Sentiu os camundongos que corriam por túneis que haviam cavado nas paredes da prisão. Ele ouvia os gemidos e gritos dos prisioneiros no interior da torre, suplicando por perdão.

Suas preces logo seriam atendidas.

Ele segurou nas gigantescas portas de madeira escura. Eram como cortinas sob seus dedos, esperando serem abertas para derramar vitória sobre sua pele como a luz do sol. Ignacio as arrancou das dobradiças e as arremessou para trás.

Deu um passo para dentro da prisão úmida e parou. Quando seu pé tocou o chão, era como se estivesse se conectando com ele, como se cada tijolo fosse uma extensão de seu corpo. Uma percepção passou por sua consciência, como dedos acariciando cabelos, como uma aranha em sua teia.

Ela estava ali.

Em meio ao emaranhado de suor e aflição que ocupava a Torre do Relógio, ele podia sentir o cheiro dela no ar, como se estivesse parado em um campo feito dela, um campo pronto para uma colheita aguardada por muito tempo. Ele fechou os olhos e pôde ouvir o coração dela batendo em seu ritmo teimoso. Um ritmo que ele desejava controlar.

Um sorriso largo se abriu em seu rosto.

Corações sombrios, a magia lembrou. *Foco*.

Ignacio entrou na prisão.

— Vou atender seu desejo — ele disse, o sorriso aumentando.

Mas quem disse que ele não poderia satisfazer tanto a magia como a si mesmo?

A biblioteca

LUKA HAVIA RASGADO ACIDENTALMENTE a capa de couro de mais um livro. Soltou um suspiro irritado e deixou a cabeça cair sobre a mesa. O som ecoou pela biblioteca quase vazia do palácio.

— Que droga!

O dia todo, Luka vinha quebrando coisas a torto e a direito, deixando um rastro de destruição. Queria contar aquilo a Alfie, perguntar a ele o que significava, mas não parecia um bom momento para escrever no pergaminho que compartilhavam algo como: “Saudações, parece que eu ganhei um força sobre-humana desde que você salvou minha vida com a ajuda de uma magia sombria. Algum comentário a respeito?”. Ele não queria preocupar Alfie e, para dizer a verdade, estava com medo da resposta, com medo que aquilo significasse que um pouco da magia de Sombra vivia dentro dele, fortalecendo-o.

Pela manhã, havia quebrado a ampulheta e arrancado duas portas das dobradiças. À tarde, tinha quebrado um criado-mudo no quarto de Alfie, além de uma poltrona e um armário. Quando uma criada entrou com suas roupas passadas para o baile e viu a confusão que ele havia feito, Luka disse:

— Já entrou no seu quarto alguma vez e odiou todos os móveis?

No momento, enquanto pesquisava sobre Sombra na biblioteca como Alfie havia pedido, mais um livro sofria em suas mãos.

O silêncio da biblioteca lhe causava arrepios. Em qualquer outro dia, ele não se importaria com aquilo, mas naquele momento em que ele ansiava por barulhos,

caos e distrações para não ficar pensando em Alfie, a biblioteca silenciosa era o último lugar em que gostaria de estar. Mas o príncipe havia lhe pedido para tentar descobrir se Sombra tinha alguma fraqueza que pudesse ser explorada por ele e por Finn, então Luka solicitou que os empregados da biblioteca separassem todos os livros de mitologia castallana que houvesse ali.

Dois novos livros flutuaram das estantes atrás dele e foram parar na mesa de madeira escura, enviados por um dos bibliotecários que estavam trabalhando ali em vez de celebrar o festival como todo mundo. Os livros se abriram na frente dele, nas páginas referentes ao mito de Sombra. Luka conteve um suspiro de frustração enquanto lia. Os bibliotecários encontravam inúmeros livros sobre Sombra, todos eles extremamente inúteis. Nada que ele e Alfie já não tivessem ouvido antes. Era uma perda de tempo. A cada minuto que passava, seu temor pela vida de Alfie o consumia por dentro, deixando apenas uma casca de pânico no lugar.

Ele alcançou a caneca de chocolate quente com especiarias ao lado dos livros que havia empilhado. Quando chegara à biblioteca, uma criada havia perguntado se ele queria beber alguma coisa. Alfie nunca teria pedido chocolate quente com especiarias, achava doce demais. Mas Luka precisava de alguma coisa reconfortante para acalmar os nervos. Que se dane o gosto entediante de Alfie para bebidas. Ele fechou os olhos, e mergulhou no sabor adocicado.

— Príncipe Alfehr, quanto tempo — uma voz abafada soou ao lado de Luka.

Luka engasgou com o gole de chocolate quente ao ouvir aquele som repentino na biblioteca. Levantou os olhos e viu o professor que tinha dado aulas de história castallana para ele e para Alfie quando eram crianças. O senhor idoso se curvou e sorriu para Luka, revelando um labirinto de rugas no rosto. Era um homem gentil, mas suas aulas deixavam Luka com sono. É claro que ele estaria ali, na biblioteca, o cômodo mais tedioso de todo o palácio — e provavelmente de todo o reino.

— Olá, maestro Guillermo. Que bom ver o senhor.

— Fico feliz em saber que meu aluno preferido finalmente voltou para casa.

Luka quase revirou os olhos. Algum professor não considerava Alfie seu aluno preferido? Ele sentiu vontade de provocar Alfie, dizendo que todos os professores fantasiavam secretamente com ele. Mas Alfie não estava ali para ser provocado ou ridicularizado, nem para revirar os olhos e dizer que todos os professores tinham pesadelos com Luka. Seu coração afundou no peito ao pensar em Alfie e nas coisas perigosas que precisava fazer enquanto estava sentado ali, na segurança da biblioteca. Será que Alfie algum dia voltaria a ser chato na biblioteca? A ignorar as piadas de Luka enquanto virava irritado a página de um livro?

— Estou surpreso em vê-lo aqui a essa hora. Não devia estar se arrumando para o baile?

Luka olhou para o relógio da biblioteca e fez uma careta ao ver que horas eram. Ele realmente devia estar se aprontando, mas se vestir para o baile não parecia importante diante de tudo o que havia acontecido.

— Príncipe Alfehr, estás bien? — perguntou o maestro Guillermo com o rosto franzido de preocupação. — Parece agitado.

Luka forçou um sorriso.

— Só estou um pouco perdido em meus pensamentos. Estou pesquisando um pouco sobre mitologia castellana — Luka disse, tentando conjurar o entusiasmo genuíno de Alfie por tudo relacionado a livros. — É... fascinante.

Guillermo passou os olhos pelos livros e seus títulos.

— Ah, e não é qualquer mitologia. Seu conto preferido, e de Luka também, quando eram pequenos.

Luka conseguiu se conter antes de demonstrar surpresa com o som de seu nome. Olhou para o livro aberto e fez uma careta. “O nascimento do homem e da magia” com certeza não era mais seu conto preferido.

O senhor se aproximou e apontou para a página.

— Está vendo aquilo ali? — ele perguntou, indicando o final da história, quando Sombra era transformado em um mero esqueleto e seus ossos espalhados pelo mundo para que seu corpo nunca mais pudesse ficar completo. — Muitos estudiosos acreditam que é um erro.

Luka franziu a testa.

— Está dizendo que ele não foi transformado em um esqueleto quando foi separado de sua magia?

— Bem — disse o maestro Guillermo enquanto se sentava na cadeira de veludo ao lado de Luka, com os olhos brilhando de empolgação. — A maioria dos mitos foi passada de maneira oral por muito tempo até serem preservados na forma escrita. Você se lembra disso de nossas aulas, é claro. — Luka não se lembrava.

— É claro que sim — ele disse.

— Narrativas orais costumam mudar a cada vez que são contadas, e muitas vezes ganham aspectos absurdos. Discussões pequenas e irrelevantes se transformam em batalhas do bem contra o mal, cavalos se tornam dragões... É um tanto quanto fascin...

— Sim, é tudo muito fascinante — Luka disse depressa, esperando que Guillermo fosse direto ao ponto. Talvez o professor soubesse algo útil que pudesse ajudar Alfie. — Mas o que foi mudado nessa lenda, especificamente? O que os estudiosos acham que de fato aconteceu com o corpo de Sombra no conto original?

— Muitos dizem que, no conto original, quando Sombra foi separado de sua magia, seu corpo não se transformou em uma pilha de ossos, mas em pedra, em uma espécie de estátua. Depois a estátua foi quebrada em vários pedaços, que foram espalhados pelo mundo. Em narrativas orais, é comum trocarem uma palavra pela outra, principalmente quando a outra é mais coerente. Faz muito mais sentido um corpo se tornar uma pilha de ossos do que uma estátua de pedra. Então é compreensível que surjam trocas desse tipo, não acha?

Luka concordou com seu antigo professor, franzindo os lábios. Como se aquilo fosse útil. Mas talvez Guillermo soubesse a informação de que Alfie precisava. Talvez Luka só precisava perguntar.

— Maestro Guillermo, em seus estudos, já ouviu falar de Sombra ter alguma fraqueza? Vulnerabilidade? — Quando o professor o encarou com desconfiança, Luka acrescentou: — É só uma curiosidade.

O homem idoso franziu a testa.

— Não que eu saiba. Em todas as versões do conto ele parece praticamente invencível.

Luka desanimou.

— Sim, é claro.

— Afinal, ele é um deus. Deuses não costumam ter fraquezas.

Luka massageou as têmporas, resistindo ao ímpeto de bater com a testa na mesa.

— Certo.

— Mas são apenas histórias — Guillermo disse com uma risada. — Nada que deva ser levado a sério.

— Sí, não passam de contos — Luka afirmou, pegando o pergaminho na bolsa. Depois do que Alfie lhe havia dito, ele nunca mais acreditaria quando lhe dissessem que aquilo era apenas um conto ou uma história. E embora duvidasse que aquilo fosse o que Alfie queria ou precisava ouvir, provavelmente devia lhe contar o que o maestro Guillermo havia dito sobre Sombra ter sido transformado em pedra, e não em ossos, só por garantia. — Um momento, por favor. Só preciso anotar uma coisa.

Luka abriu o pergaminho, apoiando-o longe de Guillermo enquanto o homem folheava os livros que Luka estivera estudando.

Os pensamentos de Luka paralisaram quando viu o pergaminho. Estava salpicado de sangue. A caligrafia de seu melhor amigo parecia um garrancho, refletindo medo em cada traço.

Estamos bem, machucados, mas bem. Não se preocupe.

Luka procurou rapidamente a pena para escrever uma mensagem exigindo saber o que havia acontecido, mas seu antebraço esbarrou na caneca de chocolate quente, derramando o espesso líquido marrom-escuro no pergaminho encantado.

— Não! — Luka gritou enquanto tentava secar o chocolate com a manga da camisa.

Os bibliotecários que procuravam livros nas estantes se viraram para ele, com olhos arregalados. Um quase caiu da escada com o som repentino.

— *Secar!* — Luka gritou para o pergaminho. Ele sabia que o encanto não seria capaz de salvar a folha, mas precisava tentar. Uma coisa era usar o encanto de secagem em uma peça de tecido ensopada, material que ficava diferente, mas não estragava quando era molhado. Mas outra era usá-lo em um pedaço de pergaminho que já estava começando a se desintegrar. O pergaminho ficou um pouco mais seco, mas já havia esfarelado e quase virado um mingau.

— Está tudo bem mesmo, príncipe Alfehr? — Guillermo perguntou. Colocou a mão enrugada sobre o ombro de Luka, arregalando os olhos. — É só um pedaço de pergaminho, afinal.

Luka ficou olhando para o pergaminho ensopado e sua garganta foi se fechando de medo. Havia um canto dele que estava úmido, mas ainda servia para escrever, se Luka tivesse cuidado. Uma ponta permanecia intacta. Ele só tinha alguns segundos pra escrever uma última mensagem. O pergaminho estava se desintegrando e, assim que isso acontecesse, o encanto se quebraria. Não haveria como se comunicar com Alfie. Luka pegou a pena e escreveu cuidadosamente.

Sombra se transformou em pedra, não em ossos. Uma estátua.

Com letras apertadas e pequenas, a pena tremendo na mão, ele acrescentou ao pergaminho que se dissolvia: *tenha cuidado*.

Os fogos de artifício

O RELÓGIO GIGANTE SOBRE A CABEÇA DE FINN tiquetaqueava implacavelmente.

Ela se imaginou pulando até o alto e acertando um soco nele com seu punho envolto em pedra, estilhaçando o vidro e arrancando os ponteiros. Estava perto o suficiente para alcançá-lo se desse salto com impulso. Soprando um cacho de cabelo do rosto, Finn deixou aquele plano de lado e se concentrou no que tinha ido fazer. Ela posicionou o último par de explosivos encolhidos, que não eram maiores que seu dedo indicador, encostado na faixa de tijolos que separava duas celas. Os fogos de artifício eram minúsculos, mas assim que o príncipe os ativasse, causariam um belo estouro.

Quase meia hora antes, ela havia deixado o príncipe se recuperando na cozinha do porão e subido apressada por uma escadaria íngreme até o andar térreo daquela torre úmida. Ali, andares ocupados por celas de prisão se empilhavam debaixo do odioso relógio. Depois de posicionar fardos de fogos de artifício com cuidado em cada um dos andares, ela finalmente havia chegado ao mais alto. O suor pingava de suas têmporas, suas pernas ardiam depois de ter subido todos os intermináveis lances de escada.

Espalhar explosivos por uma prisão inteira devia ter sido mais divertido, mas, enquanto andava pela Torre do Relógio, Finn só conseguia pensar no príncipe. Era mais porque sentia inveja, ela tinha certeza. Afinal, ele esperava por ela oito andares abaixo, parado e tranquilo, em vez de ter que subir lance após lance de

escadas correndo e suando. Ela apostava que havia um lugar para tomar água fresca na cozinha, também.

— Pendejo sortudo — ela murmurou.

Mas a inveja murchou com a lembrança de como ele cambaleara, de como a sombra dele estava perdendo tons como uma árvore perdia folhas no outono, ficando exposta e vulnerável. Por quanto tempo ele resistiria?

Finn ficou surpresa com aquele pensamento. Quando ela tinha começado a se importar com o príncipe? Tudo aquilo era culpa dele, de qualquer forma; então, e daí se ele morresse? Embora aquele pensamento já tivesse passado pela superfície de sua mente antes e sumido sem causar alarde, agora parecia que não pertencia mais àquele lugar.

Aquele pensamento renegado deu vazão a outros, como ondas se quebrando na praia em uma fúria de espuma e sal. Finn se lembrou da preocupação no rosto dele quando lhe entregara o dragão. Ele havia mordido a parte interna da bochecha e inclinado a cabeça quando os dentes encontraram algo com que se ocupar. O príncipe sentia muita coisa, com muita frequência, e embora tentasse manter tudo trancado dentro de si, sempre revelava seus sentimentos em seu rosto — em uma sobrancelha arqueada, um rubor que subia de seu pescoço, na suave reentrância na bochecha ao mordê-la. Pouco antes de o dragão deslizar da mão dele para a dela, ele havia sussurrado alguma coisa, movendo os lábios como se estivesse rezando. E ela sabia, sem ter ouvido, que ele pedira pela segurança dela.

Finn tirou o príncipe da cabeça e se concentrou na tarefa que precisava executar. Ela precisava voltar até onde o príncipe estava para que conseguissem chegar à cela da prisioneira antes de estourar os fogos de artifício.

Finn deu meia-volta e já ia correr para as escadas do outro lado do andar quando escorregou em uma poça e caiu de costas.

Por um instante, viu estrelas. Quando sua visão clareou viu um guarda em pé na frente dela. No começo, não entrou em pânico; estava usando o manto, afinal. Ele não conseguia vê-la.

Mas ele olhava direto para ela. Finn se moveu suavemente para a esquerda e os

olhos dele a acompanharam. Ela se moveu para a direita e o olhar dele foi junto. Como?

Levou as mãos à cabeça e sentiu apenas cabelo, e não o capuz. Quando caiu, o capuz tinha escorregado de sua cabeça. Ela estava visível. O pânico reverberou por seu corpo, como se uma corda de violão bem esticada tivesse sido puxada dentro dela.

Foi descoberta.

— Deuses — o guarda disse —, de onde você saiu, garota?

Quando Finn desembainhou uma adaga do cinto, o guarda sorriu para ela e levantou sua enorme espada.

Ele se abaixou, apoiando as mãos nos joelhos como se conversasse com uma criança.

— O que uma coisinha como você vai fazer com uma merda dessas?

Finn o encarou antes de fincar a adaga em sua bota, perfurando até o pé. O homem gritava enquanto ela apoiava seu peso na adaga.

— Você devia saber que não se deve subestimar ninguém pelo tamanho — ela rosnou antes de torcer a lâmina.

O homem urrou mais uma vez e tentou acertá-la com a espada. Ela se esquivou, puxando a adaga do pé dele e acertando um soco em seu nariz com a mesma mão. O homem cambaleou para trás e se chocou com as grades de uma cela. O prisioneiro dentro dela o agarrou, prendendo-o rapidamente contra as grades. Os outros detentos começaram a comemorar e apontar.

O prisioneiro que estrangulava o guarda gritou:

— Me solte, muchacha! Solte todo mundo!

De repente, um cântico começou dentro das celas, e ficava cada vez mais alto conforme mais prisioneiros se juntavam ao coro.

— SOLTE A GENTE! SOLTE A GENTE!

Os quatro guardas do outro lado do andar correram na direção dela. Os que estavam nos andares inferiores apontavam para ela, apoiando-se nos corrimãos para ter uma visão melhor.

— SOLTE A GENTE! SOLTE A GENTE!

Os guardas a cercavam pelos dois lados do andar circular. Mesmo que vestisse o capuz, não conseguiria fugir sem trombar com eles. Ela precisava de uma distração. Algo grande.

O dragão esquentou o peito dela, pulsando como se fosse um segundo coração.

Todos os fogos de artifício que ela havia colocado estouraram com estrondos ensurdecedores, preenchendo a torre com explosões coloridas.

Alfie estava em pé do lado de uma das muitas pias da cozinha, enxugando tigelas que tinham acabado de ser lavadas.

Finn estava certa. Fazer uma pausa na cozinha enquanto ela armava os fogos de artifício havia melhorado sua visão embaçada. A cabeça dele ainda doía, mas com uma dor fraca, e não lancinante. Apesar disso ele não conseguia parar de pensar se Finn estava bem. Ele havia sido deixado com os outros dueños na cozinha por mais tempo do que esperava. Ela já não devia ter voltado? Por outro lado, Finn estava distribuindo fogos de artifício em todos os oito andares da torre central acima. Não era uma tarefa fácil.

Alfie largou o pano de prato e segurou as pontas das longas mangas de sua túnica de dueño entre os dedos. Ele olhou para o teto de pedra da cozinha e imaginou Finn no topo da torre, embaixo daquele relógio enlouquecedor, oito andares acima dele. Alfie desejou ser capaz de se transformar em fumaça e flutuar através dos andares até ficar suspenso ao lado dela como um fantasma.

Alfie suspirou, curvando-se para a frente enquanto a dor fluía por seu corpo em ondas crescentes. Rangendo os dentes, apoiou-se na pia. Por que havia voltado a sentir dor se não estava usando aquela magia? Seria apenas um eco da última vez em que havia recorrido a ela?

Estalos barulhentos e assobios de fogos de artifício reverberaram, vindo de cima da cozinha.

Alfie ficou paralisado. Os dueños pararam de trabalhar e olharam uns para os outros, preocupados.

— Droga — Alfie praguejou em voz baixa. Como ela pôde ter sido tão idiota? Aquele pensamento surgiu por acaso em sua cabeça, incorreto. Finn era imprudente, mas também era uma criminosa habilidosa que provavelmente seria capaz de acertar uma pequena mosca com uma de suas adagas. Não era do feitio dela cometer um erro daqueles.

Ela tinha disparado os fogos de artifício porque estava em perigo? Será que precisava de ajuda?

Alfie ficou imóvel, sem saber o que fazer. Será que devia usar a distração, como planejaram, e ir atrás de Xiomara naquele momento ou tentar encontrar Finn para ter certeza de que ela estava bem?

Enquanto os dueños começavam a chamar pelos guardas, Alfie correu para fora da cozinha, decidido. Se a distração estava acontecendo naquele instante, ele precisava chegar à cela de Xiomara. Finn era esperta o suficiente para saber que deveria encontrá-lo lá. Ele se preocupava com ela, mas aquilo não podia superar a preocupação que tinha com o futuro de seu reino. Não havia escolha, ele disse a si mesmo. Ainda assim, parte dele sofria com a ideia de estar fazendo a escolha errada.

O abafado corredor que se seguia à cozinha estava vazio, provavelmente porque nenhum guarda queria passar o dia perto do calor sufocante. Ele estava no andar térreo da prisão, e quanto mais perigoso o criminoso, mais alto o andar em que ele era confinado — a cela de Xiomara era no último. Como ele chegaria lá antes que os fogos de artifício acabassem e os guardas voltassem a seus postos?

Então encontrou uma solução. Uma solução arriscada, mas, que serviria.

A magia era fluida, sempre tinha sido assim. Por isso, quando ele havia dito as palavras de uma cantiga no lugar das palavras de uma magia de cura, aquilo havia sido suficiente para curar Finn. Foi a força da lembrança de sua mãe cantando para ele quando estava machucado que fez a magia funcionar. Ele tinha lembranças bem intensas do corredor que levava à cela da prisioneira, onde Paloma o havia

detido. As memórias eram marcantes porque eram dolorosas. Ele havia jogado uma de suas maiores mentoras contra a parede, como um monstro.

Ele conseguia lembrar com tanta clareza que era como se estivesse parado naquele corredor de novo, com os punhos trêmulos ao lado do corpo. O guarda que Alfie havia subornado para ajudá-lo a entrar escondido o havia conduzido por intermináveis lances de escada.

Quando Alfie finalmente chegou à porta da cela da prisioneira, onde apenas uma placa de madeira o separava da mulher que havia tirado a vida de seu irmão, Paloma estava à sua espera. O coração de Alfie havia saltado no peito com aquela visão. Ele tinha sido tão cuidadoso. Como ela podia ter descoberto seus planos? Então, uma onda de raiva tomou o lugar da surpresa. Como ela podia ficar em seu caminho quando ele precisava tanto daquilo?

Logo que seus olhares se cruzaram, Alfie se sentiu imundo de vergonha. O que estava fazendo? Aonde chegaria com aquilo? Com um gesto de Paloma, o guarda saiu apressado, sem mais implorar para que ela não o denunciasse por ter ajudado um príncipe entrar ali às escondidas. Então houve apenas silêncio entre o príncipe e sua mentora.

— Me deixe passar — Alfie havia exigido, mas, por trás de sua determinação ferrenha, sentiu uma ponta de hesitação.

— Se estiver aqui por qualquer motivo que não seja vingança, sairei do seu caminho — Paloma havia dito com gentileza, colocando as mãos nos ombros de Alfie. Alfie se retraiu ao seu toque.

— Sou seu príncipe. Não pode me dar ultimatos. Me deixe passar. — Alfie caminhou na direção da porta, mas Paloma não se moveu.

— É verdade, mas também é meu aluno. E o primeiro dever de uma professora é proteger seus alunos. — O olhar dela ficou mais suave. — Mesmo que seja deles mesmos.

Alfie a segurou pela túnica, empurrou-a para trás e jogou-a contra a porta.

— Poderia obrigá-la a me deixar passar — ele se pegou dizendo. Foi como se outra pessoa estivesse em seu corpo. Alguém com uma raiva fervorosa. Alguém que ele nunca quis ser.

— Poderia — Paloma disse —, mas conheço você muito bem. Sei a diferença entre “poderia” e “vou”. Essas palavras revelam a diferença entre um homem bom e um mau. Entre a luz e a escuridão. Eu sei a qual delas você recorre.

Alfie lentamente soltou sua professora e deu um soco na parede de pedra ao lado da porta, de forma que os ossos de seus dedos reverberaram por baixo da pele. Ele apertou os olhos com a palma das mãos. Por que não conseguia se agarrar à sua raiva? Por que era influenciado com tanta facilidade? Por que não conseguia fazer o que precisava ser feito para vingar Dez?

Por que era tão fraco?

A voz de Paloma surgiu novamente, gentil.

— Não posso te impedir de encontrar o que quer que busque aqui. — Ela se afastou da porta, concedendo a ele um caminho livre até o monstro do outro lado, e Alfie se inflamou com a necessidade de arrebentar a porta e liberar toda sua raiva. — Faça o que deve fazer, e vou esperar por você aqui, para quando estiver pronto para voltar para casa.

A palavra casa era o que o havia feito desmoronar. Seus ombros caíram. As mãos se afastaram do rosto, e toda a raiva que vinha alimentando dentro de si murchou. De que servia matar aquela garota a não ser para provar que ele sentia tanta falta do irmão que estava enlouquecendo? Ela já tinha plena consciência daquilo. Embora odiasse a si mesmo por isso, ele só queria ir para casa.

Quando Paloma segurou seu braço, Alfie a deixou levá-lo embora dali.

Ele teria que usar aquela lembrança para viajar até a cela de Xiomara.

Usar aquela magia arriscada para viajar uma vasta distância podia ser como pedir para morrer, mas já que ele ia se transportar de uma parte da prisão para outra, talvez sobrevivesse.

Se chegasse à cela de Xiomara, não ia encontrar Paloma para detê-lo. Ele não tinha ido em busca de vingança, mas se perguntava se seria capaz de impedir a si mesmo de se vingar. E se aquela magia arriscada funcionasse, o que faria se houvesse guardas vagando pelo corredor da cela da prisioneira? Ele não tinha uma

escolta para se certificar de que o corredor estava vazio, nem um manto da invisibilidade. O que ia fazer se o encontrassem? E com a sombra se apagando, teria forças ao menos para fazer aquilo?

Alfie entrou em outro corredor e encontrou um pequeno quarto. Ele entrou, trancou a porta e se apoiou nela. Ele ia se arriscar. Ia tentar viajar com a força da memória e torceria para ser capaz de fingir ser um dueño perdido se fosse pego.

Ele tirou a maçaneta da túnica e a arremessou. Ela balançou antes de afundar na parede. Alfie pensou naquele dia, em Paloma e na porta daquela cela. Em sua raiva, seu desespero.

— *Voy* — ele disse.

Por um momento demorado, nada aconteceu. Ele não sentiu mudanças na magia. Então a maçaneta se iluminou e brilhou. Alfie girou a maçaneta e a porta deu lugar aos fios de magia que ele conhecia tão bem.

A magia o puxou para dentro e o jogou dolorosamente de um lado para o outro, para depois cuspi-lo no exato lugar em que queria estar: o corredor solitário com apenas uma porta. Ele aterrissou brutalmente de joelhos sobre o chão de pedra. A exaustão tomou conta de seu corpo. Seu rosto formigava. Ele teve mais um acesso de tosse e seu sangue respingou no chão. O medo o fazia tremer enquanto limpava a boca com as costas da mão. O transporte tinha sido demais para ele naquele estado.

É assim que isso *termina?*, era a única coisa que conseguia pensar.

Então ele se lembrou de Luka lhe entregando aquele saquinho. Alfie enfiou a mão no bolso e tirou um frasco da poção de cura. Ele arrancou a rolha com os dentes e bebeu o líquido brilhante em um só gole. Um formigamento reconfortante desceu por seu corpo, um pequeno acréscimo de energia do qual ele precisava desesperadamente. Ele quis beber o outro frasco, mas Finn poderia precisar dele. Se a encontrasse de novo.

Alfie se forçou a levantar e se encostou na parede, o corpo agonizando só por estar de pé. Ele rangeu os dentes e deixou a dor de lado. Tinha que tirar aquela

garota da prisão e dar um basta naquela magia obscura. Alfie deu um passo cambaleante para a frente. O corredor estava estranhamente silencioso. Como foi que os fogos de artifício pararam tão rápido? Alguma coisa havia dado errado. Ele sabia, no fundo da alma, que o que quer que tivesse acontecido, não era só um acidente estúpido com os fogos. Finn devia estar encrencada. Mas ele teria tempo para procurá-la quando já estava tão perto da porta de Xiomara? Seria outra escolha egoísta ir atrás dela em vez de seguir com o plano?

Os pensamentos conflitantes de Alfie se silenciaram quando ele sentiu um estranho calor vindo do bolso de sua túnica de dueño, uma umidade quente. Ele enfiou a mão em seu manto e tirou o rolo de pergaminho, mas ele estava encharcado com um líquido grudento e doce.

Chocolate com especiarias. O favorito de Luka. Ele devia ter derramado. O coração de Alfie afundou no peito. O pergaminho virou uma meleca empapada e Alfie sabia que estava além de qualquer reparo — o encanto tinha sido quebrado. Ele e Luka não conseguiriam mais usar o pergaminho para se comunicar. Mas um dos cantos estava apenas úmido, ainda não tão encharcado a ponto de ser impossível de escrever nele. Luka devia ter rabiscado uma nota no último minuto, antes do encanto ser desfeito. Era sua mensagem final.

Sombra se transformou em pedra, não em ossos. Uma estátua. Tenha cuidado.

Alfie ficou olhando fixamente para as palavras que Luka havia rabiscado em um pedaço de pergaminho que não era maior que seu dedo. Sombra tinha virado pedra? O que isso importaria para deter Ignacio?

— Você aí! Muchacho! — um guarda gritou atrás dele, derrubando a bandeja de comida que levava a um prisioneiro. — O que está fazendo aqui?

Alfie pôs as mãos no rosto rapidamente. Não havia mais rugas, apenas uma pele lisa e as feições que reconhecia como sendo suas. Ele havia perdido a magia de Finn depois de ter se transportado.

O guarda corria na direção dele, levando a mão ao facão que trazia na cintura.

Alfie levantou a mão e berrou:

— *Parar!*

A coluna do guarda ficou rígida. Seu corpo ficou imóvel e caiu no chão, duro como uma tábua. Alfie levantou e passou por cima do corpo do guarda.

— Desculpe — ele murmurou, com a voz enrouquecida pela dor. Mas não havia tempo para se sentir culpado.

Alfie andou até a porta. Na Torre do Relógio, a magia dos prisioneiros era abafada e bloqueada, de forma que não era preciso tomar precauções extremas para mantê-los presos ali. A porta da cela era simples. Feita de madeira com uma tranca resistente, mas fácil de abrir com feitiços. Pelo menos para qualquer um que fosse fluente na linguagem da magia.

Alfie parou na frente da porta da cela de Xiomara. As mãos dele tremiam e ele não conseguia evitar levá-las à garrafa que trazia na cintura. Ele sentia a fúria borbulhando dentro de si, revirando seu estômago como uma fera que rugia por sua liberdade. Ele não queria sentir aquilo, não queria se render àquele sentimento mais uma vez. A tequila fresca na garrafa suavizaria as pontas afiadas de sua dor. Ele só precisava tomar um gole. Apenas um. Ele pegou a garrafa e desenroscou a tampa, levando-a aos lábios sujos de sangue. O aroma acre caiu sobre ele com a suavidade reconfortante de um cobertor.

Mas antes que bebesse a tequila, uma voz ríspida ecoou em sua mente.

Quem você é quando está com raiva ainda é você. Não precisa ser tudo o que você é, mas é uma parte de você do mesmo jeito. Negar isso dá no mesmo que negar todo seu maldito ser e acabar com tudo de uma vez.

Ele não conseguia se lembrar de ter aberto uma porta e convidado a ladra a entrar, mas de alguma forma ela havia se acomodado em sua mente e feito dela um lar. Com o rosto dela bem vivo na cabeça, Alfie afastou a garrafa do nariz. Com a mão trêmula, colocou-a de volta no cinto.

Durante meses, ele havia se dividido entre a raiva e o desejo de vingança, e a força oposta que lhe implorava para que se libertasse daquela raiva, para que

seguisse em frente. Cada sentimento vinha com um tipo de vergonha que fazia com que a garrafa fosse a seus lábios silenciar tudo. A bebida atenuava aquele conflito interior, envolvendo sua mente em um torpor que deixava de lado as conjecturas sobre qual parte dele estava certa ou errada. Mas ele não ia viver mais daquele jeito.

Ele era um garoto que havia deixado a própria raiva o consumir e atacado sua própria mentora, e era um garoto que havia visto a mãe de Marco Zelas de luto com a dor da empatia no peito. Esses pedaços irregulares batalhavam dentro dele todos os dias, mas ao mesmo tempo eram o que o formavam, e ele precisava de si por inteiro para enfrentar aquele momento.

O medo percorreu seu corpo ao pensar em ficar sozinho com aquela garota, sem ninguém para evitar que cedesse a uma parte de si que o assustava tanto. Finn tinha dito que estaria ali para avisá-lo quando estivesse prestes a passar dos limites, mas Alfie não fazia ideia de onde ela estava no momento.

Mas, pensando bem, não havia sido exatamente aquilo que ela tinha dito.

Se isso acontecer, vou te avisar e você decide se vai recuar ou seguir em frente, mas não posso te impedir.

A decisão seria dele de qualquer jeito. Ele não dependeria de nenhuma bebida ou de ninguém para se responsabilizar. Teria que confiar que a pessoa que era seria o bastante para resistir àquilo.

Alfie respirou, trêmulo, e se apoiou na porta para reunir forças. Então, pressionou a palma da mão contra a fechadura.

— *Abrir.*

— Coño! — Finn praguejou enquanto os fogos de artifício explodiam ao seu redor em uma chuva de cores e faíscas.

Os guardas observavam desconcertados enquanto um gigantesco fogo de artifício na forma do grande pássaro da bandeira de Castallan sobrevoava suas cabeças, deixando um rastro com suas asas vermelhas flamejantes. Dragões e outras

feras mitológicas brilhavam no ar. Com um grito, Finn esquivou-se de uma estrela cadente com cauda de arco-íris brilhante. Ela atingiu um guarda no estômago, jogando-o por cima da grade de proteção, fazendo-o cair dez andares.

Os prisioneiros zombavam dos guardas de dentro das celas, enquanto os homens corriam em pânico, berrando ordens que não eram cumpridas.

Como aquilo tinha acontecido?

O dragão pulsou mais uma vez contra o peito dela, como se respondesse à pergunta.

A voz do príncipe surgiu na cabeça dela, baixa, preocupada e confusa. *Essa magia, não é como a magia normal... Ela ouve. Ou pelo menos me ouviu.*

Fazia sentido que o ouvisse. Ele havia confinado a maldita coisa lá, afinal. E ele tinha aquele *proprio* esquisito que fazia aquele lance com a cor da magia. Mas por que razão a magia a ouviria?

— Ele vai me matar — ela murmurou enquanto se agachava para desviar de um fogo de artifício amarelo. Ela deveria voltar para onde ele estava, e depois disparariam os fogos de artifício juntos, quando estivessem perto da cela da prisioneira, não naquele momento, quando estavam a oito andares de distância um do outro. Naquele ritmo, os fogos de artifício não durariam nem até ela chegar ao príncipe, que dirá até chegarem à cela de Xiomara. Sem os fogos como distração, como tirariam a garota da cela sem chamar atenção? Precisavam dela para ao menos terem uma chance de se livrarem da magia obscura.

— *Merda* — Finn praguejou de novo enquanto um guarda passava por ela gritando, com as calças em chamas por causa dos fogos.

Então, de repente, tudo parou.

Os fogos de artifício, como flechas flamejantes de seda colorida, congelaram onde estavam. Os guardas e prisioneiros também. O relógio ficou em silêncio.

O ar ficou preso nos pulmões dela como se eles tivessem sido fechados com uma costura. Ela soube antes que o homem falasse que ele estava ali, para reivindicá-la mais uma vez.

— Pequena camaleoa — chamou Ignacio lá de baixo.

Algo dentro dela, que ele havia quebrado muito tempo antes, se estilhaçou em pedaços ainda menores, moído até virar pó. Sempre tinha sido assim que se sentira quando ele a encontrava, como se parte dela estivesse se esmigalhando ainda mais. Com um nó na garganta, Finn olhou para baixo por sobre a grade de proteção. Ali, no andar térreo, Ignacio sorria para ela.

— Sabia que nossos caminhos se cruzariam de novo — ele disse. Sua voz era um sussurro, mas ecoava por toda a torre, como se pássaros rodopiassem no ar carregando suas palavras. Ela podia ouvir o sorriso mordaz na voz dele, os dentes arreganhados de um predador que se aproxima de uma presa ferida. Ignacio ergueu a mão e então flutuou pelo centro da torre circular para encontrá-la. Ela não conseguia se mover, nem respirar. Ele parou, suspenso à frente dela, e agarrou a grade de proteção, com os olhos pretos como nunca.

— Por que está aqui? — ela vociferou. — Você me seguiu? Por que não me deixa em paz? — Ela odiou o tremor em sua voz. Sempre que ele estava por perto ela voltava a soar como uma criança.

— Não estou aqui por sua causa, Finny. Embora esta seja uma agradável coincidência. — Ele se inclinou para a frente, suplicante. — Volte para casa comigo. Você não percebe? Juntos, com este poder na ponta dos meus dedos, o mundo inteiro será nosso. O que você viu com as amarras, foi só o começo. Aquilo aconteceu quando eu só havia infectado homens fracos. Mas agora, com todos os homens da prisão ao meu dispor, terei um exército de soldados, homens sombrios e fortes o bastante para não se desfazerem em cinzas. A magia florescerá e meu poder será multiplicado. Logo serei poderoso o bastante para tomar o que pertence a mim. Assim que conseguir, vou despertar um poder adormecido, Finn, um deus que vai tomar o mundo e o refará à sua própria imagem, e ele vai me honrar por tudo o que fiz por ele. Eu perdoo você por aquela bobagem na Borda. Venha, caminhe em direção ao nosso futuro, Mija. Vamos acordar o deus e reinar com ele para todo o sempre.

Finn rangeu os dentes e afastou de si aquela mão cheia de veias negras.

— O único futuro em que estou interessada é aquele em que você está morto, com os abutres limpando sua carcaça.

O olhar de Ignacio endureceu, perdendo todo o afeto paternal. Um silêncio caiu entre os dois. Com um movimento rápido, a mão dele estalou no rosto dela, um tapa que fez sua cabeça tombar para o lado, apenas para que ele a segurasse pelos punhos, com as unhas negras afundando na pele dela. Ele a puxou e chegou tão perto que sua respiração podia tocar o nariz dela.

— Devia ter deixado você se tornar um nada com aqueles seus pais imbecis.

Finn ficou paralisada, com o corpo fraco.

Ignacio a encontrara dias depois de seus pais terem sido assassinados. Ele não sabia nada a respeito deles. Ela não deixaria que ele compromettesse as poucas lembranças que tinha dos dois falando como se os conhecesse.

— Você não tem dignidade nenhuma para falar dos meus pais — Finn rosnou. — O que sabe sobre eles? Estavam mortos antes de você me encontrar. Se estivessem vivos, eu nunca teria ficado desesperada o bastante para permitir que você me acolhesse.

— Como sempre, você está tão cheia de si, tão certa sobre o que pensa que sabe. — Ele apertou dolorosamente os punhos dela e Finn se recusou a tremer. — Seus pais estavam mortos no dia em que acolhi você, é verdade, mas não foi naquela noite que decidi que você seria minha. Eu estava lá quando você matou aquela garotinha por causa de um pão, Finn — ele disse, com os olhos iluminados. — Vi sua sombra se mexendo, igual à minha. Vi como pegou o que precisava e deixou o corpo dela no beco. Soube naquela hora que você teria que ser minha, não importava o custo — ele disse, dando de ombros. — Nem posso dizer que seus pais foram difíceis de matar.

O sangue de Finn pareceu parar de correr pelas suas veias, o corpo dela ficou imóvel com as palavras dele, com a lembrança daquela noite. A memória se desenrolou em sua mente, como um pedaço de seda manchada de sangue.

Finn estava com fome, tanta fome, e, embora tentassem disfarçar, sabia que sua mãe e seu pai pulavam refeições para que ela comesse o pouco que tinham. As bochechas de sua mãe começaram a afundar, formando ângulos retos no rosto que antes era arredondado, e Finn havia decidido que tinha que ajudar, fazer o que pudesse por eles.

Ela não pretendia matar a garota enquanto brigavam pelo solitário pão queimado no lixo do lado de fora de uma padaria, mas tinha acontecido. Ela lembrou das unhas lascadas da menina afundando em sua pele enquanto Finn a empurrava pelos ombros. Mais rápido que um piscar de olhos, já tinha acabado, e Finn se viu sobre o cadáver da menina, segurando o pão com suas mãos trêmulas.

Ela foi para casa, com o pão sujo de terra, os olhos inchados. Quando entregara o pão para sua mãe, ela se ajoelhou na frente de Finn, com um olhar preocupado.

— Finn — ela perguntou. E quando Finn se recusou a olhar para ela, sua mãe segurou seu queixo e levantou seu rosto com cuidado. — Você roubou isto?

Ela não tinha roubado, tinha feito algo pior, mas não conseguia contar. Quando Finn permaneceu em silêncio, sua mãe suspirou, afastando a mão quente do rosto de Finn.

— Nada bom pode vir disso, oíste? Coisas ruins acontecem a pessoas que fazem coisas ruins e não vou deixar que aconteçam com você — ela disse, endurecendo seu tom de voz com a advertência. — Vamos dar um jeito. Nunca mais faça isso.

Finn concordou balançando a cabeça de forma solene.

— Sim, mamá.

Então sua mãe a tomou nos braços e deu um beijo em sua testa.

Quando sua mãe reparou que um pedaço do pão estava manchado de vermelho, ficou paralisada por um instante antes de tirar com cuidado aquele pedaço e torrar o restante para o jantar. Apenas alguns dias depois daquela noite terrível, seus pais foram encontrados com a garganta cortada, e a vida de Finn mudou para sempre.

No fim das contas, a mãe dela estava certa: coisas ruins aconteciam mesmo a pessoas que faziam coisas ruins. Ignacio a havia visto, havia enxergado a si mesmo refletido nela, e os pais dela sofreram as consequências.

— Você. — Ela sabia que a palavra tinha saído da própria boca, mas era como se ela existisse em um lugar fora de seu corpo, em um lugar de torpor absoluto, um intervalo antes que a raiva crescesse e quebrasse dentro dela como uma onda. — Você os matou.

— Matei — ele confessou. — Queria uma filha para mim, com um *propio* como eu, e achei que você era digna, então primeiro cortei a garganta de seu papá. Enquanto ele sufocava com o próprio sangue, sua mamã me implorou que a poupasse, pelo bem da filha dela. — Ele empinou o queixo, como se tivesse contado uma piada inteligente. — Como poderiam saber o desperdício que você seria? Como você não chegaria a lugar nenhum... Fiz um favor a eles quando os sangrei como porcos.

Finn rangia os dentes com tanta força que temia que se despedaçassem sob a pressão. A raiva queimava suas entranhas e seus olhos ardiam. Com ele à sua frente, seus lábios formando um sorriso presunçoso, a fúria de Finn ficou tão poderosa que soprou para longe a tristeza, cauterizou as feridas no coração dela até que cicatrizassem completamente. Ela precisava matá-lo. Precisava sentir a vida deixando o corpo dele e escorrendo por seus dedos.

Ela se soltou das mãos de Ignacio e tentou agarrá-lo pelo pescoço, para quebrá-lo com as próprias mãos. Estava furiosa demais para pensar em fazê-lo sofrer. Com raiva demais para pensar em saborear o momento. Mas Ignacio apenas segurou os punhos dela uma vez mais, com um sorriso enquanto fincava as unhas em sua pele.

— Aí está você — Ignacio disse, com os olhos sedentos analisando o rosto dela. — Esta é minha garota. A assassina. Você achou mesmo que poderia simplesmente seguir em frente e se tornar outra pessoa? Não pode mudar quem você é, Finn. E, mesmo que pudesse, quem além de mim a aceitaria depois de tudo o que você fez? Quem aceitaria uma assassina? Quem acreditaria que você é capaz de ser qualquer outra coisa?

Por um momento, Finn hesitou. Com ele à sua frente, não queria ser nada além de uma assassina. E ele estava certo. Quem acreditaria que ela seria capaz de ser qualquer outra coisa?

Mas ela sabia a resposta para aquela pergunta, não sabia?

“Acreditei em você quando disse isso e acredito agora, mesmo que você mesma não acredite”, o príncipe lhe havia dito, com seus olhos dourados sinceros e verdadeiros.

Se ele acreditava, por que ela não acreditaria?

— Uma pessoa vai acreditar — Finn disse. — E vou encontrar outras. Nada vai me fazer voltar para você. — Ela segurou o dragão contra o peito e ele vibrou na palma de sua mão. — Prefiro ver o mundo em chamas antes disso.

— Que seja — Ignacio cuspiu. Ele soltou os punhos dela, que sangravam, e flutuou para longe da grade, até chegar ao centro da abertura circular embaixo do relógio. Com um gesto, os fogos de artifício voltaram a explodir no ar, fazendo chover brasas coloridas para todos os lados. Finn cobriu o rosto com as mãos para se proteger. As brasas afundaram em seus antebraços como pequenos dentes incandescentes.

A chuva de cores pintou Ignacio com uma luz berrante, dando vida à fúria que queimava no olhar dele.

— Se quer ver o mundo em chamas, vou incendiá-lo para você.

Finn afastou os braços ensanguentados do rosto, mal se dando conta da dor das queimaduras.

— Você pediu pela própria morte no dia em que pôs as mãos na minha família. — As palavras retorceram seus lábios e, por um momento, ela não conseguia pensar em nada além das palavras da mãe. *Coisas ruins acontecem a pessoas que fazem coisas ruins*. Finn se certificaria de que Ignacio aprenderia a verdade daquelas palavras. — Eu vou te matar.

Ele apenas olhou para ela, entretido.

— Adeus, Finn. — Com um estalo de dedos a vida voltou a fluir na prisão. Guardas gritavam e corriam enquanto os fogos de artifício caíam, derramando-se sobre eles como uma nevasca flamejante. Os prisioneiros faziam piada de dentro das celas e, no meio daquilo tudo, Ignacio flutuava como um anjo da morte preparando sua foice. Finn queria correr, queria se afundar no chão, mas não conseguia sair do lugar. Nunca conseguia quando ele olhava para ela daquele jeito, como se uma punição rápida e severa estivesse crescendo dentro dele, uma punição que ela merecia.

Ele ergueu o punho. Um nó de magia obscura se formou sobre a cabeça deles. Tanto os guardas quanto os prisioneiros pararam para assistir, finalmente percebendo a presença de Ignacio no centro do caos. Ele esticou os dedos e a magia avançou na forma de incontáveis filetes.

— Tome todos os corpos adequados à nossa causa — Ignacio disse, ainda encarando Finn.

As correntes de escuridão mergulharam na boca dos guardas e serpearam entre as barras para tomar para si os prisioneiros trancafiados ali. Finn e os dois guardas que tinham tentado prendê-la instantes antes ficaram paralisados, observando enquanto a magia obscura se desviava deles para infectar os demais. A magia passou rápido por eles e por alguns prisioneiros, como se torcesse o nariz. Finn nunca havia ficado tão feliz por ser esnobada. A prisão dava lugar aos gritos dos infectados e a magia obscura entrava à força pela garganta deles até chegar a seus corações.

Por um instante, a prisão ficou calma, à beira do completo caos assim que os fogos de artifício desapareceram, cobrindo o chão de brasas fumegantes. Finn só conseguia ter a esperança de que, se ficasse em silêncio, quieta o bastante, a prisão não cairia em calamidade.

Ignacio olhou de cima para sua legião de soldados infectados. Seus lábios abriram lentamente para revelar os dentes cerrados.

— Matem todos aqueles incapazes de abrigar a escuridão. — Ele encarou Finn nos olhos. — *Todos.*

O guarda segurado por um prisioneiro com os olhos pretos soltou um ganido:

— Me ajude, por favor!

Finn se virou para olhar. A súplica era tão lamentável que ela sacou a mesma adaga que havia fincado no pé dele minutos antes, mas, com um estalo seco, o prisioneiro torceu a cabeça do guarda para o lado, quebrando seu pescoço.

Quando Finn se virou novamente, Ignacio estava fora de seu campo de visão, havia partido para reunir suas tropas, como se não valesse a pena assistir à morte dela. Como se ela não valesse nada, como ele sempre havia dito.

O prisioneiro agarrou as barras da cela e as entortou com as próprias mãos, depois se voltou para Finn e se lançou na direção dela e dos guardas que não haviam sido infectados.

— Vocês têm chamado por ele — o prisioneiro sussurrou, como o homem no bar. — Logo nós vamos acordá-lo. Logo ele irá responder ao chamado de vocês.

Mais prisioneiros começaram a fugir de suas celas e sussurrar sobre o deus que eles acordariam, o olhar de todos eles focado em Finn e nos guardas que não tinham sido infectados.

— Aqueles que não são sombrios o bastante para carregar a vontade dele dentro de si — uma mulher infectada murmurou — são seus inimigos.

A compreensão daquilo estalou na mente de Finn como um chicote. Aqueles que não tinham o coração sombrio o bastante viravam cinzas ao entrar em contato com a magia, mas outros eram fortalecidos por ela. E com o comando de Ignacio, se não fossem capazes de conter a magia obscura, estavam com os dias contados.

Finn tentou sair correndo, mas estava encurralada. A horda de guardas e prisioneiros de olhos pretos se aproximava dela por ambos os lados no andar circular.

— Merda, merda, merda — Finn disse ao sacar outra adaga do cinto. Ela e os dois guardas ficaram de costas uns para os outros, girando devagar, transformados repentinamente em aliados enquanto os demônios se aproximavam cada vez mais. Como ela ia escapar daquela encrenca?

Então, um dos guardas a agarrou com a mão gorda.

— Levem a garota! Levem a garota e nos deixem ir!

— Sêrio? — Finn gritou, contorcendo-se.

— Primeiro as damas — o outro resmungou enquanto ela era jogada no chão, onde escorregou até parar na frente da horda de monstros de olhos pretos.

Quando dois prisioneiros tentaram alcançá-la, com as veias escuras pulsando por baixo da pele de seus braços, Finn se agachou perto do guarda morto. Ela tirou a espada da mão dele e a balançou na direção dos infectados, amputando uma mão com um movimento para baixo. Ela ouvia os guardas atrás dela lutando contra os demônios que vinham do outro lado, mas não conseguia olhar para, com sorte, vê-los morrer depois de a terem jogado aos leões. Finn balançou a espada mais uma vez e uma mulher com os olhos pretos a segurou, com uma expressão vazia no rosto enquanto a lâmina afundava em sua carne. Eles não sentiam nada, não reconheciam nada a não ser a ordem para se espalhar e destruir os corpos incapazes de conter a magia. O estômago de Finn revirou quando a mulher deixou que a lâmina penetrasse ainda mais sem dizer uma palavra sequer. Com as mãos quebradas e sangrando, a mulher arrancou a espada das mãos de Finn, derrubando-a no chão. Os braços dela balançavam na direção de Finn, com a intenção de reivindicá-la como haviam feito com o guarda morto aos pés dela.

Finn se esquivou e arqueou o corpo para trás até tocar as mãos no chão. Ao levantar, estava de pé ao lado dos guardas que a tinham lançado para morrer. Eles tomaram um susto quando ela deu tapinhas nos ombros de ambos.

— Primeiro os covardes — ela disse. Ao girar seus punhos, a pedra do piso se levantou e prendeu os tornozelos dos guardas. Incapazes de se mover e se esquivar, foram atacados pelos homens de olhos negros em uma onda de braços e sussurros sobre um deus que em breve retornaria.

Finn subiu na grade e se pendurou do lado de fora, com as pernas balançando sobre a enorme distância até o andar térreo. Ela precisava sair de lá enquanto os prisioneiros de olhos pretos se amontoavam ao redor da dupla de guardas presa ao chão. Se ela ficasse fora do campo de visão deles, não viriam atrás dela.

Finn viu uma mulher de olhos pretos agarrar um dos guardas pelo pescoço e cravar a mão em seu peito, rasgando a pele que envolvia seu coração como se fosse um fino embrulho de presente. O sangue jorrava dele enquanto ele gritava e tentava se afastar apenas para deparar com outro monstro logo atrás de si, que puxou seus braços como se tentasse arrancá-los das articulações.

— Nos ajude! — Ele gritou para Finn, mas logo os dois homens desapareceram sob a horda, e ela só conseguia ver o sangue se espalhando pelo chão, como se a nascente de um rio vermelho tivesse brotado no lugar onde estavam.

Finn olhou para baixo, uma queda de dez andares, com o coração na garganta.

Era muito alto para pular e a horda diante dela logo terminaria com os guardas. Ela precisava sair dali, e o maldito relógio não parava de tiquetaquear lá de cima.

Espere. O relógio.

Finn escalou a grade de volta e correu pelo andar até onde o ponteiro dos minutos estava. Sentindo a pulsação martelando em seus ouvidos, ela ficou de pé sobre a grade com a intenção de pular, mas seu corpo não se movia. A queda se estendia abaixo dela, levando seu estômago até a boca, mas ela preferia se esborrachar no chão a ser pega pelos servos de Ignacio. Ela teve um vislumbre do rosto de seus pais, cheios de vida — vida que ele havia extinguido.

Não, se ela morresse não seria pelas mãos dele, seria pelas próprias mãos, e se aquele salto fosse o que a levaria daquela vida, que assim fosse. Pelo menos ela talvez pudesse vê-los de novo.

Com isso em mente, balançou os braços para tomar impulso e pulou. Por um instante assustador, as pernas dela se debateram inutilmente durante a longa queda até Ignacio, as mãos dela tentando se agarrar a algo e não encontrando nada além de ar. Então, os dedos dela seguraram a ponta mais larga do ponteiro dos minutos.

Ela balançou as pernas, com um impulso que fez o ponteiro se mover do sete para o dois, do outro lado do andar, onde não havia infectados esperando por ela. Finn balançou as pernas mais uma vez e pulou do relógio, caindo dolorosamente sobre a grade, com as pernas penduradas para fora. Ela rolou por cima dela para a segurança do chão firme. Os monstros de olhos pretos tinham convergido na direção de mais vítimas — três prisioneiros deixados trancados em suas celas, esperando como ovelhas pelo abate —, mas ela via olhares direcionados a ela também. Seria perseguida, então precisava mantê-los ocupados.

Finn observou ao seu redor. Havia prisioneiros não infectados presos nas celas, implorando para serem soltos. Ela não queria usar o dragão, sabia que machucaria o príncipe, onde quer que ele estivesse, mas precisava encontrá-lo e tirá-lo dali. Devia isso a ele. Finn segurou o dragão na mão e imaginou o que desejava.

Nos dez andares da prisão, as portas de cada uma das celas foram arrancadas das dobradiças com um gigantesco estrondo. Os prisioneiros remanescentes saíram correndo, gritando por socorro. A horda de olhos pretos examinava o lugar como cães que ouviam os movimentos de sua nova presa, identificando novos corpos para destruir. Finn viu dois prisioneiros de olhos pretos pulando sobre um dos homens que havia corrido para fora da cela, segurando-o no chão e quebrando seu pescoço ao torcê-lo com brutalidade. Ele não era sombrio o bastante para conter a magia. Finn se arrepiou com a visão daquele corpo sem vida, mas afastou aquele pensamento. Tinha que ter a esperança de que ficariam distraídos por tempo suficiente para que ela encontrasse o príncipe e fugisse com a prisioneira. Ela apertou o dragão mais uma vez, preparando-se para pedir a ajuda dele mais uma vez, com o estômago revirado pela culpa ao pensar no príncipe encolhido de dor, com sangue escorrendo pelo nariz.

— Me leve até ele! — ela ordenou ao dragão, prometendo a si mesma que seria a última vez que usaria seu poder. — Encontre o príncipe!

O dragão deu um tranco que a levou para a frente e para a esquerda, onde uma pequena passagem a tirou dos andares circulares cheios de celas e a fez atravessar

um corredor extenso. Ela torcia para que aquilo a levasse até o príncipe, e não a mais problemas. Mas ela se contentaria com qualquer uma das possibilidades.

A porta se abriu. Com o coração martelando no peito, Alfie entrou e a fechou. Então surgiu um coro de tique-taques.

A cela era pequena, com uma cama miúda e um balde de dejetos que poluíam o ar. Não havia janelas. Cada tijolo das paredes tinha um relógio incrustado.

Ela não podia ficar sob o relógio maior como os prisioneiros comuns, então fizeram de sua cela um terrível lembrete do tempo que ainda passaria naquela prisão. Ali, sentada com as costas apoiadas na parede oposta à porta, com a cabeça enfiada entre os joelhos para bloquear o som, estava a garota que havia tirado o irmão dele. Xiomara Santoro. Ela nem sequer o tinha ouvido, nem levantado a cabeça. Ao vê-la, a adrenalina percorreu Alfie como uma onda, amortecendo a dor e queimando seu corpo com uma ira descontrolada.

Com os tique-taques retumbando em sua cabeça, Alfie gritou:

— *Silenciar!*

Os relógios ficaram em silêncio e Xiomara levantou a cabeça, surpresa. Ela era menor do que Alfie se lembrava. Será que seus pesadelos a faziam parecer maior? Ela se assustou ao vê-lo ali e ele sabia que a garota se perguntava se aquilo era algum tipo de ilusão. O rosto dela estava esquelético e pálido, e seu cabelo, cortado bem curto, como se alguém o tivesse raspado com uma navalha enquanto ela se debatia. Suas roupas estavam encardidas pela sujeira e olheiras escuras rodeavam seus olhos. Ela encarou o príncipe, em choque.

Um silêncio ensurdecador caiu entre eles, um silêncio que carregava tudo o que ele sentia; ele só precisava quebrá-lo e deixar que sua raiva escoasse, livre e rápida.

— Você sabe quem eu sou? — Alfie se ouviu dizer enquanto seu corpo tremia com a fúria que mal podia controlar.

Ela assentiu, com os olhos arregalados.

— Você se lembra do que fez? Do que tirou de mim? — A voz dele estava no limite entre uma raiva apática e uma fúria incontrollável. Ele sentia que estava prestes a partir ao meio, e uma pessoa totalmente diferente ia rastejar para fora das metades.

Ela assentiu mais uma vez. As unhas de Alfie se fincavam na palma de suas mãos.

— Você sabe que arruinou a minha vida, a vida da minha família, em apenas um instante? O futuro de todo o nosso reino mudou para sempre! Tudo por causa do que você fez. — Ela continuou sem dizer nada, parecendo mais assustada do que qualquer outra coisa. Em três passos rápidos, Alfie estava sobre ela, erguendo-a do chão e a empurrando contra a parede. — Nem sei como meu pai permitiu que continuasse viva. Você não devia estar aqui, porque ele não está aqui! Era ele que deveria ser o rei, não eu. A história se interessava por ele, ele tinha nascido para isso. Agora sou o que restou para todos. Tudo isso é culpa sua, você entende isso? — Quando ela ainda assim não disse nada, Alfie a puxou para perto, agarrando-a pela camisa suja. — Responda!

Ela apenas olhou para Alfie, com uma procissão de emoções passando por seu rosto, de medo a culpa, a tristeza e ao medo de novo. Não era aquilo que Alfie queria. Ele queria alguém que não sentisse vergonha. Alguém que podia espancar sem culpa, até reduzi-la a uma massa sangrenta. Aquela casca de pessoa amedrontada era muito pior. Ele não podia suportar aquilo. Não iria.

— *Diga alguma coisa!* — Alfie berrou. Uma explosão de energia alimentada pela raiva tomou conta dele. Ele poderia viver um pouco mais se conseguisse fazer aquela mulher se responsabilizar pelos seus crimes.

Mas ela apenas encarou Alfie, com os olhos escuros tomados pelo remorso. Ela abriu a boca e apontou para dentro. Sua língua havia sido cortada. Ela estava muda.

Alfie a soltou. Ela caiu no chão e se arrastou para o mais longe do príncipe que conseguiu. Os piores criminosos frequentemente tinham a língua cortada, para

que nunca mais pudessem recitar nenhuma palavra de magia. Ao pensar na lâmina passando pela língua dela, Alfie sentiu algo se acumulando de dentro dele, como a seiva de uma árvore — compaixão. Ele sentiu compaixão por aquela garota que merecia toda punição que viesse a sofrer. Por que não conseguia se agarrar à sua raiva? Por que era tão frouxo a ponto de conseguir olhar para ela e sentir tristeza em vez de fúria? Sua mente havia se dividido em duas, em conflito uma com a outra — metade dele tinha raiva daquela garota e de tudo o que ela havia feito, e a outra tinha raiva de si mesmo por sentir um pingo de tristeza que fosse por ela.

Alfie massageou as têmporas.

— Deuses.

Suas mãos tremiam e ele queria tanto estar em casa, vivendo uma tarde preguiçosa no palácio com Luka, que seu coração doía. Ele não sabia por que havia pensado que ver aquela garota deplorável o faria se sentir melhor. Agora não conseguia nem mesmo consumir sua vingança. Teria que tirar aquela cretina da prisão às escondidas, afastá-la da punição que tanto merecia, para consertar um problema que ele mesmo estupidamente havia criado.

Alfie levou a mão ao peito onde o dragão deveria estar. Mas ele estava com a ladra. Alfie finalmente tinha a pessoa de que precisavam a seu alcance, mas tinha deixado que a magia de Finn abandonasse seu rosto, e não podia tirar a si mesmo e àquela mulher da prisão.

Alfie tirou a mão do rosto.

— Preste atenção. — Ela se encolheu no chão, apoiando o queixo nos joelhos e abraçando as pernas. — Preciso que venha comigo. Para fora da Torre do Relógio.

Ela balançou a cabeça com vigor, recusando. Por que ia querer ficar ali?

— Não tem o direito recusar. — Havia tanta dureza em sua voz que ele quase não a reconhecia. — Você deve a mim, deve a este reino. E preciso da sua ajuda. Se você me ajudar, vai salvar inúmeras vidas. — Ela parou de balançar a cabeça naquele instante. — Pode considerar como uma penitência pelo que fez. Está me entendendo? — Como ela ainda parecia atordoada demais para responder, Alfie

acrescentou: — Quer você entenda, quer não, virá comigo, então é melhor confirmar com a cabeça.

Ela confirmou. Alfie viu os símbolos entalhados em seus punhos cheios de cicatrizes. Feitiços escritos para reprimir a magia dentro dela. Alfie se perguntou quantas vezes aquelas marcas haviam sido refeitas. Quantas vezes as mesmas feridas foram reabertas. A magia podia ser escrita com tinta, Alfie sabia. Não precisava ser entalhada na pele de forma tão dolorosa. Ele se repreendeu por aquele momento de empatia. Ele não se permitiria sentir pena daquela garota.

Ele ainda não fazia ideia de como sairiam dali. Todos os seus planos incluíam usar o manto da invisibilidade e o *propio* de Finn. Mas ela não estava ali. Ele nem sabia se ela estava bem. Ou viva.

Então, uma pontada de dor quente e arrebatadora atingiu seu corpo. Alfie gritou, apoiando-se na parede, quando outro estrondo detonou debaixo de seus pés — o som de metal se chocando contra pedra. O som de encrenca.

31

A grande fuga

ALFIE ENXERGAVA PONTOS LUMINOSOS e gemia de dor.

Três ondas sucessivas de dor o deixaram com as pernas tremendo. O que estava acontecendo? Não estava usando o dragão, mas a dor o invadia como se invocasse a magia de Sombra repetidamente. Teria exagerado no uso e agora aquela magia podia sugar sua vida sempre que desejasse?

Mesmo dentro da cela isolada, a prisão de repente começou a explodir em sons à sua volta. Ouvia pessoas gritando e muitos pés batendo no chão. Se não fosse completamente absurdo, Alfie pensaria que todos os prisioneiros haviam sido libertados.

O que quer que fosse, sentia que tinha a ver com Finn. Ele olhou para a prisioneira, fazendo um esforço para manter a postura enquanto o suor frio escorria na testa. A prisioneira ainda o encarava com medo, mas por trás do receio havia um lampejo de preocupação, enquanto seus olhos o examinavam e perguntavam em silêncio o que o afligia. Ele lançou um olhar irritado para ela. A garota não tinha coração, não devia olhar para ele daquele jeito. E se ela sentia alguma preocupação, ele não a queria.

— Vamos embora — Alfie avisou com uma voz mais fraca do que pretendia. A prisioneira não reagiu, e ele a encarou furioso. — *Agora.* — Ela se levantou e parou atrás dele, hesitante, mas onde estava Finn?

Não podia ir embora sem ela.

Aquele pensamento despertou outros, que ele silenciou, dizendo a si mesmo que precisava encontrá-la apenas porque ela estava com o dragão; sem isso, seus planos desmoronariam. Sim, era por isso que precisava ir atrás dela.

Alfie olhou para Xiomara.

— Vamos procurar uma pessoa antes de sairmos. — Ele abriu a porta e olhou para os dois lados do corredor. Não havia ninguém além do guarda que havia nocauteado, e que continuava caído no chão, inerte. — Me siga e não tente fugir — disse com uma voz tão firme, que era irreconhecível.

Alfie saiu e esbarrou em alguém que não tinha visto. Ela deslizou para o lado.

— Príncipe. — A voz era pesada, ofegante, como se tivesse subido uma montanha correndo. Então Finn surgiu ao tirar o capuz da cabeça com uma das mãos. Quando o encarou, seus olhos estavam repletos de medo, mas havia mais alguma coisa... alívio.

Ao vê-la, Alfie se sentiu impelido para a frente, como se o mundo tivesse se inclinado para aproximá-lo dela. Não sabia qual dos dois tinha dado o primeiro passo, mas em uma fração de segundo, ele abria os braços e ela mergulhava neles.

— Você está bem — ele disse. O cabelo cacheado fazia cócegas em seu nariz.

— Depende do ponto de vista — ela brincou, com o rosto escondido sob seu queixo. Alfie sentia a respiração dela no pescoço.

Podia contar que tinha se apegado à voz dela pouco antes, ao enfrentar o que mais temia? A voz dela chamando-o de tolo e dizendo para confiar em si mesmo, encontrar o limite que não queria cruzar.

Ela sabia que já estava em sua mente? Alfie não podia deixar de especular se também estava na mente dela.

Finn se afastou do abraço com um movimento brusco, como se lembrasse alguma coisa.

— Temos que ir embora!

Ele a encarou, notou as linhas de preocupação ao redor de sua boca, depois o sangue nos punhos. O rosto dela estava pálido demais.

— Finn, o que aconteceu?

Ela o observou intrigada.

— Já deixou minha magia sumir? Como ninguém te pegou? — Finn olhou além do ombro dele e deu um passo para trás. — É ela? A garota do vácuo?

— Sua magia foi contida. Ela não pode fazer nada contra nós — ele respondeu depressa. — O que aconteceu com você? Por que disparou os fogos antes da hora? Fiquei...

Preocupado, a mente sugeriu.

— Confuso — ele disse no lugar.

— Simplesmente aconteceu, o maldito dragão! Um guarda me viu e eu precisei de uma distração. E a magia me ouviu, como você disse.

— *Qué?* Você a usou? Como? — Não era para ela ter conseguido usá-la, mas provavelmente havia sido aquele o motivo de ele ter sentido tanta dor enquanto Finn estivera longe. De certa forma, fazia sentido. Mas como ela tinha conseguido usá-la? A magia só o ouvia porque ele havia mudado a cor da própria magia, induzindo-a a pensar que fazia parte dela. Por que a magia ouvira Finn? A explicação surgiu em um instante. Alfie resmungou um palavrão e apertou as têmporas. Finn foi ouvida porque ele tinha pedido. Alfie tinha esperanças que a magia protegesse a garota, a ouvisse, se precisasse de ajuda. Tinha esperado pelo melhor, não invocado a magia obscura, mas ela estava conectada de qualquer maneira e o ouvira.

— Coño — Alfie resmungou cobrindo a boca com as mãos.

— Depois soltei todos os prisioneiros.

— *O qué?*

— Foi o dragão de novo, não eu! Ignacio apareceu e parou os fogos de artifício, não tive escolha...

— Espera aí, Ignacio está aqui? — Ele abaixou as mãos e a segurou pelo braço. — Você está bem? — Olhou para o sangue seco em seus punhos e a raiva o invadiu como uma onda. — Foi ele quem fez isso?

Ela desviou o olhar, com uma careta no rosto.

— Não importa se estou bem ou não.

— Importa — ele insistiu, e soube que não precisava completar a frase, não precisava dizer que importava para ele, porque, quando os olhos dela encontraram os dele, era evidente que ela podia ler essas palavras em seu rosto, coladas em sua pele como gotas de suor.

— Não importa, não temos tempo! — ela respondeu. — Ignacio infectou os prisioneiros e os guardas com a magia. Ele chegou aqui porque a magia fica mais forte quando contamina outros, mas só funciona em algumas pessoas, nas que conseguem suportar a magia sem se transformar em pó. Pessoas com maldade no coração, maldade infinita. Por isso ele veio aqui. Quando tiver a prisão inteira sob controle, ele vai ficar forte o suficiente para fazer tudo que você teme e ainda mais — ela disse com um olhar apavorado. — O garoto da banheira descobriu alguma coisa que possa nos ajudar a deter Ignacio?

Alfie tentava absorver as informações. Se Ignacio já havia infectado a prisão, seu poder atual fazia o último encontro entre eles parecer brincadeira de criança. Naquela ocasião, ele havia tentado arrancar seus ossos do corpo. O que podia fazer agora, com a magia mais forte do que nunca?

— Príncipe! — Finn chamou e o agarrou pelos ombros. — O garoto da banheira descobriu alguma coisa?

Com o corpo entorpecido pelo medo, Alfie tirou do bolso o pedaço de pergaminho que ainda estava seco.

— Nada muito útil. Ele me mandou uma mensagem dizendo que o corpo de Sombra não virou uma pilha de ossos, mas pedra, como uma estátua.

Finn o encarou e seus olhos se iluminaram como se ela tivesse feito uma descoberta.

— É claro — ela sussurrou. — O que Ignacio procura está no palácio!

Alfie a fitou, confuso por uma mensagem que ele tinha julgado sem importância ter iluminado o rosto dela com um brilho de compreensão.

— Como assim?

— O corpo de Sombra virou pedra, não ossos — ela repetiu em voz baixa. —

Ignacio está procurando aquelas mãos de pedra esquisitas que estão no cofre do palácio! São partes do Sombra! Temos que chegar lá primeiro e impedir que ele as pegue!

Alfie ficou boquiaberto quando tudo fez sentido em sua cabeça. Aquele estranho pedaço de estátua no cofre, o que sempre tinha considerado menos interessante entre os outros tesouros do palácio, era parte do corpo do deus Sombra. Havia muitos fragmentos de obras de arte no cofre, recuperadas de quando os inglês tentaram destruir todas as formas de cultura de Castellan. Alfie havia presumido que os braços de pedra eram só mais um pedaço de alguma obra de arte do passado. Mas eles eram a chave para dar início ao despertar de Sombra.

— Temos que ir para o palácio! Impedir que ele encontre aquelas mãos!

A cabeça de Alfie girava entre caminhos divergentes. Se Ignacio já havia infectado a prisão, com certeza tinha poder suficiente para invadir o palácio. Deviam lutar contra ele na prisão, enfrentá-lo naquele momento, e impedi-lo de chegar às mãos? Ou deviam ir para a cidade e tentar alertar seu povo?

Ele não sabia que caminho seguir, mas pensar em Ignacio se aproximando daquelas mãos fazia seu estômago se retorcer.

— Se ele está aqui, vamos enfrentá-lo aqui. Agora.

Finn o encarou.

— Você ficou maluco?

— Não. Estou tentando impedir um homem cheio de magia maligna de chegar perto daquelas mãos e da minha família.

Ela apertou a parte mais alta do nariz.

— Não acredito que vou ter que ser a maldita voz da cautela aqui. Príncipe, e se morrermos tentando impedir que ele continue, hein? — Ela se inclinou para a frente, desafiando-o a ignorá-la. — Se morrermos, o que é bem provável, ninguém vai conseguir avisar sua família sobre o que está prestes a acontecer. Ninguém vai saber que deve proteger a droga das mãos de pedra. Sei que você não quer que todo mundo saiba o que fez, mas precisa ir para casa e contar para eles! Dar uma chance de eles lutarem!

Alfie piscou. Por isso ele estava evitando pensar em voltar para casa? Para não ter que admitir seu erro? Ele engoliu a vergonha e a deixou para outra hora. Ela estava certa. Precisavam voltar.

Sabendo que estava certa, Finn tirou o manto da invisibilidade e o jogou para a prisioneira.

— Vista! Não podemos correr o risco de um guarda te matar à queima roupa quando chegarmos ao palácio. — Então olhou para Alfie, cheia de expectativa. — Use o dragão para transportar nós três até o palácio. É a nossa melhor chance de sairmos vivos daqui!

Alfie só conseguia olhar para ela receoso. Ainda estava um pouco tonto por Finn ter usado o dragão, não conseguia nem imaginar que tipo de dor o atingiria se tentasse transportar apenas ele e Finn, e seria ainda pior se a prisioneira estivesse com eles. Não sabia se sobreviveria.

— Pode ser que você morra se tentar, não é? — Finn perguntou, dando voz aos pensamentos dele. Os olhos dela o estudavam, e ele podia ver que catalogavam os sinais de sua fraqueza: a postura instável, os vestígios de um sangramento nasal na manga da blusa, o sangue nos dentes.

Alfie assentiu.

— Então vamos encontrar outro jeito — ela decidiu.

A rapidez com que abandonara o plano só pelo bem dele o atingiu como um golpe físico, mas o som de muitos passos cada vez mais próximos chamaram a atenção de Alfie.

Finn segurou seu braço e o da prisioneira, puxando-os para frente.

— Vamos!

Juntos, os três seguiram pelo corredor, a cabeça de Alfie latejando de exaustão a cada passo. A mão firme de Finn em seu braço era a única coisa que o ancorava ao presente. Atrás deles, uma horda de prisioneiros e guardas de olhos pretos invadia o corredor. O espaço era apertado, e eles caíam uns sobre os outros, pisoteando-se no caminho. Seguiam pelo corredor em uma massa trêmula de membros emaranhados, estendendo as mãos com unhas pretas para eles. Mas dessa

vez, algumas daquelas mãos estavam sujas de sangue fresco. O estômago de Alfie se revirou.

— Não olhe para trás! — Finn falou com firmeza.

Com ela os puxando, correram até uma bifurcação no fim do corredor. Um lado subia por uma escada em espiral, o outro descia por um corredor sinuoso.

— Para onde? — Finn perguntou, sentindo a cabeça girar diante das opções.

Alfie tinha aberto a boca para falar, quando uma mão agarrou seu tornozelo e o puxou. Seu rosto bateu na pedra quando ele foi puxado. Um prisioneiro de olho preto tinha se separado da horda para agarrá-lo, aproximando Alfie da multidão que crescia atrás deles.

Em pânico, o príncipe girou o corpo, deitou de costas e chutou o rosto do prisioneiro. Sentiu o nariz do homem quebrar sob seu pé, mas ele não desistia ou não se importou. Só continuava puxando o tornozelo de Alfie com os dedos frios.

Outra mão agarrou Alfie pelo punho. Com os olhos arregalados, Xiomara se debruçava sobre ele e o segurava com toda a força que tinha. Eles se olharam e, mesmo naquele momento caótico, Alfie viu no rosto dela um remorso que o queimou de dentro para fora. Sentia-se enojado por pensar que preferia ser arrastado por aquelas mãos ensanguentadas a deixar que ela o salvasse, o tocasse. Quanto dele seria eclipsado se preferia morrer a ser salvo pela garota?

Finn sacou uma adaga e saltou por cima de Alfie. Com um golpe certo, cortou os dedos da mão que o segurava. Depois chutou o prisioneiro com força embaixo do queixo, jogando-o para trás.

Alfie levantou, sem muita segurança, e notou que a mão de Xiomara ainda segurava seu punho. Ele se soltou com um movimento brusco e vislumbrou um lampejo de dor nos olhos dela.

— Vamos! — Finn gritou. Ela agarrou o braço de Alfie e o levou em direção à bifurcação. Dessa vez, tomou a decisão sem perguntar nada, e o puxou para a escada. Xiomara os seguia um pouco mais devagar.

O homem que havia agarrado o tornozelo de Alfie reaproximou-se deles. Dessa vez ele saltou sobre Xiomara, que corria em direção à escada, e os dois

caíram e rolaram pelo chão para o lado oposto.

Xiomara chutou o homem, que segurava seu pescoço com a mão ensanguentada.

— Temos que ajudar! — Alfie se ouviu dizer, irritado com as próprias palavras. Mas quando ameaçou descer a escada, a multidão alcançou a bifurcação com as mãos estendidas em sua direção. Por um momento, ele conseguiu ver Xiomara se debatendo embaixo do homem que a havia atacado. Seus braços o empurravam pelos ombros, enquanto ele apertava seu pescoço com a mão ensanguentada. Ela olhou para Alfie como se quisesse muito dizer alguma coisa. Então, rápida, levou as mãos ao chão atrás dela e puxou alguma coisa por cima da cabeça. Logo desapareceu sob o manto da invisibilidade.

— Vamos! — Finn gritou, segurando-o pela camisa e puxando-o escada acima. — Acabou para ela!

— Não! — ele gritou, resistindo à força de Finn. De que adiantaria tudo aquilo se a perdessem? Mas Finn não o soltava. Ela o puxava escada acima enquanto a horda começava a se espremer pelo espaço estreito dos degraus, uma massa que progredia se contorcendo e se atropelando, lutando para ver quem os alcançava primeiro.

Juntos, chegaram a uma porta de madeira no alto da escada. Finn o empurrou através dela. Uma brisa quente tocou o rosto de Alfie. Estavam no telhado da prisão, com o sol quase desaparecendo no horizonte. Finn ficou parada diante da porta da escada. Ela abriu os braços e, com dedos trêmulos, fez um movimento de puxar, aproximando os cotovelos das laterais do corpo. Em seguida, com um grunhido provocado pelo esforço, uniu as mãos diante do corpo e bateu palmas uma vez. A escada de pedra desmoronou, transformando-se em uma barricada de pedras.

Alfie caiu de joelhos diante dela, ofegante.

— Temos que encontrá-la — ele se ouviu dizer com voz fraca, entrecortada. — Não podemos partir sem ela, não podemos. Finn...

— Não — ela respondeu, segurando-o com firmeza pelos ombros. — Temos

que sair daqui.

Alfie a empurrou, mas o olhar decidido de Finn o fez parar. Ele abaixou a cabeça.

— *Príncipe*. Príncipe, olhe para mim. — Alfie levantou a cabeça, sentiu a garganta queimar. O que fariam agora? Como aprisionariam a magia sem aquela garota?

— Você acha que conseguimos usar o dragão para transportar nós dois? — ela perguntou.

Alfie não tinha certeza. O dragão o esgotara, tomara para si quase a última gota de força que ele tinha a oferecer, mas não tinham escolha, tinham?

— Posso tentar. — Ele estendeu a mão. Provavelmente morreria no processo, mas precisava tentar. — Dá ele aqui.

Finn ficou paralisada, com os olhos arregalados.

Ao compreender o que tinha acontecido, foi como se tivesse sido atingido como um soco no peito.

— O dragão estava no bolso do manto, não estava?

Finn assentiu. Xiomara estava com ele. Se ainda estivesse viva. Em meio ao silêncio, ele conseguia ouvir o barulho das pedras da escada em ruínas sendo afastadas.

As criaturas continuavam avançando, e eles não tinham como sair daquela torre abandonada.

Alfie passou a mão trêmula pelo cabelo antes de se aproximar da beirada do telhado. Uma queda vertiginosa e um fosso borbulhante o esperavam lá embaixo.

Havia sido tolo o bastante para se perguntar se podia se tornar um rei que mudaria seu reino para melhor, um rei que seria diferente de como Finn os descrevia, um pé pairando no ar, pronto para esmagá-la. Em vez disso, destruíra Castallan com seu descuido — e talvez o resto do mundo também.

Alfie se abaixou e sentou na beirada do telhado, com as pernas balançando no vazio. Diante dele, o céu assumia tons de rosa e laranja enquanto o sol se punha.

Em outras circunstâncias, a vista seria bonita. Logo a noite cairia, o baile começaria, e ele estava ali, esperando para morrer.

— Bom, então é isso.

Tudo acabado. A multidão cavaria os escombros que Finn havia deixado para trás. Era só uma questão de tempo, e não havia para onde ir. Não podia voltar para casa. Não podia impedir a magia de destruir tudo que conhecia.

— Eu posso tentar fazer uma ponte de pedras ou alguma coisa assim, mas... — Finn se deixou cair ao lado dele. — Mas derrubar uma escada de pedra é uma coisa, construir coisas por onde a gente possa caminhar até chegar lá embaixo é outra. Acho que não consigo. E você não tem energia para fazer uma magia mais complicada, tem?

Alfie balançou a cabeça.

— Príncipe. — Ela o encarou como se já estivesse resignada com seu destino, como se a decisão tivesse sido tomada havia eras, mas só naquele instante ela o informava disso.

Ele sabia o que ia ouvir. Balançou a cabeça dolorida.

— Não.

— Devia tentar se transportar para casa. Do jeito normal. Com a sua maçaneta.

Alfie olhou para ela e sentiu a vergonha inundá-lo como seiva jorrando de uma árvore.

— Acha que te deixaria aqui para morrer?

Finn deu de ombros.

— É o que você deve fazer.

Alfie queria desesperadamente ir para casa, correr para sua família e se esconder do que tinha feito. Mas sua boca jamais se moveria para pronunciar aquelas palavras mágicas.

— É errado. Não vou te deixar aqui, Finn.

— As pessoas se abandonam o tempo todo — ela respondeu olhando para o horizonte.

— Não eu — Alfie disse. Se aquela magia obscura dominasse o mundo e tudo

o que ele conhecia, ao menos não acabaria com quem ele era. — Hoje não.

Os olhos de Finn brilharam ao ouvir as próprias palavras ditas por ele.

— Eu te dou permissão para ir. Eu te absolvo de toda culpa que está crescendo na sua cabeça. Ignacio me quer, depois ele vai para o palácio para pegar as mãos de pedra. Eu posso atrasá-lo. Você tem que avisar todo mundo. Tem que ir para casa, com ou sem mim.

Havia verdade no que ela dizia, mas nem assim Alfie conseguia se mover.

— Não vou te deixar aqui.

— Não sou sua família! — Finn gritou com os olhos brilhantes encarando-o.
— Não seja um idiota. Proteja sua família enquanto pode! Se eu tivesse a minha, se eles ainda estivessem aqui, se Ignacio não tivesse... — Ela virou o rosto, com a respiração acelerada. Eles nunca haviam falado sobre os pais dela, sobre quem, além de Ignacio, a chamara de família, e Alfie tinha a sensação de que Finn os perdera de um jeito prematuro e doloroso. Seu coração doeu quando pensou naquilo. Havia perdido Dez e não conseguia nem pensar em perder mais alguém.
— Vá logo. Me deixe aqui.

Sabia que não devia tentar tocá-la, embora seu corpo parecesse pedir conforto. Esperava que suas palavras pudessem substituir o contato físico, pudessem ter o efeito de um braço quente sobre seus ombros, de uma mão amparando sua cabeça.

— Amo a minha família com todas as minhas forças — ele disse. — Mas eles não me perdoariam por abandonar alguém. Por abandonar uma amiga — ele completou. — Não vou a lugar nenhum.

De início, o rosto dela refletiu confusão e surpresa, como se tivesse saído de casa esperando um dia de verão e encontrasse uma nevasca, mas havia algo a mais por trás.

— Você é um idiota. — A rispidez das palavras destoava da suavidade da voz.

Ele não conseguiu evitar um sorriso.

— Você já disse isso.

O silêncio caiu entre eles, suave como seda, mas Alfie não queria viver seus

últimos momentos em silêncio, dentro da própria cabeça. Tinha passado uma parte muito grande da vida dentro de sua mente, envolto em nós de preocupações.

Em vez disso, fez a primeira pergunta em que pensou:

— Seu sobrenome é mesmo Voy?

Ela sufocou uma risada amarga.

— Não. Meu nome era Finn Santiago. Depois que meus pais morreram, quis recomeçar do zero. E queria ir a todos os lugares, ver tudo. Então escolhi Voy.

Voy, a palavra para “viagem” na linguagem da magia. A palavra que ele dizia para poder se mover através da magia que delimitava o mundo.

Era estranho pensar que dizia o nome dela cada vez que usava seu *propio*. Como se a levasse com ele, ou como se ela o fizesse seguir em frente, como tinha feito aquele dia, quando suas palavras o incentivaram a continuar, quando estava parado diante da porta de Xiomara. Era como se existisse um estranho fio do destino que os aproximasse. Alfie só lamentava que tivesse que acabar daquele jeito.

— Ainda tem aquela garrafa? — ela perguntou, olhando novamente para o horizonte.

Alfie pegou a garrafa que levava pendurada na cintura e bebeu um gole ardente de tequila antes de passá-la para a garota. Ela também bebeu, e os olhos dele foram atraídos pelo movimento sutil de sua garganta engolindo. Lembrou-se de quando tinha apoiado a mão em seu peito, logo acima do coração, e como seu polegar havia parado naquela depressão suave na base da garganta. Gotas escorreram quando ela afastou a garrafa da boca.

Alfie disse a si mesmo que era o álcool e a inevitabilidade da morte que o levaram a fazer aquilo, mas quando uma gota de tequila ficou pendurada no lábio superior de Finn, ele a limpou com o polegar, deslizando o dedo pelo contorno suave de sua boca. Depois levou o dedo aos lábios, saboreando aquela última gota de tequila. Ela o observava de um jeito que aquecia seu corpo, um calor que

superava a queimação do álcool. A tequila ardeu na língua, e por um instante ele desejou que fosse o sabor dos lábios dela nos dele em vez da bebida.

A coragem súbita se dissipou como uma nuvem de fumaça. Seu rosto esquentou.

— Bigode de tequila — ele brincou. — Aqui não se desperdiça nada.

Ela inclinou a cabeça. Seus olhos estavam cheios de malícia, deixando claro que sabia exatamente o que ele tentava esconder. Alfie tinha consciência de que, a partir daquele momento, o sabor da tequila não seria só o de uma bebida ou o de um bálsamo para tratar das feridas. Estaria sempre carregado da respiração acelerada de Finn quando sentira o polegar do príncipe em seu lábio.

Um assovio estridente ecoou entre eles, assustando-os.

Eles se afastaram sobressaltados com o ruído. Só então Alfie percebeu o quanto tinham se aproximado. Os dois observavam o terreno ao redor da prisão, e lá, além do fosso borbulhante, viram uma das carruagens que levavam e buscavam dueños. Uma figura solitária acenava com as duas mãos atrás do veículo.

Alfie estreitou os olhos para enxergar melhor e ficou chocado.

— Aquela é...

— A prisioneira!

Xiomara tinha conseguido escapar. Devia ter sido salva pelo manto da invisibilidade. Alfie sentiu uma versão azeda e suja de gratidão surgir dentro dele. Ela tivera a chance de ir embora, aproveitando sua liberdade para começar uma vida nova em algum outro lugar, mas ela estava ali. Mais uma vez, ele começou uma luta interna, instigando uma dura disputa entre ódio e compaixão, gratidão e fúria.

— Temos que encontrar um jeito de descer e chegar até ela. — Finn fez uma careta ao olhar para baixo. — Você não acha que conseguiríamos sobreviver a um pulo dessa altura, acha?

Alfie olhou para ela.

— Defina “sobreviver”.

— Bom! — Finn jogou os braços para cima. — Tem alguma ideia brilhante,

então? — A montanha de pedras da escada se moveu e retumbou atrás deles. Ela estremeceu ao ouvir o barulho. — E é bom que seja rápido.

Alfie observou ao redor. Havia algumas espadas e outras armas descartadas no telhado, além de garrafas velhas de cerveza e tequila. O telhado devia ter sido uma área de treinamento para soldados que, aparentemente, também a usavam para descontraí-las. Um rolo de corda grossa havia sido deixado do outro lado, pegando poeira e sol.

— Tenho uma, mas não sei se posso chamá-la de brilhante.

Enquanto o príncipe explicava rapidamente, Finn assentia e roía as unhas.

Podia dar certo. Talvez.

De joelhos, ele amarrou uma ponta da corda bem firme em torno do cabo de uma espada, que entregou a ela.

— Enterre no chão com toda a sua força. Use suas habilidades de escultora de pedras para garantir que fique firme. Ela vai ter que sustentar nosso peso.

Finn assentiu e ergueu a espada, sentindo os dedos formigarem com o impulso de manipular o aço da lâmina e a pedra do telhado. Com as duas mãos, ela abaixou a espada e, ao seu comando, uma rachadura se abriu na pedra do telhado, depois se fechou firme em torno da lâmina. Finn girou o punho e os tijolos do teto se ergueram, formando um monte que envolveu o cabo da espada, como se fosse um formigueiro gigante. O nó da corda tinha ficado embaixo da pedra. Ela puxou a corda com toda a força, inclinando o corpo para trás. A espada não se moveu.

— Pronto — disse.

O príncipe já havia amarrado a outra ponta da corda no cabo de outra espada, que entregou a ela com um aceno de cabeça.

Finn segurou a espada e caminhou até a beirada do telhado. Controlaria a descida da lâmina como havia feito com os espinhos de urso-espinho no palácio. Mas em vez de lançar espinhos finos contra a nuca dos guardas, ela guiaria a

espada para o teto da carruagem. Depois, cada um deles usaria uma veste do disfarce de dueño de Alfie para deslizar pela corda rumo à segurança.

Se acertasse a espada no chão ao lado da carruagem, correriam o risco de se aproximar demais da água e serem escaldados antes de chegarem ao destino. Tinha que acertar a carruagem. Finn só esperava que a prisioneira ficasse fora do caminho. Ela estava parada ao lado da carruagem, ainda acenando para eles.

— Lá vai — ela sussurrou e levantou a mão que segurava a espada. Com um movimento do punho, a lâmina viajou pelo ar levando a corda amarrada a ela. Ela flexionou os dedos para a frente e a lâmina seguiu seu comando, voando em um arco fechado antes de mergulhar no teto da carruagem com um baque distante.

— Uepa! — Finn comemorou dando um soco no ar. Xiomara pulou assustada ao lado da carruagem, mas entendeu o que estava acontecendo. Ela subiu no teto do veículo, e Finn a viu segurar o cabo da espada para verificar se estava preso. Finn se virou triunfante para Alfie, mas os olhos dele estavam quase fechados. Um novo fio de sangue escorria de seu nariz. Sentindo-se culpada, ela pensou em todas as vezes que havia invocado a magia obscura, em como cada vez o havia atingido como um golpe físico. No entanto, quando se reencontraram e ela se explicara, a expressão dele havia mudado, como se a dor da magia tivesse valido a pena porque a tinha trazido de volta em segurança para ele.

Finn sentiu uma centelha dentro dela, algo que estava lá fazia um tempo, mas só nesse momento despertava de seu sono — alguma coisa exuberante que erguia a cabeça e pedia para ser vista.

Finn a empurrou de volta para dentro, bem fundo, e jurou que ia esquecê-la.

Depois se abaixou ao lado dele.

— Príncipe, podemos ir.

Alfie assentiu, limpou o nariz e levantou devagar.

Quando a encarou, ele murmurou:

— Estou bem.

Ela não sabia o que a aborrecia mais, o fato de ter parecido preocupada o bastante para provocar tal declaração ou ele mentir descaradamente.

— Você primeiro.

Alfie se aproximou da beirada do telhado, de onde a corda descia inclinada, esticada. Ele pegou um pedaço da veste de seu disfarce de dueño e o enrolou na corda, segurando-o dos dois lados.

Observou a descida e engoliu em seco. O vapor do fosso borbulhante pairava no ar.

— Se isso não der certo, vamos ser escaldados vivos.

Finn olhou para a água borbulhante enquanto o suor descia por sua têmpora e pingava de seu queixo.

— Bom, sempre gostei de bolinho frito.

Isso o fez parar. Depois de um instante de silêncio, uma gargalhada entrecortada escapou por entre seus lábios, e Finn gostou de ouvi-la.

Era tão raro ele rir, que se sentia recompensada pelo esforço, quase orgulhosa. Abaixada ao lado dele, sentia a respiração do príncipe no rosto e se lembrava do polegar dele deslizando por sua pele, de como um toque tão rápido a havia paralisado.

Ele virou o rosto para encará-la, os olhos dourados cintilando.

— Essa piada foi tão ruim que agora eu até quero pular.

Atrás deles, a barricada de pedras voou para a frente, provocando uma chuva de pedregulhos. Os prisioneiros de olhos pretos começaram a passar pela abertura como uma enxurrada, rastejando uns sobre os outros para tentar alcançá-los.

— Pelo visto acertei o momento em cheio. Vai!

O príncipe pulou do telhado e deslizou pela corda. A ideia original era descerem um de cada vez, para o caso de a corda não aguentar o peso dos dois juntos, mas não havia mais tempo para isso. Não havia tempo nem para sentar na beirada e tomar um impulso, como o príncipe tinha feito.

Finn foi atrás dele, balançando as pernas no ar como se pudesse correr caso se esforçasse o suficiente. O estômago dela revirou quando seus pés deixaram a segurança do telhado. Ela ergueu o tecido da túnica do príncipe sobre a cabeça, enquanto uma enxurrada de dúvidas invadia sua mente.

E se o tecido rasgar?

E se a corda não for resistente o bastante para aguentar nós dois?

Vou ser cozida viva?

O tempo voava. Finn se projetou para a frente, enganchando a túnica sobre a corda no último momento possível. O tecido resistiu, e ela sentiu a dor nos punhos quando a corda impediu sua queda com um tranco. Depois começou a deslizar pela corda logo atrás do príncipe, e um alívio tomou conta dela.

Um grito sobre-humano cortou o ar. Finn olhou para trás e viu uma mulher de olhos pretos pular do telhado em sua direção em uma velocidade aterrorizante, as mãos estendidas tentando agarrar o ar.

A prisioneira segurou Finn pela cintura, puxando a corda para baixo.

— Merda! — Finn se contorceu, tentando se livrar da mulher, mas ela a agarrava com força. Suas mãos escorregavam do tecido enquanto desciam, ganhando mais velocidade por conta do peso extra.

— *Fuerza!* — Ela ouviu o príncipe gritar.

A mulher infectada pendurada em sua cintura foi jogada para trás, e quase levou Finn com ela. A garota a viu cair no chão ao lado do fosso. Não teve tempo para gritar em agradecimento para o príncipe. O peso daquela mulher havia causado estrago. Já podia sentir a corda afundando, afrouxando; o peso extra devia ter forçado demais a espada cravada no teto da carruagem. Finn viu Xiomara usar o peso do corpo para mantê-la no lugar, mas não estava adiantando. A corda continuava cedendo.

— Merda, merda, merda! — Finn xingava. A corda cederia demais e a jogaria dentro do fosso fervente antes de terminarem a descida.

O príncipe parecia ter percebido o problema. Na frente dela, balançou as pernas como uma criança em um balanço, e pouco antes de a corda se aproximar demais da água, soltou o tecido e deixou a inércia levá-lo por aquele trecho final até a terra firme, segura. Quando caiu, rolou pelo chão em um emaranhado de vestes vermelhas de dueño.

Finn o imitou, balançando o corpo para a frente com toda a força e soltando o tecido imediatamente antes de seus dedos dos pés tocarem a água.

Ela voou, mas não tinha as pernas longas do príncipe. Não sabia se o impulso seria suficiente.

Não foi.

Quando o corpo começou a descer, ela soube que faltaria um pouco para escapar. Cairia na água fervente a poucos passos da terra firme. Mas Alfie levantou e se debruçou sobre a beirada do fosso, agarrando-a no ar quando ela já quase caía para a morte.

Juntos, os dois caíram e rolaram pelo chão de terra até pararem com Finn em cima dele, com o rosto escondido na curva do pescoço do príncipe, os braços dele a envolvendo com força.

Apoiando as mãos no chão, ao lado da cabeça dele, ela ergueu o corpo e o encarou com o coração disparado.

— Príncipe, está tudo bem?

Ainda de olhos fechados, Alfie sorriu.

— Não sou um bolinho frito. Por enquanto isso é suficiente.

Ele a encarou, e linhas finas surgiram no canto de seus olhos. Finn sentiu a vibração da risada em seu peito antes de ouvi-la. E percebeu naquele momento que, mesmo com a pele pálida por causa da magia do Sombra e com terra no cabelo depois do tombo, o príncipe era ainda mais bonito do que quando o havia conhecido com seu manto limpo e a máscara. Ficava mais bonito quando ria.

Finn se apoiou nos braços e levantou, depois estendeu a mão para ajudá-lo.

Ele aceitou a ajuda para ficar em pé.

— Salvei a gente pelo menos dessa vez.

Ela limpou a terra dos ombros dele.

— Melhor não se acostumar com isso.

Xiomara correu para perto deles e apontou para a Torre do Relógio.

Guardas e prisioneiros de olhos pretos saíam da prisão para irem atrás deles. Sem a ponte, pulavam na água sem nem pensar e tentavam nadar, mas a pele

sangrava e se desprendia em bolhas. Os infectados do telhado se jogavam às cegas e caíam no fosso ou no chão ao lado dele.

— Vamos! — disse Finn. — Vocês dois atrás. — Ela empurrou Alfie para a porta da carruagem quando percebeu que ele ameaçava assumir o comando do veículo.

— O quê? Mas eu...

— Príncipe, você está meio morto. Vai viajar aí atrás e descansar. E fique de olho nela. — Finn apontou para Xiomara, que já entrava na carruagem.

Alfie abriu a boca para protestar, mas a voz de Ignacio retumbou em torno deles.

— Parem! — Ignacio gritou. Ele estava em cima do telhado, olhando para Finn. Cada um dos monstros de olhos pretos que saíam da prisão como uma enxurrada parou onde estava, esperando a ordem do mestre.

— Deixem eles irem embora — Ignacio falou, e sua voz ecoou ao redor. — Deixem que alertem os supostos governantes do que está por vir. Que digam ao povo que seu verdadeiro rei se erguerá em breve.

Ele inclinou a cabeça para Finn, um gesto assustador que ela conhecia bem. Em seguida, uma voz cochichou apenas no ouvido dela. Podia sentir o hálito quente na orelha, embora Ignacio não tivesse saído do telhado da torre. *Fuja o quanto quiser, Finn. Você sabe que amo caçar.*

Ela sentiu um arrepio percorrer suas costas.

— Finn... — Alfie chamou, e a preocupação na voz dele a fez querer abaixar a cabeça. Com a garganta ardendo, ela o empurrou para dentro da carruagem e fechou a porta. Depois subiu na parte da frente, balançou as rédeas e conduziu os cavalos em frente. Não ousava olhar para trás, mas sabia que Ignacio a observava.

E sorria.

Palavras entalhadas em madeira

ENQUANTO FINN SEGURAVA AS RÉDEAS e fazia os cavalos galoparem rumo a San Cristóbal, Alfie estava dentro da carruagem, encarando Xiomara. Ela se movimentava desconfortável sob o olhar firme do príncipe.

Xiomara salvara sua vida. Podia ter deixado os infectados o arrastarem, mas o agarrara pelos punhos, os olhos semicerrados de medo por ele.

Para piorar, quando se separaram, ela tivera a oportunidade de fugir com o manto da invisibilidade, ficando livre de qualquer responsabilidade, mas havia ficado e os ajudado a escapar.

Salvara sua vida. Duas vezes. E Alfie nunca havia sentido tanta raiva e confusão.

Queria mais do que tudo que ela fosse um monstro, que justificasse todos os pesadelos, as ansiedades e dúvidas. Queria que ela não cooperasse tanto. Mas havia acontecido o contrário. Mesmo com medo de Alfie, ela não se esquivara de ajudá-lo, de salvá-lo.

Alfie a odiava por aquilo.

Queria dormir na carruagem sacolejante, recuperar as forças para encarar a luta que tinha pela frente, mas seu conflito interno o mantinha acordado. Virou-se para a garota, e seu olhar endureceu. Ela desviou o rosto tenso para o outro lado.

Alfie queria sacudi-la e provocar raiva, enfrentar qualquer coisa que não fosse essa pessoa culpada e inexplicavelmente útil. A expressão pesarosa dela o fazia se sentir culpado por odiá-la.

Por que sentir culpa, se ela tirou Dez de nós?, ele pensou. *Eu só deveria me sentir culpado por deixá-la respirar mais uma vez.*

Alfie cerrou os punhos e sua raiva cresceu. Devia se vingar dela pelo que tinha feito com ele. Pelo que tinha feito com sua família. Ela merecia, não?

Um obstáculo na estrada tirou a carruagem do chão, revirando seu estômago, e o veículo seguiu em frente estalando alto. Finn gritou um palavrão que o arrancou dos sussurros em sua cabeça.

Alfie respirou fundo. Podia matá-la, sabia que podia. Mas ele não era assim. E nunca seria. Pensou em Paloma quando o impedira de machucar a garota antes.

A voz dela ecoou em sua cabeça, destacando-se entre seus pensamentos: Sei a diferença entre “poderia” e “farei”. Essas palavras revelam a diferença entre um homem bom e um mau. Entre a luz e a escuridão. Eu sei a qual delas você recorre.

Ele ainda não tinha se deixado levar para a escuridão, e não deixaria naquele momento.

Alfie relaxou as mãos. A prisioneira o encarou com os olhos repletos de medo.

— Quero deixar uma coisa bem clara — ele começou, quase sem conseguir reconhecer o tom duro na voz. — O fato de ter tirado você da Torre do Relógio não significa que te perdoei. Não significa que vou pedir clemência para você. Não significa nada, só que alguma coisa muito ruim está acontecendo e preciso do seu poder para acabar com ela, entendes? — Ela assentiu, trêmula. O medo da garota só o deixou ainda mais zangado. — Se anos tivessem passado, e não meses, talvez eu não estivesse dizendo isso. Mas preciso saber por que fez o que fez. Preciso dessa resposta, porque, enquanto não a tiver, não vou conseguir viver a minha vida, mesmo que tenha restado muito pouco dela. Tenho medo de matar você antes de chegarmos ao palácio. Preciso saber a verdade.

Xiomara só olhava para ele, abrindo e fechando a boca em silêncio.

Ele não tinha papel ou pena para deixá-la escrever, então teriam que improvisar. Alfie tirou do bolso a faca que Finn havia emprestado a ele. Xiomara se afastou, encostando na porta da carruagem.

Ele ofereceu a faca.

— Pegue.

Ela a pegou, hesitante e confusa.

Alfie apontou a madeira da carruagem.

— Pode entalhar a madeira. Tente. — E acrescentou com fervor: — Por favor.

Xiomara preferia que a garota não a tivesse deixado com o príncipe zangado.

O sol havia se posto quando se afastaram da prisão, e o luar entrava pelas janelas da carruagem, iluminando seu rosto pálido com um brilho fantasmagórico. Ela olhou para a adaga em sua mão. Não escrevia havia muito tempo, e mesmo que tivesse escrito, não saberia por onde começar, e sabia que nada do que dissesse seria suficiente.

Devia começar falando sobre como havia recebido seu *propio*? Crescera em uma casa onde o pai espancava a mãe violentamente. Xiomara ficava sentada no quarto tapando as orelhas, em uma tentativa inútil de bloquear os apelos da mãe, depois o choro, depois o silêncio.

Foi no dia em que o pai matara sua mãe que Xiomara ganhara seu *propio*. Ela tinha encontrado a mãe caída, com o rosto mergulhado em uma poça do próprio sangue. Quando a virara, sentira todas as coisas quebradas se mexendo dentro dela, como se fosse um saco de vidro estilhaçado. Alguma coisa dentro dela se abria e nunca mais fechara, alguma coisa escura e vazia, que abrangia tudo.

Ela havia passado a vida toda querendo bloquear o barulho, a violência, imaginando que podia mandar tudo para outro lugar. Seu *propio* tinha captado aquele sentimento e o transformara em realidade. Ela tinha esperado até o pai dormir bêbado e o espancara até ele parar de respirar, e depois que a casa estava cheia de corpos imóveis, ensanguentados, ela só desejava que tudo fosse embora, desaparecesse.

Foi exatamente isso o que tinha acontecido.

O vácuo dentro dela tinha se tornado físico. Um vácuo de escuridão se abria no chão, engolira seus pais. Ao seu comando, aquele espaço se fechara.

Devia contar ao príncipe sobre os meses que tinha passado nas ruas, sem família e com medo dela mesma? Com medo de engolir a si mesma e o mundo todo, se não tomasse cuidado?

Devia contar a ele sobre quando seu *propio* tinha sido descoberto, e pessoas muito poderosas quiseram cuidar dela, ser sua nova família? Como o sorriso de Marco Zelas tinha sido bondoso quando ele passara um braço sobre seus ombros e prometera garantir sua segurança?

Desde que fizesse uma coisa por eles.

Desde que o ajudasse a se livrar da família real.

Devia contar ao príncipe que o nervosismo a impedira de comer por dias antes da data do plano? Que tinha sido uma adolescente sozinha e que o desejo por uma família e proteção prejudicara seu julgamento?

Esses pensamentos passaram pela cabeça de Xiomara em questão de segundos. O príncipe ainda olhava para ela e esperava, seu peito subindo e descendo depressa como se tivesse passado a vida toda correndo atrás dessas respostas.

Xiomara não sabia por onde começar, mas sabia uma coisa.

Ela pegou a faca e entalhou a madeira com cuidado: *Quero consertar*.

O príncipe encarou as palavras e seu rosto se manteve ilegível por um momento. Depois ele inspirou fundo pelo nariz e assentiu uma vez, como se aquilo bastasse. Por enquanto.

— Só me responda uma coisa — ele disse. — E, por favor, por favor, não minta. Vou saber se estiver mentindo.

Xiomara assentiu, e um nó se formou em sua garganta. O príncipe respirou fundo. A voz dele ainda tremia.

— Você queria matá-lo? Queria tirá-lo de nós?

A pergunta fez o peito dela doer. Levou-a de volta àquele momento terrível. Queria tanto dizer que não que abriu a boca para falar, mas só conseguiu emitir

um grito estrangulado. Balançou a cabeça com tanta força que seu pescoço doeu. Os olhos ardiam.

— Tudo bem — o príncipe falou. Sua expressão era dura, mas o olhar expressava compaixão. — Tudo bem.

Um silêncio caiu entre os dois. O príncipe olhava para as palavras entalhadas, e seus olhos dourados estavam encobertos.

— Conheço outra pessoa que foi forçada a fazer coisas que não queria — ele falou com tom brando. Xiomara o encarou, mas o príncipe não olhava para ela. Com a cabeça apoiada na janela da carruagem, ele observava o céu como se buscasse respostas nas estrelas.

Finn imaginou a própria morte mais vezes que qualquer pessoa da sua idade devia ter imaginado.

Enquanto a carruagem seguia pela estrada ladeada de plantações de cana-de-açúcar, empurrando as hastes mais próximas em reverências forçadas, os cenários passavam por sua mente. Cada um deles tinha um ponto em comum: Ignacio em pé a seu lado, assistindo aos seus últimos suspiros. Mesmo depois de ter esfaqueado seus olhos, sempre imaginara que ele seria a última coisa que veria. No momento tudo indicava que estava certa em relação a isso, então nenhuma surpresa.

Mas nunca imaginou que sua morte estaria ligada ao destino de um príncipe que tinha mais livros do que bom senso, e ao destino de um reino que, havia se convencido, não significava nada para ela. Mas lá estava Finn, conduzindo uma carruagem com a esperança de chegar ao palácio a tempo de impedir que Ignacio se apoderasse daquelas mãos de pedra sinistras.

Mas achava que essas coisas tinham mesmo que ser surpreendentes.

E ainda havia a surpresa do príncipe em si.

Nunca esqueceria como ele a havia olhado quando o encontrara na cela de Xiomara, como se o mundo se revestisse de escuridão e ela carregasse a luz no olhar. Com uma expressão mais branda, ele havia inclinado a cabeça, como se estivesse constrangido por causa de algum pensamento. Ou sentimento. Ela tivera

medo de saber em que ele pensava e também de não saber, medo das respostas que a própria mente estava formulando.

A voz dele ecoou de novo em sua cabeça, suave e insistente. *Eu acredito em você.*

As palavras dele ganharam vida — a mão estendida para levantá-la e afastá-la de Ignacio. Mesmo quando o desespero causado pelo que havia acontecido com seus pais a deixara arrasada, as palavras dele a encontraram, prometendo que poderia se libertar do destino que Ignacio tinha costurado em sua pele anos atrás. A voz de Alfie em sua mente dando forças para ela soava mais íntima que qualquer coisa que já houvesse experimentado, e ele nem sabia disso.

Jamais saberia. Nunca contaria a ele.

Mas o fato de ela saber era suficiente para que seu rosto queimasse sob o luar frio que a banhava.

A carruagem balançou quando o príncipe subiu com cuidado para o assento ao lado dela. Finn não virou para encará-lo. Continuou olhando para a frente, para a estrada sinuosa, esperando o rosto esfriar. Não queria ver como ele estava abatido e esgotado depois de usar a magia. Já corriam em direção à morte; não precisava acelerar o processo.

— Conte para ela... — Alfie parou de falar de repente. Era como se ele lutasse com alguma coisa. — Conte o plano para Xiomara.

Finn arqueou uma sobrancelha. Nunca tinha ouvido o príncipe dizer o nome da garota, e pela forma como suas narinas dilatavam, não era algo que fazia com facilidade.

— Que plano? — ela perguntou.

— Chegamos ao palácio e avisamos todo mundo sobre o que está acontecendo, e pedimos para os dueños prepararem proteções para impedir Ignacio e seus soldados de encontrarem as mãos. Quando ele chegar, você e eu o pegamos. Se tivermos sorte, o matamos e consigo fazer a magia entrar no dragão. Xiomara vai ficar escondida embaixo do manto da invisibilidade até a hora certa, então vai

abrir o vácuo para mim. Eu jogo o dragão lá onde não vai existir corpos para a magia infectar, nenhuma maneira de usar seu poder de novo.

— E se não tivermos sorte? — Finn perguntou em voz baixa.

O silêncio se prolongou.

— Se não tivermos sorte. — Alfie inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Nesse caso, não teremos mais com o que nos preocupar.

— Um jeito doce de dizer que vamos morrer — Finn retrucou.

— Prefere que eu diga do jeito azedo? — ele murmurou, olhando a lua.

O rosto do príncipe era banhado pelo luar e ele mordia a parte interna das bochechas. A mãe de Finn sempre dissera que manter uma expressão suave diante de um mundo duro e frio era um ponto forte. Sua mãe teria gostado muito de Alfie.

— Não — respondeu. — Melhor do jeito doce, por enquanto.

O silêncio tomou conta por um momento demorado, e Finn se perguntou se ele havia adormecido.

— Você realmente matou uma pessoa quando tinha oito anos? — ele perguntou com um tom de voz delicado. Seus olhos estavam fechados, e sua cabeça pendia para um lado. O dragão descansava em seu peito. Ele devia ter feito Xiomara devolvê-lo quando conversaram no interior da carruagem. Se inclinasse um pouco mais a cabeça, ele a apoiaria no ombro de Finn.

A luz da lua o prateava, destacando seus traços delicados com sua luminosidade fria. Finn imaginava se era assim que ele via a magia, cor exuberante sobre a pele. Ou se era um brilho mais suave, preso sob a carne, como um rubor subindo pelo pescoço para cobrir faces e lábios. Talvez uma camada cintilante, como suor.

— Por que está me perguntando isso agora?

— Porque não acredito em você — ele respondeu e se virou para ela. O dourado dos olhos ganhou nova vida, um brilho pronunciado e ofuscante. — E se vamos morrer juntos hoje à noite, quero saber com quem eu vou morrer.

Silêncio de novo.

Depois de tudo o que Ignacio fizera com ela, o medo que sentia dele havia

criado uma raiz escura e retorcida dentro dela. Finn decidiu que se ela temia tanto um homem, não podia ter medo de mais nada. Por isso, quando tinha medo de alguma coisa, ela queria inverter o jogo e a perseguia e a ensinava a ter medo dela no lugar.

Mesmo assim, nunca conseguia superar o medo das verdades que viviam dentro de si. Ela havia contado a Ignacio o que fizera com aquela garotinha quanto tinha oito anos, seu segredo mais sórdido, e ele usara a informação contra ela. Com as palavras dela, ele fizera um colar para enforcá-la. Apesar de todos os golpes que dera, das brigas de faca que vencera, dos encontros com a magia obscura a que sobrevivera, ela nunca conseguia deixar de ter medo de si mesma — das partes que a faziam querer rasgar a própria pele e sair de dentro do próprio corpo. As partes que a levavam a se esconder sob vários rostos. As partes que haviam matado aquela garotinha que, por sua vez, mataram seus pais também. A garganta dela fechou quando pensou nisso.

Nunca deixara de acreditar que, se contasse esse segredo a mais alguém, só depararia com olhares de desgosto — ou pior, pena.

Mas não queria morrer com esse medo apodrecendo dentro dela, corrompendo-a como a magia obscura corrompia suas vítimas. Mesmo que só tivesse algumas horas antes de Ignacio encontrá-la novamente, queria que essas horas pertencessem apenas a ela e a mais ninguém, sem um segredo puxando-a para baixo quando tentava desesperadamente nadar para a superfície.

Alfie levantou a cabeça e a encarou com os olhos cheios de preocupação. Se ia tentar, por que não tentar com ele?

Por que não tentar com um amigo?

— Sim, é verdade — ela confirmou, segurando as rédeas com mais força. — Mas não foi de propósito.

— O que aconteceu?

— Meus pais e eu morávamos em um pequeno barrio pobre onde havia muita gente e pouca comida. Eles fingiam que tudo estava bem, mas eu sabia que não comiam para eu poder me alimentar. — Finn engoliu o ardor na garganta. —

Decidi tentar ajudar. Saía escondida em busca de comida. Uma noite, eu estava andando por um beco ao lado de uma padaria, onde às vezes jogavam fora o pão velho. E vi um pão muito queimado, mas era um pão. Quando corri para pegá-lo, alguém me empurrou.

Finn conseguia ver os olhos daquela menininha em sua mente. Não podia ser muito mais velha que ela. Não tinha um dos dentes da frente e estava coberta de sujeira das ruas, como a própria Finn — um tipo específico de sujeira que só se adquiria dormindo em vielas e revirando o lixo em busca de comida. Havia uma ferocidade no olhar daquela menina quando correria para pegar o pão. Finn ficou assustada. Não pela intensidade do olhar, mas por saber que seus olhos eram iguais, marcados por desespero e medo.

— E então? — Alfie perguntou em voz baixa.

Finn não sabia por quanto tempo tinha ficado em silêncio.

— Nós brigamos pelo pão, trocamos empurrões, arranhões e puxamos a roupa uma da outra. E eu... — Finn balançou a cabeça e fechou os lábios com força. Se estivessem em posições diferentes, talvez a história tivesse terminado de outro jeito. — Eu joguei a menina no chão. Ela caiu de costas e eu caí em cima dela. Eu não sabia que tinha uma tábua no chão atrás dela, uma tábua cheia de pregos pontudos... — Por um momento, ela não soube como continuar, mas Alfie achou melhor permanecer em silêncio. — Alguém devia estar construindo alguma coisa e jogou aquela tábua no beco. — Ela respirou fundo e tentou controlar a voz, mas não conseguiu. — Quando joguei a menina no chão, eu ouvi o que aconteceu. Juro que ouvi os pregos entrando nela. A menina ficou quieta, morreu em um segundo. Um prego atravessou o pescoço, entrou na nuca. — Ela passou a falar rápido demais. — Tinha sangue para todo lado, o pão ficou encharcado. A pior parte foi que, quando estávamos brigando pelo maldito pão, eu pensei: “Não ligo se ela morrer, desde que eu consiga comer alguma coisa. Só uma mordida”. — Ela piscava para conter as lágrimas. — Parece que meu pedido foi atendido.

Houve um instante de silêncio antes de a voz de Alfie soar quente como o

cobertor de uma criança.

— Sinto muito.

Ela se obrigou a dar de ombros com indiferença, embora os olhos insistissem em buscar o rosto dele. O príncipe era tão expressivo que Finn sabia que se estivesse sentindo qualquer tipo de desgosto, ela claramente veria a emoção em seus traços. E ela não conseguia evitar procurá-la enquanto contava a história. Haveria um conforto estranho em confirmar o que já sabia — que ela era o monstro que Ignacio sempre dissera.

A voz dele era suave.

— Mas isso... isso não foi nem um pouco sua culpa. — Finn ouvia cada gota de bondade na voz dele. E o odiava por isso.

— Você não estava lá — ela disse, ríspida. — Não pode saber de quem foi a maldita culpa. — Não queria contar sobre os pais, sobre o que Ignacio tinha feito com eles, por causa dela. As feridas eram recentes demais para falar aquilo. Não suportaria dizê-las em voz alta. — Antes dessa magia obscura, a restrição do *propio* de Ignacio era que ele precisava saber alguma coisa sobre a pessoa para ter controle sobre ela. Alguma coisa íntima. — Finn engoliu em seco. — Quando contei sobre aquela garotinha, ele passou a me dominar. Queria ser a única pessoa em minha vida. Quando eu me aproximava de alguém, tentava criar uma conexão, ele me mandava matar a pessoa. — O príncipe estava imóvel, e ela não suportava a ideia de olhar para ele e ver o desgosto estampado em seu rosto. Mesmo assim, não foi capaz de impedir que as palavras saíssem de sua boca. — E as mortes nunca eram misericordiosas. Com Ignacio, era sempre lento, pessoal. Minhas mãos agarravam o pescoço de alguém e ele me dizia para apertar. — Com uma dolorosa lembrança, Finn se lembrou do menino se debatendo, agarrando seus dedos, batendo com os pés no chão enquanto ela apertava seu pescoço mais e mais. — Uma facada e um sangramento lento. Veneno misturado à bebida em uma taça. — Finn pensou no garoto da banheira morrendo no chão, seus olhos vertendo sangue, o príncipe chorando.

— Finn — Alfie a interrompeu. — Nada disso foi culpa sua. — Ele se virou e olhou para ela. Finn desviou o olhar e manteve-o fixo na estrada. — Olhe para mim, por favor. — Ela respirou fundo e o encarou. Em seu rosto viu preocupação e mais alguma coisa que se recusava a nomear, uma emoção que sustentava seu olhar sem medo, mas que ela ainda temia. Temia que ver aquilo em seus olhos libertasse algo que ela mantinha preso dentro de si durante muito tempo. — Você não é nenhum monstro. Mesmo que tenha sido convencida a pensar isso. — Apesar de baixa, a voz dele era forte. — Não vou deixar que morra acreditando nisso. Não vou.

Finn sentia o ar preso na garganta. Ignacio passou anos martelando aquelas palavras em sua cabeça, falando sobre quem ela era e quem poderia ser, desde aquela noite no beco. Mas o príncipe não a tratava com aversão ou piedade. Falava como se ela ainda pudesse ser salva. Como se não estivesse tão destruída e não fosse tão monstruosa quanto Ignacio a fazia se sentir.

Talvez não fosse.

— Meu rosto mudou pela primeira vez na noite do pão. — Nunca tinha contado a ninguém sobre o momento que fora o gatilho para seu *propio*. Mas não queria morrer com aquele segredo.

— Tudo o que você queria era ser outra pessoa depois daquela noite — ele disse.

Finn só conseguiu assentir, ainda com a garganta queimando. Alfie olhou para a frente.

— Meu *propio* apareceu em um momento que parecia insignificante para todo mundo, menos para mim — ele contou.

— O que aconteceu? — Finn estava aliviada por poder falar de outra coisa além das próprias lembranças. O príncipe não respondeu, e ela insistiu: — Qué fue?

— Era um dia como qualquer outro. — Sua voz transmitia uma nota de dor mal disfarçada, como um rio que quase arrebentava uma represa frágil. — Eu

tinha nove anos. Fui procurar Dez na biblioteca. Quando cheguei lá, ele e meu pai estavam sentados, gargalhando e sorrindo um para o outro. — Sua voz baixou para um murmúrio sofrido. — Não perceberam que eu estava ali. E eu vi aquela expressão no rosto de meu pai. Um amor tão grande por Dez. Muito orgulho. E ele nunca tinha me olhado daquele jeito. E eu sabia que nunca olharia. Não daquele jeito. Aquela foi a primeira vez que comecei a ver magia e a transformar a minha própria para corresponder à de outra pessoa. A primeira coisa que fiz foi mudar minha magia para a cor dourada da de Dez. — Alfie pigarreou, e sua voz ficou mais carregada. — Dez ganhou seu *propio* depois de me segurar pela primeira vez, quando eu era bebê, porque ele me amava. Eu ganhei o meu porque o invejava. Que belo irmão eu fui. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Só quero dizer que você não é a única pessoa que desejou ser outra. Não está sozinha nessa, mesmo que se sintá assim.

As palavras dele a tocaram e ficaram coladas à pele, como neve que tinha acabado de cair. Compartilhar os defeitos de alguém era uma fraqueza; isso tinha sido claro para ela desde sempre. Seus defeitos podiam ser usados contra você, para te controlar e ferir. Se soubesse disso quando era criança, Finn teria guardado seus segredos em vez de confiá-los a Ignacio. Mas ela sempre se orgulhara de aprender depressa. Desde então, sabia que suas cicatrizes e as histórias que as acompanhavam deviam ser suportadas em silêncio. Deviam ser carregadas na pele e na alma como um mapa de seus piores momentos. Mas nunca pensou que suas cicatrizes pudessem ser compartilhadas, que o fardo pudesse ser dividido sobre dois pares de ombros, em vez de um só. Era surpreendente o sentimento que havia brotado e crescido pelo garoto a seu lado, pelo brilho tênue de seu olhar quando a observava, quando pegava seus segredos e os guardava consigo para protegê-los, não para sacá-los como uma faca em algum momento oportuno.

— Azul — ele disse de repente.

Finn inclinou a cabeça.

— Azul?

— A cor da minha magia é azul — ele explicou. — Você me perguntou antes. É azul-escuro. Quando mostrei a Luka com tinta como era, ele disse que parecia a cor do céu à noite em um livro infantil.

Finn conseguia imaginar. Uma cor pura e relaxante, calma, mas um pouco triste também. Era a cor de Alfie.

— Faz sentido.

— E sua magia não tem uma única cor — ele disse apressado, com se não tivesse muito tempo. Finn imaginava que não tinham, mesmo.

— Não? Você tinha dito que ela é vermelha.

— Sim, um vermelho intenso, mas está sempre mudando de tom. Mudando constantemente.

Ela sorriu.

— Como eu.

— Como você. Nunca conheci... nunca vi nada parecido. — Alfie pigarreou.

Finn estava aliviada por ter uma desculpa para continuar olhando para a frente, com o vento esfriando seu rosto quente. Ela segurou as rédeas com firmeza quando os cavalos fizeram uma curva na estrada.

— Por que você estava procurando aqueles livros inglêsios? — ela perguntou.

— Por que quer saber? — ele devolveu em voz baixa.

— Você pode conhecer a pessoa com quem vai morrer, mas eu não?

O príncipe ficou em silêncio por um momento antes de soltar um suspiro.

— Pensei que alguma coisa naqueles livros poderia me ajudar a trazer meu irmão de volta. Foi assim que começou, pelo menos. E continuou por motivos mais idiotas.

— Por exemplo?

— Ser inconsequente. Fazer alguma coisa, qualquer coisa que pudesse para provar que sou tão errado para o trono quanto sempre acreditei. — De canto de olho, ela o viu massagear a nuca, um gesto que, em sua mente, ficaria associado a ele para sempre. — Meus pais chamam isso de peso da história. Eles dizem que sou o produto, o progresso de nossos ancestrais, gente que foi escravizada pela

Inglésia, desconectada de sua magia, de sua cultura. E eu acredito neles, acredito em nossa história e sou grato por ela — ele disse, falando rápido como se tivesse medo de que ela o achasse mimado. — Mas quando penso em tudo que foi sacrificado para eu ser quem sou, ter o que tenho, fico paralisado de nervoso, não consigo pensar. Não consigo fazer nada. Parece idiota, mas se não consigo carregar o peso dessa história, como posso ter esperança de que serei um bom rei? Não sirvo para isso, eu sei. Às vezes acho que meus pais também sabem. Principalmente meu pai. Sei que ele queria que tivesse acontecido comigo, e não com Dez.

Finn balançou a cabeça.

— Não, não é você que é errado.

— Hum?

— Não é você que é errado para o trono. É como você encara essa situação.

— Agora você é especialista em política? — ele perguntou com tom seco.

Finn balançou a cabeça de novo.

— Não, mas sou especialista em gente, em analisar as pessoas para poder imitá-las.

— Isso te torna especialista em mim?

Ela pensou por um momento.

— Sí.

A gargalhada do príncipe soou vazia e triste.

— Pena eu não poder dizer o mesmo.

Finn se lembrou de como ele a havia coberto com seu manto depois de terem lutado na noite do jogo cambió. Como se ela fosse alguém a ser protegida, não uma estranha que o havia roubado e machucado.

— Você é o tipo de pessoa que vê tudo como algo precioso e frágil. Tem medo de quebrar as coisas.

— Sim — ele confirmou.

— Não pode ver as coisas desse jeito. Não estou dizendo que Castellan não é grandiosa. É. Mas não é perfeita. Nunca foi, nunca será. Esquece a história.

Esquece o legado — ela disse, lamentando não ter passado mais tempo seguindo o próprio conselho. Devia ter vivido a própria vida em vez de fugir do passado. — Se o que você realmente quer é governar, que os deuses ajudem, aceite que seu reino é uma cisterna gigante de merda, como todos os outros lugares. Assim não vai ter medo de assumir riscos para torná-lo melhor. E talvez assim consiga consertar algumas coisas. Se andar por aí como se governasse um lugar perfeito e frágil como vidro, não vai fazer nada além de polir e admirar Castallan. Se quer ser um rei meio decente, esqueça tudo que veio antes de você, olhe para esse lugar como ele é e lide com o que vê.

Alfie olhou para ela de um jeito que ninguém nunca havia olhado — como se por trás da sujeira de tudo que ela fizera, das vidas que exterminara, da dor que causara, houvesse alguém que valia a pena conhecer.

— Queria ter te conhecido antes. — Algo no modo com que ele disse isso fez os olhos de Finn arderem.

— No momento, eu queria um monte de coisas. — Mais tempo, por exemplo, e ela sabia que ele se sentia do mesmo jeito. O medo da morte se esgueirando atrás deles, seguindo seus passos.

Mas talvez isso fosse tão bom quanto podia ser. No momento em que conhecera Ignacio, ela passara a viver um tempo emprestado. Mesmo assim, seu coração batia forte, até mais rápido para acompanhar a velocidade com que sua vida se esgotava, chegava ao fim.

— Finn?

— Sim? — ela disse com a garganta queimando.

— Você nunca vai ter que voltar para ele. Ou vamos matá-lo ou vamos morrer tentando. E se tivermos que morrer hoje à noite, fico feliz por estarmos juntos.

— Não quero morrer de jeito nenhum. — Odiava como dizer isso a fazia soar pequena. Finn soltou uma das mãos das rédeas para enxugar as lágrimas, depois agarrou o tecido da calça.

— Também não quero, mas não estaremos sozinhos, pelo menos. Vou apresentar você ao Dez quando chegarmos lá. Vai gostar dele.

Finn nunca tinha se incomodado com pensamentos sobre a vida após a morte. Tinha presumido que, se existisse algum tipo de paraíso eterno, ela não atenderia aos pré-requisitos para ir para lá. Mas com um príncipe para indicá-la, talvez conseguisse.

— Meus pais morreram quando eu era muito nova — ela disse. Lembrava-se bem pouco deles. Algumas de suas lembranças mais queridas eram de como olhavam para ela com ternura e a balançavam nos braços enquanto caminhavam. Como a chamavam de Mija e beijavam suas bochechas. — Não vou reconhecer ninguém no outro mundo.

— Vai me conhecer — ele disse. Sua mão tocou a dela hesitante, e havia uma pergunta no toque. Só quando ela moveu a mão para mais perto, ele entrelaçou os dedos nos dela, um toque suave em meio ao vento que cortava a carruagem. — E agora eu conheço você.

Ela sempre imaginara que o peso da mão de alguém sobre a sua seria como uma âncora, puxando-a a uma estagnação forçada quando só queria correr, ser livre. Mas agora não havia nada que quisesse mais do que ficar. Sentia mais liberdade nesse momento do que em todos os outros de sua vida.

Liberdade, ela estava começando a entender, podia ser encontrada em uma pessoa, em vez de em um lugar.

Com a estrada reta e vazia diante dela, Finn virou para encarar o príncipe. Em seus olhos dourados havia o mesmo medo sem reservas que ela sentia nos ossos, uma vulnerabilidade que a deixava exposta a tudo que estava por vir. Mas havia um poder nesse medo que surgia entre eles, um poder em saber que a morte se aproximava e que não havia tempo para fingir, para ser alguém além de quem realmente era, sentir alguma coisa além do que aquilo que sentia. Ela virou novamente para a estrada.

— Muito bem — disse. — Então vamos juntos.

A ladra e o príncipe seguiram viagem, os dedos entrelaçados prometendo que aonde um deles fosse, o outro com certeza iria também.

O príncipe substituto

LUKA ESTAVA NERVOSO.

A última vez em que havia ficado nervoso por causa de um baile tinha sido... bom, ele nem lembrava. Compromissos sociais eram mais seu elemento que o próprio fogo. Tudo aquilo era muito fora do comum e irritante. Sentindo necessidade de fazer alguma coisa com as mãos, ele ajeitou a gola do sobretudo azul-escuro que o próprio Alfie teria usado para ir ao baile, se estivesse ali.

No lugar dele, era Luka quem estava sentado no trono dourado ao lado do rei e da rainha, no fundo do salão de baile, em frente à grande escadaria de mármore. Os convidados eram anunciados, desciam a escada e atravessavam o salão para se curvar diante da família real com sorrisos ensaiados, enquanto o baile acontecia diante deles. Luka se amaldiçoava por ter destruído o pergaminho que Alfie havia lhe dado. Não tinha mais como saber se o primo estava bem. A preocupação latejava entre suas orelhas num ritmo forte e constante.

Os nobres de Castellan dançavam e socializavam pelo piso de ladrilho brilhante. O salão de baile estava revestido com cortinas mágicas que escureciam e se iluminavam ao longo da noite. Velas flutuavam por toda parte como se fossem estrelas encantadas trazidas do céu. O Festival do Equinócio tinha a ver com o equilíbrio entre a escuridão e a luz, algo sobre o qual a decoração do baile sempre refletia. O teto abobadado do salão era um conjunto de vitrais que, durante o dia, projetava sombras de todas as cores imagináveis. Mas naquele momento Luka só conseguia ver o contorno da lua pairando no alto, como se fosse bloqueada por

um papel de seda fino e colorido, e não podia se entregar à tequila e à opulência do baile, como normalmente faria. Não com as palavras de Alfie ecoando em sua cabeça como um cântico interminável.

Mas, se eu não conseguir, se eu não voltar, preciso que diga a verdade a Paloma e tente acabar com isso.

A hora havia chegado? Alfie tinha fracassado? O mundo ainda não desabara em torno dele, mas, mesmo assim, Alfie tinha partido havia muito tempo. Ele não perderia uma noite tão importante a menos que algo terrível estivesse acontecendo.

Se ele ainda estivesse vivo, é claro.

Ao pensar naquilo, Luka levantou do trono e caminhou para o outro lado do salão de baile, a capa dourada balançando a cada movimento. Ele desviava dos nobres que se aproximavam para cumprimentá-lo. Fingiu não ouvir a rainha perguntar aonde ele ia com tanta pressa. Ignorou os rostos confusos com sua grosseria. Não tinha mais tempo para isso. Não naquele momento. Paloma usava suas vestes formais de dueña, com acabamento dourado, e estava do outro lado do salão, preferindo, como sempre, se manter distante da política social dos bailes reais.

— Paloma — Luka a chamou, e a segurou pelo ombro.

Ela arqueou as sobrancelhas, olhando para a mão que a tocava antes de encará-lo.

— Príncipe Alfehr — disse enquanto analisava o rosto do príncipe. — O que foi?

Era totalmente impróprio tocar uma dueña daquela maneira, mas Luka não estava preocupado com boas maneiras.

— Não sou o príncipe Alfie — ele admitiu. Achava que dizer aquilo em voz alta seria libertador, mas só sentia como se tivesse sido despido de seu casaco no auge do inverno, exposto aos elementos, às consequências da mentira tola com que havia concordado participar.

— Como assim? — Paloma se esquivou da mão dele. Sua voz baixou para um

murmúrio, porque ela percebia os nobres olhando na direção deles. — Você está bêbado?

Ele engoliu com dificuldade, como se o medo de Alfie já estar morto subisse por sua garganta como bile.

— Preciso te contar uma coisa.

34

Os dois príncipes de Castallan

A CARRUAGEM PASSOU PELA PONTE DE PEDRA sobre o lago e entrou na área do palácio, onde convidados subiam a escada do castelo para serem anunciados no baile.

— Saiam do maldito caminho! — Alfie gritou quando duas nobres se assustaram, ergueram as saias e se afastaram depressa, enquanto Finn parava a carruagem bruscamente diante da escadaria do palácio. A viagem havia sido uma oportunidade para ele descansar, embora seu corpo ainda estivesse dolorido por causa da magia de Sombra. Mesmo assim Alfie se sentia renovado, pronto para lutar por seu reino.

Ele desceu da carruagem, e os guardas o cercaram em um instante.

Ele levantou a mão aberta.

— Sou o príncipe Alfehr, herdeiro do trono de Castallan. Trago notícias urgentes.

Um dos guardas gargalhou, olhando para as vestes rasgadas de dueño que Alfie vestia.

— Está bêbado, muchacho? O príncipe Alfehr está lá dentro festejando.

Os guardas cercavam a carruagem formando um círculo amplo, todos tocando o cabo da espada.

Um deles olhou para Finn, que continuava sentada no banco da frente do veículo.

— Posso ver seu convite?

— É claro. — Finn levantou o pé e chutou o rosto do homem. Ele caiu de costas xingando, levando a mão ao nariz ensanguentado.

Os nobres entraram correndo, escandalizados com a cena enquanto os guardas fechavam o cerco.

— Prestem atenção! — Alfie gritou. — Não estamos aqui para machucar ninguém.

— Fale por você — Finn murmurou de seu assento. Alfie lançou um rápido olhar irritado para ela.

— Eu sou o príncipe Alfehr e estou aqui para alertá-los sobre um ataque. Me deixem entrar no palácio imediatamente!

— Não, chico. — Um guarda levantou a espada, mas uma coluna de pedras cresceu entre suas pernas e o acertou na virilha. Alfie não precisou olhar para trás para saber que aquilo tinha sido obra de Finn.

Outro guarda atacou no lugar do primeiro, avançando com o punho erguido, mas antes mesmo que percebesse, Alfie havia extraído uma coluna de água do lago e a congelado em uma bola em torno do punho. Acertou o homem com um soco no rosto, jogando-o longe.

Finn apareceu ao lado dele, olhando para seu punho de gelo com as sobrancelhas arqueadas.

Alfie apreciou o orgulho que viu em seu sorriso.

— Aprendi com a melhor.

Naquele momento de distração, um guarda jogou uma pedra contra a barriga de Alfie. Ele se dobrou ao meio, apoiando-se nos joelhos enquanto tentava respirar.

Finn parou na frente dele e provocou uma chuva de pedras sobre os guardas, acertando dois no nariz e abrindo o chão para engolir outro até deixar apenas sua cabeça visível.

— De pé, príncipe! — ela ordenou. — Se vamos morrer hoje, vai ser em uma batalha dramática, não nesse confronto idiota com seus malditos guardas.

Alfie ergueu o corpo quando outra leva de guardas se aproximava para cercá-

los. Ele a encarou e não conteve um sorriso, sentindo o coração apertado com a dor da lembrança de Dez.

Nos livros, as lutas de espada sempre acontecem em um lugar grande e imponente. E, quando se grita, o som ecoa por todos os lados. O eco é importante.

— Tem razão — ele disse. — Vamos morrer em algum lugar com um bom eco.

Finn inclinou a cabeça para o lado, depois assentiu com uma compreensão que fez Alfie sentir como se ela já houvesse estado ali com ele e Dez.

— Exatamente.

Alfie ergueu a mão e gritou:

— *Fuerza!*

Um guarda foi jogado para trás, contra a carruagem de um nobre.

— Pare com isso imediatamente!

Alfie parou. Reconhecia a voz... era Maria, a chefe da guarda do palácio. Ela empunhava a espada e se aproximava com uma expressão intrigada.

Finn deu um passo à frente, pronta para o confronto, mas Alfie a segurou pelo ombro e a empurrou para trás dele quando a guarda moveu a espada em um arco na direção do pescoço de príncipe.

— Maria! — Alfie gritou. A guarda parou ao ouvir seu nome, mas o aço de sua espada pressionava o pescoço dele. Alfie levantou o queixo e a encarou. — Quando eu tinha oito anos, caí da escada do salão de baile e você me carregou para a enfermaria. Chorei tanto que molhei a gola de sua capa. Você cantou para me acalmar. Olhe para mim! Não sou um impostor, sou seu príncipe!

Maria ficou imóvel, chocada, encarando-o. Em seguida, afastou a espada de seu pescoço e se curvou diante dele.

— Minhas desculpas, príncipe Alfehr, eu não...

Alfie acenou com uma das mãos.

— Não temos tempo para isso. Só nos deixe passar. E avise os guardas para se prepararem para um ataque. Vão tentar invadir o palácio em breve! Proteja o

cofre a todo custo, entendeu?

Maria não precisou ouvir mais nada.

— Deixem o príncipe passar! — ela gritou para os guardas. Todos recuaram embainhando as espadas, cada um deles com uma expressão confusa no rosto. — Você! — Maria gritou para um jovem guarda. — Acompanhe o príncipe e sua convidada até o salão de baile. *Agora!* Não permita que ninguém se coloque em seu caminho!

— Não, eu prefiro aquele — Finn interferiu, apontando para o guarda cujo nariz havia chutado. Ele a encarou ainda com as mãos sobre o rosto ensanguentado. — Venha, nariz de vidro.

De cara feia, o guarda acompanhou Alfie, Finn e a ainda escondida Xiomara pelas portas abertas rumo ao salão de baile. Deixando de lado anos de etiqueta, Alfie empurrava os nobres que andavam sem pressa pelos corredores grandiosos.

— Saiam da frente! — gritou, assustando um grupo de nobres mais velhos que se afastaram de seu caminho. Finn derrubou um criado quando passaram por ele correndo. Alfie sentia a presença de Xiomara a seu lado enquanto avançavam apressados pelos corredores sinuosos. Guardas ameaçavam detê-los, mas abriam caminho ao sinal de seu acompanhante de capa vermelha e nariz ensanguentado.

Finalmente chegaram às grandes portas do salão de baile. Alfie desceu a escada correndo, quase tropeçando nas vestes sujas de dueño. Ele parou ao pé da escada, ofegante, enquanto o salão de baile ficava em silêncio à sua volta, com alguns sussurros scandalizados pairando no ar como fumaça.

— É o príncipe?

— Ele está usando... vestes de dueño?

Alfie bateu de leve na garganta.

— *Amplificar.* — Sentiu um formigamento embaixo do queixo, o toque de magia que tornaria sua voz audível a todos. — Atenção todos! — Alfie gritou, e sua voz ecoou pelo salão de baile. Os músicos pararam de tocar e olharam para

ele. — Prestem atenção! Vocês devem sair do palácio imediatamente. Um ataque inimigo está...

— O que significa isso? — Do outro lado do salão, o rei levantou de seu trono e a rainha o seguiu. Guardas os cercaram formando uma parede de músculos.

O coração de Alfie doía. Havia pensado que nunca mais os veria. Queria se jogar nos braços deles como fazia quando era criança. Queria chorar e prometer que nunca mais cometeria um engano como aquele. Mas não tinha tempo para isso.

Alfie atravessou o salão correndo e parou diante do círculo de guardas. Os nobres se afastaram, evitando participar do que, sem dúvida, suspeitavam ser uma ridícula gafe social. Alfie desfez o encanto amplificador antes de falar novamente.

— Mãe, pai...

Ao ver seu rosto de perto, a raiva da rainha se desfez por um momento, mas voltou em seguida.

— Você não é nosso filho. Nosso filho está aqui. Você é um impostor. Prendam-no imediatamente!

— Esperem! — uma voz gritou do meio dos convidados. Luka, que ainda estava com o rosto de Alfie, atravessou o salão até alcançá-los. Paloma o seguia, olhando para Alfie com tanta raiva que o príncipe teve vontade de levantar a mão para se proteger. Seu estômago revirou. Ela sabia. Luka tinha contado a ela.

— Qué tal, garoto da banheira — disse Finn.

Os braços de Alfie já estavam abertos quando Luka o alcançou e o abraçou.

— Está atrasado — Luka disse quando se afastaram.

— Antes tarde do que nunca — Alfie brincou, apesar da emoção e do alívio de ver o melhor amigo de novo.

— Alfie — disse a rainha, cujos olhos se moviam entre ele e Luka. Alfie não sabia com qual dos dois ela estava falando. — Explique-se.

— Pode deixar. — Finn moveu a mão e Luka voltou a parecer ele mesmo. — Pronto — Finn anunciou diante do olhar chocado do rei e da rainha. Alfie nunca tinha visto o rei de queixo caído como naquele momento.

Rapidamente Paloma empurrou Luka e se colocou diante de Alfie. Ela levantou a mão e bateu em seu rosto, jogando sua cabeça para o lado com a força do tapa.

A dor não era nada comparada à vergonha. O rosto de Paloma estava vermelho de raiva quando um guarda se aproximou para contê-la, mas Alfie o deteve com um gesto. Ele merecia aquilo.

— Seu garoto tolo — ela disse. — Como pôde ser tão inconsequente...

Alfie não teve tempo para dizer nada antes de Finn colocar-se diante dele e pressionar uma faca contra o pescoço de Paloma.

— Use só as palavras, não as mãos, como uma menina crescida.

Paloma era muito mais alta que Finn, e olhava para a garota como se fosse um inseto a ser esmagado sob seu pé.

— *Paloma!* — a rainha Amada chamou com voz retumbante. Com um gesto, ela abriu caminho entre os guardas e se colocou diante de Alfie, seguida de perto pelo rei. Finn teve o bom senso de abaixar a faca e recuar para sua posição ao lado de Alfie. A rainha falou entredentes: — Toque no meu filho de novo e vai se arrepender até o fim dos seus dias.

Silêncio caiu sobre eles.

Com o olhar fulminante ainda cravado em Alfie, Paloma se afastou tremendo de raiva.

— Alfie — a rainha Amada falou, segurando o rosto dele entre as mãos trêmulas. — Onde esteve? O que está acontecendo?

Alfie engoliu em seco, sentindo o suor escorrer das têmporas. O que ela faria quando soubesse? Sua mãe bateria nele como Paloma tinha feito? Ou pior, se afastaria para sempre? Qualquer que fosse o desfecho, tinha que enfrentá-lo.

— Temos que nos preparar para um ataque...

Um estrondo ecoou no salão. Os enormes vitrais trincaram, e as rachaduras se espalhavam como teias de aranha. Cacos de vidro colorido explodiram para o interior do salão, e infectados de olhos pretos passavam rastejando pelas aberturas.

A pele deles rasgada com os fragmentos de vidro. Um grupo de mulheres nobres que estavam perto dos vitrais tentou correr, mas mal conseguiram dar alguns passos antes de as criaturas de olhos pretos as agarrarem pelos vestidos como abutres em busca de cadáveres. Alfie desviou o olhar quando as sombras das convidadas foram arrancadas do chão e empurradas para dentro de seus corpos em convulsão. Os guardas reagiram sem hesitação, colocando-se diante de Alfie, Finn, Paloma e Luka para protegê-los, mas Alfie sabia que não podia ficar ali. Era ele quem devia se encarregar da proteção.

— Mãe, pai — ele disse em meio aos gritos que dominavam o salão. — Corram. Escondam-se. Por favor.

— Príncipe — disse Finn, apontando por cima de seu ombro com um dedo trêmulo. No alto da escadaria, com um batalhão de comandados de olhos pretos, Ignacio sorria para eles.

Alfie se virou para Paloma e sentiu o coração apertado.

— Você sabe o que eu fiz. Sabe o que tem que ser protegido. Não vou pedir para me perdoar, mas, por favor, proteja o cofre. Finn e eu vamos cuidar de tudo por aqui.

O olhar de Paloma ainda era severo quando ela assentiu.

Alfie olhou para os guardas que os cercavam com suas espadas em punho.

— Protejam o rei e a rainha! Protejam o cofre!

O rei, pálido e em silêncio, abriu a boca para protestar, e os guardas impediram Alfie e Finn de saírem do círculo de proteção.

— Eu sou seu príncipe herdeiro! Eu causei tudo isso — Alfie disse aos guardas antes de olhar para os reis. — Me deixem cuidar disso.

Houve um tenso momento de silêncio entre o príncipe e seus pais. O peito do rei se expandiu antes de ele olhar para a rainha. Depois de uma breve hesitação, ele assentiu. Os guardas se afastaram, permitindo que Alfie e Finn corressem para o caos do salão de baile.

35

As mãos de um deus

— LUKA! VENHA COMIGO! — Paloma gritou, agarrando-o pelo braço enquanto Alfie e a ladra partiam correndo.

Luka relutou e não se deixou ser puxado.

— Me solta! — Ele desvencilhou-se de Paloma e escapou dos guardas que os cercavam. Atrás de Luka estava o fundo do salão de baile e os tronos reais; à frente dele, o salão se estendia em uma confusão de convidados fugindo e gritos de medo. Ele correu na direção que Alfie tinha seguido, mas não conseguiu encontrá-lo. Enquanto trombava com os convidados que fugiam, monstros de olhos pretos pulavam sobre as pessoas como cães raivosos, matando-as onde estavam ou forçando a escuridão para dentro delas. Luka só conseguia observar, e seus ouvidos foram tomados por um rugido baixo.

O medo tomou conta dele, deixando marcas em sua pele. Ele girou, procurando Alfie entre a multidão que gritava sem parar. Será que aqueles monstros já o tinham pegado? Será que o destino tinha sido cruel o suficiente para permitir que ele voltasse a ver Alfie por um instante antes de levá-lo de novo?

Uma mão agarrou seu ombro e Luka se sobressaltou. Os gritos do salão de baile o atingiram mais uma vez.

— Mestre Luka! — um guarda do palácio gritou. — Venha comigo, a família real...

Uma mulher de olhos pretos derrubou o guarda com um rosnado.

— *Não!* — Luka gritou. Esquecendo-se de sua força recém-adquirida, ele agarrou a mulher pelo ombro e a jogou para o outro lado do salão. Ela se chocou contra a parede dos fundos. Luka fez uma careta ao ver o corpo dela se debatendo e escorregando até o chão. Apesar das fraturas, tentava se arrastar para a frente com as mãos e os joelhos. Ele não tinha a intenção de feri-la, não queria ter feito aquilo. Mas precisara fazer alguma coisa.

Ainda estirado no chão, o guarda respirava com dificuldade, com os olhos fechados.

— Você está bem? — Luka se ajoelhou e cutucou seu ombro. — Temos que ajudar Alfie, nós...

O guarda abriu os olhos e eles estavam escuros como a noite. Suas veias estavam grossas e escuras como enguias. Luka estava agachado, mas levantou. O guarda ficou em pé com uma graça aterrorizante. Ele inflou o peito, como se um barbante amarrado a sua clavícula o puxasse para cima.

É agora, Luka pensou, a mente fazendo uma parada brusca. *É agora que eu vou morrer.*

O guarda o encarou por um instante e então se virou, parecendo perder o interesse. Sem parar, ele se lançou na direção de outra vítima que berrava. Luka o observava, ganhando vida de repente. Ele teria se ofendido se não estivesse com tanto medo.

O que estava acontecendo?

Corpos correndo, alguns com olhos pretos, outros não, passaram por ele, que dava voltas ali, procurando Alfie naquele pandemônio. Bruxos lançavam seus elementos nos de olhos pretos, mas não adiantava nada. Eles se lançavam para a frente mesmo com os corpos em chamas, mesmo quando eram atacados com pedras, afogados no gelo e atingidos por rajadas de vento. Palavras mágicas também não conseguiam detê-los por muito tempo; eles se livravam delas como cães que sacodem o corpo para se secar.

— Luka!

Ele se virou e viu Paloma correndo em sua direção mais uma vez. Uma mulher de olhos pretos a seguia com um vestido vermelho-rubi — uma convidada da festa que se transformara em monstro.

Luka correu em direção a Paloma e a puxou para trás dele antes de abrir a mão, lançando uma rajada de fogo para incendiar a mulher. Em seguida, ele lhe deu um soco e fez o corpo incandescente atravessar o piso do salão.

Paloma observou boquiaberta.

— Não me pergunte, eu não faço ideia — disse Luka, fazendo um gesto para si mesmo.

Paloma balançou a cabeça.

— Preciso da sua ajuda. O que a magia obscura procura são os pedaços do corpo de Sombra que estão no cofre.

Havia pedaços do corpo de Sombra no palácio? Ele vivera a vida toda ali e, de alguma maneira, não sabia daquilo? Mas acreditava que, nas poucas vezes em que estivera no cofre, tinha prestado atenção apenas às joias. A adrenalina tomava seu corpo com intensidade, o que o impediu de ficar surpreso por muito tempo.

— Não posso deixar Alfie aqui. Não posso...

— Se quer ajudá-lo, proteja o cofre. Se esses monstros chegarem até lá, estaremos todos perdidos, não só Alfie.

O pavor estampado no rosto causava arrepios em Luka. Ele nunca pensou que Paloma sentisse medo. Pensou que décadas de estudo tinham reduzido suas emoções à indiferença e à rigidez, e que ela tinha aquela atitude de dueña o tempo todo, mas ao ver seu olhar, soube que tinha que ajudá-la.

Luka hesitou, sua garganta estava seca. Observou a multidão, procurando Alfie mais uma vez, mas não adiantou. Ele o ajudaria no que conseguisse.

— Vá na frente.

Paloma agarrou Luka e o empurrou em direção a um muro. Presa à parede de azulejos existia uma estátua de um pássaro bem pequena que ele nunca tinha notado. Paloma a girou e um quadrado do muro se movimentou. Ela puxou Luka para dentro e fechou a passagem em seguida.

Luka observou ao redor com um globo de chama viva acima da palma de sua mão. Ele quase se sentiu ofendido por não saber daquelas passagens.

— E os outros? — ele perguntou. Os gritos vindos do salão de baile ainda ecoavam além do muro.

Paloma balançou a cabeça.

— Precisamos distrair aquele homem até chegarmos ao cofre. — Luka abriu a boca para protestar. — Não temos tempo! — Ela agarrou o braço dele e os dois desceram correndo pela passagem ampla, saindo na sequência de salões que levava ao cofre. Os espaços estavam vazios e silenciosos, um silêncio ensurdecedor comparado aos gritos no salão de baile.

Finalmente, correram em direção ao cofre. Luka quase tropeçou nos próprios pés diante do que viu. A porta com filigranas do cofre tinha sido arrancada.

— Não, não, não — Paloma sussurrou ao correr ainda mais rápido.

Pelo menos vinte guardas estavam caídos no chão. Alguns com o pescoço retorcido, outros com a garganta cortada e alguns com a barriga aberta. Luka cobriu a boca com a mão ao ver todo aquele sangue, mas Paloma sequer parou. Ela entrou pela abertura onde antes ficavam as portas. Luka foi atrás dela e quase se chocou contra suas costas.

— Paloma, o que...

Um estalo, como o de um raio, fez com que ele se calasse. No fundo do cofre, três mulheres de olhos pretos com vestidos coloridos de festa estavam reunidas ao redor de uma caixa de vidro. Dentro dela, havia duas mãos de pedra. Sempre que tentavam tocar a caixa, uma faísca de energia lhes dava um choque. A cada choque, Luka via a silhueta translúcida de uma barreira que as bloqueava. Quanto mais tocavam, mais a barreira as atacava, arrancando a carne de seus braços conforme avançavam. Mas elas não gritavam nem se afastavam. Persistiam. Sombras escuras se espalhavam sobre a barreira, corroendo-a como ácido.

— *Não!* — Paloma gritou, mas era tarde demais. A escuridão se espalhou sobre a barreira até ela desaparecer. Uma das mulheres deu um soco no vidro, as mãos

sangrando e cobertas de estilhaços. Ela pegou as mãos de pedra.

— Temos que impedi-las — disse Paloma.

Luka olhou para ela, sem entender.

— Impedi-las de pegar uma estátua? — Então, ele se deu conta.

Sombra tinha sido transformado em pedra, não em ossos. Aquelas eram as mãos de um deus.

— *Fuerza!* — Paloma gritou, e duas das mulheres de olhos pretos foram lançadas contra a parede de pedras. Então, girando os punhos, pedras grandes e unidas umas às outras se soltaram da parede e derrubaram as mulheres que se remexiam e relutavam. Luka pôde ver a pedra já começando a se afastar. Elas eram fortes.

A mulher de olhos pretos que ainda estava de pé se virou para eles, segurando as mãos de pedra com os olhos inexpressivos.

Ela correu até eles, sua velocidade enganava.

— Não deixe que ela saia pela porta! — Paloma gritou.

Sem saber o que mais poderia fazer, Luka correu até a mulher e a dominou. Ele a segurou pressionando seus ombros contra o chão. Assim como os outros monstros, ela não tentou feri-lo, mas tentou escapar de suas garras, se remexendo e debatendo sob ele.

— Onde elas estão? Cadê as mãos? — Paloma parou perto dele, sem fôlego. A mulher não estava mais com elas.

— Não sei! Ela estava segurando as duas quando eu a derrubei.

Luka escutou ruídos atrás de si. As mãos de pedra estavam se movimentando com a ajuda dos dedos, como aranhas atravessando o chão do cofre em direção à porta.

— Você se esqueceu de dizer que as mãos estão *vivas!* — Luka gritou.

— Elas passaram séculos sem vida — Paloma rebateu. Sua voz, normalmente monótona, estava cheia de emoção. Ela se concentrou nas mãos de pedra. —

Parar! — Mas não houve efeito algum, e as mãos continuaram. — *Parar!* Elas estão perto demais da magia. Foram despertadas.

Luka não teve tempo de pedir mais explicações, porque as mãos estavam saindo do cofre e atravessando o corredor. Paloma fez um movimento brusco com a mão e um círculo de pedra envolveu a cintura da mulher de olhos pretos. Aquilo a deteria por algum tempo. Ela puxou Luka para longe da mulher e o arrastou para fora do cofre.

— Essas mãos não podem chegar ao salão de baile! — ela disse enquanto os dois corriam, seguindo as mãos quando fizeram uma curva.

Luka achava que o dia mais esquisito de sua vida fora o anterior, quando Alfie havia levado a ladra para dentro do palácio. Mas perseguir mãos de pedra pelos corredores com Paloma mudava as coisas.

Rapidamente, Paloma ergueu um bloqueio com pedras do chão para encurralar as mãos. Ela se lançou à frente e caiu em cima delas.

Prendeu as duas contra o peito, segurando-as pelos antebraços, e as mãos se esticaram na direção de seu pescoço como trepadeiras do mal. Luka se agachou na frente dela, observando enquanto as mãos se remexiam contra seu peito. Paloma se ajoelhou e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas as mãos agarraram seu pescoço com força. Com os olhos arregalados, Paloma se esforçava para respirar.

— Merda! — Luka xingou. Ele puxou os braços sem corpo, mas os dedos não soltavam o pescoço de Paloma. Luka continuou puxando. — Desculpa! — disse ele enquanto ela perdia o ar. Luka segurou os dedos e, com toda a sua força, puxou um por um. Finalmente conseguiu livrá-la das mãos. Paloma tombou para a frente, recuperando o fôlego.

As mãos se digladiaram nos braços de Luka e ele só conseguiu pensar em dizer: — Que mãos malvadas! Muito malvadas!

Reunindo toda a força que lhe restava, Luka forçou as mãos de pedra a cruzarem os dedos e as manteve presas entre suas próprias mãos.

— Você está bem? — ele perguntou enquanto segurava a estátua que se remexia.

Paloma levantou devagar, com a voz rouca.

— Não importa. Precisamos chegar ao meu quarto. Preciso levá-las para longe daqui, longe daquele homem do salão de baile. — Paloma olhou para alguma coisa além de onde Luka estava. Seu rosto ficou tenso.

Do outro lado do corredor estavam as três mulheres do cofre, e estavam acompanhadas. Uma horda de monstros de olhos pretos estava totalmente parada, olhando fixamente para a estátua que Luka segurava.

— Ah, não — disse Luka. Em seguida, os monstros correram na direção deles, em alta velocidade. Luka caiu de joelhos na frente de Paloma. — Suba nas minhas costas!

Paloma se segurou no pescoço dele e Luka atravessou o corredor correndo o máximo que suas pernas suportavam.

— *Fuerza!* — Paloma gritou das costas dele. — *Parar!*

Ele escutava os corpos de olhos pretos caindo no chão, sendo jogados para trás ou sendo atingidos pelas pedras de Paloma. Mas sabia que ela não ia conseguir controlar muito mais a situação; eles eram muitos e a magia não parecia afetá-los por muito tempo. As mãos de pedra se remexiam entre as palmas dele, lutando para se libertar.

— Luka! — Paloma gritou. Luka olhou para trás a tempo de ver uma mulher de olhos pretos se jogar na direção deles. O impacto da colisão fez com que Luka rolasse pelo chão. As mãos de pedra escaparam. Luka saiu correndo atrás delas, mas um grito de dor o conteve. Atrás dele, Paloma lutava com a mulher. O tornozelo da dueña estava retorcido de um jeito estranho por causa da queda. A mulher imobilizava Paloma no chão como um gato faria com um rato.

— Vá! — Paloma gritou. — Pegue as mãos! Me deixe!

Luka olhou para ela e então para as mãos que saíam correndo pelo corredor. Ele e Paloma nunca concordaram em nada — afinal, ele sempre tirava Alfie das

aulas para metê-lo em encrencas. Mas não podia deixá-la nas mãos daqueles monstros.

O rosto dela ficou tenso; ela parecia saber o que ele estava pensando.

— Luka, faça o que eu mandei!

Ele deu um salto para a frente e tirou a mulher de cima de Paloma. Com uma força inexplicável, ele a jogou para longe, em direção às outras mulheres de olhos pretos que corriam para atacá-los, como quem atira uma pedra em um lago. Ele flexionou os dedos e materializou uma bola de fogo, preparando-se para lutar. Por algum motivo, aqueles monstros não conseguiam feri-lo, mas ele com certeza podia atingi-los.

Ele sorriu para Paloma.

— E desde quando eu faço o que você manda?

36

O dragão

A SITUAÇÃO ESTAVA MUITO PIOR do que Finn poderia imaginar.

Os convidados procuravam uma forma de escapar, mas eram atacados pelos monstros de olhos pretos entrando pelas grandes janelas que ocupavam as paredes inteiras do salão. Os guardas ainda permaneciam ao fundo em um círculo de proteção ao redor do rei e da rainha.

Juntos, eles tinham deixado os governantes para trás e entraram na briga, desviando-se de nobres que gritavam. Conforme corriam, Alfie olhou para além de onde ela estava com uma expressão de pânico. Ele a puxou para perto, reuniu a água do ar e a congelou em um globo de gelo ao redor de seu punho. Em seguida, acertou um soco na cara do homem de olhos pretos que corria em direção a eles, jogando-o para trás.

Uma mulher infectada, vinda de trás, atacou o príncipe. Com um movimento rápido, Finn fez os pés da mulher se afundarem no chão de pedra do salão de baile. Ela caiu de joelhos, tentando silenciosamente avançar enquanto rastejava. Olhava fixamente para as sombras deles. Atrás de Alfie, outra mulher corria na direção dos dois. Alfie se virou e estendeu a mão.

— *Parar!* — ele disse. Por um instante, o corpo da mulher ficou congelado, afetado pela magia dele. Mas Finn viu que ela se libertava lentamente. Havia alguma coisa a que aquela magia obscura não conseguia resistir?

Um pensamento lhe ocorreu e seu coração parou de bater.

— Onde está Xiomara? — ela sussurrou para Alfie. Será que a prisioneira ainda estava viva? Será que ela tinha sido derrubada pelos monstros de Ignacio?

Os olhos de Alfie semicerraram para focar, algo que Finn sabia que ele fazia para usar seu *propio*.

— Estou vendo a magia dela — disse ele depressa antes de lançar outro feitiço para forçar um homem de olhos pretos a se afastar deles. — Ela está bem, sempre perto das paredes, distante, como combinamos.

— E o que vamos fazer agora? Não podemos continuar tentando parar todos eles — disse Finn. — Precisamos encontrar Ignacio! — Ignacio estava no topo da escada e, num piscar de olhos, desaparecia, assombrando-os com sua presença e desaparecendo em seguida mais uma vez. Corpos se espalhavam pelo chão. Alguns estavam inertes, mortos, e outros convulsionavam, com a pele marcada por veias escuras, os olhos escurecendo.

— Príncipe Alfehr! — um guarda gritou quando apareceu e parou na frente dele. — Protejam o príncipe herdeiro!

— Não! — Alfie gritou para ele enquanto Finn erguia um muro de pedras no meio do salão para bloquear uma mulher infectada que os atacava. Então ela derrubou o muro de pedras, fazendo o monstro ser lançado para trás. — Proteja minha família e todos que ainda não foram atingidos. Não mate nenhum dos outros, é assim que a magia se espalha. Domine-os da maneira que conseguir! Mas não os mate. Entendeu? Diga isso aos outros guardas!

O guarda pareceu perplexo.

— Mas, príncipe Alfehr, eu tenho que...

— Sou seu futuro rei. Você deve seguir minhas ordens — Alfie disse. Finn não pôde evitar e olhou para ele. O garoto parecia um rei falando. — Proteja a todos, meu amigo, e eu farei o resto.

O guarda assentiu, ainda confuso, e voltou para a briga.

— Você está vendo ele? — Alfie perguntou a Finn, observando o ambiente cavernoso do salão de baile. Ignacio apareceu no topo da escada por um instante,

depois partiu.

— Não! — ela disse, irritada. Ele sempre gostava de fazê-la esperar. Elogios, punição. O que fosse. Sempre tinha que esperar.

— Pare — disse uma voz grossa como veludo, interrompendo o caos de uma vez. Os infectados pararam onde estavam. Os nobres também. Apenas Finn e Alfie conseguiam se mexer. Finn se virou em direção à voz, e ali estava Ignacio, acomodado no trono do rei como se tivesse nascido para ocupá-lo.

Uma chama de fúria cresceu dentro dela, escaldante. Aquele homem tinha cortado a garganta dos pais dela e mesmo assim a encarava como se Finn devesse tudo o que tinha a ele — um pedido de desculpas, sua vida, seu amor, tudo o que tinha. O que ela mais queria era arrancar aquele sorriso do rosto dele, mandá-lo direto para a cova. Faria isso ou morreria tentando.

— Que bela surpresa encontrar você aqui, Mija. E pensar que eu achei que teria que correr atrás de você, mas vejo que se entregou a mim, de mão beijada — disse ele, com os olhos pretos brilhando. — Você está tão disposta assim a encontrar seus adoráveis pais no lugar para onde eu os mandei?

Finn ficou sem ar, mas resmungou alguma coisa. Por um instante, não sentiu nada além de fúria, mantendo os dentes cerrados e sentindo sede de vingança como se mais nada existisse dentro dela.

Alfie ajustou a postura e olhou para Ignacio e depois para Finn. Dava para perceber, pela expressão do príncipe, que ele sabia que Ignacio havia matado os pais dela. A tristeza em seu olhar, a tristeza por ela, a afastava de sua fúria. A dor no olhar dele se transformou em determinação. Ele endireitou os ombros ao lado dela e olhou para Ignacio.

— Você é repulsivo.

Ignacio ignorou o príncipe. Ele levantou do trono e caminhou até o centro do salão de baile. Ela o conhecia. Ignacio queria fazer com que ela andasse o resto do caminho até ele.

— Vamos deixar isso entre nós, como deve ser. E eu deixo seus dois amigos. — Finn olhou para ele, fingindo estar confusa. Ignacio revirou os olhos. Ele

ergueu a mão, Finn se virou e viu Xiomara se chocar contra uma parede, o capuz do manto da invisibilidade caindo de sua cabeça com o impacto.

— Você já deve saber que é melhor não brincar com essa magia — disse Ignacio, inclinando a cabeça para ela. — Veja só, vou até ser bonzinho. Vou erguer a bandeira da paz. — Ele estalou os dedos e, de repente, um corpo apareceu a seus pés, amarrado pelos tornozelos e punhos. Finn perdeu o ar. Era Kol.

Ela se esforçava para se livrar das amarras, com um pano na boca.

Dias antes, Finn só queria se vingar de maneira fria e sangrenta de Kol depois de a mulher ter roubado seu *propio*, mas Ignacio e a magia obscura tinham mudado seus planos. Ver a criminosa ali era estranho, fazendo-a lembrar de quando a vida parecia muito menos complicada. Finn balançou a cabeça. Ela nunca pensou que a vida ficaria difícil a ponto de a ideia de uma criminosa roubar seu *propio* parecer simples perto daquilo.

Com Kol ali e seu *propio* bem a seu alcance, ela não conseguiu evitar que seus dedos alcançassem a adaga em sua cintura. Um corte rápido e ela teria seu *propio* de volta. Os olhos de Ignacio brilharam enquanto observava a mão dela se movimentar, e a alegria dele foi o suficiente para impedi-la.

— Nós nos cruzamos no Dedal Azul. Quando eu soube o que ela tinha feito com você, decidi guardá-la como um presente.

Ignacio havia dito que tinha um presente para ela quando tinham brigado na Borda. Ela nunca imaginou que pudesse ser Kol.

A criminosa se virou para Finn com os olhos arregalados de medo. Finn só conseguia imaginar os horrores que ela tinha enfrentado nas mãos de Ignacio.

— Deixe ela ir embora — ela se pegou falando. Ninguém merecia a crueldade de Ignacio, nem mesmo Kol.

Ignacio olhou para Finn com nojo estampado no rosto.

— Não te ensinei nada? Será que esse garoto idiota te transformou em uma frouxa? — Ele lançou um olhar irritado para Alfie. — Ela pegou uma coisa sua,

Mija, e depois que passei um tempo com ela, soube o que mais ela tinha planejado para você. Não quer saber?

— Não quero nada que venha de você, só deixe ela ir embora — Finn disse. Ao lado dela, o príncipe ainda estava parado, encarando Kol com seus olhos dourados cheios de desespero. Na prisão, quando Alfie pedira à magia obscura para que mostrasse a ele por que seu irmão tinha sido morto, ele havia visto uma tatuagem, a mesma que Kol tinha. A criminosa devia saber mais sobre o significado daquela marca; talvez tivesse informações sobre o assassinato de Dez. Apesar de Finn odiar Kol, ela queria que o príncipe encontrasse aquilo que procurava. Ela se virou para o príncipe, mas os olhos dele estavam parados. A mão dele ao lado da dela se movimentou levemente, e ela percebeu o que ele estava fazendo.

Vinho e sangue tinham sido derramados no chão durante a confusão. O príncipe flexionou os dedos e um jato congelado de vinho surgiu de uma poça logo atrás de Ignacio. Com movimentos quase imperceptíveis, ele movimentou a lâmina congelada e a apontou para as costas de Ignacio, na direção de seu coração.

O suor escorria por suas têmporas. Será que finalmente conseguiriam acabar com aquilo?

Ignacio, então, inclinou a cabeça e flexionou os dedos. Alfie protestou, como se algo tivesse sido arrancado de sua mão. A lâmina congelada fez um giro tão rápido ao redor de Ignacio que Finn não teve tempo de reagir. Alfie se afastou para o lado, empurrando Finn enquanto tentava direcionar a lâmina para longe do próprio coração, mas ele foi muito devagar. A lâmina se fincou logo abaixo da clavícula do príncipe com um baque.

Alfie se inclinou para a frente gritando de dor, segurando a lâmina de gelo na intenção de derretê-la.

— Foi uma bela tentativa, mas acho que você vai ter que fazer melhor do que isso — disse Ignacio.

Com um sussurro de dor, Alfie pressionou o ferimento para estancar o sangue. Disse uma palavra mágica rápida para curá-lo e os olhos de Ignacio voltaram-se

para Finn mais uma vez.

— Ela queria incriminar você — Ignacio prosseguiu. Flexionou os dedos e Kol se contorceu no chão, revirando os olhos de dor até Ignacio abaixar a mão de novo. Ela ficou parada, com o peito subindo e descendo depressa. — Ela chantageou uma criada para que envenenasse o tônico do príncipe e usou a aposta que vocês tinham feito para te colocar no palácio a fim de que fosse incriminada pelo assassinato. Ela tinha até guardas preparados, pagos para relatar se te vissem pelos corredores, mas você foi bem esperta, como te criei para ser. Fez o que ela pensou que você não ia conseguir. Pegou o manto e foi embora antes que te encontrassem. — O orgulho era evidente nos olhos dele.

Finn virou a cabeça, as novas informações zunindo em seus ouvidos. Kol tinha armado para que ela fosse incriminada pela morte de Alfie. Devia ser por isso que tinha dado a Finn um mapa das passagens secretas do palácio, porque queria que ela fosse pega dentro delas. Se o plano de Kol tivesse sido bem-sucedido, ela teria passado o resto de seus dias na Torre do Relógio, e Alfie estaria morto.

— Por que ela fez isso? — Alfie exigiu saber ao lado de Finn. — Por que ela tentou me matar? Ela também está envolvida no assassinato do meu irmão? — Ignacio ficou apenas olhando para Alfie, achando graça, e o príncipe deu um passo à frente, com o rosto retorcido pelo ódio. — *Me diga!*

— Ah, você quer saber — disse Ignacio, rindo alto. — Tenho certeza de que Kol adoraria contar para você. É uma história interessante, especialmente a parte sobre seu irmão falecido.

O corpo de Alfie ficou tenso, e Finn teve que segurá-lo pelo braço para impedir que ele avançasse em direção a Ignacio.

— Mas, infelizmente, o tempo de Kol chegou ao fim. Meus filhos são prioridade e quem os machuca — disse ele, inclinando-se sobre o corpo trêmulo de Kol — paga o preço.

O coração de Finn bateu forte em sua garganta.

— Não...

Ignacio mexeu a mão. O pescoço de Kol girou de uma vez para a esquerda e bateu no chão em um ângulo estranho, como um galho quebrado prestes a se soltar de uma árvore.

Finn perdeu o fôlego quando sentiu que o poder de Kol sobre ela se desfazia aos poucos. Foi como se um rio dentro dela que antes tinha sido bloqueado, contido por uma barragem densa, voltasse a fluir, com a corrente esfriando-a de dentro para fora. Ela estava inteira de novo. Uma sensação inexplicável tomou conta dela — a repentina ausência de dor, o sono que toma conta do corpo depois de um dia cheio. Ela estava livre: seu *propio* voltara.

Ignacio sorriu para ela.

— Está vendo o quanto seu pai te ama?

Finn olhou para ele, balançando a cabeça. Ele só amava o que possuía, e nunca a possuiria de novo.

Com outro gesto, os três conjuntos de portas do salão se abriram.

— Vou até libertar os outros. O que você acha?

Ele estalou os dedos e os convidados do salão retornaram à vida, enquanto os soldados de olhos pretos de Ignacio permaneceram parados. Os gritos ensurdecedores dos nobres ecoaram ao redor de Finn mais uma vez, e ela resistiu ao ímpeto de tapar as orelhas.

— SAIAM! — Ignacio vociferou, a magia fazendo sua voz ressoar pelo salão como um trovão. Os convidados pararam e se calaram ao comando dele, como se um deus tivesse falado e eles não sabiam se deveriam rezar. — Ou fiquem para morrer. Vocês decidem.

Vendo as portas abertas, os nobres e os guardas começaram a fugir, correndo desesperadamente. Os sem sombra permaneceram imóveis, esperando o comando de Ignacio, mas observando famintos os nobres em disparada.

Finn observou enquanto o rei e a rainha eram tirados do salão por um grupo de guardas. Eles gritaram o nome de Alfie, mas o príncipe desviou o olhar, com os olhos brilhando enquanto eles eram levados dali.

Agora eram apenas Alfie e Finn contra Ignacio. Xiomara ainda estava paralisada no fundo do salão.

Ignacio olhou para os sem sombra sem dar muita atenção.

— Aproveitem o banquete com os insignificantes, mas os três aqui dentro são meus.

Ao ouvirem isso, os servos saíram do salão, correndo atrás do cheiro das presas.

O salão foi tomado pelo silêncio. Ignacio inclinou a cabeça para observar Finn, entretido. A garota sentiu um arrepio percorrer a espinha, e ela não sabia mais se conseguia se mexer. Então ouviu a voz do príncipe ao seu lado.

— Estou bem atrás de você — disse ele.

Ela olhou para ele. A expressão dele era séria. O medo fervia dentro dele, mas não o impediu de dar um passo à frente. Ela também não permitiria que o medo a parasse.

— Me dê cobertura — disse a ele.

Ele assentiu.

— Pode deixar.

Então, ela correu em direção a Ignacio. O príncipe tirou água de todo vaso, de toda taça de vinho, de toda gota de suor no salão. Mexendo as mãos, transformou a água em uma névoa densa e pesada. Finn diminuiu a distância até Ignacio e puxou pedras do chão do palácio, mandando-as para onde ele estava quando a névoa o envolveu. Ela conseguia escutá-lo arfando ao ser atingido. Ela tinha feito aquilo? Tinha, de alguma forma, acertado um golpe?

A névoa ao redor se dissipou. Ignacio estava a sua frente, com o peito sangrando por causa das pedras, manchas de sangue na camisa. Ele sorriu para ela antes de desaparecer em uma névoa preta. Seria uma ilusão?

Ele estava brincando com eles.

A frustração tomou conta de Finn, dolorosa e familiar. Por que as coisas com ele eram sempre daquele jeito? Ela estava sempre um passo atrás, pensando que finalmente tinha se livrado dele, mas logo o encontrava sorrindo, preparando-se

para atacá-la com outro golpe, com outro comando, com outra coleira no pescoço. Por que ela continuava lutando? Qual era o sentido de tudo aquilo?

— Príncipe! — ela chamou, virando-se para ele. Mas Alfie não estava ali.

Atrás dela havia uma garotinha. Ela era exatamente como Finn se lembrava, como Finn a via em seus pesadelos.

Era a menina que ela tinha matado — a primeira vida que havia tirado.

O salão estava vazio. Eram apenas ela e a garota. O olhar da menina se suavizou ao encará-la, os cabelos despenteados pela brisa quente e inebriante que soprava entre elas.

O ar ficou frio quando seus olhos castanhos escureceram. Suas veias engrossaram e ficaram escuras, destacando-se na pele como teias de aranha tecidas nas sombras. Ela avançou e derrubou Finn no chão. Apertou com toda a força o pescoço dela com as mãos cheias de calos. Finn não conseguia respirar. Os olhos dela ficaram marejados. Seu coração batia forte na garganta.

— Você merece isso — a menina dizia sem parar. Sua voz se prolongava como um eco, alegre e ressonante. — Você merece morrer pelo que fez.

E apesar de Finn agarrar as mãos da garota, tentando desesperadamente se soltar, uma parte dela ainda acreditava que aquelas palavras eram verdadeiras. Uma vida por uma vida.

Então o rosto da garota mudou. Uma covinha se tornou duas, olhos escuros ficaram dourados. Não era a menininha quem a enforcava.

Era Alfie.

Ele despertou um segundo depois dela. Alfie caiu para trás, com pânico no olhar.

— Não sei como... eu... eu não estava machucando você, era... eu... — ele gaguejou.

Ela esfregou o pescoço, respirando ofegante pela boca.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem. Você não passou dos limites, príncipe. Não foi você.

Com os olhos marejados, Alfie assentiu ao ouvir o que ela dizia, agarrando-se

às palavras dela enquanto observava as próprias mãos, com um medo sem controle. Ela olhou para ele e quis dizer o que gostaria que alguém tivesse dito a ela todas as vezes que Ignacio a obrigara acabar com uma vida com suas próprias mãos.

Não foi você, nunca foi você, ela sentiu vontade de gritar. Foi seu corpo, mas não era o seu, propriamente dito. Foram suas mãos, mas elas não estão manchadas. As dele é que estão.

Sem perguntar, ela sabia quem Alfie estava imaginando... Xiomara. Com a culpa estampada no rosto, o príncipe pressionou a palma das mãos contra os olhos. Por que Ignacio tinha o poder de cultivar a escuridão em tudo e em todos?

— Então esse é o muchacho pelo qual você me trocou? — Ignacio perguntou atrás deles. Finn e Alfie começaram a falar, enquanto se levantavam. — Esse garoto que agarrou seu pescoço com as próprias mãos? Você sabe que sou o único que conhece você de verdade e ainda assim te ama. Quantas vezes tenho que dizer isso? A única pessoa que você tem sou eu.

Alfie deu um passo à frente, com os olhos inflamados.

— Não é verdade, ela...

Ignacio ergueu uma mão e a boca de Alfie se fechou, seus lábios grudados enquanto ele tentava abrir sua boca.

— Sei quem você é, garoto. Consigo ver dentro da sua cabeça o caminho que essa magia percorreu quando você a libertou. — Quando Alfie ergueu uma mão para encantar água, Ignacio fez outro gesto, e as mãos de Alfie ficaram paradas.

— Deixe ele em paz! — Finn se movimentou para se posicionar na frente do príncipe, mas Ignacio lançou um olhar irritado para ela.

— Se você se mexer, ele morre, entendeu?

Finn ficou paralisada; quando ele falava daquela maneira, ela se sentia, de novo, uma criança desprotegida. Mal conseguia respirar.

Atrás dela, surgiu um som de alguma coisa deslizando, e Finn temeu que Ignacio voltasse a prendê-la com suas amarras, mas não era isso. Duas mãos de

pedra atravessaram o chão com a ponta dos dedos — as mãos de Sombra, aquelas que ela tinha visto no cofre do palácio. Quando Ignacio as pegasse, se tornaria mais forte do que nunca. Onde estava a professora do príncipe? Alfie tinha pedido para ela proteger as mãos. Será que os soldados de Ignacio a haviam matado antes que ela tivesse uma chance de protegê-las?

— Príncipe! — Finn gritou quando se lançou em direção às mãos. Alfie abriu a boca para dizer uma palavra mágica.

— Tsc, tsc, tsc — Ignacio murmurou, e com um movimento da mão, Alfie e Finn foram jogados para o lado, contra a parede mais próxima. As costelas de Finn doeram quando ela se chocou com a parede. Ela ouviu o príncipe gritar ao lado dela enquanto deslizavam para o chão.

— Muita calma. Foi para isso que vim aqui, Finny. Este é o começo do meu reinado. Nosso reinado, se você quiser. Se escutar o que seu pai diz.

Ignacio se ajoelhou e as mãos de pedra se alinharam com as dele, abrindo-se e envolvendo sua carne, como mangas e luvas de pedra. Ignacio se inclinou, com os olhos arregalados quando a pedra o envolveu. Seu corpo inteiro se chacoalhou no que parecia uma reação de êxtase, e Finn sentiu uma onda de poder no ar. Aquela devia ser a sensação que envolvia uma pessoa prestes a ser atingida por um raio, ela pensou — carregada com uma energia tão palpável a ponto de parecer um peso sobre seus ombros. Por um momento, só se ouvia a respiração ofegante de Ignacio.

Finn levou a mão à lateral do corpo e agarrou a camisa do príncipe, com os dedos tremendo na manga dele. Ela não sabia o que fazer nem o que dizer. Eles tinham perdido. Ao encontrar o olhar de Alfie, ela soube que estavam pensando a mesma coisa.

Ignacio se endireitou. Com um movimento dos dedos, Alfie e Finn foram puxados e ficaram de pé na frente dele mais uma vez. Um arrepio percorreu a espinha de Finn enquanto ele os manipulava como marionetes. Ela nunca se esqueceria da violação pura que sentia naqueles momentos. De sentir a vontade dele por baixo de sua pele, tomando-a como se pertencesse a ele. Ignacio os

soltou naquele instante, como se os desafiasse a tentar correr. Nenhum deles se mexeu. De que adiantava sair correndo?

— Certo — disse Ignacio. — Onde eu estava? — Mas a voz dele não era mais totalmente dele; por baixo dela, havia um timbre baixo e forte que fazia os pelos da nuca de Finn se arrepiarem.

Finn sabia que havia, por baixo da voz de Ignacio, o eco de um deus.

Ignacio andou ao redor do príncipe como um predador.

— Você pode parecer um rei, mas com certeza não é. Nós dois sabemos disso, não é? Ridículo e patético, agarrando-se àquele dragãozinho como uma criança. — Ele olhou para Finn com um sorriso selvagem. — Talvez você queira ver um dragão de verdade.

Diante dos olhos deles, Ignacio começou a se transformar. Finn escutou seus ossos estalando e se reorganizando, tornando-se mais compridos. Ele se encurvou e ficou de joelhos, com um rosnado de uma fera, não de um homem. Seu corpo começou a se alongar. Em um piscar de olhos, o salão vazio foi tomado pelo gigantesco corpo de um dragão preto. Uma fumaça saía de seu nariz, prometendo fogo.

— Coño — Finn sussurrou.

O ultimato

FINN ESTICOU OS BRAÇOS e uma barreira de terra se ergueu do chão para protegê-los, mas o rabo do dragão desceu e derrubou o muro de pedras com muita facilidade, atingindo-os no processo. Finn e Alfie escorregaram pelo piso frio até os fundos do salão.

— Temos que usar o dragão! — Finn gritou para ele. Não havia escolha. Diante deles, o dragão preto inspirou, soltando fumaça das narinas dilatadas. Um corte acima do olho esquerdo de Alfie sangrava. Ele provavelmente tinha sido atingido por destroços.

— As coisas pioram toda vez que usamos o dragão! — Alfie respondeu quando levantaram. — Vamos fazer o melhor que conseguirmos para afastá-lo. Se não der certo, usamos o dragão.

Finn o tirou da frente quando o dragão soltou uma chama azul, queimando o espaço onde eles estavam.

— *Se!* — Finn gritou para ele ao levantá-lo do chão. — Você ainda acha que existe a chance de termos um “se”?!

Os olhos de Alfie se arregalaram de pânico quando ele viu o dragão por cima do ombro dela. Finn olhou para trás e viu mais uma labareda vindo na direção deles. Ergueu mais uma parede de terra e Alfie a empurrou contra ela. O fogo tomou conta do espaço ao redor deles, chamuscando a pedra. Parecia que eles estavam dentro de um forno, o salão gigantesco tomado por um calor sufocante.

— Encante a água! — Finn gritou mais alto do que o rugido das chamas. Ela puxou mais pedras do chão para substituir os pedaços que estavam derretendo devido ao fogo do dragão.

Alfie mexeu os dedos no ar quente. Só uma gota de água percorreu seus dedos.

— O ar está seco demais!

— Então use o dragão! Crie água!

O fogo perdeu força ao redor deles, e os passos pesados do dragão chacoalharam as estruturas do lugar. A proteção de pedras que Finn tinha erguido ruiu em meio à fumaça.

— Príncipe! Temos que usar! — disse ela. Alfie lançou um olhar sério para ela e por fim tirou a estatueta de dentro da camisa.

A fera jogou a cabeça para trás e lançou mais uma chama azul no ar, como se tivesse enfiado o sol na boca. Alfie ergueu o dragão de prata bem alto, e uma onda enorme de água surgiu no ar ao redor dele para apagar a chama. Era uma onda que poderia engolir o palácio inteiro.

Finn olhou para ele. Sangue escorria de seu nariz e dos cantos de sua boca. Seu rosto estava pálido. A sombra dele ficava cada vez mais clara a uma velocidade muito alta. Ela não devia ter pedido para que Alfie usasse o dragão. Ele estava se esforçando demais.

Mas ainda assim, não era suficiente.

As chamas do dragão se intensificaram, ficando quase brancas. A onda de Alfie avançou para envolver a criatura, mas em uma explosão de névoa, o fogo evaporou a onda em um instante.

Enquanto o príncipe tentava se equilibrar, a voz de Ignacio ressoava ao redor deles.

Esta é uma coisa de família, muchacho. Talvez seja melhor você ficar de fora.

Finn escutou o som das amarras se arrastando antes de vê-las. Elas surgiram de todas as partes, envolvendo os tornozelos e os punhos de Alfie. Elas o puxaram para trás, jogando-o contra a parede. O corpo dele se chocou com tanta força que

Finn temeu que o príncipe pudesse ter morrido. As amarras o mantiveram preso contra a parede, suspenso, seus pés balançando acima do piso frio.

— Pare! — ela gritou para Ignacio. — Pare.

O dragão apenas balançava a cauda de um lado para outro, animado. Mais amarras voaram de todas as direções até o príncipe ficar preso em uma teia de aranha de cordões afiados.

O dragão permaneceu sentado ali confortavelmente, envolvendo o próprio corpo com a cauda. A voz de Ignacio foi ouvida de novo.

Eu poderia acabar com ele, sabe? Só precisaria de um instante. A menos que você queira me convencer do contrário...

Suor escorria pelas têmporas de Finn. Ignacio tinha tirado seus pais, tinha tirado o controle de sua vida e a destruído. Ela preferia morrer onde estava a implorar pela misericórdia dele, a barganhar com ele. Ela não tinha mais vida, só a raiva à qual se apegava; era o sentimento que a consumia e a mantinha em pé ao mesmo tempo, e ela não conseguia se livrar dele.

Mas a voz do príncipe soou em sua mente, assim como tinha acontecido antes. Quando eles encararam o primeiro homem infectado no bar, ela havia perguntado se Alfie era idiota a ponto de dar a própria vida para deter a magia de Sombra, e com o medo deixando suas palavras trêmulas, ele respondera: “Você não daria a sua por nada?”.

Ela não soubera o que responder naquele momento, mas agora sabia. Se o ódio que sentia por Ignacio fosse sua vida, ela a entregaria por um momento, pelo príncipe, pela esperança de acabar com aquilo. Mexendo a mandíbula, Finn ergueu as mãos para se render ao monstro à frente dela.

— Não o machuque — disse ela. — Vamos manter isso entre nós dois. — O dragão ronronou satisfeito.

Boa menina.

Lentamente, o dragão se encolheu e voltou a ser o homem que ela já tinha chamado de pai. Ele atravessou o salão.

Atrás dela, o príncipe gemia de dor.

— Não — disse Alfie, em voz baixa, porém firme. — Me solta.

A raiva brilhou nos olhos de Ignacio. Ele levantou uma mão e todas as amarras enroladas no príncipe começaram a puxar em direções opostas, mexendo suas pernas e braços enquanto ele gritava desesperado.

Finn ergueu as mãos para se render de novo; era um movimento que ela sabia que ele adorava vê-la fazendo.

— Solte o garoto e eu fico. Vou fazer o que você quiser. Vamos fazer as coisas do seu jeito.

— Finn, não faça isso. — A voz de Alfie surgiu detrás dela, mas ela não podia se virar para encará-lo porque o rosto dele podia fazer com que ela mudasse de ideia.

Ignacio inclinou a cabeça.

— Faça o que eu quero e vou pensar se vou soltá-lo. O que acha disso?

O príncipe começou a protestar de novo, mas Finn já tinha concordado. Se ele a pegasse, talvez perdesse o interesse pelo príncipe. Talvez. O que mais ela podia fazer?

Ela olhou para trás disfarçadamente e viu o olhar dourado de Alfie. A dor em seu rosto foi como um tapa na cara. Ela desviou o olhar.

— Diga o que você quer.

Ignacio sorriu ao ouvir aquilo e ela soube que o que ele ia pedir seria muito pior do que ela imaginava.

— Quero que o príncipe pegue a magia que aprisionou naquele brinquedinho dele e a guarde em outro lugar: em você.

Ela sentiu o sangue congelar nas veias. Ignacio queria que o príncipe a infectasse com a magia.

Alfie emitiu um som de protesto atrás dela, então sua voz saiu rouca, esganiçada pela raiva não extravasada.

— Você vai ter que me matar primeiro, seu monstro!

O coração de Finn acelerou. Ela sabia que Ignacio queria que ela entrasse na linha. Ele queria fazer com que ela se lembrasse de que a única pessoa com a qual

poderia contar era ele. Ainda assim, ela não esperava aquilo. Era tão típico de Ignacio usar as pessoas próximas a ela para feri-la. Mas as palavras dele acertaram seu rosto como um tapa.

— Não sou sombria o suficiente para a magia, Ignacio — ela disse, tentando manter a voz calma. A magia havia evitado tomá-la antes. Ela com certeza não era o tipo certo para abrigá-la. Apenas a consumiria até virar cinzas. Matá-la tão depressa não parecia o estilo dele, talvez ela pudesse convencê-lo a mudar de ideia. — Só vai me matar. É isso o que você quer?

Ignacio balançou a cabeça com um olhar de um pai ajudando um filho com a lição de casa.

— Você só precisa se aceitar como a assassina que é, Mija. Assim você será o melhor lar que essa magia obscura poderá encontrar. Não sei muito bem se você tem a motivação adequada para encarar essa verdade. — Ele apontou para o príncipe. — Ele vai colocar a magia dentro do seu corpo, e ou você vai se voltar para a escuridão dentro de si, ou vai se apegar à ideia idiota de quem gostaria de ser e a magia vai consumi-la até você não ser mais nada. Ou vou ter você como minha ou você vai perecer. E se o garoto se recusar a fazer isso, ele vai morrer.

Finn mal conseguia ouvir o príncipe xingar atrás dela. Todos os sons estavam abafados. Então era isso. Viver como um demônio de olhos pretos ou morrer nas mãos de Ignacio. As escolhas que tinha não eram escolhas de verdade, apenas o mesmo destino vestido com desfechos diferentes — não importava se ela se tornasse um dos subordinados de olhos pretos de Ignacio ou se transformasse em pó, estaria morta de qualquer jeito.

A única opção de verdade era acabar sua vida acreditando no que o príncipe acreditava — que ela poderia ser melhor, se tivesse uma oportunidade.

— Tudo bem — Finn ouviu a si mesma dizer.

O olhar de pura satisfação de Ignacio fez o estômago dela revirar.

— Que boa menina.

Finn caminhou até onde Alfie estava pressionado contra a parede, cada passo arrebatando o coração dela. Quando parou na frente dele, o príncipe parecia não

conseguir respirar.

— Finn, não sei o que vai acontecer com você se...

— Eu também não sei — disse ela. — Mas pode ser que ele te solte e talvez você tenha a chance de acabar com isso. — Era uma esperança boba, mas esperança era só o que tinham no momento.

— Não. — O corpo dele estava tenso com a recusa. — Fui eu quem começou isso. Vamos lutar contra ele, vamos morrer juntos. Mas não vou deixar que você enfrente isso sozinha. — Ele a encarou nos olhos, e eles eram tão dourados que podia esperar que chorassem mel em vez de lágrimas. — Você não tem que fazer isso — disse ele. — Não me deve isso, não deve isso a ninguém.

Por um instante, Finn só conseguiu olhar para ele. E esboçou um sorriso.

— Alfie — ela disse. Era a primeira vez que dizia o nome dele, e Finn se surpreendeu com o desejo de passar o último dia falando aquele nome sem parar. — Fui forçada a fazer coisas que eu não queria fazer durante toda a minha vida. Esta não é uma delas. Estou fazendo isso porque um amigo ficou preso na minha porta e me pediu ajuda.

Ele emitiu um som que indicava que algo já quebrado se estilhaçava ainda mais. Ele lutou contra as amarras e se inclinou na direção dela, aproximando-se. Seu hálito quente passou pelo rosto de Finn quando encostou sua testa na dela.

— Não vou conseguir te salvar se você fizer isso.

Ela deu um sorriso torto, um pequeno presente perto do que estava por vir.

— Nós já quase morremos algumas vezes hoje. O que seria mais uma vez?

Alfie fechou os olhos.

— Mais uma vez pode ser a última.

Ignacio suspirou.

— Você sabe que não sou um homem paciente, Finny.

Finn queria não ter que ouvir a voz dele nunca mais. De um jeito ou de outro, naquela noite, seu desejo ia se tornar realidade.

Alfie olhou para ela, observando seu rosto como os dedos de uma criança tocam as pétalas de uma flor, de modo lento e cuidadoso. Ele olhava para ela

como se quisesse memorizar como Finn era naquele momento, não como ia ser assim que aquela magia a tomasse. Com o dragão ao redor do pescoço, ele só precisava dar o comando.

— Pegue-a — disse ele, com a voz embargada. A magia saiu do dragão em filetes escuros.

O fluxo de magia maligna se ergueu como uma serpente e se lançou à frente na direção do peito dela, entrando em seu coração. Ela sentiu a magia percorrendo suas veias, chamuscando-a de dentro para fora. Era como se ela estivesse abrigando o próprio sol. Enquanto a percorria, Finn se recusou a fazer o que Ignacio tinha dito. Ela se recusou a se entregar para a parte de si que havia matado por ele, que deixava os outros para trás sem nem pensar, a parte dela que acreditava que ela era monstruosa o suficiente para abrigar aquela magia. Em vez disso, ela se apegou ao olhar do príncipe — um olhar de angústia que só podia vir da perda de alguém que valia a pena. Alguém bom demais para carregar aquele mal dentro de si.

Não restavam dúvidas em sua mente de que morreria em um instante, exterminada pela magia obscura como um pavio de vela entre dedos úmidos. Mas se era possível morrer em um instante, então talvez também fosse possível viver. E se ela pudesse escolher um instante para suspender, para segurar delicadamente entre as mãos, podia ser aquele: os olhos do príncipe sobre ela e a consciência de que ela não era quem Ignacio dissera. Ela era ela mesma.

Conteve um grito, absurdamente carregado de força. Finn se inclinou para a frente, apoiando as mãos no chão, os dedos curvados contra o piso do salão enquanto esperava se estilhaçar, arder até sumir, para finalmente viver em um mundo no qual Ignacio não pudesse encontrá-la. Então ela parou. A dor passou e só havia um poder imenso.

— Finn? — ela escutou o príncipe chamar em um tom carregado de esperança e medo.

Ela abriu os olhos e, pela expressão dele, sabia que seus olhos tinham escurecido. Mas, de alguma forma, ainda tinha controle de si mesma. O choque e

o alívio explodiram dentro dela, fluindo sob sua pele como uma corrente fria. Ela ainda era ela mesma. Não sabia por quanto tempo, mas ainda estava ali.

— Tente se libertar e despertar Xiomara. Saia da frente — ela disse, e então ficou de costas para ele, surpreso enquanto ela atravessava o salão até encontrar Ignacio no meio dele. Não importava quanto tempo ela ainda tinha, ela o usaria para acabar com Ignacio. Por ela e por seus pais, Finn o colocaria dentro de uma cova.

— Finalmente — Ignacio sussurrou quando seus olhos pretos encontraram os dela. — Tal pai, tal filha. Serei seu guia de novo. Agora, mate o garoto.

As palavras dele a repuxaram como uma corrente fraca. Ela caminhou entre elas.

Os olhos de Ignacio se estreitaram.

— Eu mandei matar o garoto, Finn.

Ela estava cansada de escutar. Saiu correndo na direção dele, com os punhos erguidos.

Ignacio riu alto, meio descontráído e meio furioso.

— Claro. Você sempre foi uma maldita guerreira... mas sempre foi mais fraca que eu.

Finn engoliu as palavras dele e fez com que elas servissem como motivação, alimentando a raiva insuportável dentro dela. Com um aceno das mãos, duas rochas se ergueram do chão e foram lançadas nele. Ignacio mexeu uma mão, e as rochas se explodiram em pequenas pedras a seus pés.

— Vamos, Finn — ele disse em desaprovação. — Para que tudo isso? Por que não se juntar a mim? Esqueça o garoto, esqueça o mundo. Você era mais você mesma quando estava comigo.

— Você fazia de mim quem você queria que eu fosse. Você me fazia esquecer quem eu era. Você tirou meus pais de mim. — Ela se aproximou de Ignacio e com um movimento forte, deu um soco na mandíbula dele, jogando-o para trás. Ele se chocou com os tronos do rei e da rainha, espatifando-os com uma explosão

de som e poeira. Mas ele levantou dos destroços rindo. Por um momento, sua mandíbula sangrou, mas o ferimento se fechou diante dos olhos dela.

— Não — ele disse. Seus passos eram lentos e calmos. — Eu mostrei quem você é. Eu libertei você de uma família medíocre, de uma vida medíocre. Não é minha culpa se você não gostou do que viu quando soube quem era de verdade. Que por baixo de todos aqueles rostos, você é exatamente como eu.

Ela se aproximou dele, agarrou-o pela capa e o jogou no chão. A pedra do piso do salão de baile se rachou com a intensidade do baque. Ela deu mais um soco no rosto dele.

— Você tirou minha família de mim e manipulou minha visão. — Mais um soco. — Você está mentindo. — Mais um. — Manipulador. — Mais um. — *Pendejo!*

Mas ele estava rindo dela, com o rosto machucado entrecortado por um sorriso. Os ferimentos se curavam em instantes. Finn mesmo assim o puxou do chão e deu socos e pontapés. Com um grito irado, ela o acertou com uma pedra que pegou do chão e fez com que ele voasse pelo salão de novo, chocando-se contra a parede de pedras. Ele escorregou pela parede, caiu de joelhos e então levantou sinuosamente, como se nada tivesse acontecido.

— Eu já te disse — ele resmungou, sem paciência. — Não pense que porque te amo, não vou te machucar. Posso fazer as duas coisas.

Ele se abaixou e com uma série de movimentos rápidos, pedras do tamanho do príncipe voaram em alta velocidade na direção de Finn. Ela desviou da primeira leva e despedaçou outra rocha com um soco. Mas a última chegou rápido demais. Ela levantou os braços para pará-la e a pedra bateu com força em seu peito, jogando-a para trás, fazendo com que deslizasse pelo chão do palácio.

— Por quanto tempo vamos ficar nessa, Mija? — Ignacio perguntou, flexionando os dedos. Ele puxou água do ar, congelando-a em lanças, que ela sentiu se afundarem na carne de seus braços. Uma das lanças acertou sua clavícula e ela não conseguiu conter um grito. — Por que não me deixa ser seu pai? — ele

perguntou, suplicante. Ela detestava o fato de ele falar como se tudo o que ele fizesse fosse por ela. Por amor. Não era. Nunca tinha sido.

— Pare. — Ela levantou trêmula quando ele se aproximou.

— Você tem que fazer o que for preciso para ensinar respeito aos filhos. Por mais dor que isso cause.

Ela se mexeu para quebrar a rocha, mas a voz de Ignacio cortou a atmosfera como uma faca.

— Não se mexa — disse ele, utilizando seu *propio*.

Ela ficou paralisada.

Então ele parou na frente dela. Segurou-a delicadamente pela mandíbula, traçando círculos com seus dedos na pele dela.

— Olhe para mim.

Ela ergueu a cabeça devagar. Seu corpo tremia enquanto tentava não sucumbir à ordem. Nem mesmo a magia obscura dentro dela era suficiente para fazer com que pudesse resistir totalmente.

— Me ame como antes. Como quando você era pequena. Me admire muito, como costumava fazer — ele disse, com uma voz suave e desesperada.

Finn sorriu com calma para ele, com um olhar de admiração no rosto.

A expressão de Ignacio suavizou.

— Você me ama agora? De verdade?

Finn assentiu, com os olhos arregalados e inexpressivos.

— Sempre amei.

Os olhos dele ficaram marejados.

— Você é minha de novo. — Com um movimento da mão, as pedras que a prendiam contra o chão caíram. Ele a puxou para um abraço apertado. — Hoje é o começo de nossa nova vida. As coisas vão ser boas de novo. Perfeitas. O mundo é no...

Ele perdeu o fôlego e Finn sentiu o sangue escorrer por sua mão ao enfiar ainda mais a adaga nas costas dele, até seu coração. Ela virou a adaga com força.

— Você me amava... — Ela ouviu quando ele sussurrou, com a voz desaparecendo.

Ela se afastou e olhou dentro de seus olhos arregalados.

— Não pense que, porque te amo, não vou te machucar. Posso fazer as duas coisas — ela disse, repetindo as palavras dele. Ele mandou que ela o amasse como já tinha amado antes. Mas ela nunca o amara. Seu amor por ele nunca foi verdadeiro. A ordem não surtiu nenhum efeito.

Os olhos escuros dele encontraram os dela mais uma vez, grandes e vulneráveis como se, pela primeira vez, ele fosse implorar seu perdão. Ele estendeu a mão para ela, encostando os dedos em seu rosto, e o toque causou um arrepio em sua espinha. Ele caiu para trás no chão de pedra. Seus olhos continuaram arregalados, voltados para o teto. Ignacio estava paralisado, morto, mas a tensão dentro de Finn não passava. Ela não conseguia acreditar que finalmente estava livre dele. Que ele finalmente ia pagar pelo que tinha feito com ela, e pelo que tinha tirado dela.

Abalada, Finn observou o cadáver, temendo que ele voltasse a levantar com aquele sorriso no rosto. Mas não aconteceu. Ele finalmente tinha morrido. Finn sempre temera que uma parte dela ficaria triste quando perdesse Ignacio, que se arrependeria de ter acabado com a vida dele, mas não sentiu nada além de liberdade tomando seu corpo, como o vento esvoaçando seus cabelos. Ela não se importava se gostar de matar a transformasse em um monstro; qualquer monstro que acabasse com Ignacio era um santo só por isso.

Finn olhou para trás, para o príncipe, e quis gritar para que ele se apressasse e usasse o dragão para confinar o que estivesse prestes a explodir de Ignacio, mas Alfie não estava mais sozinho. Ela se sobressaltou ao ver o garoto da banheira ao lado dele. Luka parecia estranhamente ileso, como se a batalha no palácio não tivesse ocorrido. Ele não tinha nenhum arranhão.

Ela se surpreendeu com aquilo quando se deu conta. Uma ideia ganhou vida na mente de Finn.

Ela sabia como deter aquela magia.

Antes que Finn pudesse gritar para o príncipe, a magia obscura que estivera crescendo dentro do corpo de Ignacio deixou seu cadáver, e seu corpo desapareceu quando a magia escapou. As mãos de pedra se soltaram de sua pele, reassumindo a forma original.

O coração dela acelerou quando a magia subiu em uma onda preta diante dela, ameaçando engoli-la inteira. Ela quis correr, fechar os olhos para afastar aquilo, mas não podia deixar a magia escapar. Pensou em Alfie, olhando para as próprias mãos, horrorizado depois de ter sido obrigado a feri-la. Havia muita coisa em jogo naquele salão e fora dele para que ela deixasse a magia partir.

Ela havia dito ao príncipe que tinha passado a vida observando coisas ruins acontecerem sem fazer nada para impedi-las, e que queria mudar isso. Finn havia pedido para ele acreditar nela e ele fizera isso, da mesma maneira que seus pais tinham feito e que fariam naquele momento se ainda estivessem ali.

Era a hora de provar aquilo.

Ela podia carregar o eco da magia do dragão de Alfie. Talvez pudesse contê-la. Dar a ele algum tempo para prendê-la.

— Me tome — ela disse. Nunca sentiu tanto medo na vida. — Me tome.

A magia girou ao redor dela como uma grande serpente e entrou por sua boca, forçando a entrada. Sua mente ficou sobrecarregada com o poder. O que saiu da estatueta de dragão tinha sido um impulso assustador, mas não se comparava àquilo. Aquilo era a fonte de tudo. Era demais. Era...

Você está muito perto da escuridão, minha menina, tão perto. A magia obscura sussurrou em seus ouvidos, suave como veludo. Ela sentiu as mãos de pedra geladas enquanto subiam por seu corpo como aranhas, cobrindo seus braços. Receba-a. Permita que ela tome você. Você e eu dominaremos uma terra chamuscada. Não haverá mais medo nem tristeza, pois não haverá mais corações para sentir, só você e eu. Entregue-se, minha menina. Entregue-se a quem você é.

Ela firmou os calcanhares no chão, tentando lutar contra o controle, mas quando as mãos de pedra tocaram sua pele, ela foi vencida.

Você me pediu para tomar você. Você vai manter essa promessa.

Em seguida, ela não conseguiu pensar em nada além da fome. Nada além da necessidade de se estender sobre aquele reino como uma onda de escuridão.

Sem Ignacio, as amarras se desfizeram e Alfie caiu no chão como uma pedra. Ela tinha conseguido. Fez o impossível diante dos olhos dele. Havia vencido Ignacio em seu próprio jogo. Exceto a magia. A magia partiria livre. E as mãos também, elas precisavam ser contidas! Alfie se esforçou para ficar de pé, de olho em Finn. Precisava chegar até ela, confinar a magia antes de... Um rangido alto fez Alfie olhar para cima. Um grande pedaço de rocha que contornava o teto de vidro do salão de baile se soltou, balançando como um dente de leite prestes a cair. Então caiu, vindo na direção dele.

Alfie cobriu o rosto, um movimento inútil, mas a rocha não o acertou. Ele abaixou os braços, olhou para a frente e viu Luka segurando a pedra gigantesca, como se fosse um abacate para comer no café da manhã.

— Sentiu minha falta, rabugento? — Luka perguntou antes de atirar a pedra para o fundo do salão.

Alfie ficou boquiaberto.

— Mas o que... — Ele apontou para a pedra caída.

Luka aparentou um retraimento que não era comum.

— Bem, parece que eu tenho uma superforça? — Sua entonação mudou no fim da frase, como se Luka perguntasse a si mesmo se aquilo era verdade.

Alfie olhou para ele e o puxou para um abraço forte. Quando se separaram, perguntou:

— Como?

— Não faço ideia — Luka deu de ombros. — Imagino que tenha se desenvolvido naturalmente, assim como a minha beleza e o meu senso de humor.

Alfie sorriu para seu melhor amigo e se lembrou de que ainda precisava chegar até Finn e usar o vácuo de Xiomara para se livrar da magia para sempre. Ele não

sabia se podia salvar Finn da magia que ela havia recebido. Mas tentaria.

Luka desviou o olhar de Alfie e empalideceu.

— Alfie, tem alguma coisa errada. — Luka apontou para a frente.

Finn parou diante deles. Parecia faminta.

— Finn — Alfie disse, hesitante. Ela inclinou a cabeça olhando para ele, sorriu e começou a caminhar lentamente até eles.

Alfie ficou de pé.

— Luka — sussurrou ele, com a voz tensa. — Corra.

Luka balançou a cabeça.

— Não vou te deixar.

— Preciso que você faça outra coisa por mim — Alfie disse, a voz trêmula por causa da dor que sentia nas costelas fraturadas. — Acorde Xiomara. Precisamos que ela acabe com essa magia, entendeu? Acorde ela, senão nós dois vamos morrer. — Ele empurrou Luka para trás dele.

— Certo — disse Luka, com um olhar preocupado. — Tome cuidado. — Alfie sentiu um pouco menos de medo quando escutou os passos de Luka correndo em direção a Xiomara.

— Finn — ele disse, caminhando em direção a ela. — Você me conhece. Sei que consegue me escutar. Sei que é guerreira. Livre-se dela.

Aquilo era diferente de quando ela tinha recebido a magia do dragão prateado. Agora não restava nenhuma lembrança de Finn. Ela havia recebido a magia que estava dentro de Ignacio. Ela havia feito o sacrifício de contê-la. Mas tinha que se libertar. Ele não poderia matá-la para conseguir controlar a magia. Não ia matá-la.

Ela não disse nada. Aproximou-se dele com passos calmos, estendeu o braço e uma coluna de pedras se ergueu do chão na frente de Alfie, acertando-o na barriga com tanta força que ele caiu de joelhos, levando as mãos ao abdômen.

— Alfie! — Luka gritou ao lado de Xiomara. Alfie gemeu de dor ao se forçar a levantar.

— Fique longe, Luka! — ele gritou. — Fique longe.

Finn nem parecia notar Luka. Continuou avançando em direção ao príncipe.

Alfie sentiu o coração bater mais rápido quando olhou para baixo e viu a sombra dela, de relance, ainda agarrada a seus pés, arrastando-se atrás dela. Ela deveria estar lutando contra a magia. Parte dela ainda estava lá.

Finn esticou os braços e soltou chamas deles. Alfie saltou para sair da frente, defendendo-se da chama com uma fraca onda de água. Finn o seguiu, ainda caminhando devagar. Quase com hesitação. Ela estava lutando. Tentando.

Tinha que existir uma maneira de tirar a magia dela e colocá-la de volta no dragão sem matá-la. Ele a dominaria e tentaria arrancar a magia de alguma maneira. Se não desse certo, teria que ir direto ao coração.

Com uma palavra mágica, Alfie ergueu cacos afiados de vidro das janelas quebradas e fez uma careta ao ver onde teria que acertá-la — os lugares que a fariam perder velocidade. Os joelhos, a barriga.

— *Volar!* — ele disse. O vidro se moveu para a frente e perfurou a pele da garota. Mas logo se soltou e caiu conforme ela se movimentava, e sua carne fechou os ferimentos.

Ela finalmente estava perto dele, a um braço de distância. Por um momento, parou, seu corpo estremecendo.

— Finn — disse Alfie, com o coração partido. Os olhos pretos dela se semicerraram quando esticou o braço e agarrou o pescoço de Alfie, erguendo-o do chão com facilidade. O príncipe balançou as pernas e acertou um chute no peito dela, que se desequilibrou para trás. Ela soltou o colar de dragão quando caiu.

Alfie caiu no chão reclamando de dor, e enquanto ela tentava se erguer, ele a dominou e a manteve no chão. Pegou o dragão que tinha caído ao lado dela e pôs as mãos em seu peito, sentindo a magia passar por ela, nas batidas do coração. Ele se concentrou e tentou puxá-la para fora. Mas a magia resistiu, prendendo-se ainda mais a Finn. O *proprio* dele não estava ajudando. A essência da magia obscura não se deixava enganar para ouvi-lo só porque tinha tingido sua magia para ficar igual a ela.

Ele teria que matá-la, não tinha escolha. Sentiu uma pontada no peito ao pensar naquilo, mas sabia que era a decisão certa. Por seu povo, pelo mundo, ele não podia ser egoísta de novo como tinha sido quando salvara Luka. Ele não podia não pensar nas consequências de seus atos. Com os olhos ardendo, Alfie arrancou a adaga do cinto de Finn e avançou em direção ao peito dela.

Seus olhos pretos o observaram com atenção quando ela agarrou o punho dele, parando a adaga quando estava prestes a feri-la. Com a outra mão, ela jogou uma pedra no peito dele. Alfie foi jogado para trás de novo, parando a poucos passos de distância de Finn. Suas costelas ardiam, doíam. Não conseguiu evitar o grito de desespero, com os dedos flexionados devido à dor contra o chão de pedra.

Finn levantou e caminhou até ele lentamente.

Quando ela se aproximou, Alfie criou um espeto de gelo em sua mão. Era o momento, ele tinha a oportunidade perfeita. Tinha que conseguir. Por sua família, por seu povo.

Então, Alfie escutou passos apressados. Luka se colocou entre eles, com um globo de fogo na mão.

— Fique longe dele! — gritou Luka.

— Luka, não! — Alfie gritou.

— Corra, Alfie! — disse Luka, olhando para trás. — Saia daqui agora!

Finn não hesitou. Agarrou o braço de Luka com as duas mãos, semicerrando os olhos.

— Não! — Alfie gritou. Finn girou o braço dele com tudo e Luka gritou de dor. Alfie só conseguia pensar que morreria daquela forma: pelas mãos de uma amiga enquanto seu melhor amigo morria ao seu lado.

Mas a morte não veio. Finn ficou congelada, então caiu de joelhos, e a magia obscura saiu de sua boca aberta como uma fumaça grossa e densa. O dragão tremeu na mão de Alfie. Ele o ergueu e observou incrédulo enquanto a magia fluía como um rio de escuridão para dentro do dragão prateado. Não apenas a essência da magia que tinha infectado Finn, mas todos os seus ecos. A magia obscura que estava espalhada pela cidade entrou no palácio. Estilhaços de vidro

caíram sobre eles enquanto a magia penetrava a estatueta. Em um instante, tudo terminou e a magia ficou presa com força na palma da mão de Alfie. Finn caiu de costas, a magia torcida para fora dela. Alfie respirou aliviado. De algum modo, ela continuava respirando.

As mãos de pedra estavam ao lado dela, completamente imóveis. Com a magia presa de novo, sem um hospedeiro, sem corpos para lutar por sua causa, as mãos se paralisaram mais uma vez.

E Alfie nem sequer teve que usar seu sangue para fazer a magia do confinamento nem usar seu *proprio* para fazer a magia obscura entrar na estatueta. A magia permaneceu dentro do pequeno dragão sem lutar. O coração de Alfie bateu mais rápido. A magia estava presa no dragão, mas ele não estava mais conectado a ela. Não conseguiria mais atingi-lo, drenar sua vida.

Ele estava livre.

Mas como isso tinha acontecido?

Luka gemeu de dor e Alfie voltou ao presente. O príncipe se inclinou sobre Luka e fez uma careta. O braço de Luka estava deslocado.

— Sinto muito, mas vai doer. — Com um giro forte, Alfie recolocou o ombro de Luka no lugar. Luka gritou. — Eu sei, eu sei. Você está bem agora.

— Fale por você! Doe *demais!*

— Você vai sobreviver — Alfie disse. Luka abriu a boca para perguntar alguma coisa, mas Alfie sabia que aquele não era o momento para explicações. Ele tinha que se livrar da magia obscura. — Espere aqui. Tome conta de Finn. Preciso cuidar disso primeiro.

Luka assentiu e se ajoelhou ao lado de Finn. Alfie levantou para procurar Xiomara, mas ela já estava de pé, caminhando em direção a ele, mancando. Luka devia tê-la despertado antes de correr para ajudar Alfie.

Quando a garota parou na frente dele, esperando o que ele diria, Alfie sentiu um nó na garganta. Ele não queria olhar para aquele abismo escuro de novo, a menos que fosse para ver seu irmão sair de lá, vivo e bem. Mas a vida o havia

trazido até ali por motivos diferentes e mais sombrios, e ele não podia postergar aquilo, por mais que seu estômago embrulhasse e seus olhos ardessem.

— Pode abrir o vácuo? — ele finalmente perguntou, com a voz esganiçada.

Xiomara assentiu com firmeza antes de tirar o manto da invisibilidade e entregá-lo a Alfie. Ela ergueu a mão em punho e em seguida abriu os dedos. Uma abertura para a escuridão total surgiu diante de Alfie. A própria escuridão que tinha engolido Dez inteiro.

Alfie pegou a estatueta de dragão e a sentiu quente em sua mão, contrastando com o frio repentino que vinha do vácuo. Sua mão tremeu. Ele nunca havia se separado do dragão desde a morte de Dez. Ele o segurava quando sentia muita saudade do irmão. Jogá-lo no vácuo era prometer nunca mais abri-lo. Prometer nunca tentar procurar Dez em suas profundezas.

Aceitar que seu irmão não voltaria nunca mais.

Enquanto se afundava nas profundezas do pesar, uma parte dele sempre mantivera a esperança de que um dia Dez ia sair de lá. Um dia, ele ia abrir a porta da escuridão e encontrar o irmão. Agora, a tristeza o encarava com a boca aberta, infinita, dura e direta.

Mas ele não podia correr o menor risco daquela magia se libertar de novo, mesmo que precisasse apagar a luz de seu maior desejo. Seu povo tinha que vir em primeiro lugar. Naquele momento, ele prometeu a si mesmo que nunca mais abriria o vácuo.

— Adeus, Dez. — Lágrimas quentes escorreram por suas bochechas e nariz. Ele passou os dedos sobre a estatueta uma última vez. — Eu te amo. Fique bem.

Inspirando com dificuldade, ele soltou o dragão de prata dentro do abismo, e ele desapareceu, perdendo-se na escuridão sem fim.

Finalmente tinha terminado.

Por um momento só havia Alfie, Xiomara e o passado que abria a boca entre eles. Apesar de Xiomara não poder falar, Alfie podia ver a pergunta em seu olhar: “E agora?”.

Alfie sentiu o peso daquele silêncio. Aquela garota, a vida daquela assassina,

estava em suas mãos. Alfie não sabia se conseguiria evitar cerrar o punho e destruí-la.

— Eu ainda quero te machucar — Alfie disse. — Sempre vou querer. — Xiomara contraiu os lábios, trêmula. — Mas não vou fazer isso.

Ele nunca se permitiria se tornar aquele monstro que havia agarrado Finn pelo pescoço antes. Ignacio e a magia obscura tinham mostrado a ele exatamente em que se transformaria se deixasse o ódio que sentia por Xiomara consumi-lo. Ele se recusava a se tornar sombrio por causa de uma vingança, ainda que tivesse que deixar livre a garota que havia tirado seu irmão dele.

Xiomara se inclinou para a frente, mãos apoiadas nos joelhos, uma careta no rosto sério.

— O que é? Qual é o problema? — Será que abrir o vácuo a havia ferido?

Xiomara ergueu a camisa. Um pedaço grande e pontiagudo de pedra saía da altura de seu baixo ventre, e o sangue encharcava sua calça. Ele não tinha percebido o sangue contra a cor marrom do uniforme de prisioneira que ela estava usando.

— Você está machucada — Alfie disse, dando um passo à frente para curá-la, mas Xiomara ergueu uma mão para impedi-lo. Ela balançou a cabeça.

— Não seja ridícula — disse Alfie. — Você vai morrer se eu não te curar.

Ela o encarou com um olhar que dizia “Eu sei”.

E Alfie sabia o que ela estava pensando. Era a única pessoa capaz de abrir aquele vácuo. Enquanto ela vivesse, haveria o perigo de aquela magia voltar. Alguém poderia forçar Xiomara a abri-lo, ou talvez ela mesma o abrisse, por acidente ou não. A única maneira de realmente impedir que aquela magia voltasse era se ela morresse.

Depois de meses desejando a morte daquela garota, Alfie não conseguia encontrar prazer naquele momento.

— Existem outras maneiras — disse ele, sem força, incapaz de se controlar. — Você não precisa fazer isso.

Mas Xiomara balançou a cabeça de novo, calando-o. Trêmula, ela se ajoelhou,

pressionando o ferimento que sangrava. Usando o sangue como tinta, ela escreveu uma mensagem no chão.

Quero consertar as coisas.

Alfie sentiu uma dor no coração. Ele se aproximou e a ajudou a levantar. Ela fez uma careta, segurando o braço dele.

— Certo — disse ele, com a garganta ardendo.

Alfie não queria vê-la sangrar até morrer. Ela não merecia aquele sofrimento agonizante. Ninguém merecia. Alfie pegou um laço de água do ar e o moldou na forma de uma adaga grossa e afiada. Ela pareceu entender e a pegou da mão dele.

Xiomara se movimentou diante do vácuo, com a adaga posicionada à frente do peito. Ela fechou os olhos.

— Xiomara — Alfie se pegou dizendo. Ela virou para ele, os olhos arregalados de surpresa ao escutar o som de seu nome. — Gracias.

Ela assentiu e fechou os olhos de novo. Por um momento, ficou parada, com a garganta apertada enquanto lágrimas rolavam por seu rosto. Ela enfiou a adaga no peito e, sem emitir nenhum som, a prisioneira muda da Torre do Relógio tombou para trás e caiu no vácuo que havia aberto. Ele se fechou atrás dela, para nunca mais ser aberto por sua mão.

Alfie não sabia se deixar Xiomara morrer era a coisa certa a se fazer. Não sabia se devia ficar irritado ou contente. Duvidava que um dia fosse se sentir contente, mas não havia tempo para sofrer pela gravidade de tudo. Uma pessoa ainda precisava ser salva. Alfie voltou para onde Finn estava deitada no chão. Luka se afastou para dar a ele espaço para agir, com uma expressão séria.

— Estou tentando — disse Luka, desanimado. — Ela não está reagindo.

Alfie apoiou a mão no peito de Finn e passou sua magia para ela. A magia de Sombra a havia deixado muito mal. Sua pulsação estava lenta, sua sombra era uma fina faixa cinza enrolada a seus pés. Talvez ele a perdesse. Até mesmo Luka teve o bom senso de ficar calado e deixar que ele trabalhasse.

Alfie se inclinou para a frente e curou algumas costelas quebradas. Será que o que tinha feito aquilo fora a magia que havia saído dela com violência? Ela estava

se curando naturalmente enquanto lutavam, mas naquele momento Alfie podia ver hematomas na pele dela.

Ele tocou a testa dela. Estava ardendo em febre. Ele pousou as mãos na barriga de Finn e despejou a magia nos ferimentos que havia ali, depois em seu rosto e nos braços. Toda ferida que ele encontrava, tentava curar. Então ele se lembrou da poção de cura que tinha guardado para ela.

Alfie rapidamente tirou o frasco do saquinho em seu bolso, o desrosqueou e despejou devagar todo o conteúdo na boca de Finn. Inclinou a cabeça dela e delicadamente tocou sua garganta, na esperança de que ela engolisse.

Ele tinha feito o que podia. Agora, só restava esperar.

— Ela vai ficar bem? — Luka perguntou em voz baixa.

— Não sei — Alfie disse. Mas se havia alguém que podia sobreviver àquilo, seria ela.

Como se respondesse às preocupações dele, Finn resmungou, meio grogue. Ela abriu os olhos devagar. Ele sentiu o coração bater mais rápido.

— Príncipe — ela disse.

Ao escutar sua voz, algo dentro dele se curou tão depressa que parecia justamente que estava se quebrando.

— Ladra — ele sussurrou.

Ela olhou para ele, em dúvida.

— Você... fez...

— Ela se foi, no vácuo — ele garantiu a Finn. O corpo dela relaxou, mas ela continuou encarando-o, com muitas perguntas pairando em sua mente. De uma vez, a resposta ocorreu a Alfie. Claro que Luka estava em segurança e estranhamente forte. Antes de Alfie libertar a magia de Sombra, ela havia concordado em fortalecer Luka e não o machucar. Como era possível que ele não tivesse percebido aquilo antes? — Quando libertei a magia, fiz com que ela promettesse nunca machucar Luka. Quando você o feriu, o acordo foi quebrado.

Finn assentiu, com um jeito estranhamente calmo.

— Foi o que eu pensei.

Alfie olhou para ela, achando graça. Nada a abalava. Ela pressionou as mãos no chão e, gemendo de dor, se forçou a levantar, sentando com as pernas esticadas. Alfie teve que se controlar para não a ajudar.

— Antes que a magia me tomasse, eu vi o garoto da banheira ao seu lado, e ele não tinha nem um arranhão. Eu me lembrei do que você disse, sobre ter feito a magia prometer que nunca o machucaria. Machucá-lo parecia uma boa ideia para tentar acabar com isso. Então torci o braço dele, só para garantir. — Ela olhou para Luka, para o braço dele. — Desculpe por isso.

Luka balançou a mão, sem dar importância.

— Não tem problema. Há maneiras piores de morrer, mas não há maneira melhor de viver, se quer saber minha opinião.

Finn contraiu os lábios em um sorriso torto.

— Você foi incrível — Alfie disse a ela. — Sério.

Por muito tempo, eles apenas olharam um para o outro. O rosto dos dois estava sujo e ferido por causa da batalha, mas eles sorriam mesmo assim.

Então Luka pigarreou alto:

— Aham!

— Você também foi ótimo, Luka — disse Alfie.

— Fui, né? — Luka disse, assentindo, como se estivesse sentado em um trono, e não no chão cheio de destroços.

Alfie não conseguiu controlar a risada, e Luka riu junto.

— Não me façam rir — Finn disse, sorrindo, a voz alterada pela dor. — Dói quando eu dou risada.

Por anos, Alfie se questionaria de onde tinham tirado força para rir depois de tudo o que tinha acontecido. Mas mais tarde, entendeu que tinham rido simplesmente porque havia tempo.

Depois de dias de morte e renascimento, de sombra e luz, de medo e coragem, finalmente sobrava tempo para rir.

A ladra, o príncipe e o fim

SE ALGUNS DIAS ANTES alguém tivesse perguntado a Alfie como ele se sentiria ao se despedir de Finn, ele imaginava que teria uma miríade de respostas.

Todas aquelas respostas teriam o alívio em comum. A sensação de um peso sendo tirado dos ombros, de uma dor de cabeça que tinha passado depois de uma massagem.

A última coisa que esperava era sentir uma dor no peito e um nó na garganta.

Ele estava tão perdido que levou Luka consigo até o porto para se despedir, mesmo que fosse só para que Luka fizesse o que fazia de melhor — alegrar os ânimos. Apesar de manter a postura ereta enquanto esperava por ela, Alfie sabia que se apoiava em Luka como se ele fosse uma muleta.

Depois do desastroso Baile de Equinócio, Finn havia descansado no palácio por cinco dias. Ela tinha dormido dois dias inteiros, e Alfie tinha ficado sentado na beira da cama, fingindo ler um livro quando na verdade só conseguia reler a mesma frase várias vezes seguidas. Ele só saiu do lado dela para conversar com seus pais, que felizmente sobreviveram àquela noite, embora muitas outras pessoas tivessem perecido.

Quando ela finalmente acordara, com sua sombra escurecendo até atingir uma cor mais saudável, Paloma tinha insistido para fazer uma reunião com ela e Alfie e discutir o que havia acontecido, desde o começo.

Depois que Alfie explicara tudo até o encontro deles no jogo de cambió, Finn tomara a dianteira e descrevera as circunstâncias que a levaram ao palácio e tudo o

que tinha acontecido depois. Paloma observara em silêncio enquanto ela falava. Alfie concordava com a cabeça, completando com os próprios detalhes.

Quando a história finalmente tinha sido concluída, Alfie esperara receber uma dura repreensão por sua negligência ao libertar a magia e por causa do crime que Finn cometera ao invadir o palácio. Mas, em vez disso, Paloma tinha feito algo que raramente fazia.

Ela sorria.

Tinha sido uma quase imperceptível curvatura dos lábios para cima, que Alfie havia visto algumas poucas vezes. Como aquele podia ser um momento adequado para sorrir? Eles tinham acabado de contar toda a história sobre como libertaram uma magia obscura que havia devastado o reino. E ainda assim lá estava ela sentada, sorrindo.

— O que foi? — Finn finalmente perguntou, parecendo tão incomodada quanto Alfie. — Qual o motivo desse sorrisinho?

Alfie arregalou os olhos. Nunca tinha ouvido alguém falar com Paloma daquele jeito. Mas a dueña parecia apenas entretida.

— Você pediu à magia obscura que entrasse em seu corpo. Por quê?

Ela arqueou as sobrancelhas. Cruzou os braços em posição defensiva.

— Eu não sei. Pareceu a coisa certa a se fazer no momento. — Ela batucava nos antebraços com os dedos. — Para conseguir mais tempo. Para...

— Para proteger Alfie — Paloma disse. Como a garota ficou em silêncio, a dueña inclinou a cabeça como se desafiasse Finn a discordar.

Alfie observou uma vermelhidão se espalhando pelo pescoço e pelas bochechas de Finn. Ela virou a cabeça para olhar pela janela. Alfie decidiu que deveria baixar a cabeça e olhar para baixo.

— Você convidou a escuridão a entrar em seu coração, não só uma, mas duas vezes. Uma decisão perigosamente estúpida. — Finn mediu a dueña com um olhar penetrante, provavelmente pensando em uma réplica para fazer Paloma pular da cadeira. — A magia era obscura, mas suas intenções, elas vieram de um lugar de luz. Puro e verdadeiro. Apesar de tê-la convidado a entrar, a magia não

conseguiu influenciá-la e tomar sua sombra como faria com alguém que agisse por ganância, vingança ou ódio. Seu corpo não pôde ser queimado como foram os outros. Você foi protegida pela luz de suas intenções, e suas intenções, eu diria, estavam bem distantes do ódio.

O silêncio cortou o quarto como uma lâmina. Alfie esfregou a nuca.

— E você, príncipe Alfehr — Paloma disse, em tom ríspido. Alfie se endireitou na cadeira. — Você fez uma escolha egoísta e imprudente. Pensou primeiro em si, e não em seu povo, quando escolheu libertar aquela magia para salvar Luka.

Alfie baixou a cabeça, envergonhado.

— Mas — Paloma disse. Alfie sentiu a esperança crescer em seu peito. — Na pior das hipóteses, você aprendeu. Não queria machucar sua amiga para deter a magia, mas em vez de se deixar controlar pelos próprios desejos, como fez no caso de Luka, estava disposto a tirar a vida dela pelo bem de seu reino. Foi só por pura sorte que Luka o interrompeu, impedindo você de ter que matar esta garota. Mas tenho certeza de que teria feito esse sacrifício por seu povo. Isso me leva a acreditar que, com o tempo, poderá se tornar o rei que precisamos que seja.

Alfie sentiu um peso deixando seus ombros, mesmo que apenas por um instante. Ele ia se sentir culpado pelo que tinha feito pelo resto de seus dias, mas daria a si mesmo uma pausa por um instante.

Paloma se levantou da cadeira.

— Creio que isso é o suficiente por hoje. Príncipe Alfehr, conversaremos mais sobre isso depois. Por enquanto, você e a senhora Finn vão gastar melhor o tempo descansando e se recuperando.

— Sim, obrigado, Paloma — Alfie disse, curvando a cabeça em uma reverência respeitosa.

— E é Finn — a ladra disse da cama, cutucando as unhas. — Deixa o *señorita* pra lá.

Paloma riu daquilo, e Alfie teve que se conter para não lançar um olhar de surpresa à dueña. Ele não a ouvia rir daquele jeito havia um bom tempo. Sem

dizer nenhuma outra palavra, ela saiu do quarto e deixou o príncipe e a ladra a sós.

Alfie apertou as mãos apoiadas no colo por um momento demorado até finalmente olhar para Finn. Ela cutucava o cobertor como se quisesse encontrar fios soltos. Ou soltar alguns.

— Você... — Alfie começou, mas sua voz saiu muito fraca, traindo algo dentro dele que ainda não estava pronto para confrontar. Ele pigarreou. — Você precisa de alguma coisa? O cozinheiro já deve ter preparado o almoço. Ou posso pegar mais travesseiros.

Ela levantou a mão pedindo silêncio e apontou para as almofadas ao seu redor.

— Príncipe, tenho travesseiros suficientes para construir meu próprio castelo. Estou bem.

— Muito bem — Alfie disse, relaxando. Silêncio caiu entre os dois mais uma vez. — Quer que eu saia?

Ela torceu os lábios.

— Eu disse que queria que você saísse?

Alfie estreitou os olhos.

— Mas você também não disse que queria que eu ficasse.

— Você é um homem crescido, não preciso dizer onde deve ficar.

— Certo — ele disse, com a voz cansada. Por que ela tinha que ser tão difícil? — Então vou embora.

Um pé estava para fora da porta quando ele ouviu a voz dela.

— Espera. — Alfie observou-a ajeitar uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha. — Você falou sobre o almoço. Está com fome?

Ele não estava.

— Sim.

Ela se virou para a janela, desviando o olhar.

— Você poderia pegar comida e trazer aqui.

Alfie sorriu para a nuca dela.

— Está bem.

— Se quiser. Não faz diferença para mim.

Alfie assentiu, esquecendo-se de que ela não estava olhando para ele. Ela mudou de posição, desconfortável, em meio ao silêncio.

— Muito bem — ele disse. Alfie viu os ombros dela relaxando. — Já volto, então.

— Príncipe — ela chamou mais uma vez, bem quando a mão dele se fechava ao redor da maçaneta.

— Sim? — Ele virou para trás. Os olhos dela encontraram os dele, buscando pela resposta para uma pergunta que ela ainda não havia feito.

— Você enfeitiçou a porta e as janelas para me impedir de fugir?

Alfie balançou a cabeça, sem tirar os olhos dos dela nem por um momento.

— Não.

Ele observou o canto dos lábios dela se curvarem para cima e saiu pela porta, com o coração leve no peito.

Eles tinham passado quase uma semana daquele jeito. Na maioria dos dias, ele havia pegado no sono em uma cadeira ao lado da cama dela, quando ambos tinham ficado cansados demais para conversar. Uma ou duas vezes, ele tinha acordado com Luka o cutucando e arqueando as sobrancelhas de forma sugestiva. Ela até tinha desenhado um esboço da tatuagem com chifres que havia visto na prisão para que ele tivesse uma imagem de referência. Ele se tornaria rei, já havia aceitado isso, mas não significava que desistiria de descobrir a verdade por trás da morte de Dez.

Na quinta manhã, depois de um café da manhã com ovos, fatias de abacate com sal, salame frito e mangú, Finn batucou o prato vazio com os dedos e admitiu:

— Roubei outra coisa quando estive aqui para pegar o manto.

Alfie bufou.

— Óbvio.

— Quero dizer, outra coisa além dos pesos. — Ela tirou um pequeno objeto do bolso. Na palma de sua mão estava a estatueta de raposa que Dez havia

entalhado. Alfie sentiu um aperto no coração ao ver aquilo. Ele se lembrou de ter perguntado a Dez por que havia entalhado uma raposa, que costumava ser um personagem malicioso nas fábulas e mitos que os dois liam.

“Todo mundo precisa de um encenqueiro na vida”, Dez havia dito com uma piscadela.

Os olhos de Alfie migraram da raposa cuidadosamente entalhada para o rosto de Finn. Ele não tinha entendido muito bem o que Dez quisera dizer até aquele momento.

— Fique com ela — Alfie disse, com a garganta ardendo. — Combina com você, e Dez teria gostado de você. — Ele não conseguiu conter um sorriso. Dez teria gargalhado até doer com a perspicácia e o jeito rude de Finn. — Não acho que ele se importaria que ficasse com ela.

Finn guardou a raposa de volta no bolso. Ela poderia ter dito alguma coisa compassiva, como “sinto muito por sua perda” ou outras daquelas frases curtas e tristes muito bem dissimuladas que soariam vazias aos ouvidos dele. Em vez disso, deu um sorrisinho com os olhos brilhando.

— É claro que teria gostado de mim. Sou um maldito tesouro.

Na sexta manhã, Alfie levou uma bandeja de café da manhã ao quarto dela e encontrou a cama bagunçada como sempre, mas vazia.

Ela havia partido sem se despedir.

Deixou um bilhete no travesseiro dizendo que ela “Tinha que colocar as coisas em ordem”, o que Alfie interpretou que significava que ela estava saindo da cidade, talvez até mesmo de Castallan. Saindo da vida dele. O bilhete também dizia para ele encontrá-la no Aperto uma última vez. Aquele bilhete estava em seu bolso, pesado como uma pedra, enquanto ele e Luka esperavam que ela aparecesse.

— Você parece prestes a se transformar em uma nuvem de chuva — Luka disse, mordendo uma espiga de milho amanteigado coberto com queijo e pimenta calabresa.

— Só estou pensando — Alfie disse.

— Imagino no quê... ou em *quem*? — Luka disse, em leve tom de deboche. Alfie lançou um olhar irritado, mas Luka apenas riu. — Sabe, você tem que admitir. O destino estava trabalhando de verdade no que diz respeito a vocês dois.

— Luka...

— É como aquelas antigas histórias de amor, épicas. O bem contra o mal e um casal que não para de brigar e acaba se apaixo...

— Luka — Alfie perdeu a calma.

Luka levantou as mãos em sinal de rendição, com a espiga de milho dependurada.

— O que eu quero dizer é que parece que os deuses conspiraram para vocês se encontrarem.

— E no fim você quase teve que morrer para que isso acontecesse.

Luka fez uma careta para Alfie que dizia: “Tem que deixar tudo tão lúgubre?”.

Alfie lançou um olhar que dizia: “Sim”.

Luka olhou atrás de Alfie e um sorriso se formou em seus lábios.

— Melhor fazer valer a pena, então. Minha vida vale bastante, talvez até um ou dois beijos de despedida.

Ele inclinou a cabeça sobre o ombro de Alfie. O príncipe se virou e viu Finn se aproximando. Estava com um capuz cobrindo o rosto, mas ele a conhecia pelo jeito de andar sinuoso. Quando Alfie se virou de novo, Luka tinha ido embora. Já corria para se misturar à multidão, os dois polegares para cima em sinal de aprovação.

Finn parou na frente dele e, como nenhum dos dois conseguia pensar no que dizer, ela simplesmente passou por ele. Ele a seguiu.

— Você foi embora antes que eu tivesse a oportunidade de lhe entregar seu baú de ouro — Alfie disse, quebrando o silêncio. — Nunca pensei que esqueceria um pagamento.

— Não esqueci — Finn disse, com um sorriso nos lábios. — Dei uma passada no cofre na saída. Estamos quites. Por enquanto.

Alfie arqueou as sobrancelhas e uma gargalhada de surpresa ressoou em seu peito, como se risse de si mesmo por não ter desconfiado daquilo.

— Poderia ter se despedido. — A voz dele estava mais suave. — Em vez de desaparecer...

— Como uma ladra na noite — Finn completou, com um sorriso malicioso.

Alfie apenas encarou Finn, com a dor em seus olhos dourados fazendo a piada dela parecer quase cruel.

Ela deu de ombros e olhou para qualquer lugar que não fosse o rosto dele, com um fio de culpa despontando de dentro de si.

— Estava me sentindo como um gato domesticado ali. Precisava sair. Não é como se eu tivesse levantado e deixado a cidade.

— Mesmo assim — ele disse. As palavras pairaram pesadamente entre eles.

— Mesmo assim. — Ela assentiu.

Não estava exatamente mentindo para ele, mas também não estava dizendo a verdade. Na quinta noite que tinha passado no palácio, ela pensara sobre quando partiria e ouvira uma batida bem alta na porta. Ela sabia que não era Alfie. Ele batia na porta com calma, hesitante, pensativo, como se estivesse preocupado com o fato de ela poder estar dormindo, independentemente da hora. Irritada consigo mesma por ser capaz de identificar as batidas dele, Finn havia gritado:

— Entre, se é o que tem que fazer.

A passos largos, o garoto da banheira entrara. Sem preâmbulos ele se empoleirara na beirada da cama e a encarara, analisando-a de cima a baixo com seus olhos escuros.

Finn tinha gesticulado com a cabeça para ele.

— Isso tem a ver com todo aquele negócio de eu ter quebrado seu braço?

Luka fizera um sinal com a mão para negar.

— Não, não, já perdoei tudo aqui. Entretanto — ele dissera —, tenho um favor para pedir a você.

— Verdade? — Finn tinha perguntado, entretida com a ideia.

Luka assentira.

— Alfie diz que seu trabalho é roubar coisas, mas você parece ter a mesma perícia para roubar corações.

Finn ficou olhando para ele sem entender.

— Foi tão constrangedor dizer isso quanto foi ouvir?

— Ia dizer que soou charmoso e inteligente, mas aceito constrangedor.

Finn revirara os olhos.

— O que está tentando pedir?

Luka tinha se inclinado para a frente.

— Conheço seu tipo.

— Meu tipo? — Ela bufara. — Acho que só existe uma de mim mesma. Sou meio original demais para definir um tipo.

Luka revirara os olhos.

— Você é do tipo que não fica muito tempo em um lugar. Um dos tipos de que mais gosto, na verdade — ele dissera com um sorriso distante, como se revivesse lembranças que Finn torcia para que não compartilhasse em voz alta.

— Bem, está certo quanto a isso. — Finn dera de ombros. — Qual o problema?

Luka tinha inclinado a cabeça para o lado e olhado para ela.

— Você deve saber.

— Saber o quê?

Luka franzira a testa.

— É bem do seu tipo fingir não saber.

Ela tinha torcido a boca.

— Saber o quê?

— Apenas... — Luka recomeçara, agitando as mãos como se tentasse pescar no ar as palavras de que precisava. — Apenas vá devagar com ele quando for embora. Seja gentil, ou tão gentil quanto seu tipo lhe permitir. Não vai ser fácil para ele perder você.

Finn sentira o calor se espalhar por suas bochechas. Antes que conseguisse dar uma resposta, Luka tinha levantado da cama e andado até a porta.

— Ah, e se contar para ele que conversei sobre isso com você, vou negar. Namorei oito atores e aprendi bastante coisa, posso garantir. Minhas mentiras serão convincentes. — Ele balançara o dedo de um lado para o outro enquanto ela observava, entretida. — Não me teste.

E então ele saíra pela porta. O garoto da banheira estava certo. Aqueles dias no palácio tinham começado a amolecê-la. Ela até estivera pensando em ficar na cidade. De repente, parecia que havia coisas pelas quais valia a pena ficar. Mas ela devia ser esperta o suficiente para não se sentir confortável demais ali. Quando ficava em um lugar só, sempre surgiam problemas. Ela era feita para continuar em constante movimento. Finn era do tipo que deixaria um frasco envenenado para que algum inocente bebesse. Não era do tipo que ficava amiga de um príncipe, ou de qualquer pessoa, por sinal. Então ela rabiscara um bilhete para o príncipe e saíra escondida do palácio.

A voz de Alfie trouxe Finn de volta ao presente.

— Para onde você vai? — ele perguntou, com a voz suave e desesperada. Finn queria engarrafar aquele som para que pudesse tirar a rolha e escutá-lo sempre que precisasse de uma razão para sorrir. Ou franzir a testa. Ele pigarreou.

— Se eu te contasse não seria muito bem uma fuga, né?

— Acho que não — Alfie disse.

— Não posso simplesmente sair por aí contando para as pessoas para onde vou. Ainda sou uma mulher procurada pela justiça! Muitas mulheres procuradas, na verdade. E alguns homens também.

— Eu sei. — Alfie olhou para ela com um sorriso triste. — É difícil te encontrar. Mais do que imagina.

Eles olharam um para o outro por um momento demorado até que Alfie desviasse o olhar para abrir sua bolsa. Por um instante, pareceu que não tinha tirado nada de dentro a não ser ar. Mas então Finn entendeu o que era. O manto da invisibilidade.

— Pegue — ele disse.

— Não devia. — As palavras soavam estranhas saindo da boca dela. Finn normalmente se interessava mais em saber se poderia, não se deveria. E ter o manto seria útil para qualquer um, ainda mais para uma ladra. Mas aquela peça era o que os conectava e o que quase tinha destruído o mundo. O peso dele era muito grande. Sabia que ele a traria de volta para cá.

De volta para ele.

O olhar de Alfie ficou mais suave.

— Eu dei ele para você dias atrás. Já é seu.

Finn se perguntou se ele falava do manto ou de algo completamente diferente.

Ela observou enquanto ele tirava o manto invisível dos ombros. O vento o desdobrou, permitindo que flutuasse na direção dela. Ela podia senti-lo batendo de leve em seu peito. Então ele se aproximou e esticou os braços ao redor do corpo dela, colocando o manto sobre seus ombros.

— Não precisa roubar nada — ele disse.

Por muito tempo, Finn havia atribuído valor às coisas que tinha de acordo com a dificuldade que havia tido para tirá-la de outra pessoa, quanto tempo havia levado para planejar o roubo, quanto o dono sentiria falta dela, quanto conseguiria ganhar se a penhorasse. Embora o manto fosse um presente, ela sabia que seria a coisa mais valiosa que poderia chamar de sua. Alfie alisou os ombros dela vestindo o manto e sorriu.

Ela estava atônita ao ver como ele era capaz de sorrir e ainda assim parecer ter o coração partido, mostrar os dentes e ainda assim atraí-la até ele como se estivesse chorando de dor.

— Também tenho uma coisa para você — ela disse. Alfie arqueou uma sobrancelha. — Só porque é justo.

— Você não costuma se importar com justiça.

— Então você não quer, príncipe?

Ele soltou uma bela gargalhada, um som breve e maravilhoso.

— É claro que eu quero, ladra.

— Então fique um pouco quieto.

Ela ficou parada, e Alfie a observou, com a cabeça inclinada. Ela sentiria falta de como ele sentia as coisas com o corpo todo, todo seu ser se transformando em um ponto de interrogação quando estava confuso, e o sorriso se desenrolando devagar, como se fosse um gato se alongando depois de tirar uma soneca.

Ela afastou aqueles pensamentos, respirou fundo e colocou as mãos sobre o próprio rosto. Um longo momento se passou. Se fosse qualquer outra pessoa, pareceria que estava tentando esconder as lágrimas.

— Finn, o qu...

— Um momento, príncipe! — ela gritou, espiando por entre os dedos para observar a reação dele. Ele revirou os olhos, mas continuou sorrindo.

Finalmente, concluído o trabalho, Finn afastou as mãos. Atrás delas estava um rosto que ele nunca a tinha visto usar. Os olhos eram grandes e castanhos com cílios grossos ao redor. Havia uma marca de nascença, um ponto, debaixo do olho esquerdo, e uma cicatriz fina atravessando a sobrancelha direita que impedia os pelos de crescerem. O lábio superior era mais grosso que o inferior e o rosto tinha formato de coração, com a testa larga e a mandíbula convergindo para a ponta suave do queixo.

Finn observou enquanto aquilo ficava claro para ele, observou-o compreendendo que aquele era o rosto dela, o rosto com o qual havia nascido. Ela tinha removido a magia e se despido de sua armadura.

Finn permitira que ele a visse de verdade.

Ela levantou o queixo e encarou os olhos dele, obstinada, do mesmo jeito que fazia com todas as outras coisas. Ela tentou analisar a reação do príncipe, desafiando-o a dizer alguma besteira. Algo que daria a ela a desculpa de que precisava para voltar a se esconder debaixo de uma máscara mágica pelo resto de seus dias. Mas o príncipe apenas sorriu, e o rosto dele se encheu de luz.

— Obrigado — ele disse. E mais uma vez. — Obrigado.

— De nada — ela murmurou. Outra frase que não estava acostumada a dizer, mas que pareceu correta quando dita a ele.

Alfie levantou um pouco os braços, observando como se não tivesse certeza se estava ultrapassando os limites. O corpo de Finn se moveu antes que sua mente fosse capaz de ordenar. Ela o abraçou com tanta força que Alfie deu um passo para trás antes de envolvê-la com seus braços.

Naquele momento, eram apenas os dois e a compreensão de que a porta entre eles estava prestes a ser fechada e trancada com uma chave que logo estaria perdida em algum lugar do mar que os separaria.

Os sinos do relógio de duas faces tocaram para indicar o pôr do sol, acabando com aquele momento.

As pessoas passavam apressadas como se aquele dia fosse um outro qualquer. As ondas do mar quebravam e ele se agitava, puxando barcos na direção das docas com a mesma facilidade com que os carregava para mundos de distância. Finn escapou do abraço, virou as costas e foi embora.

“Adeus” parecia uma palavra muito definitiva. Ela se recusava a dizê-la. Ele devia ter se sentido da mesma forma, porque Finn havia dado apenas alguns passos quando ouviu a voz dele novamente.

— Vejo você por aí — o príncipe gritou.

Ela se virou para encará-lo, andando de costas.

— Não — ela disse com um sorriso astuto. — Não verá.

A ladra cobriu a cabeça com o capuz do manto da invisibilidade e desapareceu.

Agradecimentos

Livros são uma bagunça.

Achei que soubesse disso depois de trabalhar como assistente editorial por dois anos, mas entendo melhor agora que escrevi meu próprio livro. Agora eu sei, mais do que nunca, que escrever é um esporte coletivo, e sem minha equipe, não haveria um livro em suas mãos e nada além de fios soltos de uma história na minha cabeça.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Hillary Jacobson e Alexandra Machinist. Vocês são uma dupla incrível de agentes dos sonhos, e não consigo acreditar na sorte que tive por ter vocês duas ao meu lado. Foram minhas campeãs desde o primeiro dia. Este livro existe porque vocês acreditaram em mim primeiro.

Obrigada à minha incrível editora, Kristin Rens, que me desafiou a superar meus limites e, o mais importante, a confiar em mim mesma. Escrever um livro nunca é fácil, mas escrever o primeiro parece um desafio em especial. Não consigo imaginar uma editora melhor ou uma pessoa melhor para me orientar e fazer todas as perguntas difíceis. Muito obrigada por tudo. Mal posso esperar para escrever o restante desta série com você.

E obrigada a Kelsey Murphy por todo o trabalho com este livro. De uma ex-assistente editorial para outra, fico grata de verdade por tudo o que você faz.

Também quero agradecer à equipe da HarperCollins, dos editores ao pessoal de marketing, de vendas à produção e por aí vai. Obrigada por pegarem minha história e transformá-la em livro.

A Lauren Pires, Ari Romano e Thalia Ertman, meu grupo indestrutível do ensino médio (também conhecido como O Quarteto Fantástico). Obrigada por me apoiarem desde quando eu era uma adolescente esquisita que admitia, com timidez, que queria ser escritora, e por me animarem agora que sou uma adulta

um pouco menos esquisita que dá de ombros e diz “É, acho que sou escritora” quando as pessoas perguntam o que faço.

A Taylor Lewis, Codi Guggliuzza, Norine McKee, Ashley Delaney, Andrew Lim e Marlena Chertok, minha turma da faculdade. Nós nos conhecemos em um projeto de escrita criativa, mas durante aqueles anos aprendi mais sobre amizade e autoconfiança do que sobre escrever, graças a cada um de vocês. Um agradecimento especial a Norine, que foi a primeira a ler o rascunho do livro e me disse que, na verdade, era só um pouquinho difícil. E outro a Codi que repetiu várias vezes “Manda logo!” quando eu estava sentada no apartamento dela, morrendo de medo de enviar meu manuscrito para as agentes.

Obrigada, Hannah Milton. Você me apoiou desde o dia em que nos tornamos colegas de quarto na Universidade Columbia e passamos nossa primeira noite em Nova York lendo as histórias uma da outra enquanto todo mundo pulava de bar em bar. Não teria conseguido fazer isso sem você.

Um enorme agradecimento a Marisa Dinovis, que me animou a tentar entrar no #DVPit; a Kristina Forest, que sempre esteve a postos para me ouvir entrando em pânico por ter que escrever; a Kate Sullivan, que me garantiu várias vezes que eu não era uma idiota; e a Grace Weatherall, que me mandou o que considero ser o primeiríssimo e-mail de uma fã. Seu encorajamento mudou minha vida, de verdade.

A internet uma vez disse, sabiamente, que para chegar a algum lugar, temos que aguentar as críticas. Obrigada, Whitley Birks, por ser uma leitora beta incrível e por me criticar até eu quase não aguentar mais. Tanto o livro quanto eu melhoramos com as suas críticas. Não tenho como agradecer o suficiente.

Obrigada, Sandy Liang. Você me ensinou a fazer flexões e muito mais. Sou mais forte, por dentro e por fora, graças a você.

A Margot Levin, obrigada por me ouvir e me ajudar a lembrar por que amo escrever, em primeiro lugar.

Obrigada ao pessoal da Jiménez-Porter Writers’ House, da Universidade de Maryland, por me darem os recursos de que eu precisava para me tornar a autora

que sou hoje. Espero que consigam todo o financiamento de que vocês e seus alunos tanto precisam. (Estou de olho em você, orçamento da UMD cada vez menor para as artes!)

Obrigada a Eva Freeman, que foi minha primeira professora de escrita criativa na faculdade. Você me encorajou a colocar as palavras no papel mesmo quando eu tinha medo, e serei eternamente grata por isso. Ter uma mulher negra como minha primeira professora de escrita criativa foi uma experiência incrível, e espero que eu possa dar a outros escritores metade da inspiração que você me deu. Fiquei muito feliz por nos reencontrarmos em Nova York, e mal posso esperar para compartilhar este livro com Jonah e Micah quando eles forem mais velhos!

A Carlea Holl-Jensen e Keke Kusumaatmadja, obrigada por todas as longas reuniões depois das aulas e por acreditar no meu trabalho. Vocês duas são professoras excelentes que me estimularam a me ver como uma escritora no presente em vez de uma pessoa tentando se tornar uma escritora em um futuro distante e inconcebível. Tenho uma dívida eterna com vocês por causa disso. Espero que logo possamos nos encontrar no Busboys and Poets de novo!

Um enorme agradecimento à Sweetleaf LIC e sua equipe por me darem um lugar para escrever, e um obrigada especial para Andrea Garcia, Kevin Burgos e Desiree Camacho. Obrigada por todos os pedacinhos de brownies, pela ajuda com quais palavrões em espanhol usar e por assistirem às minhas caretas para o notebook durante um ano inteiro sem me expulsarem.

Mais um obrigada ao Hungarian Pastry Shop, onde passei um ano e meio escrevendo meu primeiríssimo rascunho e devorando fatias e mais fatias de seus incríveis bolos. Mal posso esperar para dar a vocês uma foto da capa do meu livro para colocarem no mural de livros incríveis que foram escritos em sua lendária loja.

À minha família — minha mãe, meu pai e minha madrasta, minhas irmãs, meu bando selvagem de primos (LFAM para sempre!), e minhas tias e tios — obrigada por esperarem pacientemente depois de me ouvirem tagarelando que queria

escrever livros desde os quatro anos de idade. Só demorei vinte e dois anos, então acho que fiz bem na hora certa.

E, claro, obrigada também a você. Obrigada por dar a mim, Alfie e Finn um lugar em sua estante, debaixo de sua cama, em sua mesa ou em seu coração. Onde quer que guarde seus livros, ficamos honrados por estar lá.



TOCHI MGBENWELU

MAYA MOTAYNE mora em Nova York e decidiu que queria ser escritora aos quatro anos. Desde então nunca parou de escrever. Seus sonhos são fazer carinho no maior número de cachorros possível e comprar apenas bolsas onde caibam livros grossos. *Nocturna* é seu primeiro livro.

Copyright © 2019 by Maya Motayne

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Nocturna

CAPA Aurora Parlagreco e Jenna Stempel-Lobell

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2019 Mark van Leeuwen

MAPA © 2019 Leo Hartas

PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Vivian Miwa Matsushita

ISBN 978-85-5451-483-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial



CONTOS DE AREIA E MAR

✧ALWYN✧
HAMILTON

HISTÓRIAS DO UNIVERSO DE
A REBELDE DO DESERTO

SEGUINTE

Contos de areia e mar

Hamilton, Alwyn

9788554511579

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro essencial para os fãs da série A Rebelde do Deserto, você poderá revisitar esse cenário fantástico e desvendar o passado de Miraji. Em "O carregamento roubado", acompanhe uma aventura de Jin e Ahmed em alto-mar, antes de voltarem ao país e darem início à rebelião. Em "A garota do mar", veja como duas mulheres se conheceram no harém do sultão e fizeram de tudo para escapar da opressão que sofriam. Em "A lenda do herói Attallah e da princesa Hawa", conheça em detalhes a história mítica desse casal unido na vida e na morte. Por fim, em "O djinni e a fugitiva", saiba como Zahia, mãe de Amani, se apaixonou pelo verdadeiro pai da garota.

[Compre agora e leia](#)



Cinco Júlias

Souza, Matheus

9788554514822

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu livro de estreia, o roteirista Matheus Souza apresenta cinco garotas que, de repente, têm seus maiores segredos revelados. De madrugada, sem o menor aviso, todas as mensagens que todo mundo já enviou por e-mail e pelas redes sociais vazaram na internet. Agora, basta digitar o nome de alguém num campo de busca para ler as conversas particulares que a pessoa já teve. Vários políticos são presos, milhares de fofocas de celebridades vêm à tona. E a vida de cinco adolescentes que têm o mesmo nome [Júlia] vira de cabeça para baixo. Em uma noite chuvosa no Rio de Janeiro, uma série de incidentes faz com que as cinco se encontrem. Cada uma tem o seu motivo, mas todas querem fugir da cidade o quanto antes. Assim, elas partem num carro de autoescola para São Paulo, numa viagem hilária e intensa, sofrida e maravilhosa — como a própria adolescência.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)

NOITE DAS GAROTAS

garota <3 garoto

ALI CRONIN



SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali

9788543802336

18 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota <3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

[Compre agora e leia](#)



NÃO ME ESQUEÇA



garota <3 garoto

ALI CRONIN



SEGUIRTE

Não me esqueça

Cronin, Ali

9788543802343

16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto. Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

[Compre agora e leia](#)